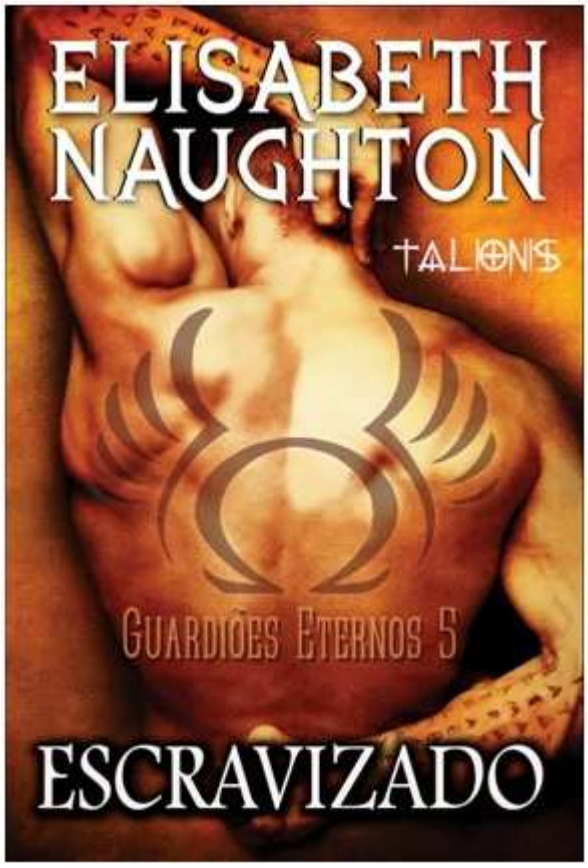
Talionis apresenta:



Elisabeth Naughton

Escravizado

Guardiões Eternos 05

Gryphon: Honrado, leal, confiável... corrompido. Era o supremo guerreiro antes que sua reclusão no Inframundo o transformasse de maneira que não poderia ignorar. Ela o chamava. Vem a mim. Não pode resistir. Mas ele não se permitiria ser governado pelos sussurros insidiosos em sua cabeça. E só há um modo de detê-los: Matar Atalanta, a deusa que o escravizou. Mas com tanta escuridão dentro, não pode estar seguro do que era real. Inclusive os Guardiões Eternos, os protetores do reino dos humanos e os deuses, queriam exilá-lo. Conhecer Maelea é como um milagre. De algum modo não sente a atração da escuridão quando a tem perto. E está decidido a mantê-la o mais perto possível, ela queira ou não. Mas ela é uma tentação que porá a prova cada pedacinho de controle que ainda fica. Ela, em última instância, pode ter o poder de enviá-lo de volta ao Inframundo… ou libertá-lo de suas cadeias para sempre.

***Disp em Esp**: Kalosis*
***Envio do arquivo:** Δίκη*
***Revisão Inicial:** Leka*
***Revisão Final:** Elen Mariano*
***Formatação:** Cynha*
***Imagem:** Élica*
Talionis

Comentário da Revisora Leka: Finalmente a história do Gryphon e Maelea. Os dois lutando, tentando superar todos os fantasmas, buscando uma forma de se livrarem do passado. Ele precisa dela. É sua salvação, como a chama. Maelea cresce na história de passiva que só pensava em se esconder aprende a lutar, a se defender, Gryphon luta contra as sombras que o perseguem. Os dois descobrem como confiar um no outro e abrirem seus corações para que possam deixar tudo para trás e começarem uma nova história.

Comentário da Revisora Elen: *"Algumas coisas não podem ser salvas, não importa o muito que queira que o sejam".* Essa era o mantra recitado por Gryphon, era sua sentença: não haveria salvação para ele, que seguiria atormentado, pelas sombras que o perseguiam implacavelmente. Quando a loucura tomou conta de Gryphon, quando já não havia mais esperança, ele encontra Maelea, e ela — a mais improvável das criaturas, que passou a vida de escondendo de tudo e de todos, amaldiçoada a não ter ninguém — irá não apenas libertá-lo, dará a o que ele mais precisa e não sabe: equilíbrio, e assim o salva. Mas e quanto a Maelea, quem a resgatará, quem a livrará da solidão eterna a que foi condenada? Uma das estórias mais lindas dessa série, a evolução de Maelea é emocionante, no momento certo, ela se transforma em uma mulher forte, decidida, inteligente, apaixonada... Mas não é só sobre o casal principal que o livro trata, as tramas paralelas são emocionantes, conhecemos um pouco mais do Guardião Titus, de Max – filho de Zander e Callia, enfim, um livro imperdível. Já quero o próximo!!!

GLOSSÁRIO

Adelfos: Irmão.

Agkelos: Termo carinhoso que significa anjo.

Ándras, pl. Ándres: Homem argolean.

Archidaemon: Chefe dos *daemon*, possui os mais elevados poderes da Atalanta.

Argolea: Reino estabelecido pelo Zeus para os heróis bentos e seus descendentes.

Argolion: Edifício onde se celebram as reuniões do Conselho e onde estão os escritórios de seus membros.

Argonautas: Guerreiros Guardiões Eternos que protegem Argolea. Em cada geração, uma de entre as sete linhagens originais (Hércules, Aquiles, Jason, Ulises, Perseo, Teseo e Belerofonte) é

eleito para continuar a tradição como Guardião.

Athamé: Adaga cerimoniosa.

Bruxas medean: Sabá nas montanhas da Argolea que seguem os ensinos e tradições da Medea.

Campos do Asfódelos: Região do Inframundo onde as almas daqueles que não são nem bons nem maus vagam depois de sua morte.

Conselho de Anciões: Doze Senhores da Argolea que assessoram ao rei.

Ctónicos: Pertencente à terra, designa ou faz referência aos deuses ou espíritos do Inframundo, por oposição às deidades celestes.

***Daemons*:** Bestas que alguma vez foram humanos, recrutados dos Campos do Asfódelos (Purgatório) pela Atalanta para unir-se a seu exército.

Destinos: Três deusas que dirigem os fios da vida de todos os mortais desde que nascem até que morrem.

Dimiourgos: Criador.

Doulas: Escravo.

Escolhidos: Um argolean e um humano, dois indivíduos que unidos completam a Profecia Argolean e invalidam o compromisso entre a Atalanta e Hades, expulsando-a do Inframundo e terminando com sua imortalidade.

Élencho: Técnica de controle mental que usam os Argonautas nos humanos.

Gigia: Avó.

Gynaíka; pl. gynaíkes: Mulher argolean.

Hades: Alude ao antigo Inframundo grego.

Hora, pl. horae: Três deusas do equilibro que controlam a vida e a ordem.

Ilithios: Idiota.

Ilhas dos Bem-aventurados: Ali onde foram morrer, as almas virtuosas e os guerreiros heroicos para gozar de uma existência ditosa e feliz no Elíseo. O Céu.

Kardia: Termo carinhoso que significa “meu coração”.

Kobalos; pl. Kobaloi: Criaturas com aspecto de gnomos anões. Vivem clandestinamente e

protegem as reservas e as minas do Therillium (mineral da invisibilidade) para Hades.

Lança da Pelida: Foi entregue pelo Quirón a Brigo (pai do Aquiles pelo que também se conhece como Pelida) o dia de suas bodas com Tetis. Fabricada com madeira de fresno pelos mesmos Hefesto e Ateneu.

Materas: Mãe.

Meli: Termo carinhoso que significa "amada".

Misos: Meio humano, meio argolean. Raça que vive escondida entre os humanos.

Ochi: Não.

Olímpicos: Os atuais deuses dirigentes do panteão grego que se misturam na vida humana, dirigidos pelo Zeus.

Oraios: Formosa.

Círculo do Krónos: Um disco com quatro cavidades que quando se enchem com os quatro elementos básicos terra, vento, fogo e água têm o poder de liberar os Titãs do Tártaro.

Ordem das Sirens: O grupo pessoal de assassinas altamente treinadas ao serviço do Zeus. Comandadas por Ateneu.

Oremeli: Termo carinhoso que significa "querido".

Paidi: Palavra medean para menino.

Pappous: Avô.

Parazonium: Espada curta e larga com o punho ornamentado, comportava-se como um sinal de distinção.

Patéras: Pai.

Quai: Palavra medean que significa parar.

Rompa: Ancestrais túnicas vermelhas que vestem os membros do Conselho.

Sirens: Assassina altamente treinadas ao serviço do Zeus.

Skata: Palavrão.

Sotiria: Expressão carinhosa que significa "minha salvação".

Syzygos: Esposa.

Tártaro: Reino do Inframundo similar ao Inferno.

Titãs: Os deuses olímpicos que governavam anteriormente.

Thea: Termo carinhoso que significa "deusa".

Therillium: É o metal com o que forja a capa de invisibilidade do Hades.

Yios: Filho.

Capítulo 1

A maldita voz estava de volta.

Não que alguma vez se foi por completo, mas na maioria dos dias podia aguentá-la. Hoje parecia o estrondo de um tambor, crescendo mais forte a cada segundo que passava. O som era tão potente que o deixava querendo apunhalar os tímpanos com algum objeto metálico quente para não ter que escutá-lo mais.

Vem a mim. Traga-me o que procuro. Sabe que não pode negar seu destino.

Gryphon girou sob a luz do sol de maio, esquadrinhou através das árvores, procurando a origem da voz que seguia atormentando-o. Mas não estava perto. Não neste enorme bosque de Montana, nem no remoto povoado colina abaixo à direita, nem entre a família de guerreiros que esteve observando-o nos dois últimos meses como se fosse um louco fodido. Não, esta encantadora voz estava em sua cabeça. *Dentro* do corpo. Chamando-o a cada hora de cada dia, arrastando-o a uma escuridão que temia logo o consumiria.

O pânico e a necessidade de libertar-se esticavam cada músculo do corpo e o empurravam a fazer *algo*. Não podia ceder ante a escuridão. Não permitiria que o possuísse. Vira em primeira mão sua ira, sabia o horror que desataria. A todo custo, tinha que seguir lutando contra aquela voz. Não podia deixar-se ir e…

—Gryph? Cara? Está bem?

Gryphon se sobressaltou ante a brusca voz — uma voz *real* — proveniente de Titus, seu irmão Argonauta, que estava à sombra de um grande pinheiro. Uma mecha de cabelo ondulado caía livre da fita de couro atada em sua nuca, acariciando a bochecha bronzeada. O Guardião inclinou a cabeça, entrecerrou os olhos e pareceu estudar Gryphon mais intensamente. Como descendente de Ulisses, Titus era o mais perspicaz dos Guardiões e possuía a habilidade de escutar os pensamentos dos outros. Poderia também escutar a voz?

—Gryphon? —perguntou Titus novamente, desta vez cruzando a pequena clareira em sua direção, os conhecedores olhos cor de avelã fixos no rosto de Gryphon, suas botas rangendo sobre as galhos secos e ramos partidos enquanto se aproximava. — Talvez devêssemos fazer uma

parada.

OH, sim, Titus podia ouvi-la.

Vergonha, fúria e impotência alagaram Gryphon. Antes que Titus o alcançasse, deu um passo fora do caminho do Guardião e se dirigiu para a ladeira onde seu irmão Orpheus explorava o pequeno povoado com uns binóculos.

—Pare de me tratar como a um maldito menino de cinco anos. Estou bem.

As botas de Titus se detiveram e exalou um profundo suspiro. Sem olhar, Gryphon podia ver a expressão de "*não está bem, está fodido*" na cara de seu irmão.

Não precisava da compaixão de Titus. Mal podia lidar com a forma como Orpheus o olhava, como se tivesse alguma enfermidade terminal. Pensavam que o ajudavam com seus constantes mimos e suas inúteis atitudes de babá? Gryphon arranhou a nuca, passou a mão pelo peito e cravou as unhas na pele oculta sob a grossa camiseta e a correia de couro que atravessavam o torso. As coisas seriam muito melhores para todos se simplesmente o deixassem sozinho. Não podiam ver isso?

Vem a mim, doulas. Sabe que o deseja. Pare de lutar comigo.

Apertou a mandíbula e esfregou a orelha contra o ombro. Flexionou e estirou a mão para não tirar a espada contra a única ameaça aqui fora que podia ver: Ele mesmo. Parando ao lado do Orpheus, tentou como o inferno ignorar a voz e perguntou:

—O que vê?

Orpheus baixou os binóculos e lançou a ele um *fodido olhar excessivamente preocupado*.

—Nada. Nenhum movimento. Parece uma cidade fantasma. Está bem?

Gryphon apertou os dentes ante a pergunta e a preocupação que viu no rosto de seu irmão. Agarrou os binóculos e esquadrinhou a distância. Viu o mesmo que Orpheus, nada mais que casas vazias e ramos de árvores que se sacudiam. Nenhum humano, nenhum *Misos*—mestiços que frequentemente viviam juntos de forma isolada —nem sequer um maldito cão que perambulasse pelas ruas desertas.

Devolveu os binóculos a Orpheus enquanto lutava contra a necessidade de golpear e matar alguma coisa… *qualquer coisa*. Quando Titus se colocou à esquerda, viu o texto em grego antigo sobre os braços do Guardião. O mesmo texto que cobria os braços de todos os Argonautas, marcando-os como os Guardiões de sua raça. Serviu com eles durante mais de cem anos, mas agora tudo parecia diferente. Esta era sua primeira missão desde que Orpheus o resgatou do Inframundo, e Gryphon sabia que Orpheus era o responsável que o incluíssem hoje. Os outros Guardiões — Theron, Zander, Demetrius, Cerek, Phineus… e até mesmo Titus — não pensavam que ele estivesse preparado. Mas Orpheus argumentara que voltar para a rotina de sua antiga vida, caçando aos demônios de Atalanta como os Argonautas estiveram fazendo durante milênios, era um passo importante para a recuperação.

Sua recuperação.

Do inferno do Inframundo.

E de Atalanta…

O último pensamento enviou um calafrio por todo o corpo. Um calafrio que provocou um

ódio amargo, transformou a visão num cego e deslumbrante vermelho e ampliou a necessidade de matar de maneira exponencial.

—Gryph —disse Titus jovialmente, muito jovialmente— por que não passamos um momento aqui enquanto Orpheus desce e vê se Nick necessita ajuda?

Nick era o líder da colônia mestiça onde Gryphon e Orpheus viveram os dois últimos meses. Ele estava no povoado abaixo, procurando sobreviventes ao que eles suspeitavam ser um ataque *daemon*. E também tinha a tendência de olhar Gryphon como se tivesse três cabeças.

Que todos se fodam. Gryphon estava farto de que o tratassem como um inválido. Isto não pararia até que demonstrasse que podia sustentar-se por si mesmo, tal como fazia antes. Não acabaria até que demonstrasse que era o mesmo Guardião que uma vez foi.

Antes que Orpheus pudesse estar de acordo, Gryphon se encaminhou colina abaixo para o silencioso povoado. E sentiu vontade gritar, porque até ele sabia que já não era o mesmo *ándras*. Tremia, escutava vozes, sentia a necessidade de sair de sua própria pele a cada segundo de cada dia… e nada do que fez conseguiu deter isso. Nem a terapia que os Argonautas o fizeram acudir, nem o tempo ou a distância do Inframundo, nem sequer estar aqui fora em uma fodida missão outra vez. E depois das coisas que viu ou fez no Inframundo, começava a perguntar-se se alguma vez seria esse *ándras* novamente.

Só eu te entendo, doulas. Só eu posso te aliviar. Dê-se por vencido. Vem a mim.

Com as mãos, golpeou com força as orelhas, passou os dedos pelo cabelo e empurrou com força para assim não gritar enquanto descia a ladeira. Se começasse a gritar como um psicótico, certamente o prenderiam em uma cela acolchoada. E não voltaria a estar encarcerado. Nem sequer por eles. Nunca mais.

Um grunhido ressoou à sua esquerda ao mesmo tempo em que alcançava a parte inferior da colina, seguido de uma rajada de ar frio que assinalava que os *daemons* estavam na área.

A adrenalina disparou. Estendeu as mãos às costas por sua parazonium — a antiga espada grega que todos os Argonautas levavam — exatamente quando Nick saía das sombras.

À merda com isso. Esta presa era de Gryphon. O sangue esquentou ante a promessa da demolidora, larga e sangrenta batalha.

O primeiro *daemon* contornou o lado de uma casa, colocando-se entre Gryphon e Nick. A besta elevou a cabeça, uma grotesca mescla entre gato, cabra e cão — e entrecerrou os acesos olhos verdes sobre Gryphon. Então inspirou profundamente e grunhiu:

—Você.

—Eu, filho de puta — Gryphon levantou a espada. — E tenho uma mensagem para que leve à puta de sua líder.

Nick praguejou às costas da besta. Em cima da colina Orpheus gritou:

—Não!

Alguém amaldiçoou enquanto as botas esmurravam a terra. Mas Gryphon não escutou. Já estava atacando, já perdendo a voz, a dor, inclusive a si mesmo, na luta. Enquanto sua folha encontrava espada, carne e osso, demonstrou que era *mais* do que o Guardião que uma vez fora.

Era tudo o que não queria ser.

***

Esta noite era a noite. Não mais tolices.

O estômago de Maelea se revolveu com uma mescla de apreensão e entusiasmo enquanto se sentava à longa mesa retangular no refeitório de dois pisos da colônia mestiça e escutava vagamente as conversas ao seu redor. Uma parte dela sentiu uma pontada de tristeza por que logo partiria. Outra parte estava impaciente por escapar. Inclusive depois de dois meses, nunca seria um deles.

Embora Orpheus assegurasse que estava a salvo aqui, Maelea sabia que não era assim. Aqueles ao seu redor tampouco estavam. Hades a caçava. Ele a encontraria cedo ou tarde. Faria o que fosse para impedi-la de chegar ao Olimpo.

E o Olimpo… bom, era algo que valia a pena perseguir. Algo pelo qual valia a pena lutar. Algo pelo que inclusive valia a pena morrer.

—Maelea?

Maelea piscou, compreendeu que estava distraída e se concentrou. Olhou ao fundo da mesa e observou a mulher que a chamou. Maldita seja… como se chamava? Harriet? Holly? Não, Helene, era isso. Seu olhar saltou entre os rostos antes de fixarem-se hesitantes sobre Skyla.

Embora Skyla já não fosse uma das assassinas do Zeus, tinha os sentidos de um guerreira de elite e seus olhos se centravam em Maelea como se fosse um falcão espreitando a sua presa.

Maelea afastou rapidamente o olhar dos sagazes olhos verdes de Skyla e contemplou Helene.

—O que? Sinto muito, não escutei.

—Nos perguntávamos se estaria disposta a dar uma mão com a decoração das festividades. Katia diz que tem muito bom olho para cor.

Katia… Maelea jogou uma olhada por cima da mesa e recordou que ajudou a mulher a decorar o quarto das crianças para um dos outros colonos. Mas por sua vida, não podia se recordar sobre quais festividades todos falavam.

—Um…

—A cor favorita do Nick é azul, assim pensei que poderíamos usá-la como ponto de referência — disse Katia do outro lado da mesa.— Ficará tão surpreso! Cento e cinquenta anos. Difícil de acreditar, verdade?

Correto. A festa para comemorar o cento e cinquenta aniversários da liderança de Nick. Maelea escutou as outras mulheres do castelo comentando na semana passada. Como era uma surpresa para Nick, tudo era segredo, mas Maelea custava imaginar Nick surpreso ou emocionado por algo. O líder dos Misos sempre carregava uma expressão estoica. E com aquela cicatriz em um lado de seu rosto… Maelea estremeceu. Seu aspecto era aterrador. O homem não via nenhuma utilidade nela e deixou mais que claro que não estava contente com que Orpheus a trouxesse aqui. Assim permanecia tão longe dele como podia.

Outra boa razão para ir por fim deste lugar.

—Bem? —perguntou Helene. — Pode ajudar?

Maelea assentiu com a cabeça e formou um sorriso.

—Claro, por que não?

—Maravilhoso. —Helene se voltou para as demais e se inundou nos planos para a festa.

Um pingo de culpa atravessou Maelea. Pela manhã teria ido. Se as coisas corressem como esperava, em umas horas seria nada mais que uma lembrança. E embora soubesse que era a melhor opção para todos, em um diminuto lugar profundamente em seu interior não podia deixar de perguntar como seria realmente fazer parte desta comunidade. Parte de uma família. Jamais teve isso. Não em seus três mil anos. Antes de chegar aqui havia passado a maior parte daqueles anos sozinha. E as poucas vezes que não o fizera, bom, aquelas vezes aprendeu que a perda do amor era mil vezes pior que não tê-lo em primeiro lugar.

Saboreara uma pequena amostra do que era ter uma família nestes últimos meses. E gostou mais do que deveria. Quanto mais tempo ficasse, mais difícil seria para ela quanto tudo terminasse. E não importava o que Orpheus assegurasse ou em quanta segurança ele e Nick pensavam que podiam manter a todos, ela sabia a verdade. Não queria ser a razão de que tudo isto se acabasse de repente.

Enquanto as mulheres falavam, o olhar de Maelea desviou para as grandes e arqueadas janelas que davam ao lago verde azulado e às majestosas montanhas mais à frente. O anoitecer se instalava, fazendo que o lago parecesse sonhador e convidativo, mas para Maelea era um obstáculo para sua fuga. A colônia não era mais que um enorme castelo construído por um príncipe russo em uma ilha em meio a um lago glacial nos bosques de Montana. Aquele príncipe, cuja esposa era Misos, foi assassinado antes que alcançasse a proteção do castelo e o povo de Nick se instalou depois de que sua colônia foi destruída em algum lugar do Oregon. Como e o porquê não importavam muito a Maelea… mas até ela reconhecia a segurança que esta localização proporcionava.

E seria mil vezes mais segura uma vez que ela partisse.

O faqueiro de prata tilintou contra a velha mesa de madeira e enquanto a conversa continuava em torno dela, a mulher à direita da Maelea se inclinou para sua amiga ao outro lado e sussurrou:

—Escutou que o libertaram hoje?

—A quem? —respondeu a outra.

—O Guardião loiro. O que mantém preso no terceiro piso.

O interesse da Maelea despertou. Falavam de Gryphon, o irmão do Orpheus. Tentou aparentar que não escutava, mas algo por dentro saltou à vida.

—O louco?

—Sim. Saiu à caça com Nick, Orpheus e outro mais. Viu-o? Há algo que não está bem nele.

—Ouvi o rumor que era bastante mulherengo… antes — disse a outra, baixando a voz.—Que as mulheres na Argolea costumava cair aos montes sobre ele.

Antes. Antes de ser enviado ao Inframundo. Antes de ser resgatado por Orpheus e Skyla. Antes de vir viver na colônia.

A primeira elevou seu prato e se levantou da mesa.

—Bom, já não é nenhum mulherengo. Qualquer mulher seria estúpida de colocar-se a menos de cinquenta metros dele. É instável. Realmente espero que não o soltem na celebração. Pode imaginar o que aconteceria?

Maelea observou enquanto as duas caminhavam para o fim do refeitório e deixavam seus pratos e, enquanto o alívio porque o jantar terminou a percorria, o mesmo provocava uma onda de temor. Se Hades a capturasse, o mesmo destino que sofreu Gryphon a esperava. Só que ela não sobreviveria ao Inframundo. Estava segura disso.

Sua determinação se fortaleceu e Maelea se levantou com seu próprio prato. Encontrou a forma de sair há dois dias, só esteve esperando o momento oportuno para fugir. Esta noite os sentinelas trocariam o turno às duas da madrugada e Hawk… não era tão observador como alguns dos outros. Se se programasse bem, passaria junto a ele antes que a visse.

Dirigiu-se ao final do refeitório. A porcelana quase escorregou dos dedos quando Skyla se aproximou furtivamente.

—Voluntária para o comitê de decoração. Parece que se envolve em tudo, Maelea. Mal te reconheço.

Maelea equilibrou o prato na mão, tentando manter a expressão neutra.

—Não sei o que quer dizer.

Alcançaram o final do salão e Skyla colocou seu talher no alto do balcão depois da Maelea.

—Claro que sabe. Está diferente desde que chegou aqui. No bom sentido. Como diria? Mais humana.

Maelea endureceu os nervos enquanto enfrentava a Siren loira. A maioria dos dias gostava de Skyla. Ela se convertera em algo mais que uma aliada inesperada, converteu-se em uma amiga, e fazia Orpheus feliz, o que pelo menos dava a Maelea um pouco de esperança de que havia felicidade aí fora… não para ela, mas sim para outros. Mas a Siren era muito perspicaz. E agora mesmo Maelea não precisava de ninguém examinando suas intenções. Se Orpheus cheirasse só um pouco seus planos de fuga, faria todo o possível para detê-la. Já era hora de que Orpheus deixasse de sentir-se responsável por ela. Tinha outras coisas mais importantes com que se preocupar, seu irmão.

—Não sou humana Skyla. Sabemos disso. Se mudei, é só porque estou trabalhando duro para me encaixar. É o que você e Orpheus me pediram que fizesse, não? Encaixar. E deixar de ser tão… como me chamou Orpheus? Ghoul?

Um lento sorriso deslizou pelo rosto de Skyla.

—É tão sabichão.

Sim, bom, também tinha razão. Hades a amaldiçoou a caminhar sozinha pelo mundo por toda a eternidade e isso era exatamente o que ela fizera, não só por sua segurança, mas também pela segurança daqueles que a rodeavam. E o fato de que de bom grado retornasse àquilo agora, depois de experimentar a vida na colônia, deprimia-a mais do que gostaria.

—Olhe — disse, desesperada por afastar-se de Skyla antes de delatar-se—, prometi a alguns meninos que leria umas histórias na biblioteca antes de ir à cama. Terminamos aqui?

O rosto de Skyla suavizou, mas aqueles perspicazes olhos não diminuíram sua intensidade.

—Aí vai, envolvida novamente.

Envolvida. Uma palavra que Maelea nunca esperou que alguém usasse para descrevê-la.

A colônia era o primeiro lugar que se sentiu suficientemente segura para arriscar a envolver-se. Só que agora sabia que a segurança do local estava em perigo. Os flagras contínuos de cães do inferno no Noroeste do Pacífico diziam que Hades não deixou de procurá-la. Que nunca deixaria de caçá-la.

Enquanto aquele deprimente pensamento se afundava nela, Maelea girou para o corredor. Mas antes que alcançasse a soleira, o peito se contraiu como se um grande peso estivesse sobre ele.

—O que acontece? —perguntou Skyla, sua mão roçando a manga larga da camiseta da Maelea.

—E-eu senti algo estranho entrar no castelo. Algo escuro. Algo… malvado.

A inquietação se transformou em alarme nos olhos de Skyla. Sabia que Maelea poderia perceber as mudanças de energia no planeta… um presente por estar apanhada entre dois mundos. Ao mesmo tempo em que Skyla abria a boca para responder, o celular em seu bolso tocou.

Tirou o telefone do jeans e o aproximou da orelha.

—Orpheus, graças aos deuses… Onde est…? Não, Maelea e eu estamos… — Seu rosto empalideceu. — OH Merda. Vou para lá.

—O que aconteceu? — perguntou Maelea enquanto Skyla guardava o telefone de novo no bolso.

—Algo mau — respondeu Skyla, cruzando o brilhante chão do vestíbulo para o elevador. — É Gryphon.

Maelea parou com Skyla frente ao elevador, observando enquanto a Siren pulsava freneticamente o botão de chamada.

—Está ferido?

—Não. Pior — Skyla elevou a vista para as portas revestidas de madeira. —Onde diabos está esse maldito elevador? No Zimbawe?

—O que poderia ser pior que ferido? Não estará morto, verdade? —Por que a ideia de sua morte a incomodava, não sabia. Nem sequer conhecia guardião. Nenhuma só vez falara com ele nos meses que ambos estavam aqui.

—Não — respondeu Skyla, uma careta cruzando sua boca. — Mas logo poderá estar, se Nick o encontrar — sua voz baixou para que ninguém mais pudesse ouvir. — Orpheus disse que mutilou a uma horda inteira de *daemons*. E depois não parou. Titus e Nick estão sendo costurados na clínica médica enquanto falamos.

Os olhos de Maelea aumentaram.

—O que ocorreu?

—Segundo Orpheus, Gryphon os atacou.

Capítulo 2

—Não me importa o que você acredita que ele *fará*, me importa o que demônios ele *fez*.

A ensurdecedora voz de Nick ressoava através das paredes enquanto Maelea seguia Skyla pelo corredor da clínica no segundo piso do castelo.

—Merda, Nick — a voz do Orpheus agora. Frustrada. — Sabe que não tinha intenção de machucá-lo ou ao Titus.

—Diga a Titus — espetou Nick. — Oh não, espera, não pode porque está em uma fodida operação.

Skyla dobrou a esquina, mas Maelea se deteve em seco. Merda. Que fazia aqui? Isto não dizia respeito. Em questão de horas não teria nada que ver com esta gente. O melhor para ela seria dar meia volta e dirigir-se ao andar de acima.

Mas quando estava a ponto de fazê-lo, deu uma olhada dentro do quarto. Viu Nick sentado em uma maca, o peito nu revelando seus cinzelados abdominais e uma curadora a seu lado costurando o braço. A calça estava ensanguentada e rasgada, e linhas vermelhas marcavam a pele, mas a ele não parecia se importar. Sua atenção se centrava unicamente em Orpheus ao outro lado do quarto, e a expressão *não me foda* de seu rosto cheio de cicatrizes despertou de novo a curiosidade de Maelea.

O alívio se precipitou pelo rosto de Orpheus quando Skyla entrou na sala, mas não se moveu para beijar a bochecha como normalmente fazia quando a via no castelo, e Maelea teve a clara impressão de que era porque Nick estava olhando.

—Onde está? —perguntou Skyla.

—Está bem — disse Orpheus. — Está em seu quarto.

—Quem está com ele?

—Três de meus homens — interrompeu Nick. — Não escapará, ao menos não antes que o chutemos.

Orpheus se voltou para o líder mestiço.

—Nick…

—Quanto ao Titus? —perguntou Skyla— O quanto está mal?

—Bastante mal — respondeu Nick enquanto a curadora colocava uma atadura no braço e dava a camiseta. Enquanto se separava da maca e resmungava um agradecimento à mulher que o costurara, acrescentou — Ele mal respirava quando controlamos Gryphon. Pulmão perfurado, costelas quebradas e uma ferida da longitude de meu braço no estômago. Qualquer outro estaria morto agora mesmo.

Maelea engoliu a bílis enquanto escutava. Se tivesse sido ela ou qualquer dos outros colonos…

—Ele não queria fazê-lo, Nick — disse Orpheus. — Vocês dois se interpuseram em seu caminho. Pensou que fossem *daemons*.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Nick voltou a atenção a Orpheus, e havia fogo em seus olhos âmbar enquanto tirava sua camiseta, nem sequer fazendo uma careta ante a dor que devia estar sentindo no ombro ferido.

—Ele está fodidamente fora de controle. Se não puder diferenciar entre nós e os *daemons*, não tem nada que fazer. E não tem nada que fazer aqui tampouco.

Orpheus empalideceu. Mas antes que pudesse responder, Skyla perguntou:

—O que está dizendo, Nick?

Nick inspirou profundamente, parecendo tranquilizar-se pelo bem dela.

—Estou dizendo que não pode ficar. Se não puder confiar nele comigo ao redor, certo como o inferno que não confiarei nele ao redor de minha gente. Olhe, sei que passou por uma merda pela qual ninguém deveria passar, mas a colônia vem primeiro. Não está melhorando. E já se foram dois meses. Ainda sofre de espasmos nervosos, ainda atua como se ouvisse coisas, e assusta a maioria dos colonos em um de seus dias bons. Não correrei o risco com eles. Nem sequer pelos Argonautas. Tem que ir.

Orpheus endireitou as costas e, da porta, Maelea pôde ver como se elevavam suas defesas. Sabia que Gryphon significava mais para Orpheus que um mero irmão. Eles não estavam unidos apenas pelo sangue, estavam unidos pelo horror que ambos experimentaram e sobreviveram. Exceto que nesse caso Orpheus saíra ileso. Gryphon era um homem mudado por causa de seu tempo passado no Inframundo.

—Muito bem — disse Orpheus através da mandíbula apertada—, então irei com ele.

Skyla estendeu a mão.

—Orpheus…

—Theron não deixará levá-lo de volta a Argolea — disse Nick. — Já falei com ele. Está na outra sala com Titus enquanto falamos. E está de saco mais cheio que eu. Até mesmo ele sabe que Gryphon se converteu em uma carga.

—Não é uma carga — espetou Orpheus. — Só está… em apuros agora mesmo. Eu atravessarei isto com ele.

Nick franziu o cenho como se não acreditasse que houvesse alguma esperança, mas sua ira diminuiu enquanto se dirigia à porta.

—Não sei que demônios fará por ele que ainda não foi feito. Algumas coisas não podem ser salvas, ou, não importa o muito que queira que sejam.

Maelea retrocedeu para as sombras do corredor quando Nick girou a esquina. Quando a olhou, a adrenalina disparou, mas ele não reconheceu sua presença, ao igual nunca a reconheceu quando se cruzavam nos corredores. Em troca, deu meia volta e se dirigiu para a parte dianteira da clínica, suas botas repicando pelo corredor a seu passo.

***

A porta ao outro lado da sala de exame se abriu, atraindo de novo a atenção da Maelea dentro. Tanto Skyla como Orpheus olharam ao gigantesco varão loiro que ela reconheceu como um dos Argonautas.

—O? Theron quer que venha agora. Hey, Skyla!

Skyla ofereceu um débil sorriso.

—Olá, Zander.

O homem desapareceu de novo e quando Skyla chegou junto a Orpheus, este agarrou sua mão e a beijou, sussurrando algo que Maelea não pôde escutar. Skyla passou os dedos pela bochecha. Então, os dois cruzaram a porta e desapareceram da vista.

Skyla obviamente se esqueceu por completo da Maelea, evidente pela forma que nem sequer jogou uma olhada para trás, mas isso estava bem. À medida que a porta se fechava atrás deles e o silêncio se apoderava da sala, disse que ser esquecida era algo ao que teria que acostumar-se uma vez mais.

"Algumas coisas não podem ser salvas, não importa o muito que queira que o sejam".

Enquanto voltava para a parte dianteira da clínica, não pôde evitar pensar que jamais se pronunciou uma declaração mais certa.

***

Não era nada mais que um animal enjaulado.

Gryphon passeava por sua suíte. As paredes de cor azul pálida o sufocavam. As pesadas cortinas davam vontade de gritar. E sempre que olhava pela janela de estilo catedral para o resplandecente lago abaixo, sentia o incontrolável impulso de saltar pelo balcão, lançar-se através do ar e da água para espatifar-se contra as rochas e os troncos que cobriam o fundo do lago.

O teria feito, se acreditasse que a morte melhoraria sua situação. Mas sabia que não era assim. Mesmo que sua primeira viagem ao Inframundo fosse resultado da magia, havia fodido o suficiente ali dentro para saber que se morresse agora, acabaria de volta ao Tártaro. Esta vez para ser torturado durante toda a eternidade. E não voltaria. As Ilhas dos Bem-aventurados… o lugar de descanso dos heróis… estava perdido para ele até que encontrasse uma forma de redimir-se. E depois do que passou hoje…

A bílis alagou o estômago ao pensar em Titus estendido no chão, inconsciente por um golpe na cabeça, o sangue gotejando das feridas de sua carne. Inclusive agora, não podia recordar o que aconteceu durante a briga. Mas recordava Nick agarrando o ombro sangrento, rodeado de *daemons* mutilados, gritando que ele não era mais que uma fodida ameaça que tinha que ser encerrada.

Gryphon fechou os olhos e lutou contra a bílis que subia até o peito. Titus tinha que viver. O Guardião era forte. Não podia morrer. Não por culpa do que fizera.

Vem a mim, doulas. Venha para casa…

—Não! —agarrou a ponta do cabelo e puxou com tanta força que o couro cabeludo ardeu. — Deixe-me condenadamente sozinho!

A voz riu entre dentes. E em seu interior, Gryphon lutou contra o impulso de escutar. De fazer o que isso queria. Atraí-lo por volta à escuridão para sempre.

Um golpe soou na porta. A adrenalina cambaleou; deixou cair as mãos e girou bruscamente

nessa direção. Segundos depois, Orpheus entrou no quarto e o alívio varreu através dele. Mas rapidamente foi sufocado quando notou o rosto abatido de Orpheus, seus músculos tensos e o cabelo despenteado, todos os sinais que indicavam que tinha ido e voltado do inferno na última hora.

Considerando que Orpheus não estava tão mal quando ele retornou do inferno, soube que algo ia mau.

Não, deuses. Titus não.

—Ele está bem — disse Orpheus, fechando a porta atrás de suas costas antes que pudesse perguntar.— Superou a operação. Callia teve que fazer algum trabalho importante de reconstrução, mas vai se recuperar por completo.

Esta vez, o alívio foi doce como o vinho. Gryphon se deixou cair em uma cadeira e apoiou a cabeça nas mãos, dando graças às Destinos por Callia, a curadora Argolean e seu companheiro Zander. Mas inclusive enquanto o alívio pelo prognóstico do Titus corria através dele, a escuridão pressionava dizendo que não eram boas notícias. Que as boas notícias seriam ver o Guardião morrer. Ver todos morrer.

Apertou os dedos contra os olhos, apertou os dentes até o ponto da dor. *Skata*, estava enlouquecendo. A necessidade de abrir caminho através de sua própria pele o consumia uma vez mais.

—Escuta, Gryph — disse Orpheus arrastando as botas sobre o chão junto à porta. — Tenho que falar com você. No momento, acredito que é melhor que você e eu façamos uma pequena viagem.

A cabeça de Gryphon se elevou. Orpheus meteu as mãos nos bolsos dianteiros do jeans e tentou manter os ombros relaxados, mas Gryphon viu a espiral de tensão sob sua dura fachada.

—Só até que se sinta melhor.

Nick queria que partisse. Gryphon o esperava… depois de tudo, o líder mestiço nunca esteve bem com ele aqui, em primeiro lugar — Não quero voltar para Argolea.

—Não — respondeu Orpheus, levantando o braço e esfregando a nuca. — Não vamos ali.

Eles tampouco o queriam. A realidade se instalou, e as ramificações do que aconteceu esta manhã o golpearam com toda sua força. Theron, o líder dos Argonautas, devia estar aqui agora. E nem sequer estava disposto a dar o benefício da dúvida.

Abriu um vazio no peito enquanto observava os braços cobertos com as marcas dos Guardiões Eternos. Servir com os Argonautas fora sua vida, sua identidade, a única coisa que conheceu desde que foi investido na ordem. Sangrou por eles, lutou por eles, teria morrido por qualquer de seus familiares se fosse necessário. Mas mesmo que ainda possuísse estas marcas, já não era um deles. Suas ações de hoje demonstravam que não o seria nunca mais.

Vem a mim, doulas.

Fechou os olhos. Lutou contra o vazio que se arrastava sobre ele. E a voz. A maldita, malvada e falante voz.

—Escuta, Gryph — disse Orpheus. — Resolveremos. Não… não se preocupe por isso. Outros… não entendem pelo que está passando. Eu entendo. Ajudarei. Nos afastaremos de tudo e

encontraremos… encontraremos uma forma de ajudá-lo.

Se alguém podia ajudá-lo a vencer a voz, era seu irmão. Orpheus aprendera a domesticar o *daemon* em seu interior. Lutou e ganhou. Mas Gryphon não estava possuído por um *daemon*. O que formava profundos redemoinhos em seu coração era algo mais. Algo que nem sequer Orpheus poderia domesticar.

—E quanto a Skyla? —conseguiu dizer Gryphon.

Orpheus colocou a mão de novo no bolso e estudou o chão.

—Skyla estará bem. Ela entende.

Não havia forma de que Orpheus estivesse de acordo em deixar Skyla. As almas gêmeas acabavam de reencontrar-se de novo. Não ao menos que ele mesmo não confiasse em Gryphon. Aquela compreensão cortou mais profundamente que saber que os Argonautas o abandonavam.

O silêncio se estendeu pela habitação. Então, por fim, Orpheus disse:

—Iremos à primeira hora da manhã — mas não havia entusiasmo em sua voz, só resolução. — Simplesmente… tenta dormir um pouco esta noite. Voltarei ao amanhecer.

Quando seu irmão saiu da habitação, Gryphon vislumbrou aos três guardas armados parados na porta. E além deles, Skyla, com os verdes olhos cheios de lágrimas enquanto ficava nas pontas dos pés e envolvia os braços ao redor dos ombros de Orpheus.

A porta estalou fechada, bloqueando a imagem dos dois amantes abraçados. E aquele vazio alagou Gryphon novamente enquanto recordava como se sentiu estando aprisionado no Inframundo.

Necessitado. Sozinho. Esquecido.

Agora não era esquecido. Era odiado. Temido. O inimigo. Orpheus arriscou sua vida para salvá-lo, e este era o resultado. Só uma coisa ficava clara agora: Ele se convertera em uma carga e uma responsabilidade. Terminara com os Argonautas. O irmão que Orpheus tão desesperadamente queria salvar, nunca voltaria.

Olhou para a janela e ao pôr do sol que baixava sobre o lago. Tentou encontrar algum tipo de alegria na vista. Não pôde. À medida que o mesmo vazio com o que se acostumou a conviver nos últimos meses o enchia, tudo o que pôde pensar era no que devia fazer a seguir.

Vem a mim…

Faria. Muito logo, faria.

***

O castelo estava tranquilo quando Maelea esgueirou-se fora do seu quarto.

Os candelabros da parede iluminavam o corredor escuro, iluminando o grosso tapete, os quadros pendurados nas paredes e as pesadas portas, provavelmente todas fechadas e trancadas. Retorcendo o braço ao redor das costas, ajeitou a mochila para impedir que o conteúdo do interior produzisse muito ruído. A adrenalina disparou enquanto caminhava nas pontas dos pés até o final do corredor, cada estalo das tábuas do corredor soando como um alarme que anunciava sua fuga.

Nada se movia ao seu redor. Os dormitórios de ambos os lados do corredor estavam silenciosos. Deram-lhe um quarto neste andar, composto só por mulheres solteiras, e a primeira vez que chegou à colônia memorizou os padrões de sono de suas companheiras. Exceto por Samara, que gostava de ver Jay Leno[1], todo mundo se deitava por volta das dez. E a esta hora, depois da uma da madrugada, certamente todas estavam profundamente adormecidas.

Protegida pela escuridão, era sua hora favorita para vagar pelo castelo. Quando tudo estava tranquilo, quando as pessoas estavam em seus quartos, quando estava segura que não seria detida. No princípio, Orpheus a chamava de ghoul por causa disso, mas não se importava. Aprendera muito sobre as pessoas e seus rituais escapulindo durante a noite. E aprendeu exatamente como escapar quando chegasse o momento adequado.

Conteve o fôlego quando alcançou o extremo do corredor, abriu a porta, e esperou que as dobradiças chiassem. Para sua surpresa, não o fizeram, e segundos mais tarde estava de pé na solitária e pouco iluminada escada, a porta entre ela e ser descoberta fechando-se atrás de suas costas.

Um obstáculo menos. Só ficavam uns trinta mais antes de sair daqui para sempre.

Verificou o relógio e se deu conta que perdeu muito tempo esperando que Samara desligasse a televisão na porta contínua e dormisse, e acelerou o passo. Saltando as escadas, chegou ao térreo e logo fez uma pausa para olhar pela portinhola retangular da porta de aço e explorar o pátio.

Aqui era onde tudo se complicava. Poderia tomar o elevador para descer aos túneis, mas isso provocaria tal ruído que indubitavelmente despertaria alguém. Poderia seguir pelas escadas, mas havia guardas na parte inferior com os quais não queria tratar. A melhor opção era cruzar o pátio e dirigir-se à sala de armas no outro lado. Fazia semanas encontrara uma porta no arsenal que conduzia aos túneis, uma que raramente se usava e se bloqueou para que ninguém se aventurasse nos desconhecidos túneis e sofresse uma lesão.

A chave consistia em atravessar o pátio sem ser vista. A lua arrojava um tênue raio de luz. Mas os guardas nas torres não eram tão despreocupados como Hawk. Inclusive com uma manta virtual de escuridão, ainda podiam descobri-la.

Maelea verificou o relógio uma vez mais. A uma e vinte e nove. Em outro minuto, os guardas fariam a mudança de ronda. Elevou a vista, olhou a torre sul, e esperou até que viu acontecer uma sombra por diante da luz.

Era o momento.

Aplacou os nervos, deslizou para a escuridão e se precipitou nas sombras enquanto caminhava rodeando o pátio central. A água gotejava na fonte a sua direita. O ar era frio e vigorante e o coração batia forte no peito enquanto olhava a base da Torre de Guarda aparecer à

---

[1] ***Jay Leno**, nascido James Douglas Muir-Leno, é um comediante norte-americano, célebre comandante do talk show da rede NBC: The Tonight Show with Jay Leno. No Brasil, o Jô Soares, segue a fórmula bem sucedida de programa.*

frente como um gigante adormecido.

Na metade de caminho, sentiu um calafrio na espinha e teve a clara impressão que estava sendo vigiada. Precipitando-se para a escuridão, elevou a vista para a torre e não viu nada mais que luz, o que indicava que o seguinte guarda ainda iria tomar posição. Lançando um olhar atrás, em direção ao castelo, explorou as janelas obscurecidas, fazendo uma pausa quando alcançou a que sabia pertencia a Gryphon.

Ele a observara daquela janela antes. Várias vezes que esteve aqui fora no pátio, sentiu um formigamento como esse nas costas e elevou os olhos para vê-lo de pé atrás do vidro, olhando-a com uma expressão atormentada. A forma que a olhava era inquietante. Mas agora que sabia do que ele era capaz… agora fazia com que náusea subisse pela garganta.

Entretanto, esta noite sua janela estava vazia. Engoliu com força, dizendo que só eram nervos, encaminhou-se para a torre. A mochila ricocheteou contra a coluna. As botas e a calças negras eram singelas e facilitavam os movimentos… mais que as largas e amplas saias que costumava usar. O suor gotejava pelas costas. Quando chegou à área iluminada pela lua entre ela e a torre, vacilou.

Uma vez que estivesse ao outro lado da torre, facilmente poderia desaparecer na horta, dali dirigir-se à entrada do túnel que encontrara na parte posterior do arsenal. Só tinha que chegar ali primeiro.

Tão perto, já não podia ver os guardas de cima. Mas era agora ou nunca. Contendo o fôlego, lançou-se da sombra à luz, quase engolindo a língua quando patinou até deter-se na base da estrutura, pressionando as costas contra a fria pedra enquanto tentava recuperar o fôlego.

O peito subia e descia enquanto se esforçava para desacelerar o pulso. Quase riu quando pensou no que devia parecer, escapulindo na escuridão. Fazia dois meses, não teria sido tão valente para tentar escapar. Mas mudou nos meses que passou na colônia. Talvez mais do que mudou em todos os longos anos em que esteve sozinha. E sabia que a raiz daquela mudança era o que a estimulava a partir agora.

Confiando em que podia respirar de novo, separou-se da pedra e deu um passo para a horta da esquerda, já prevendo o que faria quando estivesse fora dos túneis e sozinha no enorme deserto de Montana. Tinha dinheiro. Sabia mesclar-se com as pessoas. Encontraria um lugar — a centenas, talvez a milhares de quilômetros daqui — e começaria de novo. E logo decidiria como chegar ao Olimpo.

Os seixos rangiam sob as botas ao andar. Uma voz soou mais acima.

O coração da Maelea subiu à garganta. Apertou-se de novo contra a base da torre e elevou a vista. Não podia ver nada exceto sombras e escuridão. Mas podia ouvi-los. Várias vozes agora. Gritando palavras que não podia entender. E pés que baixavam apressadamente pelas escadas dentro da torre atrás dela.

Tinham-na visto.

O suor gotejava pelas costas e se reunia na base da coluna. Se não partisse agora, estava fodida. Orpheus jamais estaria de acordo em deixá-la voltar para sua antiga vida.

Os passos que corriam cresceram em intensidade. Respirando profundamente, agarrou as

correias da mochila e se lançou para a horta. A pesada porta de metal no lado norte da torre chiou ao abrir, e uma voz uma clara voz gritou:

—Alto!

Maelea forçou os músculos ao máximo. Justo quando dava um passo mais à frente do extremo da torre, uma mão se lançou para fora e se envolveu ao redor da boca. Um grito afogado escapou dos lábios e logo o ar saiu precipitadamente dos pulmões enquanto era empurrada contra um corpo que parecia feito de aço sólido.

Capítulo 3

—Não se mova. Não faça nem um só ruído.

O coração da Maelea pulsou a toda velocidade no peito e a adrenalina se elevou até a estratosfera. Não sabia quem a estava aprisionando, mas se não se afastasse logo dele — por exemplo *já* — sua única oportunidade de liberdade murcharia e morreria.

Nunca fora boa com as armas, mas nos últimos meses participou de aulas de autodefesa dadas pelos guardas da colônia. Ainda não era nenhuma autêntica ameaça, mas sabia o suficiente para defender-se... algo que nunca soube fazer antes.

Deslizou a mão para baixo pelo exterior da calça negra, e os dedos encontraram o fechamento da capa na coxa. Inclusive através da mochila nas costas, podia sentir a força e o impulso do ar em seus pulmões contra a coluna vertebral. Os batimentos de seu coração golpeando contra a lona, fortes e constantes, nem de perto tão rápido como os dela. Quando as vozes ressoaram ao redor da parte dianteira da torre, tremeu a mão, mas de todos os modos abriu o fecho e envolveu os dedos ao redor do punho da adaga.

As vozes se afastaram e, perto da orelha, o homem sussurrou:

—Partem.

Parecia aliviado. Não era um dos guardas? Não importava. Quem quer que fosse, seguia sendo um obstáculo entre ela e a liberdade.

A mão sobre a boca se retirou e logo que ele afrouxou seu agarre sobre a cintura, tirou a adaga e deu meia volta, disposta a atacar. Mas então a luz da lua permitiu distinguir seu rosto. Cabelo claro, um largo e reto nariz, forte mandíbula e penetrantes olhos azuis. Hostis e perspicazes olhos que ela viu que a observavam atentamente de uma alta janela muitas vezes para levar conta.

Gryphon. O irmão do Orpheus. O guardião que mutilara a esses *daemons* hoje, que esteve a ponto de matar a um dos seus no processo. O guardião que, se rumorava na colônia, era um psicopata.

O medo irrompeu subitamente no centro do peito. Com o braço estendido, moveu-se para trás, as botas ressoando sobre as rochas quando se topou com a luz da lua. A adaga na mão tremeu, e cada instinto no corpo disse que corresse, mas não podia dar as costas. Estava tão perto

que temia que, se o fizesse, nunca alcançaria as árvores. Ela não era imortal como seus pais, só que não envelhecia. E por que fora amaldiçoada por Hades ao nascer, não haveria um mais à frente para ela. Se morresse agora antes de encontrar o caminho ao Olimpo simplesmente deixaria de existir. Ninguém recordaria quem ou o que fora.

—Não... Não se aproxime de mim — conseguiu dizer.

Ele não moveu um músculo, simplesmente ficou olhando-a com esses olhos atormentados, observando-a como fez durante meses do isolamento de seu quarto. Mas esta vez seu cenho estava franzido enquanto a observava, e uma expressão de perplexidade foi incrementada em seu rosto quanto mais tempo a olhava.

O ritmo cardíaco acelerou. Iria matá-la? Ao menos o veria mover-se? Sua débil adaga não era nada contra um guerreiro tão perito como ele.

De novo, as vozes subiram de tom em direção à parte dianteira da torre, quando ele girou a olhar, soube que era sua única oportunidade. Saiu disparada para a escuridão das árvores e correu com todas suas forças. Se pudesse alcançar o passadiço, e encontrá-lo antes que ele o fizesse, poderia trancar a porta. Ainda poderia escapar.

A uns vinte metros na escuridão da horta, impactou contra ela desde atrás, derrubando-a. O ar escapou como um assobio dos pulmões. A mochila pendurada nas costas saiu voando. A adaga escapou dos dedos. Golpeou o chão de lado, o ombro e o quadril sofreram o pior impacto. Liberou um grunhido pela boca. Mas ainda antes de acusar a dor, incorporou-se tentando ficar de pé, o instinto de correr bramando no sangue. Ele a lançou sobre as costas antes que conseguisse recuperar o equilíbrio e a sujeitou facilmente as mãos com uma das suas. Logo, com sua mão livre, tampou a boca e usou seu peso para aquietar a resistência.

—Para de se mexer, merda — sussurrou. — Vão te ouvir.

Ultrapassava-a em ao menos quarenta quilogramas, e uma vez tão perto, podia sentir seus avultados músculos debaixo da fina camiseta de manga longa que vestia. Estava quente onde ela se sentia fria, duro onde ela era suave, e seu fôlego, a apenas a milímetros da orelha, esquentou a pele do pescoço e enviou calafrios de medo descendo pela coluna vertebral.

E ainda assim… a escuridão interior, que era a consequência de seu vínculo com o Inframundo, vibrou excitada. Atirou algo no peito, atraiu-a para ele... Um impulso que havia sentido antes, mas ao que resistiu porque não o compreendia.

Agora o fazia. Agora, os motivos pelos quais a observava cobraram sentido. Para seguir irradiando escuridão desta maneira, aqui no reino humano, tinha que ter sido amaldiçoado.

Hades já tentou matá-la numerosas vezes. Muito bem poderia ter deixado em liberdade Gryphon para terminar o trabalho. Precisava escapar dele tão rápido, como se fora disparada à estratosfera.

Tinha a mente aturdida pela atividade frenética. Mas quando se precaveu de que ele estava escutando o que ocorria em seu redor, enfocou-se no entorno.

As vozes quase cessaram. Alguém parecia vir da esquerda, outra da direita. Na distância mais gritos ressoavam, mais vozes se dirigiam nesta direção.

Havia mais que os dois guardas da torre aqui fora. Antes, quando esteve com Skyla, ouviu

dizer a Nick que Gryphon estava encerrado em sua habitação, com guarda armada. Eles tinham que estar buscando-o, não a ela.

A esperança ressurgiu. Se pudesse apartar-se dele, se conseguisse assinalar aos guardas sua posição, esqueceriam completamente dela. O encerrariam e ainda poderia escapar durante o caos resultante.

Os cães ladraram ao longe, e outra voz, uma voz que Maelea reconheceu como a do Nick, trovejou do castelo.

—Merda, o encontrem. Não pode ter ido muito longe.

Gryphon ficou em pé cambaleando e a levantou pega a ele.

—Corre.

—Mas minha mochila... —começou a dizer, empurrando a mão que envolvia o bíceps, esperando que fora suficiente para obrigar a ir- sem ela.

—Esquece a fodida mochila. Disse que corra!

Maelea ofegou enquanto ele a arrastava para frente, com um agarre mortal no braço. Perdeu o equilíbrio, mas puxou-a aproximando-a a seu flanco, evitando que caísse. Quando recuperou o equilíbrio, tentou afastar-se, mas não a deixou ir. Suas pernas eram mais longas que as dela, e ela lutou por manter seu ritmo. Sentiu uma descarga de adrenalina. Os músculos gritavam em sinal de protesto. Não podia ver malditamente nada aqui na escuridão da horta, só as luzes no alto do castelo desvanecendo na distância.

Ele se deteve de repente e finalmente a soltou. Os pulmões de Maelea ardiam enquanto se dobrava, embora o instinto dissesse que seguisse correndo para conseguir afastar-se dele tanto quanto fosse possível, não pôde. Necessitava um segundo para recuperar o fôlego.

As dobradiças chiaram.

—Por aqui — disse Gryphon. — Rápido.

Com as mãos apoiadas nos joelhos, Maelea levantou o olhar só para dar-se conta de que encontrou a saída, uma porta escondida detrás das videiras serpenteantes que conduziam à ladeira por detrás da arsenal. A esperança caiu em picado como um bloco de cimento contra o fundo do estômago.

—Vamos, Merda! —Gryphon a empurrou dentro do escuro túnel que se dirigia reto para baixo.

—Mas...

Ela tropeçou. Bateu as mãos contra o muro de rochas do túnel. A pesada porta de aço se fechou com um estrépito detrás deles, seguida pelo chiado de metal contra metal e logo nada absoluto, já que o túnel estava envolto em uma completa escuridão.

O medo obstruiu a garganta de Maelea, seguido por um peso opressivo pressionando desde todas as direções. Girou, podia ouvir as tênues vozes na horta e aos cães ladrando, procurando seu rastro. Abriu a boca para gritar, mas a grande mão de Gryphon cobriu os lábios, e depois seu enorme corpo se pressionou contra o dela, empurrando a coluna vertebral contra o frio muro de rochas à costas.

—Não se atreva a fazer um só ruído — sussurrou perto da orelha.

Ela congelou, incapaz de ver nada salvo o branco de seus olhos. Mas ouvia o palpitar de seu próprio coração, o batimento do coração rápido do dele, a saída e entrada de ar em seus pulmões tão perto dos seus, as vozes amortecidas na horta, os gritos dando ordens a destro e sinistro, o som de botas sobre a branda terra primaveril.

Os olhos ardiam pelas lágrimas. Havia um exército de homens procurando logo outro lado da porta. Um exército disposto a abater Gryphon. Um exército que não sabia que estava com ele.

Um som de arranhões ressonou contra a porta de metal. Gryphon voltou à cabeça, seus lábios roçaram a bochecha da Maelea ao girar. Ao dar-se conta de que sua cara estava mais perto do que esperava, lascas de calor, calor que não desejava, ricochetearam através do corpo, seguidos de um ressurgir da escuridão dentro dela, e finalmente uma sacudida de medo que paralisou suas extremidades.

—Aqui! —gritou uma voz amortecida ao outro lado da porta.

Gryphon apertou mais forte a mão contra a boca.

—Abre! —disse outro.

—Não posso. É trancada por dentro.

—Filho da puta — era a voz do Nick. Talvez ainda houvesse uma possibilidade…— Esta entrada conduz aos túneis, verdade?

—Sim — disse alguém mais. — Mas não sei aonde.

—Bem, averigua, merda — vozeou Nick. — Consiga-me os planos deste maldito castelo. Segue tentando com a porta. E que alguém desperte ao Theron e ao Orpheus. Quero a esse filho de puta apanhado antes que consiga chegar aos limites da colônia.

A mão livre de Gryphon agarrou o pulso de Maelea. Sem liberar a boca, separou-a da parede e fez dar a volta de forma que as costas ficaram cobertas pela parte frontal de seu grande e duro corpo que empurrava para frente.

—Caminha — disse sobre a orelha O fôlego quente se meteu sob o pescoço da camiseta. — Sei que esteve aqui dentro antes. Vi quando ninguém mais olhava. Sabe exatamente onde acaba este túnel. Temos uns minutos antes que eles também o averiguem. Se quiser viver, tirará meu traseiro daqui. E o fará rapidamente.

***

Orpheus despertou de repente do sonho erótico, que envolvia ele, Skyla e a um tanque de gelatina de frutas, e que teria preferido continuar explorando.

Jogando uma olhada ao relógio na mesinha de noite, precaveu-se da hora. Um pouco mais das duas da madrugada. Contra o peito, Skyla jazia roncando brandamente, sua suavidade esquentando onde dormiu depois de ter feito amor pela terceira vez.

O peito contraiu. Deuses, não desejava deixá-la de madrugada. Mas não tinha outro remédio. Nick não deixaria Gryphon ficar, não depois do que fizera, e Orpheus não ia abandonar a seu irmão à intempérie. Percorreu com os dedos o comprido cabelo loiro de Skyla e recordou a maneira em como saíra em sua defesa, inclusive sabendo todas as tolices de merda que fez nesta

vida e na anterior. Se Orpheus pôde ser salvo, então tinha que haver esperança para Gryphon.

Ela queria ir com eles, mas de maneira nenhuma ia permitir que Gryphon estivesse em qualquer lugar perto dela. Tentou discutir ontem à noite, mas a distraíra com sucesso com a boca, as mãos e o resto do corpo... em várias ocasiões. Pela manhã provavelmente tentaria de novo e encheria o saco quando averiguasse que não ia ceder, mas preferia tê-la viva e zangada que morta.

Era ao que se referia quando disse que não ia perdê-la. Não outra vez.

Um tamborilar ressonou através do quarto e levantando a cabeça do travesseiro, deu-se conta de que esse era o som que o despertara.

Quando se incorporou sobre os cotovelos, Skyla se revolveu. Grunhindo uma vez, abriu seus sonolentos e sensuais olhos em sua direção.

—O que acontece?

—Não sei. —Saiu da cama, colocou a calça jeans que antes tinha arrojado ao chão, e cruzou o quarto para a porta de cristal. As brasas ainda ardiam na chaminé, e retalhos de luz de lua brilhavam através das janelas em quatro lados da habitação hexagonal em uma das torres mais altas do castelo. Ao outro lado da porta de cristal, uma silhueta masculina apareceu. Uma figura que Orpheus reconheceu como um dos homens de Nick.

Skata. *Por favor, me diga que Gryphon não atacou a ninguém mais.*

Orpheus empurrou, abrindo a porta. A cara do guarda estava avermelhada pela corrida e recuperou o fôlego antes de dizer:

—Ele partiu. Os guardas da torre o viram cruzando o pátio, dirigindo-se para a horta. Se chegar aos túneis...

—Como diabos conseguiu sair? —perguntou Skyla do outro lado do quarto, já de pé junto à cama, com o lençol envolto ao redor de seu delicioso corpo, seu cabelo uma selvagem confusão ao redor de seu preocupado rosto.

O guarda dirigiu seu olhar para ela e logo a apartou rapidamente quando se deu conta de que estava virtualmente nua.

—Acreditam que saiu pela janela e escalou o edifício.

—Filho de puta — disse Orpheus. — Onde está Nick?

—Buscando-o. Solicita que você e Theron se unam a ele.

—Vou agora mesmo.

O guarda assentiu com a cabeça. Quando se foi, Orpheus fechou a porta e foi em busca das botas. Perto da cama, Skyla deixou cair o lençol e rebolou metendo-se em suas roupas.

—Não pôde ir muito longe — disse ela.

Não era o longe que podia chegar Gryphon que preocupava Orpheus. Era o que seu irmão faria a qualquer que se interpor em seu caminho que fazia que o temor percorresse a coluna vertebral. E que os sentinelas de Nick fariam se o encontrassem primeiro.

Vestiram-se em um tempo recorde e acabaram de chegar ao salão quando Theron, o líder dos Argonautas, Zander, e Demetrius saíram do elevador. Com a ferida de Titus de ontem, todos os Argonautas se reuniram em demonstração de solidariedade. Todos exceto Gryphon, que foi

encerrado em seu quarto.

—Onde estão os outros? —perguntou Orpheus.

—Cerek e Phin já desceram para começar a procurar —disse Theron.

—E as garotas? —Perguntou Skyla. Ia vestida com calça negra, uma camiseta negra de mangas longas e suas características botas góticas, que Orpheus sabia que alojavam sua arma preferida: Um arco e a flecha que se expandia até seu completo tamanho quando o usava, o desenho seguindo o modelo de que levava quando era uma Siren. — Poderiam ser capazes de nos dizer onde está.

"As garotas" eram a rainha da Argolea – Isadora que além disso era a recente companheira de Demetrius, e suas duas irmãs, Callia e Casey. Como as três compartilhavam o mesmo pai, o defunto rei, e descendiam das Horae, as antigas deusas gregas da ordem e a justiça, tinham a habilidade de canalizar seus dons e predizer o presente. Talvez inclusive ver onde Gryphon estava justo neste momento.

—Já enviei uma mensagem a Argolea para que Acácia e Isadora se unam a nós — disse Theron. — Callia está na clínica atendendo Titus. Quando chegarem aqui, avisarei.

Acácia, ou Casey como todo mundo a chamava, exceto seu companheiro Theron, era uma mestiça, e Callia era a companheira do Zander, uma curadora que atendia à rainha e aos Argonautas quando era necessário. Já que Atalanta estava caçando as Horae, não seria inteligente que estivessem no mundo humano, mas neste caso Skyla tinha razão; poderiam ser a melhor oportunidade dos Argonautas de encontrar Gryphon antes que o fizessem os sentinelas do Nick.

—Zander, D — disse Theron, voltando-se para os guardiões—, desçam pelos túneis e ver o que podem averiguar. Orpheus, Skyla. —Theron dirigiu seu olhar para eles enquanto Zander e Demetrius se encaminhavam de novo para o elevador que os levaria abaixo. — Por que não vão à horta. Os homens do Nick provavelmente já terão fodido o rastro de Gryphon, mas talvez possam usar parte desses superpoderes rastreadores de Siren que Skyla conserva, a ver o que pode encontrar. Eu tentarei colocar algum de bom senso em Nick antes que um de seus homens mate Gryphon. Está de saco cheio pelo que aconteceu ontem, e em seu estado de ânimo acredito que não os deterá se tentarem.

O estômago do Orpheus deu um tombo ante a ideia, mas o animava o fato de que, apesar do incidente de ontem, os Argonautas não abandonariam seu irmão. Havia um vínculo entre todos eles, um que não poderia ser quebrado, nem sequer pelo Inframundo.

—Muito bem — disse entre dentes Skyla, já em modo Siren, dirigindo-se para o corredor e ao oco da escada que os levaria a pátio.

Antes que Orpheus desse dois passos para segui-la, Theron agarrou sua manga.

—O, espera.

Quando Orpheus se girou para encarar à líder dos Argonautas, Theron dirigiu o olhar para as portas do elevador que se estavam fechando, depois para o corredor por onde Skyla já tinha desaparecido.

—Não quis dizer nada aos outros, mas há algo mais.

Os nervos do Orpheus deram outra sacudida.

—O que?

—Maelea desapareceu.

—O que quer dizer com desapareceu?

—Ninguém a viu desde que se foi à cama ontem à noite e não está em seu quarto.

—Isso não é nada novo. Gosta de perambular de noite.

—Certo —disse Theron— e isso é o que me preocupa. Se por acaso cruzar com Gryphon enquanto passeia…

OH, merda.

—Gryphon não pensa com clareza — seguiu Theron. — Não há forma de saber se a veria como uma ameaça ou uma peça a jogar se encontrasse com ela enquanto trata de escapar. E não é um segredo para nenhum de nós o que planeja fazer… incluído para você.

O temor produziu náuseas. Ele arrastou Maelea nisto. A procurou porque, com sua habilidade para sentir as mudanças de energia na terra, era a única pessoa que poderia dizer onde estava sendo utilizado o Círculo do Krónos, que era o que precisava para reunir a alma e o corpo de Gryphon depois de resgatá-lo do Inframundo. Hades já a odiava simplesmente por ser a filha de Persephone. E agora Hades sabia que ela ajudou aos Argonautas a encontrar o Círculo e que ajudou a resgatar Gryphon do Tártaro. Fora dos muros deste castelo, se ela chegasse tão longe, Gryphon não seria a única ameaça para sua segurança.

O sentimento de culpa gotejou mesclando-se com o temor. Por culpa de Orpheus, ela perdera seu lar e sua liberdade. E por causa dele, muito possivelmente agora, também poderia perder a vida.

A sensação de urgência pressionava Orpheus desde todos os lados enquanto se dirigia para o portal ao fundo do corredor.

—Encontraremos. Encontraremos a ambos.

—Só rezo porque não estejam juntos — murmurou Theron desde atrás.

***

Gryphon dirigia Maelea para diante, a coluna vertebral dela pressionando o peito e seu traseiro se chocando contra a virilha cada vez que ela vacilava na escuridão. Era menor do que inicialmente pensou, mas as roupas folgadas com as quais a vira da janela ocultaram músculos que não sabia que estavam ali. Vestida com calça negra justa e uma camiseta de manga longa ninguém a viu escapando, e esmagada estreitamente contra ele no escuro túnel, também percebeu quantas curvas mantinha escondidas sob todo aquele tecido.

—Por onde? —grunhiu na orelha quando ela vacilou ante uma bifurcação do túnel. Liberou sua boca para que pudesse respirar, mas manteve uma firme sujeição ao redor de sua cintura, nem por um segundo correria o risco de dar uma oportunidade de escapar.

—N… Não estou segura. Eu...

Suas palavras se interromperam e ela tomou ar ao sentir a pressão dos dedos em seu quadril.

—Não minta, mulher. Por onde?

—Está bem — conseguiu dizer. — Para a direita.

Afrouxou a dura sujeição em sua cintura, dirigindo-a nessa direção.

—Isto vai ser muito mais fácil se não lutar comigo.

Não respondeu enquanto avançavam pelo túnel, mas podia sentir a cólera e o medo que irradiavam dela. Isso e a luz. A mesma estranha luz que o levou à janela cada vez que ela estava no pátio. A mesma luz que disse que saíra essa noite, que ela poderia ser seu bilhete de saída deste lugar.

Uma voz ressoou à frente, na parte mais profunda da caverna. Ela conteve a respiração. Envolvendo a mão livre ao redor de sua boca, empurrou-a de volta contra a parede da caverna e a manteve imóvel. A voz ficou mais forte. A adrenalina disparou. Dando um passo atrás no caminho pelo qual vieram, a coluna deslizava da rocha sólida para o ar, e para a rocha novamente, e se deu conta de que havia uma abertura ali no muro. Não muito grande, só um oco, mas se ficasse de lado, seria suficiente para passar apertadamente através dele. Quando a voz continuou aumentando de intensidade, soube que era sua única saída. Girou Maelea, colocou-a de um empurrão através da brecha e, continuando, deslizou atrás dela.

Ela grunhiu sob a mão. A abertura girava para a esquerda. Quando o corpo surpreendentemente se chocou com o dela, percebeu que tinha chegado ao final.

—Shh — sussurrou, não soltando sua boca. Ela deu a volta assim que seu rosto estava a milímetros da sua. Deslizou o braço até seu quadril para sujeitá-la, pressionou a perna entre as dela, e usou o peso para empurrá-la contra o muro e mantê-la quieta. Avançaram uns bons dez minutos. Tinham que estar próximos à intercessão principal. No espaço central, profundamente sob chão, os túneis se estendiam em diversas direções, várias das quais conduziriam para a liberdade. Só tinha que averiguar quais.

O coração dela pulsava a toda velocidade debaixo de seu peito, tão forte que tinha medo que no silêncio, os guardas o ouvissem. Mas o tam, tam, tam estava afogado por completo pelo calor de seu próprio corpo, rodeando-o no espaço restrito, e o aroma de… jasmim.

O mesmo perfume que notou na horta. Só que não era de uma árvore ou uma flor, mas sim procedia dela. Olhou para baixo. Não podia ver nenhuma polegada diante da cara. Mas ela estava ali. Contra a sua pele, o peito empurrando contra o seu em cada penosa respiração, seus lábios se abatiam contra a palma da mão, e essa fragrância intoxicante mesclada com seu calor corporal para fazê-lo perder a cabeça.

Ruídos de passos soaram em alguma parte próxima. Gryphon voltou a cabeça para escutar, contendo a respiração. Contra sua mão, Maelea inspirou alarmada, o esforço forçando seus seios a apertar-se mais contra o seu peito. Seios, que não pôde deixar de notar, inclusive agora quando estavam a ponto de ser descobertos, que eram firmes, grandes e quentes contra a pele fria.

Comichões viajaram pelo seu corpo, dispersando-se e expandindo diminutos tentáculos de calor através de todo o corpo. Foram meses sem estar perto de uma mulher. Meses desde que deixou que alguém o tocasse. A maioria dos dias, sequer podia aguentar sentir tecido contra a pele, mas isso o corpo dela contra o seu, brando onde ele era duro, quente onde ele estava frio

não o incomodava. Relaxava. O calor se concentrou no estômago, gotejou mais abaixo, trouxe cada terminação nervosa à vida.

—Nada — disse uma voz desde mais à frente do túnel. Uma voz de homem. Uma que Gryphon não reconheceu. — Não vejo nenhum sinal deles.

—Têm que ter vindo por aqui — disse outra voz.

Maelea tomou outro fôlego e o conteve. Seus mamilos pressionavam o peito, os pontos duros endurecendo-se contra o tecido da camiseta. Contraiu o estômago pelo contato, e, sem pensar, desviou a mão de seu quadril para sua caixa torácica, depois mais acima, para a borda de seu sutiã.

Um som estrangulado ressonou na parte de atrás de sua garganta.

—Ouviu isso? —perguntou a primeira voz.

A mão de Gryphon congelou. Na escuridão as palmas começaram a suar. Olhou para baixo, onde quase a havia tocado, seguia sem poder ver uma merda.

Skata, Que diabos estava fazendo? Não ia ficar quente e duro pela fêmea. Só precisava que ela escapasse. Merda, realmente estava completamente louco por estar tratando de colocar a mão aqui na escuridão, quando poderiam ser descobertos de um momento a outro.

Baixou a mão de volta a seu quadril. Sabia que se não fizesse algo imediatamente, arruinaria a oportunidade de escapar. Ela se esticou quando ele se inclinou mais perto e roçou a orelha com os lábios, mas ignorou a reação. E combateu os fragmentos de calor que tocá-la assim enviava ricocheteando ao ventre, dizendo:

—Faz outro ruído como esse e matarei os dois.

Seu corpo se sacudiu contra o seu, uma mescla de medo e ódio, mas para seu crédito não pronunciou nenhum outro som. E no silêncio, sentiu que voltava a ter o controle. Passaram vários segundos antes que a primeira voz dissesse:

—O que fosse, foi-se. Vamos separar-nos. Você continua avançando. Eu voltarei atrás.

—Boa ideia.

Ouviu-se ruído de passos afastando-se. Gryphon esperou um longo minuto antes que o ritmo cardíaco baixasse o suficiente para poder pôr um pouco de veneno na voz.

—Não me ponha à prova, mulher. Garanto que se o fizer, perderá. Tudo o que necessito é que me tire destes túneis e fora da colônia. Se o fizer, ninguém se machucará, incluído eu. Entende? Assente uma vez com a cabeça se o fizer.

O cabelo sedoso acariciou a bochecha quando sua cabeça oscilou de cima abaixo. Ela inspirou através do nariz, o que fez que seu peito se elevasse uma vez mais e que esses perversos seios se pressionassem mais apertadamente contra ele, apagando todos outros sons até que tudo o que ele ouvia eram os batimentos de seu coração. Um som que estava seguro de que agora poderia distinguir em uma sala abarrotada, inclusive com tambores e trompetistas retumbando.

Fazia meses que não escutava nada tão claro como isto. A voz normalmente se sobrepunha a tudo. Mas, agora mesmo, a voz não era mais que um surdo zumbido de fundo que vinha de alguma parte longínqua.

Afastou-se de Maelea, olhando para ela na escuridão. Ainda não podia vê-la, mas os outros

sentidos – o olfato, a audição, o tato, estavam vivos e vibrando pela necessidade de… mais. Mais de qualquer maldita coisa que ela queria fazer com ele.

Não tinha nem uma puta ideia do que estava ocorrendo, mas desde que voltou do Inframundo, a única constante a que se acostumou era esperar que essa estranha merda aparecesse em sua cabeça, o que significava que algo mau estava a ponto de acontecer. Um bom exemplo, o que fez a Titus e Nick fora no bosque.

Skata… realmente estava perdendo o débil vínculo com a realidade. Antes que acontecesse definitivamente, tinha que sair dessas fodidas cavernas. E necessitava que o guiasse.

Empurrou-a fora do esconderijo e de volta ao túnel, mais duramente do que necessário. Um uivo agudo escapou de seus lábios. Deu a volta de novo para ter suas costas outra vez esmagadas contra o torso e sussurrou:

—Está bem, cuidado e devagar. Seu destino e o dos que estão neste túnel estão em suas mãos agora. Entende?

Assentiu com a cabeça outra vez, tragou debaixo da mão, e, então, cautelosamente deu um passo para frente.

E em silêncio, disse a si mesmo que se fosse muito duro com ela, se tivesse medo dele, seria algo bom. Porque deveria estar cagada de medo. Não havia forma de saber o que poderia desencadear ou fazer depois.

Deuses, por favor, não deixem que a mate. Permitam-me escapar.

—Boa garota — dirigiu, tranquilizando a ambos ao mesmo tempo. — Isto terminará logo, Maelea. Simplesmente faz o que digo e em poucos minutos, os dois seremos livres.

Capítulo 4

Ele sabia seu nome. Isso não deveria ter surpreendido Maelea, mas o fez. E elevou ainda mais a frustração e o medo.

O corpo tremia enquanto avançavam pelo túnel negro como o azeviche. As vozes se foram. Nem sequer podia ouvir o ruído de seus passos. Queria gritar para que os sentinelas retornassem e a encontrassem, mas sabia que se o fizesse, Gryphon cumpriria sua promessa.

Lágrimas de cólera ardiam atrás dos olhos. Imagens do que ele fizera a Nick ou o que Nick descreveu que foi feito a Titus, cruzaram sua mente. Mordeu os lábios sob sua palma e se recordou que qualquer tipo de reação inesperada por sua parte só provocaria que se visse obrigado… a fazer algo drástico, como feri-la ou a esses sentinelas. Ou como que os assassinasse a todos.

Havia coisas piores que ser uma prisioneira, disse a si mesma. Disse que só a necessitava para sair dos túneis. Tinha que acreditar que manteria sua promessa. Uma vez estivesse livre, ela seria uma carga, algo que o atrasaria. Ele se afastaria o mais rápido possível. Não havia outra razão para que a conservasse. Viraram uma esquina. Golpeou com o cotovelo uma rocha e mordeu com

mais força os lábios para não gritar, saboreando o sangue com a língua. Sua mão se deslizou do quadril até o cotovelo e o esfregou até que a dor se dissipou. E com o toque calmante e reconfortante os sinos de alerta se dispararam como gigantescas bandeiras vermelhas ondeando ao vento.

OH, sim, há uma razão para que ele conserve a seu redor.

Cada músculo do corpo esticou quando sua mão retornou ao quadril, seus dedos cravando-se, pressionando a virilha para dirigir os movimentos. Repentinamente caiu na conta de que suas fortes coxas roçavam as curvas, de que seus quadris pressionavam o traseiro. E recordou muito bem como seus dedos roçaram a parte inferior dos seios quando a fixou naquele espaço reduzido fazia uns momentos, como o calor irradiava de seu corpo ao dela e como endureceu embora só fora um pouco detrás da braguilha do jeans.

Não. Não era possível que a quisesse para isso.

Por que não? Ele é um monstro. Como Hades. Sente a escuridão do Inframundo nele.

A ira e uma maior necessidade de escapar vibraram por dentro. As opções amontoavam na mente. Maldita seja, perdeu a mochila no horta. Não tinha armas agora. Nada que usar para tentar vencê-lo. Como ia escapar?

Tinha que escapar.

Dobraram outra esquina. Uma luz ardia diante. Ele a jogou de volta à escuridão, ainda mais apertada contra ele. Perto da orelha, sussurrou:

—Shh… — Seu fôlego quente pôs arrepio por todo o pescoço. Uma sensação que era de uma vez aterradora e elétrica. — Não se mova.

As vozes ressoaram mais à frente — várias —na abertura central da cova onde todos os túneis convergiam. A esperança estalou no peito. Ele nunca passaria diante deles. Havia muitos. Não tinha outra opção exceto a de render-se.

—Tem que estar aqui — disse uma voz masculina, a voz do Nick. — Quero dois em cada túnel e ao resto de vocês aqui quando ele se deixe ver.

Esperneio de botas. Repico metálico. Os sons se aproximavam. Alguém se dirigia para eles.

Sim!

—*Skata*.

Gryphon empurrou-a de volta, retrocedendo pelo túnel pelo qual acabavam de chegar. O pé de Maelea escorregou nas rochas e um grito afogado escapou dos lábios enquanto lutava por manter-se em pé na cega escuridão. De retorno em direção à horta, ao qual pareciam retroceder, outra voz se ouviu.

Um grunhido emanou de Gryphon. Agarrou-a bruscamente, apertando-a a seu lado, ambos pressionando as costas contra as rochas frias. A água gotejava em algum lugar de cima enviando um calafrio pela pele de Maelea enquanto se esforçava por recuperar o fôlego.

Mas a ira... erigiu-se por dentro. Vibrava mais forte. Deu uma confiança que não sabia que tinha.

—Você... você não pode sair —grunhiu, a coragem em aumento. — Há muitos. Acabou.

—Eu digo quando acaba!

Afundou os dedos em seu pulso. Arrastando-a para uma curva mais profunda do túnel. As vozes atenuadas ainda ressoavam do espaço central da cova, mas não os estavam seguindo. Os passos adiante ecoaram mais fortes. Alguém corria para eles. O foco de uma luz aproximando-se.

O sentinela de antes. Que havia tornado a comprovar a porta da horta. Tinha que ser ele. Tinha que fazer algo rápido antes de Gryphon o assassinar.

—Aqui — gritou. — Estou aqui!

Os dedos de Gryphon se cravaram no pulso com um apertão de morte, e a aproximou mais bruscamente, fazendo que o ar saísse como um assobio fora dos pulmões. As botas do sentinela patinaram até deter-se.

Qualquer temor que sentiu antes foi substituído pela determinação. Não ia voluntariamente esta vez. Deixou que Orpheus a arrastasse a esta colônia. Passou a vida escondendo-se. Mas já não. Esta vez, ela tinha o controle.

Lutou com força no braço de Gryphon.

—Não! Não vou mais longe com você.

A luz da lanterna do sentinela apareceu diante, depois da curva, iluminando a cova e os olhos enfurecidos de Gryphon. Detrás dela, para a câmara principal das covas, ouviam-se vozes atenuadas como se a tivessem ouvido também. Um estranho silêncio se apoderou do espaço, seguido pelo grasnido de um rádio do sentinela congelado perto da esquina.

O medo a percorria pelas costas, mas se manteve firme. E quando Gryphon murmurou:

—Mulher estúpida.

E sua sujeição se esticou sobre o pulso, nem sequer pensou, só reagiu.

Arrancou o braço de seu agarre. A eletricidade correu pelo braço. A força disso golpeou as rochas aos pés e vibrou no chão da cova. Um grande estalo ressonou.

—Maldita seja — murmurou Gryphon, olhando-a aos olhos e dando um passo ameaçador para frente.

Ela se preparou para sua fúria, mas, pela primeira vez, não tinha medo do que pudesse acontecer. A energia ondulava pelos membros, nas rochas sob os pés. Mas antes que pudesse alcançar e agarrá-la outra vez, um estrondo ressonou no túnel.

Gryphon se deteve. Olhou para cima e ao redor. As vozes ressoaram no reduzido espaço. E Maelea aproveitou a oportunidade para atacar.

Empurrou os braços para fora com todas suas forças.

—Não, filho de puta.

As palmas conectaram com seu peito. A energia se disparou desde ela a ele, das pernas ao chão. Ele tropeçou retrocedendo um passo atrás, perdeu o equilíbrio e começou a cair. Continuando, um racho ensurdecedor ressonou na cova.

Enquanto Gryphon golpeava o chão com um grunhido, as tênues vozes se fizeram mais fortes. Botas espernearam sobre rocha. E se escutou a potente voz do Orpheus. Gritando... seu nome.

Voltou-se para o som. Gritou:

—Estou aqui!

Mas a voz foi afogada pelo estrondo da água que se precipitava. Correndo rápido.

—Maelea!

Olhou para trás por cima do ombro onde Gryphon se estava levantando do chão, tratando de ir atrás dela. Abriu os olhos como pratos. Outra rajada de energia lhe percorreu o corpo. Seguido por um rugido estremecedor quando o teto se abriu e uma onda de água se verteu no túnel.

A força o fez cair a seus pés. Chocou-se contra ela, empurrando as pernas. Golpeou seu duro peito e ficou sem fôlego quando a água orvalhou a cara e encheu os pulmões. Gryphon cravou os dedos nos bíceps, arrastando-a com ele pelo escorregadio chão da cova, precipitando-se por um rio de água quando Orpheus e os outros corriam em sua direção.

Tratou de recuperar o fôlego, tratou de afastar-se de Gryphon. Através da visão imprecisa, viu luzes diante. Gente que se aproximava. O rosto do Orpheus.

—Se agarre a mim! —gritou Gryphon sobre o estrondo da água.

Não. Nunca. Lutou contra ele. Repartiu golpes a destro e sinistro com os braços, tentou lhe afastar a pontapés.

Outra rachadura ressoou. Abriu os olhos desmesuradamente. Fixos sobre o Orpheus e Nick derrapando até deter-se. Então as rochas cederam baixo eles.

Lançou um grito inútil. E não sentiu nada mais que ar.

***

Atalanta se encontrava em um momento cúpula.

Jogou uma olhada ao calendário de parede enquanto a frustração crescia exponencialmente.

—Galto!

O repicar de unhas contra a pedra se fez ouvir através da sala, seguido por uma voz rouca à costas.

—Sim, minha rainha.

Deu a volta para olhar para baixo aos noventa e um centímetros de altura com escamas, a criatura parecida com um troll que havia arrastado do Inframundo quando escapou depois de seguir Gryphon e ao feto *daemon* fora.

—Que notícias têm que meu *doulas*?

Galto esfregou as mãos nodosas juntas, sua língua bífida lambeu seus lábios ressecados. Uma orelha bicuda se voltou para escutar movimento detrás dele.

—Nada, minha rainha. É como se tivesse desaparecido do reino humano.

—Imbecis.

Atalanta arrastou a larga cauda vermelha do vestido atrás dela e se aproximou da janela para olhar o mar de neve. Ansiava o frio. Inclusive seu reino no Inframundo, quando viveu ali e criou seu exército de *daemons*, foi um ermo gelado, tão diferente do abismo ardente do Tártaro. Mas como era uma deusa, tinha o poder de converter seu pequeno rincão do inferno no que quisesse. Aqui, no reino humano, teve que recorrer a localizar sua base onde o clima frio era

permanente. E embora tivesse preferido estar em um lugar isolado, como a Antártida, os *daemons* não podiam cintilar de um lugar a outro na terra como ela. Estavam limitados pelas mesmas leis da física que os seres humanos, e os Argoleans. O que significava que tinha que acampar em algum lugar conveniente para eles e o suficientemente frio para ela. Desde que sua fortaleza no norte da Columbia Britânica foi destruída por aquele bastardo Argonauta, esteve obrigada a estabelecer-se aqui. Na radiante e pecaminosamente fria Escandinávia.

A vingança a carcomia. Não descansaria até que visse Argolea em ruínas e a aquele pomposo Argonauta encadeado. Tinham-na afastado. Expulsando-a porque se atreveu a questionar sua ordem. Desterrada não só ela, mas também seu amor.

Pensamentos do Meleager, a única pessoa que a entendeu e que morreu por ela, foram à deriva pela mente. Tantos anos de solidão. Tantas decepções. Mas tudo isso se acabou agora.

Farei pagar, meu amor. Prometo que arderão pelo que lhe fizeram.

—Talvez... —começou Galto.

Olhou por cima do ombro a repugnante criatura.

—Talvez ele esteja na Argolea?

Atalanta olhou por cima da neve. E estendeu os sentidos. Procurando. Escaneando. Apoiando-se na escuridão do Inframundo que tinha outorgado a seu *doulas*.

—Não, ele está aí, em alguma parte. Posso sentir. A atração é muito forte para que pudesse estar em Argolea. Além disso, depois do que foi feito a ele no Inframundo — um sorriso malicioso curvou os lábios—, nunca teria coragem para enfrentar a seus companheiros guerreiros na Argolea. Sua honra seria muito forte para isso. Está aí fora, Galto. Mas está lutando contra a escuridão.

—Com o tempo cederá. Não pode resistir muito mais. Só temos que esperar que isso aconteça.

Atalanta se voltou a olhar o calendário na parede. Seis meses. Krónos, o rei dos Titãs, dera seis meses para conseguir o Círculo, e mais de dois já passaram. Apesar de que Krónos foi encerrado nas profundidades do Tártaro, ainda dominava um poder sem igual. Atalanta não duvidou nem por um momento que se a prazo de seis meses acabasse e não tivesse cumprido a sua parte no trato, a arrastaria de volta ao Inframundo e cumpriria sua ameaça de convertê-la em sua escrava.

—Não temos tempo para esperar — disse, dirigindo-se atrás, a Galto. — Envie um grupo de *daemons* para o Noroeste do Pacífico. Os mestiços provavelmente o estão escondendo.

Perdeu muito tempo recrutando seus *daemons* e reconstruindo o exército que os malditos Argonautas dispersaram depois de que foi enviada ao Inframundo. Mas isso estava arrumado agora, e seu exército estava crescendo em força e número, graças a sua nova raça de *daemons* híbridos, que pareciam humanos, mas que podiam trocar à forma de *daemon* em qualquer momento.

—Mas, minha rainha. Ainda não pudemos localizar a colônia de mestiços.

—Então intensifique os ataques na área. Isso arrastará os malditos Argonautas para fora. Torture a humanos, mestiços... Não importa a quem. Só tem que descobrir onde se encontra essa

colônia de mestiços. Garanto que meu doulas se esconde ali.

Seu doulas era a chave de tudo. Como Argonauta, poderia infiltrar-se na Argolea. Poderia ganhar a confiança dos outros Argonautas, meter-se silenciosamente no castelo Argolean e agarrar o Círculo que sua rainha escondeu ali. E então ele poderia trazê-lo, e a uma das Horae, as descendentes das antigas deusas do equilíbrio e a justiça, a quem Atalanta necessitava para controlar o Círculo. Gryphon estava preso a Atalanta agora, graças à ajuda de Krónos. Quando por fim se desse por vencido e fosse a ela, estaria obrigado fazer sua vontade. E uma vez que possuísse o Círculo, poderia negociar mais tempo com Krónos. Sem os quatro elementos sagrados terra, ar, água e fogo, o Círculo não poderia ser utilizado em sua máxima potência. E Krónos necessitava do Círculo com todo seu poder para conseguir escapar do Inframundo. Uma vez que ela tivesse o Círculo em seu poder, teria Krónos contra as cordas e daria mais tempo para encontrar os elementos restantes. E quando o fizesse...

Quando o fizesse, além disso, teria que inclinar-se ante ela. Não à inversa.

—Sim, minha rainha — disse Galto, saindo da sala, com as unhas largas como garras repicando sobre o chão de pedra fria enquanto se movia.

A sós, Atalanta olhou pela janela. Uma tormenta avançava fora. Escuras nuvens cinza no bordo do horizonte esperavam para desatar sua fúria geada. Estar de volta no reino humano era de uma vez uma bênção e uma maldição. Aqui, uma vez mais, ordenava a seu exército, mas era mortal. Se não fora por essa única limitação, estaria à caça de Gryphon. Mas apesar dos poderes de deusa, não podia correr o risco. Entretanto, uma vez que tivesse o Círculo...

Curvou uma comissura dos lábios enquanto observava o primeiro floco de neve arrastar-se para o chão. Uma vez que tivesse o Círculo nas mãos outra vez, estaria a ponto de alcançar seu objetivo final: Ver cada um dos Argonauta destruído.

Uma vez que fossem eliminados do cosmos e tivesse o poder de dominar ao reino humano, só então descansaria.

***

O ar era frio, mas a água cortava com a frieza arrepiante de mil facas agudas em cada polegada da pele.

Gryphon se afundou sob a superfície e chutou forte para voltar a emergir. Caíram por pelo menos quinze segundos antes de alcançar esta piscina de água gelada. Ficou sem fôlego quando alcançou a superfície, buscou ar, abriu os olhos e tratou de orientar-se.

Dooouulaaaas...

Sacudiu a água dos ouvidos.

Agora não merda!

Girou na água. Não, não era uma piscina. Era um rio subterrâneo. A corrente rapidamente, apressava-o rio abaixo. As vozes dos homens do Nick, de Orpheus gritando de cima se foram, e não podia ver uma merda na escuridão.

—Mae… — Cuspiu água. Tossiu enquanto tratava de impedir que a corrente o sugasse de

novo ao fundo. — Maelea!

Nenhum grito de ajuda chegou aos ouvidos. Nada mais que o rugido crescente da água estalando perto. Girou na escuridão, tratou de entrecerrar os olhos para ver adiante. Não viu nada mais que negra escuridão em todas as direções.

—Maelea!

Dooouulaaaas...

Apertou os dentes. Esforçou-se como o inferno em ignorar a voz. A agitação da água cresceu em intensidade. Algo roçou a perna por debaixo da superfície. Tentou nadar de retorno por aonde veio, mas a corrente era muito rápida. O pânico o sacudiu quando foi forçado corrente abaixo.

—Maelea!

Um chapinho ecoou à direita. Logo um grito de assombro. E uma tosse. Voltou-se nessa direção, chutou forte para alcançar o som.

—Maelea?

Maelea cuspiu em alguma parte perto.

Impulsionou as mãos na água, passou sobre a carne e as fechou ao redor de músculos e ossos para aproximá-la.

—Se agarre a mim.

—O que é esse… — ela tossiu e afundou os dedos na carne— ruído?

Ele se moveu para o rugido. Percebeu que era uma cascata. Merda. Estavam se aproximando.

—Não me solte!

Os ouvidos receberam seu grito quando foram propulsados ao que tinha que ser uma enorme queda. A água salpicava os olhos, rabiscando sua visão. Por um segundo pareceu ver algo verde que brilhava intensamente debaixo deles, mas estava tão escuro que isso não podia ser certo. O ar correu pelas costas, mas não soltou o antebraço da Maelea. Não enquanto caíam pelo ar frio — graças aos deuses — em outro fundo de água, nem quando se submergiram sob a superfície e o fôlego saiu dos pulmões como o ar de um balão estourado.

Chutou como se o próprio Hades estivesse atrás deles e apertou o agarre no braço para não perdê-la. Ofegou quando finalmente voltou acima. O ar rançoso, úmido e arrepiante encheu o peito. A seu lado, Maelea saiu à superfície e respirou grandes baforadas de ar.

Ao dar-se conta de que ela estava bem, que ambos sobreviveram, o ritmo cardíaco começou a diminuir e a soltou enquanto flutuava na água tratando de averiguar onde diabos estavam.

Para sua surpresa, o atoleiro de água em que tinham caído era na verdade verde brilhante, o suficiente para iluminar a gigantesca caverna que os rodeava, o lago subterrâneo em que estavam, e inclusive o pequeno arroio que saía no outro extremo, o qual continuava como um rastro fosforescente para a liberdade.

Contemplou a cascata de doze metros pela qual acabaram acabavam de cair. Nenhum outro corpo flutuava pela borda, o que significava que ninguém foi tão estúpido a ponto de segui-los. Nick e seus homens... e Orpheus... provavelmente todos pensavam que ele e Maelea estavam mortos.

A seu lado, os dentes da Maelea entrechocavam. Olhou-a enquanto ela tremia na água fria, com seu negro cabelo comprido em um matagal úmido pego à cabeça e sua pele normalmente pálida ainda mais branca sob o resplendor do lago.

Não sabia que fazia resplandecer a água, mas estava agradecido por isso. Principalmente porque não tinha uma lanterna.

—Temos que sair da água.

—Eu... —Seus dentes estralavam e seu corpo tremia, mas não lutou contra ele quando a arrastou para a margem rochosa da piscina. — Eu... n-n-n-não... g-g-g-gosto de você.

—Não seria a primeira.

Saiu da água e a impulsionou junto a ele. O ar frio percorreu sua pele úmida e gelada, enviando um calafrio por sua coluna vertebral. Maelea envolveu suas mãos ao redor de sua cintura e tremeu mais forte.

Merda, ele não estava preparado para isto. Sem fósforos, nem mantas, nem sequer mantimentos. Não iriam sair por onde entraram, e olhando ao redor da caverna iluminada pelo estranho resplendor verde, sua única esperança era seguir o rio e ver aonde saía. Mas não poderiam fazê-lo até que não se esquentassem.

—Tire a roupa.

—Q que?

Seus olhos horrorizados e irados se lançaram para os seus. Seus olhos, deu-se conta de perto, não eram somente escuros, como tinha adivinhado pelas horas que a viu desde sua habitação na colônia. Eram negros. Negro azeviche. A mesma cor de seu cabelo. A mesma cor da baixeza do Inframundo que morava dentro dele.

Ele estendeu a mão para a parte de cima da prega de sua manga longa. — É isso ou morrer de frio.

Deu um tapa na mão e retrocedeu um passo enorme, com os olhos escuros abertos como pratos.

—Nnnnão me toque!

—Não é minha opção preferida, mulher, mas é isso ou morrer. E eu não vou morrer aqui.

Ele alcançou sua camiseta outra vez. Golpeou a mão, cambaleou para trás um passo.

—Disse que não me ttttoque. Gritarei!

Sua própria ira aumentava.

—Adiante. Não há ninguém que escute. Crê que virão por nós? Pensam que estamos mortos. E inclusive se Nick e outros encontrassem uma maneira de descer com segurança, levaria horas antes que nos alcançassem. Esse rio nos conduziu ao menos a uns três quilômetros clandestinamente. Em horas, tenho a intenção de estar muito longe.

Ele agarrou a prega de sua camiseta antes que ela pudesse pensar em palavras para corresponder a sua expressão de surpresa, e atirou até sua cabeça. Deixou escapar um grito afogado, jogou os braços para cima para apartá-lo, mas seus membros não estavam funcionando ainda a causa do frio e isso fez muito pouco. Quando ela tropeçou, não tratou de apanhá-la, sabendo de que a parede de rocha da caverna o faria logo.

Um rangido ecoou quando ela golpeou a cabeça na pedra. Em seu grito aturdido, ele terminou de arrancar a camiseta e a deixou cair ao chão. Logo se dispôs a trabalhar nos botões da fina calça negra.

—Fica quieta, maldita seja.

Lutou contra ele, tratou de dar um chute com seu pé. Ele se inclinou para baixo e logo conseguiu evitar que fraturasse o nariz com seu joelho. Enquanto empurrava pelos ombros, ele apoiou um braço sobre seus quadris para sujeitá-la com força às rochas e utilizou o outro para desabotoar as botas, então arrastou a calça por suas pernas.

—Você ffffilho de puta! Se você apenas me ttttoca, eu…

Ela ainda estava tremendo, provavelmente em choque. Tirou uma bota, logo a outra, terminando de tirar a calça.

—O que vai fazer?

Golpeou a coluna vertebral com o punho.

—Voummmmatá-lo! Juro que o farei!

—Com o que? Com suas unhas? Não acredito, mulher.

Fez retroceder seus pés e pressionou os quadris contra as dela para seguir sustentando-a e deixou passar tempo suficiente para despojar-se de sua própria camiseta que pingava sobre sua cabeça.

A ira estalou nesses olhos de obsidiana. Mas, as pupilas estavam dilatadas, e ele não era resistente a aproveitar-se de sua desorientação em qualquer forma que pudesse.

Rastelou as unhas pelo peito. O fogo ardia sobre a pele onde ela se incrustava na carne.

—Filha de puta. —Ele capturou suas mãos facilmente em uma das suas. Imobilizou-as em cima de sua cabeça e a olhou. — Deixa de merda. Não vou violá-la, maldita seja. Não poderia embora quisesse fazê-lo.

Ela lutou contra o agarre, por fim se deu conta de que estava presa, e diminuiu sua agitação. Mas quando ele baixou a mão livre para desabotoar o jeans, seu olhar saltou à cintura e seus olhos aumentaram de novo.

—N... não faça.

O tremor que percorreu o corpo não tinha nada que ver com a temperatura e todo que ver com o medo. Desviou o olhar para o sutiã cor nata contra sua pele mais pálida, logo descendeu ao pedacinho de renda em seu quadril que aparecia por onde ele não a estava pressionando. E contra a virilha, seu estômago se contraiu. Sentiu uma onda de calor. Uma grande quantidade de calor que não estava seguro que procedesse só dela.

Voltou a olhá-la aos olhos quando algo forte apunhalou o peito. Não os dedos esta vez, já que ainda estavam aprisionados por cima de sua cabeça, mas... Uma emoção? Não, definitivamente não podia ser isso. Não havia sentido absolutamente nada que não fosse o vazio desde que retornou do Inframundo. Tinha que ser algo mais. Restos da adrenalina por ser quase descoberto ou inclusive um espasmo muscular do quase afogamento.

O ar frio se arrastou para baixo pela espinha dorsal e se estendeu por debaixo da cintura da calça jeans, enviando um calafrio pela pele. Basta de bancar o imbecil. Se não se esquentassem

logo, ambos morreriam de hipotermia, então, esta discussão não seria mais que uma perda de tempo.

Com os olhos ainda fixos nela, tirou as botas com a ponta do pé e as chutou ao outro lado das rochas. Um zumbido ecoou na cabeça, mas não era como a voz gritando a que estava acostumado. Isto, ao menos, era manejável. Abriu o botão do jeans.

Contra ele, ela conteve o fôlego e ficou imóvel como uma pedra.

As pessoas tinha medo. Estava acostumado a essa reação. Mas o incomodou mais que a maioria. Por quê? Não sabia.

—Disse isso antes, não vou machucá-la — disse, esforçando-se por não gritar enquanto empurrava a calça para baixo e lutava para sair delas, deixando-o com nada mais que o molhado boxer. — Se cooperar, isso ainda é válido.

Soltou as mãos, empurrou os braços para as laterais e os envolveu ao redor dela, esmagando-a contra o peito. Ela tomou outro fôlego assustado, mas era o suficientemente inteligente — desta vez — para não resistir. Ele girou a ambos e se deixou cair sentado nas rochas, abraçando-a quando outro calafrio atormentou seu corpo.

—Ppor que está isto fffazendoooo isto?

Agora que a luta tinha abandonado seu corpo, a choque estava estalando com força. Ele soltou o agarre, e esfregou as mãos acima e abaixo por seus braços para estimular a circulação.

—Não estou fazendo nada, salvo tratar de me liberar. Igual a você.

—Já ffezz. —Dobrou seus cotovelos e aproximou os antebraços ao peito. — Você já nnnão precisa de mim.

Não o fazia, tecnicamente isso era certo. Pelo menos, não depois que ele se esquentasse. Entretanto, mantê-la a seu redor não era uma ideia completamente absurda. Era impossível saber para onde esta caverna os conduziria, ou quem estaria esperando quando finalmente conseguissem retornar à superfície outra vez. Qualquer refém era melhor que não ter nenhum refém.

Mas arrastá-la junto... ele não planejou isso, e criava toda uma série de outros problemas. Os problemas que não precisava trabalhando por sua cabeça. E agora mesmo, embora não entendesse por que, a voz não gritava, por isso era sua melhor oportunidade para pensar.

—Só Fecha o bico e… — Envolveu os braços ao redor de suas costas e atirou de sua cabeça para que ficasse debaixo do queixo—… trata de esquentar o corpo.

Ela estremeceu contra ele durante vários minutos, finalmente deixou escapar um suspiro trêmulo e seus músculos foram relaxando pouco a pouco. Mas ela manteve as mãos apertadas contra o peito, pronta e esperando para afastar-se logo que pudesse.

Seu calor penetrava a pele enquanto estiveram sentados em silêncio. A água gorjeava perto, e o resplendor verde do fundo do lago dava à caverna toda uma sensação estranha. A mente se dirigiu para onde iria depois de que saísse da cova. Se deixasse que a voz o guiasse, não tinha nenhuma dúvida de que ia encontrar seu objetivo. A pergunta era... Poderia lutar contra a voz? Se se deixava levar, poderia impedir que a escuridão o consumisse?

A sensibilidade voltou para os pés, os joelhos, os braços e as pernas. Gradualmente foi

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

percebendo Maelea contra ele, não só como uma fonte de calor, mas sim como uma mulher. Seu quente fôlego tocava a clavícula e se deslizava mais abaixo para esticar os mamilos. Os suaves seios pressionavam a parte inferior dos peitorais, por isso se perguntou como os sentiria sem o sutiã. E em todas as partes que sua pele nua o tocava, o calor estalava. Contra o peito, o estômago, sobre tudo nos quadris, onde ela estava escarranchada, nada mais que sua calcinha e a cueca molhadas separavam suas carnes.

Os pensamentos vagaram para a carne suarenta, úmida e fumegante. Pele contra pele em movimento. Olhos entrecerrados, bocas famintas, as mãos, os lábios e as línguas tocando, chupando, saboreando...

Skata. Definitivamente não é no que tinha que estar pensando agora mesmo. Evitar a hipotermia. Escapar. Encontrar essa fodida voz que seguia espreitando-o há meses.

A voz...

Não a ouviu desde... o rio. Desde que encontrou Maelea. Ainda estava ali, podia ouvir o zumbido surdo, mas não era a incessante gritaria ao que estava acostumado. Agora que pensava nisso, nos túneis, antes que o solo cedesse algo que ainda não entendia, quando ele pressionara Maelea contra a parede de rocha e tampou sua boca com a mão para mantê-la em silêncio, a voz perdeu intensidade também.

Recordou as curvas de Maelea presas com força contra ele. A sensação de seus lábios debaixo da palma. Tratou de recordar se fez ou disse algo que pudesse jogar com sua concentração. Mas nada veio à mente. E embora ele lutasse, não pôde evitar comparar como a sentiu então completamente vestida e tremendo ao que sentia agora. Semidesnuda, relaxada, quase fundida em sua pele, esquentando-o de uma maneira que o deixou em chamas.

Um comichão começou no estômago e se estendeu mais baixo. De repente, foi consciente de cada detalhe. O aroma do jasmim de sua pele, a forma em que seu cabelo quase seco se frisava ao redor de seus ombros e roçava seus braços, cada curva e a suavidade sutil. E como ela estava incrivelmente quente. Em todos os lados. O corpo o excitou de uma maneira que não esperava.

Ela conteve o fôlego e ficou imóvel contra ele. E ele se deu conta, Skata, que ela sentiu essa excitação também. *Fodidamente fabuloso*. Embora não tivesse nenhum remorso por assustá-la para conseguir o que queria, ele finalmente a acalmou prometendo que não pretendia violá-la. E ali estava com uma enorme ereção que definitivamente ela não podia ignorar.

Em um minuto ela teria um ataque de pânico e ele perderia o calor que geraram. A menos que fizesse algo rápido para mudar sua opinião.

Ele deslizou as mãos até seus quadris e a levantou do colo. Mas os dedos se deslizaram sobre sua pele sedosa e ela caiu, diretamente sobre a ereção. E essa pequena fricção enviou sangue gritando a pênis e uma necessidade urgente percorreu as veias.

Ela ofegou. Afundou os dedos no peito. Mas esta vez, o movimento de arranhões não doeram. Sentia-se bem. E onde estavam conectados pelos quadris, o calor explodiu. Um vulcão de desejo, necessidade e luxúria. Uma luxúria que não sentia há muito tempo. Um desejo que podia saciar, aqui e agora.

Tudo o que tinha que fazer era tomá-la.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Capítulo 5

—Skata. Isto não está funcionando. Tem que se mover.

Maelea quase se engasgou quando Gryphon colocou as mãos nos quadris e a levantou de seu colo só para deixá-la cair de novo sobre uma monstruosa ereção que tinha que estar morta para não notar. Cravou os dedos em seu peito e tratou de empurrá-lo, mas a sujeitava com muita força. O medo se precipitou como uma onda, alagando o peito. Fora estúpida ao pensar que não se aproveitaria dela só porque tinha frio. Estúpida ao confiar nele.

—Não faça. Eu…

Levantou-a de seu colo e a deixou cair de traseiro sobre as rochas. As palavras morreram nos lábios quando a dor ricocheteou pela espinha dorsal. Ainda desorientada daquela queda, tornou-se atrás contra a parede da cova, levantou os joelhos até o peito, e abraçou a si mesma, explorando a terra em busca de algo que pudesse usar como uma arma, mas não havia nada. Piscou várias vezes, tratando de clarear a visão. Não podia ver nem sequer uma pedra para lançar quando fora a por ela.

Ele ficou de pé, e sob o resplendor verde da água, sua imagem empalidecia e turvava os enormes músculos de seus braços, seu poderoso traseiro e suas grossas pernas. Pegou-se ainda mais à parede. Sacudiu rapidamente a cabeça. Olhou a direita e esquerda. Deuses, deve ter batido a cabeça quando se aproximaram daquelas cataratas. Não estava pensando com clareza. Podia correr, mas para onde? Cada músculo do corpo esticou. Estava disposta a lutar até a morte se fosse necessário, mas era o suficientemente inteligente para saber que se tentasse ficar de pé, provavelmente cairia.

Mas em vez de dar a volta e vir atrás dela como esperava, agachou-se e recolheu a calça. Sacudiu. Pôs sobre uma rocha. Logo fez o mesmo com a camiseta e por último sua própria roupa.

Quando se voltou e deu um passo para ela, desviou o olhar a sua virilha, e ainda através da imprecisa imagem se deu conta de que, o que sentiu antes, desinflou-se definitivamente. Não a olhou aos olhos, e apertou as palmas no chão, pronta para impulsionar para cima se se equilibrava sobre ela, mas não o fez. Ficou sentado nas rochas a seu lado e disse:

—Necessitamos essa roupa seca se queremos sair deste inferno.

Todos os músculos do corpo de Maelea ficaram rígidos quando ele levantou um braço, o passou por cima do ombro e a atraiu com força a seu lado. O calor imediatamente substituiu ao frio, e embora não quisesse, sentiu-se ceder, afundando-se contra ele. Um calafrio sacudiu o corpo de novo e os dentes rangeram.

Envolveu o outro braço por diante, atraiu-a ainda mais perto contra seu peito. Logo girou elevando os joelhos a cada lado das seus, criando um manto de cálido ao redor com seu corpo. Esta vez não a aferrou tão forte que não pudesse mover-se, e teve a estranha sensação de que estava a fazendo saber que se queria soltar-se, podia.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

—Isso está melhor.

Maelea não estava tão segura. Não podia analisá-lo. Não sabia o que ele estava pensando ou o que planejava depois. Aquele olhar morto que viu quando o surpreendeu olhando-a no pátio da janela de seu dormitório ainda persistia em seus olhos azuis claros, mas isto não parecia a ação de um monstro. Ao menos não o que mutilara aqueles *daemons* ou atacara a seus próprios companheiros. E o calor que imediatamente a envolveu deixou-a totalmente desconcertada.

Sua mão subia e descia pelo braço, esfregando os músculos devolvendo-os à vida.

—Uma manta estaria bem. Não teria uma dessas nessa mochila que levava, verdade?

—Eu... eu tinha. —Também tinha uma lanterna, comida, e uma pistola que pegou da colônia a altas horas da noite, quando estava fora vagando. Não que isso fizesse algum bem agora.

—Maldita seja. Bom, deveríamos descansar durante uns minutos. Não sei quanto tempo nos vai tomar sair daqui. Se nossa roupa se secar.

Maelea tampouco sabia. Mas estava tão decidida como sempre a distanciar-se, muito longe da colônia, e dele especialmente. Embora não lhe fizesse mal ainda. Isso não significava que não fosse fazer logo. No momento, necessitava seu calor tanto como ela necessitava o seu. Mas não estava disposta a baixar o guarda. Aprendeu fazia muito tempo a não confiar. E a energia escura que vibrava no peito, chamando, disse que nunca confiasse nele.

***

Alguém cantava uma versão, realmente ruim, de *Highway to Hell* [2] do AC/DC.

Titus agitou as pálpebras até abri-las e voltou a cabeça para averiguar de onde vinha o incessante ruído. A luz brilhante queimou as retinas, obrigando-o a fechar os olhos, saiu uma maldição dos lábios. Estes estavam secos e rachados tão quebradiços como a voz do cantor que miava.

A canção se cortou na metade e escutou uma voz.

—Hey, acredito que retornou.

Passos soaram perto, e Titus abriu as pálpebras de novo, esta vez entrecerrando os olhos em uma cara muito familiar.

—Skata — conseguiu dizer, a voz rouca, com a garganta seca como uma bola de algodão. —Deveria saber que era você. Parece como um gato moribundo quando canta, e tem uma porra de uma caneca combinando.

Phineus, seu irmão guerreiro, sorriu para ele.

—Não estava cantando, espertinho, estava cantarolando. E deve cuidar sua linguagem diante do menino.

Titus olhou à esquerda, onde Phin cabeceou e viu Max, o filho do Zander, sentado na cadeira no outro lado.

—Hey, guri.

[2] http://youtu.be/s69iUwD4wwQ

Max encolheu os ombros com uma mecha de cabelo loiro em cima de seus olhos, olhando-o de maneira muito parecida com seu pai, sua expressão aborrecida gritava: *Preferiria estar em qualquer lugar menos aqui.*

—Hey.

—E sei que está secretamente ciumento deste rosto — adicionou Phineus. — É um ímã para as garotas. Hollywood não tem nada como eu.

Titus se pôs a rir, e logo amaldiçoou quando uma dor cega atravessou o torso até a caixa torácica.

—Uh... Callia? —a voz de Phin soou com uma nota de preocupação. Segundos depois, Callia, a curadora pessoal da rainha e mãe de Max, chegou até a linha de visão de Titus.

—Olá, forasteiro — disse com um sorriso. Seu cabelo castanho caía sobre o ombro enquanto o examinava. — Como se sente?

—Como se tivesse sido atropelado por um caminhão.

—Isso não está muito longe do que aconteceu, na realidade— disse . — Como sente a garganta?

—Igual ao papel de lixa.

—Vou conseguir um pouco de suco.

À medida que Callia se afastava, Titus olhou ao redor. As paredes brancas, as máquinas piscando, e a cama incômoda disseram que estava em um centro médico. Tinha as lembranças imprecisas, mas quando os olhou de frente, e logo ao redor do quarto, retalhos do que passou vieram em espiral à mente.

Merda. Gryphon.

Titus fechou os olhos. A dor pulsava ao longo do crânio enquanto a cena se repetia detrás das pálpebras.

—Onde está ele?

—Quem? —perguntou Phin.

—O puto rei da França — disse Titus com sarcasmo. — Gryphon, imbecil.

—Um...m-e-n-i-n-o. —Phineus levantou as sobrancelhas, assinalando ao outro lado da cama. — Recorda?

—Ouvi antes — murmurou Max. *E posso soletrar essa palavra, idiota.*

Merda... que diabos digo?

O que seja que faça, não diga a verdade.

Os pensamentos se descontrolaram no quarto. O primeiro do Max, com uma atitude cheia de animosidade. O segundo do Phineus, esgotado e desesperado por não responder. E o terceiro da Callia ao outro lado da quarto, claro e tranquilo, o único dos três que era totalmente identificável.

OH, merda, fantástico. O golpe na cabeça que Titus recebeu quando Gryphon o amassou contra uma parede de concreto não fez uma merda por alterar o dom.

A irritação superou o estado de ânimo já minguante de Titus e aumentou a dor de cabeça. Fez caso omisso de Max e se centrou em Phin a quem podia ver e em Callia, a quem não podia.

—Boceta, parem de dar voltas a meu redor, os dois. Não podem bloquear seus pensamentos, de modo que também poderiam simplesmente me dizer que diabos aconteceu com Gryphon. Nick não o matou, verdade? O que passou não foi culpa de Gryphon.

—Tendo em conta o que te fez — murmurou Phin—, isso é muito generoso.

Titus recordava tudo muito bem, os olhos enlouquecidos de Gryphon e as coisas que passou por sua mente quando se carregou aqueles *daemons*.

—Sim, bom, não sabe o que continua passando por sua cabeça. Já o teríamos encerrado no manicômio, se fosse você, menino bonito.

Phineus sorriu abertamente de novo, seus olhos marrons com rugas nas bordas.

—Sabia que estava ciumento deste belo rosto. Admite.

Titus soprou, logo amaldiçoou quando outra descarga de dor percorreu o torso.

—Está bem, suficiente — disse Callia, voltando para lado direito da cama e sustentando um copo com um canudo . — Bebe isto.

À medida que Titus agarrava o copo de sua mão, com cuidado de não tocá-la, ela se voltou para Phin, e acrescentou:

—Por que não leva Max para conseguir algo de comer? —Olhou a seu filho ao outro lado do leito. — Tem fome, carinho?

Max encolheu os ombros, cruzou os braços sobre o peito, e deliberadamente evitou seu olhar.

—Acho que sim.

O menino ficou de pé e se arrastou para a porta. Enquanto que Titus tomou um gole de suco, que tinha sabor de céu, viu como Callia olhava a seu filho. Não precisava ler a mente para saber o que estava pensando: *Amo você e não sei o que fazer para ajudar sua expressão que se lia claramente em seu rosto.*

—Volto mais tarde para cantar, cara esperto — disse Phin enquanto se levantava sobre suas longas pernas, passando uma mão por seu curto e negro cabelo. — E esta vez virei com minha serenata de tenor antigo. Que deseja TNT ou "You Shook Me All Night Long"[3]?

—Se for voltar aqui e cantar, quero uma lobotomia.

Phin piscou os olhos um olho a Callia.

—Está delirando de entusiasmo.

A cabeça do Titus caiu para trás sobre o travesseiro enquanto Phin se dirigia para a porta.

—Vou necessitar de mais medicamentos. Preferivelmente o que me deu antes de me deixar fora de combate.

Callia se voltou, baixou o olhar para ele, com as mãos nos magros quadris e suas sobrancelhas levantadas com diversão. Um estetoscópio pendurava ao redor de seu pescoço e uma caneta estava apoiada em sua orelha esquerda. Apostava que provavelmente esquecera que o colocou aí.

—Só dei o suficiente para te manter dormindo durante a cirurgia. Com essa ferida na cabeça,

[3] *TNT é um grupo de rock norueguês. E You Shook Me All Night Long é uma canção de AC / DC.*

preferiria não te dar mais do necessário.

Cirurgia. Merda. Realmente, fora mau. Não era estranho que as costelas doessem como o inferno.

—O que teve que fazer?

Ela se sentou na borda da cama. Moveu as pernas a um lado para que ela acidentalmente não o tocasse.

—Tinha um pulmão perfurado, um par de costelas quebradas, e tive que costurar de cima abaixo. Não é bonito, mas a última vez que verifiquei, as feridas estavam cicatrizando bem. Seus genes de super-herói Argonauta são muito úteis em uma crise.

Sim, não era uma merda.

—O que acontece minha cabeça?

—Houve um pouco de pressão no lado esquerdo de seu cérebro. Não queria drenar se não fosse preciso. Agora que está acordado, acredito que vai estar bem.

Titus assentiu com a cabeça e passou os dedos pelo longo cabelo da parte de atrás do couro cabeludo, encolhendo-se quando sentiu o delicado golpe.

Uma comissura da boca da Callia se elevou.

—Zander disse que ficaria de saco cheio se eu raspasse sua cabeça. Tem que agradecê-lo que não fiz.

Titus baixou a mão.

—Como conseguiu chegar a um acordo com Zander para trazer Max à colônia Misos? É onde estamos, verdade?

Callia suspirou, mas esta vez teve a precaução de guardar seus pensamentos.

—Na realidade, não está contente comigo por isso. Discutimos sobre isso enquanto me apressava por chegar aqui a te ajudar.

Devido a Callia ser descendente das antigas Horae, as deusas do equilíbrio e a justiça, seu filho, Max, era um trunfo valioso na guerra entre o bem e o mal. Enquanto que para a Callia era inclusive um risco estar no reino humano, ainda era um risco ainda maior para Max. O arrebataram a Callia e Zander quando era um bebê e criado pela Atalanta, uma deusa vingativa que só tinha um objetivo: Ver Argolea e aos Argonautas destruídos. Os Argonautas resgataram Max com êxito das garras da Atalanta meses atrás, e após estava a salvo na Argolea, que era um reino onde Atalanta não podia acessar. Mas Titus sabia por estar perto do Zander que as coisas não eram toda cor de rosa em casa estes dias. Max estava lutando com a adaptação. E a tensão era evidente no rosto da Callia.

—Zander só está preocupado — disse Titus, com a esperança de aliviar um pouco sua ansiedade.

—Zander tem direito a estar preocupado — respondeu . — Cada dia que passa, Max se afasta mais e mais de nós. Esperava que ao chegar à colônia, onde podemos mantê-lo a salvo, ele se sentisse integrado e ajudaria. —Olhou para a porta com desejo. — Mas suponho que era um sonho, né?

—Callia, eu…

—Não se preocupe por isso — disse, apoiando-se sobre os pés e levantando-se para apertar o braço nu. — Todos vamos sobreviver.

Uma descarga de emoções percorreu Titus, elevou-se da cama com um grito de assombro, e o lançou de novo contra o colchão com um estrondo. O copo lhe voou da mão. O ar saiu dos pulmões com uma dor que rodeou o peito e apertou com a força de uma jiboia.

—OH deuses, Titus — Callia imediatamente soltou e deu um passo atrás.

A dor se dissipou logo que o soltou, respirou com os dentes apertados enquanto as emoções fizeram o mesmo.

—Sente isso, não sente? —perguntou Callia em voz baixa. — Suspeitava, mas não estava certa. É por isso que leva luvas todo o tempo. Sinto muito. Eu não…

—Está bem — conseguiu dizer, mesmo que os efeitos residuais da transferência o deixassem sentindo-se como um macarrão mole. — Estou acostumado a isso.

—Todo o tempo? —perguntou-lhe. — Houve alguma vez um momento em que tocou alguém sem sentir o que eles sentem?

Houve. As emoções e as sensações de outros não formavam parte de seu dom. Eram uma maldição. Uma maldição centenária com a qual fora condenado por causa do que fizera.

—Não que eu recorde — mentiu, porque não queria falar disso, e muito menos recordar. — Que sorte a minha, né?

—Oh, Titus.

Podia lidar com quase algo exceto a compaixão. Endireitou-se na cama.

—Está bem, de verdade. Só — conseguiu um débil sorriso—, não faça isso outra vez.

—Não farei. Vou pôr um pôster na porta que qualquer que entre tem que usar luvas. Esse é o truque?

—Sim, isso funcionará. E estou certo de que vai levantar todo tipo de perguntas a respeito de que tipo de enfermidade contagiosa tenho.

A merda o que pense qualquer um.

Titus não pôde evitar. Riu de seu pensamento, então se arrependeu quando a dor o apunhalou de novo as costelas quebradas. Apertou a mão contra o flanco, respirando através da queimação.

—Zander é um afortunado filho de puta, sabia?

—Recorde isso quando o vir. Ainda está zangado comigo pelo do Max. Os outros sabem? Os Argonautas? Sobre tocá-lo?

—Somos caras, Callia. Não vamos com suscetibilidades entre nós. Quando ela franziu o cenho, acrescentou—: Crê que gostaria de tê-los me olhando como um inseto estranho mais do que já o fazem?

Isso nunca ocorreria.

Apoiou a cabeça no travesseiro.

—Confia em mim. Ocorreria.

Ela ficou em silencio durante uns segundos, e embora seus pensamentos corressem por sua mente, tratou de ignorá-los. Mas as palavras que passavam: *Espantoso, triste e solitário*. Eram

palavras que ele definitivamente não precisava ouvir.

Justo quando estava a ponto de dizer que não queria nem necessitava sua compaixão, ela se voltou para a porta.

—Não se preocupe, não vou mencionar a nenhum deles. Trata de descansar um pouco enquanto providencio tudo.

Confiava nela para manter o segredo. Mas sabia quando estava esquivando-se de responder. E não importa as coisas estranhas que estavam ocorrendo, o que estava passando fora destas paredes do consultório era mil vezes mais importante.

—Callia. —Quando o olhou por cima do ombro, perguntou — Onde está Gryphon?

Tomou cuidado de não olhá-lo aos olhos. *Não precisa saber isto agora mesmo*.

—Sim, necessito. Onde está?

Vacilou, e finalmente suspirou derrotada.

—Ninguém sabe. Os Argonautas estão o buscando. Ao que parece, desceu por sua janela, escalou a parede do castelo... Ninguém está realmente certo de como saiu, mas o fez, e escapou dos guardas de Nick sem que ninguém se desse conta.

Skata.

—Nick tem que estar de saco cheio.

—Está. Sua curadora teve que pôr vinte e quatro pontos de sutura no braço. Ia chutar Gryphon da colônia amanhã. Orpheus ia com ele. Suponho que Gryphon percebeu isso e saiu correndo antes que pudesse acontecer.

—Gryphon não quereria que O se sacrificasse mais por ele. O que acontece Theron?

—Theron não estava certo do que fazer em relação à situação e não teve tempo para decidir. Antes que pudesse chegar a uma solução, Gryphon fugiu.

—Merda. Os homens do Nick o matarão se o encontrarem primeiro.

—Sei — disse em voz baixa. — É por isso que os Argonautas saíram para buscá-lo imediatamente. Theron deixou Phineus aqui para assegurar-se de que estávamos bem, mas outros... o encontrarão, Titus.

Titus apertou os dentes e apartou as mantas das pernas.

—Não foi culpa dele. Deveria estar ajudando para buscá-lo.

Callia voltou correndo ao lado da cama.

—De maneira nenhuma. Não está em condições de se mover ainda. Inclusive os genes de super-heróis necessitam tempo para trabalhar.

—Fora de meu caminho, mulher.

Callia levantou as mãos.

—Não me obrigue a usá-las de novo.

Titus a fulminou com o olhar, mas então recordou a forma em que sua transferência emocional tinha chutado o traseiro. Maldição, odiava o fato de ser tão fodidamente débil. Não fisicamente ao menos não normalmente, mas sim emocionalmente. Só o leve contato com outra pessoa poderia paralisá-lo.

Apertou os dentes com frustração, mas se recostou sobre a cama outra vez, porque não

queria uma repetição da penosa prova de *sou um gigantesco covarde*. Sobre tudo diante da Callia.

—Somente vou descansar uns poucos minutos mais.

—*Andras* inteligente — disse Callia, baixando suas mãos. *Realmente não quis te bombardear outra vez* . — Vou estar ao outro lado dessa porta se necessitar algo. E não se preocupe, asseguro que o manterei informado à medida que escute notícias.

Isso não o fazia sentir tranquilo. Só o fodia ainda mais.

Aproximou-se da porta, deteve-se e olhou para trás.

—Phineus estava no certo. A maioria da gente não seria tão indulgente depois do que fez Gryphon. É um homem especial, Titus.

Não, não o era. Estava maldito. E não só sabia o porquê, também sabia que o merecia.

—Guarda seus elogios para alguém digno. —Fechou os olhos, bloqueando o olhar desses olhos muito gentis enquanto tratava infernalmente de não ouvir seus pensamentos. — Somente sei o que se sente ser atormentado pelas vozes. E confia em mim a tua e a de todos outros não são nada em comparação com a voz que atormenta Gryphon. Não desejo essa merda a ninguém.

***

Um calafrio sacudiu o corpo da Maelea. Surpreendida, despertou. A confusão a golpeou enquanto os olhos se acostumavam à estranha luz. Algo duro pressionava a cara. Apoiando uma mão por debaixo dela, incorporou-se e olhou ao redor.

A caverna. A catarata subterrânea. O rio. O intento de escapar da colônia dos mestiços. Gryphon.

As lembranças se precipitaram como uma onda e apagaram seu ânimo. Não fora um sonho depois de tudo.

Moveu-se para sentar, entrou em pânico. Algo caiu do ombro. Olhando para baixo, deu-se conta de que era sua camiseta. Estava usando nada mais que o sutiã e a calcinha, a calça e a camiseta ainda ligeiramente úmidos, colocados em cima como uma manta.

Recolheu a roupa e esquadrinhou a escura caverna iluminada só pela luz verde do fundo do lago. Nada se movia a seu redor. Nenhum som, exceto o que fazia o eco de uma corrente de água. Não havia sinais de que, alguém além dela, tivesse estado aqui.

Não tinha nem ideia de quanto tempo passou ou quanto tempo dormiu, mas o fato de que sua roupa estivesse ainda úmida disse que não havia passado muito tempo.

Levantou-se com as pernas trêmulas, colocou a camiseta de manga longa negra e notou que a roupa de Gryphon desaparecera.

Um estalo ressonou em algum lugar à direita antes que pudesse perguntar-se aonde ele fora. Girou nessa direção com os pés descalços, com as mãos empurrando a camiseta para baixo. Escutando atentamente, esperou, mas o som não se repetiu.

A imaginação. Tinha que ser. A lógica dizia que Gryphon provavelmente a abandonara quando dormia. Agora que estavam longe dos sentinelas mestiços e se esquentou, já não necessitava mais dela. Deveria sentir-se liberada por esse fato também queria afastar-se dele

Então por que não o sentia assim? Com a irritação crescendo, agarrou a calça e colocou o pé na perna da calça direita. Um estalo se repetiu em algum lugar próximo outra vez.

Levantou a cabeça. As mãos congelaram no objeto.

—Gryphon?

Mais estalos se repetiram nas sombras. O ritmo cardíaco da Maelea se elevou freneticamente enquanto explorava a escuridão inquietantemente iluminada, em busca da fonte do ruído.

—Está assustada — sussurrou uma voz rouca.

A adrenalina de Maelea subiu. Definitivamente essa não era a voz de Gryphon. Não estavam sozinhos aqui embaixo depois de tudo. Subiu a calça a toda pressa e abotoou.

—Assustada está bem, sempre e quando for saborosa — disse outra voz, esta vez também áspera, mas mais profunda.

OH, merda. Maelea brigou com as botas. Empurrou um pé, logo o outro, todo o tempo explorando a escura caverna para detectar os sinais de quem ou o que estava ali.

Um som de farejo se ecoou. Continuando…

—É uma fêmea.

—Não tivemos uma fêmea em anos!

Com o pulso acelerado, Maelea esquadrinhou o entorno procurando algo para usar como arma. Só que, merda, não havia nada. Nem pedras soltas, nem ramos, nada ao que agarrar-se e balançar ou lançar para defender-se.

Olhou o rio. Apesar de estar malditamente gelado, teria que fazê-lo, saltaria de novo e se deixaria levar rio abaixo.

Ecos de arrastar os pés, seguidos por mais estalos. Maelea avançou para o rio quando um gnomo da altura de um metro apareceu desde detrás de uma rocha e a olhou piscando com olhos grandes e felinos.

Ela vacilou, porque o que devolveu o olhar não era o monstro que esperava. Em todo caso, era lindo. Orelhas bicudas, um queixo largo, e um nariz que se moveu de lado a lado. Sim, tinha escamas e garras largas, mas a forma em que se agarrava à rocha, a forma em que esses olhos pareciam fazer-se maiores quanto mais a olhavam, era como se tivesse mais medo dela, que ela dele.

—Não a chateie! —sussurrou uma voz detrás da rocha.

Um pouco da adrenalina diminuiu. Tratou de olhar ao redor da criatura para a voz de detrás. Ainda não podia ver nada mais.

—Quem... quem é?

—Fala — sussurrou o que estava detrás da rocha, seus nódulos se voltaram brancos. — O que faço?

—Não responda.

OH, sim. Estavam definitivamente assustados. Maelea deixou escapar um suspiro de alívio. Estava em um mundo sobrenatural. Sabia que havia criaturas no mundo que os humanos habitualmente não viam. Isso não significa que sejam automaticamente más. Olha.

—Não vou machucá-los.— disse— Por que não vêm à luz para que possa vê-los melhor?

A criatura ficou olhando-a uns longos segundos. Então o estalo ressoou de novo, e com cautela, o outro se colocou ao lado do primeiro.

OH, homem. Eram realmente lindos. O segundo inclusive tinha uma mecha de cabelo branco na parte superior da cabeça, entre as orelhas bicudas.

Ocorreu uma ideia, talvez soubessem o caminho de saída.

—De onde vêm os dois?

—Está-nos falando — disse o primeiro, inclinando-se ao segundo. — O que devemos fazer?

O que tinha o penacho branco no alto da cabeça olhou-a com os olhos entrecerrados. Logo passou a língua pelos lábios, deixando ao descoberto afiados dentes manchados de amarelo.

—Vamos comer meninos!

Uma rajada de movimento soou das rochas a suas costas. Então pelo menos mais de dez criaturas escamosas saíram das sombras. Todos mostrando os mesmos dentes afiados, todos a olhando como se fosse o almoço.

Maelea ficou sem fôlego e cambaleou para trás.

—Agarrem-na — incitou o da mecha branca.

Maelea gritou. Com a adrenalina a uma escala além deste mundo, deu a volta e pôs-se a correr. Lançando-se ao redor de pedras e pequenos atoleiros cheios de líquido verde escuro, tratou de não pensar em quantos a seguiam. O estalo de centenas de unhas nas rochas ressoava atrás, a ansiedade disparou à estratosfera. Correu mais rápido, tratou de não escorregar nas pedras lisas sob os pés, dobrou uma esquina, e golpeou a cabeça em algo duro.

Isto não era duro. Era sólido, quente e muito masculino. Ricocheteou e caiu ao chão de traseiro. Antes de poder levantar-se, uma grande mão a envolveu o bíceps, arrastou-a para cima, e a empurrou detrás dele.

—Fique atrás! —gritou Gryphon.

As criaturas correram para eles, suas garras estalaram através das rochas, ecoando no enorme espaço. Gryphon se arqueou para fora com a espada e cortou o peito da primeira, o da mecha de cabelo branco. Esta assobiou e saltou para trás, logo gritou como se queimasse e desabou no chão. Gotejava sangue verde a seu redor. Os outros patinaram até deter-se e vaiaram em direção a Gryphon. Mas em vez de avançar, precipitaram-se para as sombras e desapareceram, deixando à criatura ferida retorcendo-se no chão.

Com as mãos apoiadas contra a parede de pedra à suas costas, Maelea olhava Gryphon com os olhos muito abertos, incapaz de acreditar o que acabava de presenciar. Voltou-se e a agarrou pelo braço de novo com sua mão livre, arrastando-a longe do corpo.

—Temos que nos pôr em movimento.

—Q-que diabos foi isso?

—Kobaloi — disse enquanto avançava.

Seu passo era mais rápido que o dela, e lutava por manter o ritmo.

—Koba, o que?

—Gnomos anões. Vivem clandestinamente. Maldição, deveria ter esperado isto quando vi o

therillium na água.

Dobraram uma curva, seguindo o rio a seu passo pela caverna. Movia os olhos de direita e esquerda, com a mente tratando de dar sentido ao que estava passando.

—O que é therillium?

—Um mineral. Responsável pela luz verde que se vê na água. Isto... —Soltou o braço e tirou uma pedra do bolso. Brilhava verde na palma de sua mão quando ele a entregou. Era fria ao tato e mais pesada do que esperava. — É o metal com o que se forja a capa de invisibilidade do Hades.

Maelea se deteve em seco. Ficou olhando a pedra verde que brilha intensamente na mão. Quando Gryphon se voltou para ela, seus olhos se encontraram, e o temor percorreu a espinha dorsal.

—Como sabe isso?

—Porque quando se esquenta, tudo o que toca se volta invisível. E aquelas coisas dali? Os kobaloi? A lenda diz que protegem as reservas e as minas do Hades para ele.

Maelea deu a volta e ficou olhando a escura caverna que acabavam de atravessar. Tragou saliva. Estavam provavelmente a um quilômetro e médio clandestinamente. Tão perto do Inframundo como ela alguma vez esteve. E agora mataram a um dos seguidores do Hades.

O pânico a consumia. Deixou cair o mineral. Passou empurrando Gryphon e saiu correndo. Aonde se dirigia, não sabia. Só tinha que sair. Acreditou que Gryphon a usasse como refém para escapar era a pior coisa que podia acontecer? Isto o superava com acréscimo.

—Maelea! Filha de puta.

Fez caso omisso da voz de Gryphon atrás dela, balançava os braços enquanto corria passando rochas, girando nas curvas, seguindo a luz verde do rio. Tinha que sair. Tinha que chegar à superfície. Queridos deuses, tinha que chegar antes que Hades a encontrasse.

Dobrou a esquina, tropeçou com uma pedra e golpeou o chão com um grunhido. Encolhendo, incorporou-se e se encontrou cara a cara com um crânio enegrecido.

Abriu os olhos como pratos. E um grito escapou da boca antes que pudesse detê-lo.

Um som metálico desde atrás. Mãos que a agarraram pelos braços, atirando dela para cima e girando-a até que o grito foi afogado por um amplo peito coberto por uma camiseta úmida, e essas mãos grandes, masculinas atiraram para abraçá-la.

—Quieta. Tranquila, maldita seja. Eles vão ouvir.

Eles.

Essa palavra aniquilou o grito, provocou que todos os músculos do corpo paralisassem.

—Isso está melhor — disse Gryphon massageando o couro cabeludo. — Respira. Assim. Skata, é uma mulher infernal.

Passou a grande mão pelas costas e utilizou os grossos dedos de sua outra mão para enredá-los no cabelo e deslizar através do couro cabeludo. Lá onde ele tocasse um formigamento se incendiava e a envolvia em seu calor. O mesmo calor que sentiu quando a sustentou antes. Sabia que tinha que empurrá-lo, que estava aqui embaixo, perto do inferno, graças a ele, mas não podia. Seu corpo duro e quente era sólido e real. Reconfortante de uma maneira que não esperava e que agora mesmo não queria expor-se. E suas mãos... eram como magia. Arrancando o temor

lentamente polegada a polegada.

Loucura. Estavam provavelmente sendo perseguidos, e em qualquer momento Hades poderia aparecer na terra e aniquilá-la. Por não mencionar o fato de que tudo o que sabia sobre Gryphon gritava que lhe faltava uma parafuso. Mas ele não parecia estar louco neste momento. De fato, ela atuava mais como uma psicopata que ele. E quanto mais tempo a abraçava, mais queria que não a soltasse. Com as mãos apertadas contra seu musculoso peito, fechou os olhos e afundou em seu toque. Lutou por desacelerar o pulso. Tratou de encontrar o controle.

A mão nas costas se deslizou, à curva da parte baixa e riscou pequenos círculos ao longo dos pontos de pressão por cima das nádegas. Isso a relaxou, fez que sentisse os membros como gelatina. Seu aroma couro, almíscar e o leve toque de cítricos assaltou o nariz, cheirava muito condenadamente bem. E quando seu peito roçou o fino tecido da camiseta, os mamilos endureceram.

O calor estendeu mais abaixo antes que pudesse detê-lo. Pelo abdômen, ao berço da virilha. Aquele espaço entre as pernas. As lembranças de seu corpo meio nu sob a luz verde, precipitaram-se através da mente. Não podia deixar de recordar o que sentiu enquanto esteve sentada escarranchada sobre seu colo. Como esteve excitado. Tão duro. Tão grande.

Engoliu em seco. Tentou que o cérebro parasse de imaginá-lo completamente nu. Não pôde. Apostava que seria grosso, dominante, delicioso. Embora não gostasse do desejo que repentinamente percorria seu corpo, sabia que procedia do fundo dela. Da escuridão do Inframundo que residia em seu interior. Sentia-se cativada pelo vil e malvado, e parecia ser atraída por ele, mas como, junto com o pânico e a ansiedade que já sentia, era muito forte. Sempre foi capaz de lutar contra a atração antes, mas isto... a forma como reagia a ele, seu sequestrador, pelos deuses... era diferente. Isto a abrasava. Consumia. Tentando-a para que tomasse uma amostra e, por uma vez, deixasse ir.

Deuses, ela o queria. De repente, era o quão único podia pensar. Deixar-se ir com ele. Ser tão depravada e egoísta como seus pais. Representar cada fantasia pornográfica que teve durante os longos e solitários anos, pateticamente vazios de sua vida.

Um gemido escapou antes inclusive de dar-se conta de que fez um ruído. Contra o ventre, sua ereção se inchou e endureceu tal como tinha feito antes. Só que esta vez não tinha medo. Sentia-se excitada. Emocionada. Viva. E quando ela conteve o fôlego e o manteve, a mão dele se deteve em cima da fenda do traseiro.

O que faria se o tocava? Se Deslizasse a mão por seus duros abdominais como pedras e roçasse os dedos sobre seu pênis? E se o agarrava ali? Se acariciava seu pênis?

Um milhar de fantasias rodou pela mente, cada uma mais perversa e erótica que a última. E embora soubesse que não era o momento, que ele não era nem de longe o homem a quem deveria estar reagindo, não podia deixar de desejar seu corpo. De desejá-lo. De necessitá-lo. Muitos anos de negação de si mesma foram unindo-se para fazê-la perder o fraco agarre por controle. E essa escuridão interior a escuridão que era atraída por ele, estava ganhando sobre o bom senso que devia prevalecer.

—Um... Maelea...

Sua voz, escura, áspera, tão condenadamente sexy, deslizou sobre a pele com seu fôlego, trazendo para a vida lugares em seu interior que não sabia que estavam mortos. Fechou os olhos, moveu-se para ele, e soube que estava a ponto de perder a batalha.

Capítulo 6

Gryphon ficou quieto como uma pedra, sem saber o que dizer ou fazer.

A voz que esteve provocando-o de novo enquanto procurava uma saída, de repente fora embora. Substituída só por esse zumbido baixo, irritante como o inferno, mas manejável. E OH, deuses, agora mesmo nem sequer importava o zumbido, porque o corpo quente da Maelea se apertava contra o seu, inflamando a virilha e distraindo-o de tudo exceto dela.

Skata, não se atrevia a mover-se porque então seria dolorosamente óbvio que tinha uma ereção do tamanho do Monte Etna não era que ela não pudesse sentir já a maldita coisa empurrando contra seu ventre, mas também porque sabia que se se movia agora mesmo, a fricção contra o pênis poderia simplesmente ser demais. Respirou fundo. Tentou desesperadamente lutar contra a necessidade. Entretanto, só um pensamento prevalecia.

Inferno sangrento, desejava-a. De qualquer forma que pudesse conseguir. Queria empurrá-la contra a parede de pedra atrás de suas costas e saquear cada centímetro de seu corpo até que ela gritasse. Então, queria fazê-lo uma vez mais.

As fantasias alagaram a cabeça. Seguidas da dura bofetada da realidade.

Isso não era boa ideia. Tinha medo, maldição. Antes não queria nada mais que afastar-se dele. Não era estúpido. Havia algo nela que interferia com aquela voz. Cada vez que se aproximava, atenuava, outorgando a oportunidade de pensar. Exceto, homem, que quando estava tão perto, havia só uma coisa em que podia pensar.

Disse a si mesmo que deixasse de pensar com o pênis. Ela poderia ser a chave para encontrar a Atalanta. Poderia usá-la para manter a prudência enquanto a caçava. Mas a única forma de assegurar sua cooperação era dando a impressão de que estava a salvo com ele, mesmo que não fosse verdade.

Deu um passo atrás, com a intenção de pôr distância entre eles, mas a mão dela se deslizou do peito até o abdômen, e ficou quieto de novo. Seus dedos eram quentes, seu toque seguro. E enquanto arrastava uma linha quente e necessitada pelo estômago, acendendo todas as terminações nervosas de seu corpo, todo o fodido "senso comum" saiu voando da cabeça.

A necessidade venceu o controle. Agarrou a mão pelo pulso e a empurrou para trás até que suas costas se chocou contra as rochas. Seus olhos aumentaram. Seu fôlego entupiu. Mas não havia medo em sua cara, só excitação. A mesma cega excitação que o consumia. Uma débil voz em sua cabeça gritou *Não!*, Mas não fez conta. Morria por conhecer seu sabor. Precisava saber se era tão bom como seu aroma.

Baixou a boca à sua. Sentiu que ela ofegava surpresa. Mas não o apartou, tal e como

imaginava. Seus lábios eram suaves. Seu calor, embriagador. Beijou-a, sentindo que a pressão no peito se aplacava pela primeira vez em meses. Beijou-a de novo, essa vez com mais insistência. E, então, ela abriu a boca sob a sua, deslizou a língua dentro e gemeu contra ele… algo que nem em um milhão de anos teria esperado.

Qualquer refreamento que possuísse, rompeu-se rapidamente.

Sua língua estava escorregadia e molhada e se enredou com a sua antes que pudesse encontrar o equilíbrio sobre as rochas. Seus mamilos roçaram o peito. Duros, rígidos, pedindo atenção. Cravava os dedos nos bíceps, o arrastando mais perto. Respondeu aproximando-se mais a ela, pressionando-a contra as rochas, empurrando o endurecido pênis contra seu estômago.

Um estrondo ressonou na cova. Ele se separou de sua boca e olhou para baixo para ver o crânio enegrecido rodando entre as rochas, de onde o chutou acidentalmente com a bota.

Ela ficou rígida contra ele e ficou olhando o crânio com os olhos bem abertos enquanto seu peito subia e baixava com rápidas respirações. Então murmurou:

—OH, deuses!

Seu rosto empalideceu e levou a mão à boca como se estivesse a ponto de vomitar.

O estômago deu um tombo. Merda, o que estava fazendo?

Soltou-a e imediatamente retrocedeu um passo. Limpou o suor da testa e tratou de acalmar o pulso acelerado. Skata, esteve a ponto de tomá-la contra as rochas, tal e como imaginou. Tal como prometeu que não faria. Deu a volta, agarrou o cabelo e puxou com força com ambas as mãos até que o ardor foi tudo o que sentiu. Até que isso matou qualquer néscio desejo que o atormentasse e já não sentisse mais a tentação de tocá-la.

—Que foi isso? —perguntou ela em voz baixa.

Uma estupidez. Uma falta de autocontrole. O monstro no que se converteu sem se importar a quem machucava, sempre e quando conseguisse o que queria.

Esclareceu garganta.

—Não estou certo. Não tinha a intenção de…

—Não — disse rapidamente, suas botas repicando sobre as rochas atrás de suas costas. — O esqueleto. Era…? É humano?

Sua pergunta interrompeu os pensamentos de autodeprecio. Perguntando-se que demônios perdeu, voltou-se e a estudou de um bom metro e meio de distância. Não o olhava. Observava fixamente os restos, com o cabelo negro caindo sobre os ombros e cobrindo parcialmente seu rosto. Mas não parecia assustada… ao menos, não dele. Em todo caso, parecia… nervosa pelo que tinham encontrado.

—Sim, é humano — respondeu, ainda olhando-a em busca de qualquer indicação de que a assustara.

Não pôde ver.

Ela se ajoelhou, com uma mão sobre o joelho, e estudou os restos carbonizados, cuidadosa, notou, de não tocá-los.

—Parecem… queimados. Mas aqui? Como é possível?

Não tinha uma resposta que tivesse sentido. Só sabia que o pobre tipo teve mais má sorte

que eles.

—Provavelmente terminou aqui da mesma forma que nós. —Feliz de que não iria mencionar o beijo que ainda seguia ressoando até nos dedos dos pés, inclinou-se e elevou a espada que deixou cair. — Encontrei os restos antes, quando comprovava os arredores. É onde consegui isto.

Ela jogou uma olhada por cima do ombro e observou a espada na mão. Seu cabelo era um matagal escuro e selvagem ao redor de sua cara, os lábios ainda inchados e vermelhos por sua boca, e seus olhos estavam claros. Claros, fascinantes e completamente hipnóticos, provocando-o para que se aproximasse de novo.

—Há uma mochila. Olhou dentro?

Deslizou o olhar de seus olhos ao reto e aristocrático nariz, depois a seus lábios. Carnudos, suaves, tal malditamente eróticos. Imaginou aquela boca descendo por seu corpo, beijando o umbigo, deslizando mais abaixo para abrir-se e…

—Gryphon?

Piscou. Compreendeu que a mente voou longe de novo. Skata, se não estava escutando vozes, estava metido em um fodido mundo de fantasia. Sacudiu bruscamente a cabeça e deu uma forte palmada na testa, com a esperança de recolocar algo solto. Tinha que conseguir controlar-se, digamos já.

—Não, ouvi você gritar e voltei por você.

Ela o olhou como se tivesse um terceiro olho. Mas isso estava bem. Com isso podia lidar. Isso, ao menos, era mais normal. Foi enquanto o olhava como se fosse uma autêntica pessoa que as coisas caminharam direitinho à merda.

Seu olhar saltou além dele, à escuridão da caverna por onde vieram, e estremeceu. Quando se voltou de novo para os restos e agarrou a mochila que pendurada de um lado do esqueleto, viu que sua mão tremia.

—Crê que se foram?

Falava dos kobaloi. Olhou para trás e não viu nenhum sinal de que os seguiram. Mas isso não significava que estivessem a salvo.

—Sim — mentiu, não do todo seguro do por que se importava que estivesse assustada ou não. Ela não era seu problema. — Acredito que demonstramos que não devem meter-se conosco. São travessos elfos-gnomos. Gostam de causar problemas, zombar da gente, mas isso é tudo. Duvido que sejam violentos.

Não pareceu muito convencida, mas quando girou para jogar uma olhada sobre os restos, reparou na forma como colocava o negro cabelo detrás da orelha, a forma como a luz captava a delicada linha de sua mandíbula, a forma em que inclusive vestida completamente de negro e aquelas ridículas botas, era suave, feminina e tentadora como o inferno.

Skata. Estava perdendo a bendita cabeça. Que diabos fazia? Era um meio para um fim, nada mais. Quanto antes recordasse isso, melhor estaria. No que deveria estar focado era no fato de que se via absorvido em uma luxúria insana por ela, quase esquecendo que não estavam sozinhos nessa caverna.

Deslizou a espada na bainha cruzada das costas e permaneceu calado enquanto ela

manuseava a mochila e tirava uma carteira. Tentou desesperadamente recordar o que Orpheus dissera sobre ela naquelas miseráveis horas que seu irmão se sentou em seu quarto e tentava animá-lo enquanto olhava fixamente através da janela, desejando poder apunhalar os tímpanos. De algum jeito estava vinculada aos deuses, mas não podia recordar a quais. Não era uma deusa em si mesmo, mas foi quem disse ao Orpheus onde estava o Círculo do Krónos.

E se tinha arrojado algum tipo de magia? E se jogava com sua cabeça? Tentava escapar da colônia essa noite. Não sentiria saudades que usasse todos os meios dos que dispusera para livrar-se dele. Passou de assustada como merda, a rainha da ira, a completamente excitada, mais rápido do que ele podia cintilar Argolea. Algo estava mal com essa mulher. Algo que enviava um calafrio de apreensão pela coluna vertebral.

Ela abriu a carteira. Essa também estava enegrecida e desvencilhada, como se tivesse sido queimada, mas o conteúdo de dentro ainda era legível. Girou-a para que assim ele pudesse vê-la.

—Vladimir Aristov. Parece russo.

Com cautela, tomou a carteira de sua mão, ignorando a forma em que o calor formou um arco entre os dedos. Ignorando o fato que simplesmente esse pequeno contato o recordou como a sentiu, toda quente e molhada entre ele e essas rochas.

—É. Aristov… Esse nome me parece familiar.

Maelea ficou de pé junto a ele e cheirou o jasmim, recordando a onda de calor que o tinha feito cair em picado só momentos antes. Quis tornar-se para trás, mas não havia nenhum lugar onde ir, exceto o rio gelado. E não a jogaria com isso de novo.

—Não era Aristov o nome do Misos que construiu o castelo? —perguntou ela. — No que se aloja a colônia? Estou segura de que há uma placa comemorativa na biblioteca.

Os olhos de Gryphon deslizaram pelos enegrecidos restos do esqueleto e o entendimento aflorou.

—É por isso que nunca ninguém encontrou a colônia.

—O que está…?

Ele tirou o mineral do bolso. Que ela deixou cair antes, quando estava assustada e deixou seu traseiro atrás.

—Deve ter baixado até aqui e tomar amostras de reserva. Quando o material esquenta, algo que esteja tocando se torna invisível. Aposto dez dólares a que há uma sala cheia disto no castelo. —Olhou para cima e ao redor, um novo comichão deslizando pela coluna, um que não tinha nada que ver com o desejo e todo que ver com a urgência. — Não é a montanha ou o lago o que protege a colônia, é o mineral. E isso significa que há algum tipo de acesso entre o castelo e esta caverna. Um acesso muito mais fácil que pelo qual chegamos.

Filho de puta. Tinham que ir antes que Nick e seus homens os alcançassem. Perderam um tempo precioso entrando em calor, secando a roupa e beijando-se.

Não mais fodidos beijos. Não com ela. Agora não. Nunca. Não ia voltar para inferno dessa colônia. Não por culpa dela. Independentemente do que provocava, isso terminava aqui.

Voltou-se para dizer exatamente isso, quando a inquietação deslizou por sua cara e ela olhou ao corpo perto de seus pés.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

—Então, o que acontece ele? Todas as histórias que escutei diziam que Aristov jamais chegou a viver aqui. Se o fez…

—Então encobriram sua morte.

Preocupada o olhar de Maelea disparou para ele, depois deslizou lentamente de novo aos restos.

—Que mais há aqui embaixo que queiram manter em segredo?

Um estalo ressonou detrás deles. Seguido por sussurros flutuando no ar. Muitos deles.

Maelea se esticou e observou a escuridão além dele. E congelou.

Merda.

Pouco a pouco, Gryphon também girou. Então jurou de novo quando uma dúzia de olhos saltados devolveram o olhar da escuridão.

Pensou que tinham que sair dessa maldita caverna para afastar-se dos homens de Nick? Pensa outra vez. Agora mesmo tinham que encontrar uma saída para não serem devorados pelos quarenta ou cinquenta kobaloi que esperavam comê-los vivos.

—O que fazemos? —sussurrou Maelea a seu lado.

—Correr como o inferno.

***

O coração de Maelea pulsava com força no peito enquanto balançava os braços e impulsionava as pernas para diante. As botas escorregaram sobre as rochas molhadas, mas se estabilizou no segundo último, evitando cair. Detrás dela, Gryphon gritou:

—Move o traseiro, mulher!

Estalos e ruídos de arranhões ressoavam em todas as direções. Como se estivessem sendo perseguidos por ao menos cem kobaloi, talvez mais. O pânico alagou o peito. O resplendor verde do rio iluminava a caverna cada vez mais estreita. Mais adiante, o rio serpenteava para a direita, desaparecendo na escuridão. A cova se reduziu a só uma arcada sobre o rio, sem nada mais que escarpadas paredes de rocha elevando-se a cada lado.

Acabava o chão. Não havia nenhum lugar aonde ir.

Diminuiu os passos. Aquele pânico oprimia o peito até que logo que podia respirar. Antes que pudesse dar a volta e olhar para trás, Gryphon agarrou seu braço e gritou:

—Salta!

Atirou-a com ele à gelada água. A cabeça inundou. Emergiu cuspindo água, agarrando pelo braço de Gryphon enquanto a corrente os apanhava e os lançava rio abaixo.

O braço de Gryphon rodeou a cintura e a larga e dura longitude de seu corpo se apertou contra o seu. Os chiados ressoaram da borda. Um olhar por cima do ombro confirmou que os kobaloi estavam de furiosos, saltando acima e abaixo, vaiando e agitando os escamosos braços para o rio. Mas nenhum fez o esforço de saltar e segui-los.

O alívio foi agridoce. Um calafrio sacudiu o corpo enquanto passavam por debaixo da arcada e entravam em um túnel de teto baixo. Agarrou-se com mais força a Gryphon com a esperança de

que seu calor de seu corpo a impedisse de morrer de frio.

—E agora o que? —pôde dizer entre o ranger dos dentes.

—Não sei.

Ele agarrou a espada com uma mão. A outra a deixou envolvendo apertadamente o corpo, sustentando-a perto. Enquanto estudava o túnel em busca de alguma via de escape, ela se tornou para trás e lançou uma boa olhada a seu rosto. Possivelmente a primeira boa olhada desde que esse pesadelo tinha começado.

A água gotejava pelo cabelo loiro avermelhado pego à cabeça, deslizando-se por suas têmporas e ao longo de suas cinzeladas maçãs do rosto. Sua pele estava pálida não tão branca como a sua, mas obviamente não tinha visto a luz do sol em meses e um pouco de barba loira cobria sua forte mandíbula. Tinha um nariz reto e um pequeno sinal de nascença perto da têmpora esquerda, e sua íris… eram do azul mais fascinante que já tinha visto. Luminosos, sem brilho… como um céu do verão durante uma manhã limpa.

Atraente. A palavra saiu de nenhuma parte. Reverberou na cabeça. Se não tivesse aquele olhar morto nos olhos, pensaria que era bonito. Se o visse em alguma outra parte como na rua atrás de sua casa em Seattle, provavelmente se sentiria atraída por motivos puramente físicos.

Sua cabeça girou em sua direção e olhar se fixou no seu com uma intensidade que atravessou o coração. Conteve o fôlego mesmo quando o puxão para ele se intensificou. Aquele que agitava a escuridão em seu interior com excitação.

—Olhava-me fixamente.

—Eu só… — Mas não tinha uma réplica válida, já que fizera.

E a quem queria enganar? Sentia-se atraída por ele agora mesmo, apesar das coisas vis que sabia dele. Por causa das coisas vis que sabia dele.

Apartou o olhar rapidamente, mas não o soltou. Nem sequer ela era tão estúpida. Outro calafrio percorreu a pele.

—Onde acredita que vai isto?

—Não sei — repetiu enquanto saltavam na corrente. — Mas até que isto se abra, tudo o que temos é o um ao outro.

Esse não era precisamente um pensamento reconfortante. Mas aquela escuridão dentro dela se agitou de novo de todas as formas.

Flutuavam rio abaixo em silêncio. Se ele tinha frio não demonstrava, nem sequer tremia, mas sempre que ela o fazia a arrastava ainda mais perto, como se tentasse dar calor. Debaixo dos pés, o mineral no fundo do rio resplandecia intensamente, iluminando o pequeno túnel que os rodeava como se fora a luz do dia repleta de um verde ofuscante. Havia mais mineral ali, notou, como se os kobaloi não tivessem explorado a área.

O teto de rocha estava só a trinta centímetros de suas cabeças, e pela primeira vez Maelea se perguntou como diabos o túnel ao fundo da colônia cedeu em primeiro lugar, atraindo-os até aqui. Mas antes que pudesse refletir muito, um estrepitoso som ressonou mais adiante, tirando-a das reflexões.

Agarrando os ombros de Gryphon, moveu-se em seus braços para olhar. O rio parecia

agarrar velocidade e o teto subia gradualmente.

—Skata — murmurou Gryphon.

—O que? —Não foi sua maldição que fez que cada músculo do corpo ficassem em alerta, foi o modo como apertou os braços em torno dela o que disse que algo ia ocorrer.

—Não me solte.

—Por que…?

Sua voz se apagou quando viu as corredeiras. Uma rajada de cristas ondulantes brancas interrompidas só pelo ocasional resplendor verde do leito do rio. A corrente se voltou mais rápida, o som da água cresceu mais forte. Maelea apertou os braços ao redor do pescoço de Gryphon e se aferrou enquanto passavam pelas primeiras corredeiras, grunhindo quando se chocou contra uma rocha e a dor se disparou pelas costas.

—Se agarre! —gritou Gryphon por cima do rugido da água, sujeitando-a pela cintura com um braço e apartando as rochas com o outro.

Ricochetearam rio abaixo, estalando-se contra as rochas de costas e de lado, lutando por manter as cabeças por cima da água. Gryphon grunhiu e afrouxou o agarre na cintura. E logo se afundou na água com um ofego.

—Gryphon!

Maelea lutou na água enquanto ele a soltava, cuspindo e dando chutes com todas suas forças para não afundar também. Justo quando estava segura que ele se afogaria, sua cabeça apareceu um metro por diante dela.

Ele se retorceu em sua direção e ofereceu o braço.

—Se agarre!

Notou o sangue que corria por sua testa, mas não teve muito tempo para pensar nisso. Um rugido mais forte soou na distância. O verde resplendor que tinha iluminado seu caminho até agora, desvanecia-se em um nada. A escuridão se aproximou enquanto esperneava e finalmente alcançava sua mão. Seu sólido corpo estrelou contra o seu e logo a atraiu com força.

—O que é isso? —perguntou ela, o coração palpitante e o corpo tremendo tanto pela adrenalina como pelo intenso frio.

Ele escutou durante um segundo, apertou os dentes e se afastou dos penhascos com os pés para evitar golpear-se com eles de novo.

—Skata, é outra cascata.

O temor encheu o peito da Maelea. Tiveram sorte de sobreviver a que já tinham atravessado. Com a quantidade de rochas ali e as corredeiras, jamais passar por outra queda abrupta.

Explorou desesperadamente a nova cova a que chegaram. Era quase tão negra como a boca de um lobo, com apenas umas poucas rochas resplandecentes pulverizadas de forma irregular pelo fundo do rio. Entortou os olhos, tentando distinguir o entorno. O teto estava mais alto. Um pequeno suporte corria com o passar do bordo da água. Não muito grande, mas o suficiente para que talvez, se conseguissem chegar, pudessem sair da água antes que entrassem na cascata.

—Olhe! Ali!

Sua cabeça girou na direção que assinalava e viu como seus olhos se aumentavam ao igual aos dela.

Luz do dia. Filtrando-se pelo teto ao fundo pela direita.

—Vamos! —Já a arrastava nessa direção. — Nade com força!

Maelea pensou que as pernas cairiam pelo esforço que levou nadar contra a corrente. Os braços doíam e tinha o peito tão frio que tornava difícil respirar. Mas quando alcançou a cornija, quando compreendeu que a luz estava só a três metros de altura, por cima de um pendente dentado que facilmente poderiam escalar, a esperança e uma explosão de energia a impulsionou a seguir.

Gryphon se arrastou fora da água, deixou cair à espada a seus pés e girou para alcançá-la. Sua mão se deslizou na sua. Ela apoiou as botas contra as rochas da borda e esticou todos os músculos, lhe ajudando o melhor que pôde.

—Vamos — disse ele. — Quase estamos.

Mal podia acreditar. Em alguns minutos estariam fora desta cova. E mesmo que tivessem compartilhado esta loucura e o beijo "que nunca deveria ter ocorrido", estava agradecida de ver-se livre dele também. Devido a essa escuridão dentro dele, a esse belo aspecto e a essa maneira de senti-lo tão deliciosamente perfeita contra a pele? Era uma tentação que não necessitava. Não se quisesse chegar ao Olimpo. Não se quisesse sobreviver.

Alavancou-se para cima, grunhindo pelo esforço. A metade de caminho, com o torso encarapitado às rochas e as pernas pendurando no frio líquido, um assobio ressoou na escuridão.

Capítulo 7

Agachado junto ao rio, com a água gotejando do corpo e as mãos envoltas ao redor dos braços da Maelea para arrastá-la fora, Gryphon congelou. Não tinha que girar-se para saber o que havia detrás dele. A única pergunta era onde e quantos.

Maelea devia ter lido a mente, porque desviou seu olhar por cima do ombro direito e os olhos aumentaram ainda mais.

Bom, isso significava mais de um. A sorte não estava melhorando. Apertou a mão para chamar sua atenção. Quando seus olhos cheios de medo se cravaram de novo nele, baixou o olhar para as rochas, dizendo em silêncio que não fizesse movimentos bruscos quando a soltasse.

Um leve movimento de cabeça foi toda a confirmação que necessitava. À costas, outro assobio ressonou, seguido pelo estalo de dúzias de unhas contra a pedra.

Soltou-a, agarrou a espada e girou, formando um arco antes que o primeiro kobaloi pudesse atacar. Um grito soou quando atravessou a um no peito, seguido por outra série de assobios e grunhidos enquanto investiam.

Deslocou-se com a espada, chutou e golpeou de uma criatura a outra. Um grunhido soou enquanto caíam. Estava mais escuro aqui dentro, filtrava-se muito pouca luz do alto e não estava

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

seguro da quantos abatera, mas quando Maelea gritou a suas costas, soube que quanto mais tempo se detiveram, mais chegariam.

—Se agarre a mim!

Ela tinha saído completamente da água. Seus dedos aferraram a parte traseira da camiseta. Ela soprava enquanto ele continuava lutando e seguia adiante, arrastando-os mais perto da luz. O agarre esticou sobre a camiseta e ela quase perdeu o equilíbrio antes de endireitar-se de novo. Ossos rangendo contra a rocha ressoaram na escuridão, junto com mais grunhidos e assobios, sentiu Maelea deslizando-se. Deu-se conta que ela também estava lutando. Chutes, murros, fazia todo o possível para conseguir derrubá-los também.

Chegaram ao pendente. Girou, empurrou-a entre ele e as rochas e gritou:

—Sobe!

Um rugido sacudiu a caverna, a vibração quase derrubando Gryphon. Maelea se sujeitou às costas para estabilizar-se. Os kobaloi detiveram o ataque, as cabeças girando na direção do som. Com a espada sujeita com as duas mãos, Gryphon olhou para a direita também, para um túnel escuro que voltava para a vida com um resplendor vermelho fogo que parecia estar crescendo em intensidade.

As vibrações sacudiam o chão. Outro rugido ressonou na cova. Os kobaloi chiaram como se tivessem medo, sussurravam e saltavam para trás.

—Que é isso? —perguntou Maelea desde atrás, seus dedos tremiam contra a coluna vertebral.

—Não sei — mas fosse o que fosse, era grande. Vinha diretamente para eles.

Não tinham tempo para tolices. E Gryphon não esperaria para ver que diabos era.

—Vamos! —gritou, empurrando-a para o pendente.

As rochas retumbaram quando ela cravou os pés em um montão solto e subiu pela ladeira, em direção à franja de luz a só um metro e meio de distância agora. Seguiu tratando de não torcer o tornozelo sobre as pedras e escorregar de volta colina abaixo. Três kobaloi se aproximaram ao perceberem que estavam a ponto de escapar, gritaram e atacaram, inclusive quando o resto das criaturas se lançava longe da ameaça que se aproximava. Gryphon girou, formando um arco com a espada, alcançou a um atravessando a garganta. A criatura caiu ao chão. Outra vaiou e investiu.

—Maelea!

—Estou aqui! —gritou.

Mais pedras brutas caíram pelo pendente, golpeando na cara enquanto lutava. Chutou e golpeou ao kobalos mais próximo os enviando colina abaixo até que aterrissou com um rangido de costas. Ao outro lado do rio o brilho avermelhado fez erupção em chamas de três metros de alto. Então a luz alagou a caverna, cegando Gryphon com sua intensidade. Piscou várias vezes, abriu os olhos e viu o *daemon* de fogo de seis metros de altura, rodeado por um vórtice de redemoinhos de fumaça negra e chamas de fogo.

Santa Merda.

Centenas de kobaloi ao longo das bordas do rio chiaram e correram afastando do *daemon*, arrastando-se como aranhas ao longo das paredes, correndo para um buraco no teto, a única

oportunidade para escapar. O *daemon* rugiu, vomitando um jorro constante de fogo que chamuscava aos kobaloi, que enviavam gritos de agonia através da caverna; subindo a temperatura pelo menos vinte graus.

—Passei! —gritou Maelea.

Agarrando a espada com uma mão e com o outro braço mantendo o equilíbrio, Gryphon subiu pela parede de rochas atrás dela.

Os pulmões ardiam, mas chegou à saída. Entrecerrou os olhos à luz do sol. Maelea agarrou seu braço e puxou. A metade de caminho algo agarrou a perna, então uma dor cega disparou através das terminações nervosas quando umas unhas, garras ou dentes esfaquearam a panturrilha.

***

Max sabia que não deveria estar nos túneis, mas estava cansado de que dissessem o que fazer. E a forma como sua mãe ficava o olhando com esses olhos de águia o estava voltando fodidamente louco.

Meteu as mãos nos bolsos do jeans. Franziu o cenho enquanto as portas do elevador se abriam no piso mais baixo do castelo da colônia, o nível que levava aos túneis. Sua mãe estava em cima dele como se esperasse que perdesse os estribos ou algo assim. Como se tão somente estivesse esperando o momento em que escolheria por completo a Atalanta sobre ela.

O estado de ânimo obscurecia a cada passo. As paredes pareciam fechar-se em torno dele. Não era um bebê, maldita seja. Tinha matado *daemons* antes. E ninguém tinha mais motivo que ele para ver a Atalanta morta. Estava doente e cansado de que dissessem o que podia ou não podia fazer. De ser tratado como se fosse um menino. Era um Argonauta, maldita seja. Não tinha as marcas?

Ao virar uma esquina, umas vozes ressoaram por diante. As botas altas escorregaram em uma zona úmida da rocha e estendeu a mão para não perder o equilíbrio. A água escorrendo ecoou, seguido pela voz de seu pai.

—Uau! Se agarre —gritou Zander. — Isto não está funcionando. Alguém vai escorregar, cair nessa greta e morrer.

—Skata — ressonou a voz do Theron. — A corrente é ainda muito forte. Não vamos ser capazes de fazer rapel aqui, até que não consigamos represar esta água.

Outras vozes murmuraram seu acordo. Max detectou Cerek e Orpheus. Vira Demetrius no castelo falando com a rainha Isadora, colocando a par sobre a busca de Gryphon e de como Phineus seguia ajudando à mãe de Max com Titus na clínica; significava que as outras vozes tinham que ser Nick e alguns dos Misos sentinelas.

Max seguiu adiante, vacilando na curva do túnel. À frente a luz ardia. Podia ver o suficientemente longe para distinguir os corpos que bloqueavam a visão, a água filtrando-se ao redor de suas botas. Mas não podia ver a greta da que estavam falando.

—Theron — disse Zander. — Nick se foi.

Ficaram em silêncio, e Max se inclinou para frente para escutar melhor.

—Skata — disse finalmente Theron de novo. — Isso não é bom. Quanto tempo faz que se foi?

—Não sei. Estava aqui quando todos estavam tratando de deter a corrente, mas logo que chegou a ser manejável, desapareceu.

—Por que tenho a sensação de que sabe algo que nós não? —perguntou Theron.

Zander não respondeu e o interesse de Max despertou ante o silêncio resultante. O que havia ali abaixo nessa greta?

Estava tão perdido nos pensamentos que não ouviu as botas ressoando no caminho até que foi muito tarde. Deu um passo atrás no momento em que seu pai girava a esquina e parava, olhando-o com seus surpreendidos olhos chapeados.

—O que está fazendo aqui?

—Eu… eu…

—Sabe sua mãe que deixou o castelo?

—Ela…

Seu pai o agarrou pelo braço antes que pudesse responder e o levou de volta através do túnel, empurrando-o para o castelo.

—Skata, supunha-se que Phin devia manter um olho sobre você.

Os pés de Max se arrastavam para manter o ritmo. Seu pai tinha gênio, graças ao vínculo com o legendário herói Aquiles, e Max aprendeu rapidamente, depois de viver com ele e sua mãe a não pressionar ao Argonauta. Mas a curiosidade tirou o melhor dele esta vez.

—Papai, eu…

Zander atirou dele do túnel à sala de recepção cheia de fichários, logo o arrastou até as portas do elevador e pulsou o botão de chamada.

—Tome com calma com o menino — disse Theron desde atrás.

—Não se meta nisto. — Zander lançou um olhar ao Theron, depois voltou a fulminar Max com seus tormentosos olhos cinza. — Não é seguro estar nos túneis. Tem que ficar no castelo com sua mãe ou o enviarei de volta a Argolea, entende?

—Não estava tratando de…

—Sabia que era uma maldita má ideia — murmurou Zander, olhando as portas do elevador. — Disse a sua mãe que não ficaria quieto.

A boca de Max se fechou de repente. E essa ira lhe voltou a bulir quente nas veias. Mas em vez de discutir ficou quieto em furioso silêncio, enquanto esperavam o elevador.

Assim ia ser sempre. Tratavam-no como a um menino, enviando-o longe quando quão único queria fazer era ser incluído. Por que o haviam sequer resgatado da Atalanta? Todos seriam mais felizes se os deixasse, como Gryphon.

Enquanto seu pai o arrastava para o interior do elevador e a porta se fechou detrás do Theron, Max não podia evitar perguntar-se, onde estava Gryphon nestes momentos.

Bastardo com sorte. Pelo menos era livre.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

***

Um rugido saiu da boca de Gryphon. Maelea puxou com mais força, caindo sobre o traseiro com um grunhido, mas não o soltou. Gryphon chutou com tanta força como pôde e quando o kobalos o liberou, terminou de subir até a saída da caverna.

Com o coração batendo forte, arrastou-se sobre mãos e joelhos afastando-se da cova tanto quanto pôde, deixou-se cair de traseiro, tratando de aspirar ar. Tinha a espada ainda nas mãos e esperou que as criaturas ou esse *daemon* irrompessem do buraco de que acabavam de sair subindo, mas não aconteceu nada. Do interior da cova, os sons de centenas de assobios monstros foram afogados pelo rugido de um *daemon* de fogo que não deveria ser real.

Gryphon ficou de pé, agarrou Maelea pelo braço e arrastou-a, todo o tempo sem perder de vista essa abertura.

—Vamos. Temos que sair deste inferno antes que decidam nos seguir.

—Eles ou isso? —perguntou ela com os olhos muito abertos.

—Qualquer.

Manteve o ritmo enquanto corriam através do bosque, esquivando as árvores tratando de não torcer um tornozelo, centrando-se em pôr tanto espaço entre eles e a cova como pudessem. A julgar pela luz do sol brilhando através da folhagem, supôs que era meio da tarde. O ar era quente e os aromas de pinheiro e musgo, intensos. Aqui fora ao ar de finais da primavera, as roupas se secaram rapidamente e em pouco tempo aumentou a umidade, não da água desse rio subterrâneo, mas sim de suor.

Não reduziu a velocidade até que as árvores escassearam espalhadas perto da borda de um penhasco sobre o que se vislumbrava uma planície verde. Um pequeno rio serpenteava pelo vale, brilhando ao sol, corria atravessando o que parecia um assentamento humano. O sol caiu agora e se dirigia ao outro lado das montanhas.

Maelea soprou e se inclinou para frente, apoiando as mãos nos joelhos enquanto se esforçava por aspirar ar de novo. O cabelo negro caía sobre os ombros, protegendo o rosto da vista, mas tinha seus traços marcados no cérebro; esses escuros olhos, essa pálida pele, os grossos lábios de cor rosa que agora sabia que estavam destinados a muito mais que para beijar. Com o perigo longe, lembranças desses lábios, desse beijo que sacudiu seu mundo, apressaram-se à mente. Seguido por um escuro desejo que parecia intensificar-se com cada segundo que estava perto dela, o atraindo para ela como um ímã.

Quem demônios era?

—Acredita que…? —Ela engoliu e se girou para olhar para trás, respirando outra baforada de ar. — Acredita que nos desfizemos deles?

—Não acredito que nos seguissem. Penso que não veem bem à luz do sol.

Deslizou a espada dentro da capa colocada às costas, com as mãos nos quadris, observou-a enquanto assentia e regulava a respiração. Tentou não sentir-se impressionado, mas fracassou. Protegeu as próprias costas ali. Não tinha uma arma, mas de todas as formas lutou contra os koboloi. E salvou o traseiro na saída. Se não tivesse o arrastado, teria deslizado para baixo quando

essa besta o mordeu a perna. Provavelmente agora mesmo seria o almoço.

Pela primeira vez, baixou o olhar à perna, fazendo um balanço dos danos. A calça estava rasgada na parte da panturrilha e de cinco grandes feridas em forma de semicírculo emanava sangue. Ao momento detectou a dor na extremidade, mas apertou os dentes e ignorou. Curaria, não duvidava. Os Argonautas curavam mais rápido que a maioria. Desviou o olhar para os braços e ao antigo texto grego que percorria a pele, marcando-o como um guardião de sua raça. A repugnância o atravessou. Nunca mais seria um Argonauta, nem merecia sê-lo. Não depois do que fizera.

Forçando para trás as lembranças que ameaçavam surgir e consumi-lo, olhou para o vale e percebeu que a noite se aproximava rapidamente. Precisavam encontrar refúgio antes que acontecesse. Necessitavam-no para descansar e organizarem-se. E tinha que averiguar como ia encontrar a Atalanta agora que estava livre.

—Onde acredita que estamos?

A suave voz apanhou sua atenção de novo. Tinha a manga rasgada no ombro e a roupa suja, mas não viu sangue em nenhum lugar, o que era algo bom. Desde que decidiu mantê-la com ele, não necessitava que nada os atrasasse.

—Nem ideia — explorou o vale de novo. Não reconheceu. — Um caminho à colônia. Isso é seguro.

Graças às Destinos por essa pequena bênção. Não tinha a menor duvida de que Nick e seus homens estariam buscando-os. Mas se se aventuraram nesses túneis, os kobaloi os atrasariam. Não era como se alguém na colônia quisesse que Gryphon ficasse. Com um pouco de sorte Nick, Orpheus e outros só deixariam de tentar buscá-los de tudo.

Orpheus.

Pensamentos de seu irmão o percorreram. Do sacrifício que Orpheus fizera ao entrar no Inframundo para resgatá-lo. Do sacrifício que Orpheus esteve disposto a fazer saindo da colônia com ele depois do desastre de ontem. O peito de Gryphon se contraiu quando imaginou Orpheus e Skayla juntos, deslizou uma mão sobre o lugar e se perguntou que demônios tinha causado a dor. Doía como um filho de puta, mas Gryphon esteve morto por dentro tanto tempo, que não podia imaginar que fora uma emoção. Já não tinha emoções. O mais provável é que fora nada mais que um espasmo muscular. Como antes.

Maelea se ergueu em toda sua altura, o movimento chamando sua atenção, afastando o pensamento sobre Orpheus e voltando para ela. À luz do sol se via mais alta que nos túneis.

Ela não era Misos. Não podia sentir nenhuma gota de sangue de herói correndo por suas veias. O que estava fazendo na colônia esses últimos meses? Os residentes da colônia podiam ir e vir a seu desejo, não eram prisioneiros, não como ele. Sempre que tomassem medidas para assegurar-se de que não os seguissem, eram livres de fazer o que quisessem. Mas estava claro que ela tentou escapar. O que estava escondendo a mulher? Ou de quem esteve se escondendo?

—Bom — disse ela, olhando sobre o vale. — Suponho que isso é tudo então. Boa sorte aonde queira que se dirija.

Agarrou-a pela manga antes que se afastasse e a arrastou de costas para ele.

—Onde crê que vai?

—Disse-me que se cooperasse e o ajudasse a sair dos túneis, seria livre para ir. Fiz.

—Isso foi antes.

Os olhos se estreitaram com desconfiança.

—Antes do que?

—Antes de me dar conta de que a necessito. —Não perdeu o brilho de medo nos olhos dela ante as palavras, seguido pelo rápido estalo de ira. Ira que disse que mantê-la com ele, poderia não ser a melhor ideia que teve, mas não fez nada para mudar de opinião.

—Mas disse…

—Esquece o que disse antes, mulher. —Apertou a mão ao redor do braço. — Se concentre no que estou dizendo agora. Não vai a nenhuma parte. Não sem mim.

Capítulo 8

—Meu senhor, temos… um problema.

Sentado em seu enegrecido trono no centro do Inframundo, Hades desviou a atenção do ardente céu vermelho que estava contemplando para o Orcus, o gnomo de um metro vinte parecido a um troll e cujo único trabalho consistia em vigiar a essa fodida mancha[4] que era Maelea.

—Seja cuidadoso em como apresenta esse problema, Orcus, ou será quão último pronuncie.

Hades já estava de um péssimo humor. Não só sua esposa, Persephone, foi convocada de volta ao Olimpo para passar o asqueroso verão, mas também Maelea não se mostrou em meses. A mancha sabia que ele a perseguia, por isso estava escondida em algum lugar, provavelmente com aqueles patéticos Misos. Só que ninguém sabia onde estava localizada sua preciosa colônia. Teve aos cães do inferno procurando Maelea durante meses e voltaram com as mãos vazias. Nem sequer Orcus, quem sempre sabia onde estava, podia encontrá-la.

O ódio corria quente pelas veias do Hades. Já que Maelea não só ajudou Orpheus a encontrar o Círculo do Krónos, mas também ajudou aos Argonautas, ela tinha que pagar. Que se fodessem as Destinos e suas supostas regras de que ele não podia tocá-la a não ser que se aventurasse no Inframundo. Que se fodesse a inevitável reação de sua esposa. Não se importava o que isto custaria. Queria a Maelea morta e bem morta de uma vez por todas. Converteu-se em sua obsessão.

Orcus, conhecendo o grau da fúria do Hades, engoliu em seco e deu pancadinhas com suas longas unhas semelhantes a garras.

—Sim, meu senhor. Parece que Maelea se pôs em movimento.

[4] *Hades refere-se a Maelea como 'mancha', por ser a filha bastarda de Zeus e Perséfone, - referência no livro "Guardiões Eternos nº 04 – Arrebatada".*

Hades se impulsionou para diante no trono, o entusiasmo borbulhando no peito, o primeiro que sentiu em meses.

—Isso não é um problema, idiota. É o que estivemos esperando.

—Sim, meu senhor, sei. É só que…

Hades se elevou da cadeira e fulminou com o olhar à patética criatura, ao limite de sua paciência.

—Cospe já, Orcus.

—De algum modo terminou em um túnel. Ela e… um Argonauta.

Aqueles desgraçados Argonautas de merda. Sempre interferindo. Orpheus, o filho puta que se converteu em um inútil Argonauta graças a Destino, Lachesis obviamente sentia debilidade pela mancha.

—Partiram juntos?

—Isso parece — respondeu Orcus.

Um Argonauta seria de utilidade para conseguir situá-la em algum lugar, e em campo aberto, os seguidores do Hades seriam capazes de rastreá-la. Um miserável Argonauta não significava um prejuízo para o objetivo de Hades. E se Orpheus resultava assassinado no processo? Inclusive melhor.

—Ainda não vejo o problema, Orcus.

Orcus se retorceu as escamosas mãos e olhou de esquerda a direita.

—Meu senhor, o túnel no que estavam… — Tragou saliva, olhando finalmente Hades. — Era o Túnel de Arima.

Hades ficou rígido.

—Encontrou o therillium? É o que me está dizendo?

Orcus assentiu com a cabeça.

—Sim, meu senhor. Ela e o Argonauta… O encontraram e… e é possível que se levassem partes com eles.

—Sabe com certeza?

Orcus olhou à esquerda e fez um gesto com a mão. Um kobalos, primo longínquo do Orcus, entrou coxeando na habitação, suas largas unhas repicando sobre o ladrilhado chão negro.

—Meu senhor Hades. —O kobalos se inclinou. — É um prazer conhecê-lo, meu rei.

—Pule as cortesias — espetou Hades. — Diga-me o que sabe da mancha.

O kobalos elevou seus grandes e redondos olhos para olhar Hades.

—Ela e o homem escaparam dos túneis antes que pudéssemos agarrá-los.

Aquela ira se transformou em fúria.

—Como diabos chegaram ali em primeiro lugar?

—Não sei, meu senhor. Possivelmente através do rio. Não tivemos nenhum sinal de advertência. Escaparam por uma greta nas rochas antes que Typhaon[5] chegasse, dificultando nossa busca. Uns quantos tentaram segui-los, mas a luz do sol…

[5] *Typhaon é o último filho de Gaia.*

Fodido filho de puta. Hades apenas resistiu ao impulso de estapear o kobalos e enviá-lo através do quarto. Uma razão mais para desprezar a seu irmão Zeus. O Rei dos Deuses baniu ao monstro Typhaon às vísceras da terra, e a besta descobriu o fornecimento de therillium do Hades. Este guardava o material agora, fazendo quase impossível que os kobaloi o extraíssem. Typhaon era um problema que Hades constantemente tentava evitar, adaptando-se a ele porque era imperativo que o fornecimento de therillium não fosse encontrado. Se qualquer dos outros deuses sobre tudo Zeus conseguisse pôr as mãos em cima, Hades já não seria o único deus que possuiria o poder da invisibilidade.

Começou a descer os degraus. Tanto Orcus como o kobalos se apartaram rapidamente, os olhos aumentados pelo medo.

—Você. —Hades assinalou ao kobalos. — Sela as gretas, ouve-me? E averigua de onde ela veio. Se alguém descobrir a mina o considerarei pessoalmente responsável e o torturarei até que rogue pela morte. E você. —Girou em direção a Orcus, que abriu ainda mais os olhos. — Envia aos cães do inferno. Quero Maelea morta. A ela e a esse fodido Argonauta que a ajudou. Encontre-os e mate-os ou farei que sua —assinalou com a cabeça para o kobalos— tortura pareça uma ninharia.

Ambas as criaturas assentiram rapidamente e o olharam com olhos enormes e assustados.

—Vão! —bramou Hades.

Eles escapuliram como ratos.

A sós, pressionou os dedos contra as têmporas, respirando profundamente para acalmar-se. Estava fazendo malabares com muitas bolas, tratando de manter muitos de seus poderes roubados, de tomar o que era seu por direito. Sua esposa ficaria furiosa quando voltasse do Olimpo e descobrisse que matara a sua preciosa filha, mas se importava um caralho. A parte de sua própria amarga necessidade de vingança, havia mais em jogo que simplesmente a vida de uma mera mortal. Atalanta, a puta, ainda maquinava a forma de conseguir o Círculo e controlar o reino humano. E se de algum modo encontrasse as minas de therillium por culpa de Maelea ou o miserável Argonauta, poderia ter uma oportunidade.

Seus cães pilhariam o aroma da Maelea e a matariam. Com esse problema resolvido, deveria deixar de preocupar-se com a mancha e concentrar-se no Círculo. Uma vez que o tivesse, todos se inclinariam ante ele, inclusive o monstro Typhaon.

Aproximou-se da janela. Uma rajada de ar acre quente açoitou a cara e aspirou a miséria que flutuava no vento. De algum modo, Atalanta planejava usar o Argonauta que foi liberado do Inframundo para conseguir o Círculo. Já que o Círculo residia agora na Argolea, aquele plano tinha sentido, sobre tudo desde que Atalanta não podia cruzar a esse reino… nenhum deus Olímpico podia.

Mas Hades podia.

Um plano começou a formar-se na mente, e ao mesmo tempo a irritação se dissipou pouco a pouco a um agônico gemido. Sabia exatamente a quem podia usar na Argolea.

***

—Bastardo — balbuciou Maelea enquanto Gryphon a empurrava pelo bosque junto a ele.

—Já escutei isso antes.

Ele não afrouxou o agarre sobre o braço, quase arrastando-a enquanto contornava o penhasco e se dirigia colina abaixo em direção ao vale.

O anoitecer se aproximava com rapidez, e esse fato sozinho fez Maelea mais determinada a escapar. Não passaria a noite com ele. Não depois do que aconteceu naqueles túneis.

—Isso porque é um bastardo. Tínhamos um trato.

—O trato mudou.

Ela tentou liberar o cotovelo de um puxão, mas a sujeitava muito forte.

—Não estive de acordo nisso.

Parou bruscamente, fulminando-a com aqueles olhos mortos de cor azul clara. Olhos, notou aqui fora à luz do dia, que eram mais penetrantes do que foram nos túneis. E muito mais hostis.

—Coloque isto na cabeça, mulher. Não me importa se estava de acordo ou não. Não me abandonará. Não até que tenha terminado com você.

Empurrou-a para diante de novo. E enquanto ela lutava por manter o passo de suas longas pernas, a mente dava voltas. E se realmente estivesse louco, tal e como aquelas mulheres disseram? Vira a forma como se crispava e olhava a seu redor como se ouvisse coisas. Não importava que a salvou nas covas. Quase tinha conseguido que a matassem também. Se ficasse com ele, só passariam coisas más. Sentia nas vísceras.

E a escuridão interior… se sentia muito atraída para ele. Muito tentada. Tinha que fugir.

Planos de fuga se projetaram na mente enquanto Gryphon a rebocava ao redor de pinheiros e troncos caídos. O bosque se voltava mais escuro a cada passo que davam, e o braço doía ali onde ele sustentava o bíceps com um apertão mortal. Não poderia soltar-se até que ele afrouxasse seu agarre. Mas quando o fizesse…

—Aonde me leva? —perguntou quando já não pôde suportar mais.

—Àquela cidade. Necessitamos rodas.

Ela quase engasgou.

—Não tenho dinheiro. E sei que você tampouco tem. Como planeja encontrar *rodas*?

—Isso não é algo que precise saber.

O temperamento de Maelea subiu como um foguete. Não era uma mulher necessitada. Tinha vivido durante milhares de anos mantendo a si mesma e jamais dependendo de outros. Não ia mudar agora de filosofia.

Fique calma, disse enquanto chegavam à parte inferior da ladeira e se dirigiam ao rio. Quando chegassem à cidade, enquanto se distraíra olhando as rodas, então seria sua grande oportunidade.

À primeira ocasião, iria embora.

***

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Titus chegou ao limite com os putos mimos. Com uma grande desaprovação de Callia, tomou banho, vestiu-se e agora entrava no elevador até o andar abaixo para averiguar o que acontecia a Gryphon.

A seu lado, Callia cruzava os braços e franzia o cenho.

—Ainda acredito que necessita mais repouso.

—Estou farto dessa maldita cama. Se você gosta tanto, você deve dormir nela.

—É o pior paciente que tive — resmungou.

—Não, esse é seu companheiro.

Ante a menção do Zander, a cara da Callia suavizou e um sorriso melancólico curvou em um canto de sua boca.

—Tem razão. É um paciente horrível. —Lançou um iracundo olhar. — Mas você não fica atrás.

Titus não respondeu. O suor brotou na testa, mas não se atreveu a olhar em direção a Callia e dar qualquer pretexto para ordenar que retornasse à cama. Estava mais fraco do que deveria estar e sabia que deveria descansar ao menos umas quantas horas mais, mas já tivera o suficiente da clínica e das olhadas estranhas que recebeu depois que Callia colocou esse maldito pôster de "Não Tocar". E embora gostasse de Callia, não podia suportar estar perto dela muito mais tempo. Ela pensava no Zander constantemente e cada vez que o fazia, punha aquela expressão de recém-ligados em sua cara. A que gritava felicidade e recordava Titus tudo o que ele jamais teria.

Afastou esse pensamento da cabeça, enfocando em Gryphon. Merda, realmente esperava que os homens do Nick não tivessem encontrado o idiota ainda.

A porta do elevador apitou ao abrir, e entrou na andar baixo. A noite caiu sobre o lago, e pelas arqueadas janelas não se via nada mais que escuridão. Sentado em um sofá em meio da habitação, Max lançou uma olhada em sua direção.

Ao lado do Titus, o alívio percorreu Callia, rodeou e se dirigiu para seu filho.

—O que faz aqui? —perguntou.

Max encolheu os ombros e se enroscou em um braço do sofá.

—Zander me disse que esperasse aqui.

Zander. Não Papai. Titus não precisava ler a mente para captar a animosidade.

—Onde está ele? —perguntou Callia com voz dura enquanto se sentava ao lado de seu filho, obviamente captando ela também.

Max assinalou com a cabeça uma porta entreaberta da habitação.

—Ali. Com o Theron e Nick.

Feliz por qualquer razão para afastar-se da Callia e seu filho, Titus se voltou nessa direção, empurrou a porta e entrou na habitação. Nick estava sentado detrás de uma mesa de madeira russa intrincadamente esculpido, diminuindo o móvel enquanto folheava uns papéis. Theron e Zander estavam de pé frente a ele com as mãos nos quadris e os ombros tensos. Ninguém elevou a vista quando Titus deu um passo no quarto. Ninguém sequer o notou.

—Não vai — disse Nick. — Fim da história.

—Tenho a um Argonauta ali — replicou Theron.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

—Importa-me uma merda se a rainha da Inglaterra está ali abaixo — ladrou Nick—, o buraco está sendo selado enquanto falamos.

***

—Não pode fazer isso… — começou Zander.

—Posso fazer o que demônios eu quiser — lançou Nick de volta.

Theron plantou as mãos sobre o escritório e se inclinou para diante.

—É um filho de puta.

Nick jogou uma olhada ao Theron, seus olhos ambarinos eram mais acerados do que Titus jamais vira quando disse:

—Deixe-me esclarecer algo, Theron. Não tem autoridade aqui. Permito que você e seus Argonautas usem a colônia como lugar de passagem quando estão no reino humano por simples cortesia, mas não tenho que fazer. Você não tem nada que dizer em como dirijo ou mantenho a colônia. O túnel está sendo selado por razões de segurança e isso é assim. Se você não gostar, pode fazer poof e retornar à nave mãe no que me diz respeito.

Nick jogou um fulminante olhar em direção a Zander, logo se separou da cadeira e se elevou em toda sua estatura. Com seu metro noventa e oito e seus perto de cento e vinte quilogramas, era uma força a ter em conta, mas também o era Theron. E como descendente do Hércules, não havia muitas coisas que fizessem ao Theron tornar-se atrás.

—Meus Guardiões e eu entraremos nessa caverna para procurar Gryphon — disse Theron. — Esse meu amigo, é o fim da história. Vamos, Z.

Fez um gesto ao Zander, girou para a porta, pilhou o olhar do Titus e apertou a mandíbula. Detrás dele, os pensamentos do Zander foram fáceis de captar. *Isto está muito fodido*.

Titus poucas vezes viu o líder dos Argonautas tão alterado. Algo grande passava aqui. Passou o olhar de cara em cara, tentando ler os pensamentos de todos, mas as emoções estavam muito à flor de pele para obter uma imagem precisa do que acontecia.

—Se fizerem isso — respondeu Nick antes que Theron e Zander alcançassem a porta—, assinaram sua sentença de morte. Fecharemos a caverna tanto se estiverem nela como se não.

Nick não mentia. A adrenalina do Titus subiu um nível ao ler o *Venha, me desafie se se atreve*, pensamento proveniente do Nick.

Os olhos do Zander se estreitaram e olhou Nick de novo.

—O que há na caverna?

Nick apertou a mandíbula, mas não respondeu. Entretanto, Titus escutou a mentira correr através da mente do mestiço enquanto procurava algo que conseguisse que eles dessem movimento atrás.

—Onde diabos terminaram Gryphon e Maelea? —perguntou Theron em tom acusatório. — Há algo que não nos diz.

Eles o averiguarão muito em breve. Ou farão algo que piore as coisas para a colônia. Não tem outra opção.

Os pensamentos do Nick ecoaram na mente do Titus, picando a curiosidade. Tratava-se de algo mais que Gryphon e OH, genial agora Maelea.

O líder mestiço apertou a mandíbula uma vez, duas vezes, e finalmente murmurou:

—Merda — seguido de—, venham aqui e fechem essa maldita porta.

Titus fechou a porta atrás de suas costas e captou o pensamento do Theron que dizia: *leia a mente e me diga se disser a verdade.*

Nick ficou diante do escritório e se esfregou a frente com a mão como se tivesse a mãe de todas as enxaquecas.

—Contei a Isadora que havia circunstâncias atenuantes para transladar a colônia aqui depois de que nossa posição no Oregon fora destruída.

—Recordo — disse Theron. — A Colônia do Misos Russa te emprestou a propriedade.

—Assim é. É lugar esteve vazio durante muito tempo. Não esteve sendo utilizada como residência e resulta que há uma razão para isso.

—Que razão? —perguntou Zander.

Dizer ou não dizer. Os pensamentos do Nick saltavam enquanto discutia consigo mesmo suas opções. *Merda, se não digo, simplesmente desceram ali e foderão mais as coisas.*

Nick franziu o cenho e fez um gesto para que o seguissem enquanto dava um passo para a parede na parte de atrás de seu escritório.

—Por aqui.

Tocou uma moldura no alto e à direita de uma estante, e todo o conjunto se abriu, revelando um passadiço secreto.

—Caralho — murmurou Zander. — Onde diabos vai isto?

—Só fecha o bico e contínua — disse Nick dando um passo pela porta aberta e entrando em um túnel com paredes de aço. Titus seguiu ao Zander e Theron dentro. Por detrás, a enorme estante se fechou com um estalo. Titus estava muito longe para ler os pensamentos de Nick, mas recolheu os do Theron e Zander e ambos se perguntavam que porra estava acontecendo.

Ninguém falou quando chegaram a uma escada circular que parecia não terminar nunca. Nick começou a descer sem dizer uma palavra. Theron o seguiu. Zander se voltou para Titus e sussurrou:

—Está bem? Está suando. Possivelmente deveríamos ir procurar Callia.

Titus não perderia isto. Precisava saber onde foi Gryphon. Deu um passo e adiantou ao Zander.

—Estou bem.

Antes que Zander pudesse pressioná-lo mais, chegaram ao pé da escada. O chão era de concreto e as paredes de cimento.

Titus limpou o suor da testa e ignorou a dor no flanco.

—O que tem que ver este lugar com Gryphon?

—Verá em um minuto — respondeu Nick.

As luzes de painel se voltaram verdes e a porta de aço abriu com um vaio e desapareceu na parede. Entrou em um quarto escuro, iluminado só por uma brilhante luz laranja em algum lugar

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

no centro da habitação. O resto o seguiu.

—Skata — sussurrou Theron enquanto parava.

Titus leu o pensamento *De nenhuma fodida maneira* antes de esquivar o enorme corpo do Theron e deter-se junto a ele. Surpresa foi o primeiro que registrou quando olhou as brilhantes rochas alaranjadas que giravam sobre um pedestal no meio do quarto com o que parecia um abajur térmico flutuando em cima.

—Isso…?

—Therillium — respondeu Nick, arrastando a mão por sua quase raspada cabeça. — Brilha cor de laranja quando se esquenta. Em seu estado normal é verde.

—Skata — sussurrou Theron de novo. — Alberga a sua gente em cima do contrabando pessoal do Hades do mineral da invisibilidade?

Nick o fulminou com o olhar.

—Acredite, esta não foi minha primeira opção. Mas quando nossa colônia do Oregon foi destruída, não tínhamos muitas alternativas. A colônia Russa dos Misos concordou em me emprestar este lugar com a condição de que mantivesse em segredo as minas de therillium e seguíssemos proporcionando a sua colônia o suficiente mineral para manter oculta sua localização. Eu tinha minhas dúvidas ao princípio, mas Hades não sabe que estamos aqui. Nem sequer sabe que este castelo existe.

—Por que infernos não? —perguntou Theron.

—Devido ao therillium. —Nick assinalou ao brilhante parte de rocha laranja que girava lentamente. — Mantém o castelo invisível. Os túneis estão fechados com apenas um caminho de entrada e saída, conhecido só por mim e outra pessoa. Hades usa aos kobaloi para extrair o therillium, mas eles não podem sair na luz do sol, assim não são uma ameaça para nós. Quanto ao Hades, não se atreve a aventurar-se nas minas.

—Por que não? —quis saber Zander.

—Porque há algo mais escuro e asqueroso que os kobaloi. Algo com o que nem sequer Hades se mete.

Com a dor no flanco esquecido, Titus desviou o olhar do mineral ao Nick quando leu os pensamentos do líder mestiço.

—Typhaon. Merda. Está nos dizendo que a criatura mais mortal de toda a antiga Grécia está aí abaixo?

Nick assentiu com a cabeça.

—Sim. O mineral permite assumir a forma de um ardente demônio de fogo. E como encontrou algo que todos os deuses querem…

—Não vai deixá-lo ir — terminou Theron por ele. É óbvio que a todos os deuses gostaria de pôr as mãos sobre uma substância que podia fazê-los invisíveis, mas Typhaon não é um monstro qualquer. Inclusive Hades temia à legendária besta que tinha sido apanhada clandestinamente pelo Zeus fazia milhares de anos. — Skata. Como diabos consegue mais quando o necessita?

Nick apoiou as mãos nos quadris e ficou olhando o brilhante mineral. Ao alaranjado resplendor, os cortes em sua cara cheia de cicatrizes do enfrentamento com Gryphon pareciam

mais profundos e inflamados que antes.

—Com muito cuidado.

Estava claro que o mestiço não ia dar detalhes. E no silêncio, o pensamento do Theron: *Temos que tirar o Gryphon desse inferno AGORA* se fechou de repente sobre o Titus.

—Vou entrar — anunciou Theron.

—Não, não o fará — assinalou Nick rapidamente. — Não vamos dar ao Hades nenhuma razão para que olhe duas vezes para este lugar.

—Gryphon e Maelea…

—Já estão mortos — disse Nick sem rodeios. — Mesmo se conseguiram sair desse rio, e duvido seriamente que o fizessem. Confia em mim. Se o frio glacial não os matou, os kobaloi certamente o fizeram. E ante a remota possibilidade de que sobrevivessem a todo isso, se toparam com o Typhaon…

Então já não são nada mais que pó, pensou Zander.

—O túnel está sendo selado, Theron — disse Nick. — Eu gostaria de chutar o traseiro de Gryphon pelo que fez, mas esta decisão não é pessoal. Não arriscarei minha gente aos kobaloi, Typhaon, ou Hades só para que possa salvar a um guerreiro sem escrúpulos. É hora de que aceite os fatos e deixe ir ao guardião.

***

O manto de escuridão facilitou o ocultar entre as sombras.

Escondido detrás de uma oxidada caminhonete Ford que vira dias melhores, Gryphon esquadrinhou o edifício da direita e esperou.

A cidade era pequena, só uma rua principal e um par de lojas. Esperaram até tarde, até que o punhado de míseras lojas fechasse por hoje. A seu lado, Maelea respirava lentamente e seu pulso corria sob a pele do punho que ele não se atreveu a soltar desde que se detiveram naquele escarpado. A mulher estava furiosa, mas não se importava. Pensava com mais clareza que antes e sabia que tinha algo que ver com ela. Quem quer que fosse, entretanto, estava vinculada aos deuses, ele era muito capaz de usá-la para obter seu objetivo final.

Inclusive agora, a atração da Atalanta era forte. Sua voz era uma débil vibração na parte posterior da cabeça, suportável quando estava perto da Maelea… mas por dentro sempre estava o desejo de encontrá-la. Um desejo do que eventualmente se aproveitaria.

Um homem saiu do pequeno edifico em forma de A no extremo da cidade, o mesmo que Gryphon vigiou antes, fechou a porta atrás dele e se dirigiu a seu carro através do estacionamento, lançando as chaves no ar e as agarrando de novo enquanto assobiava. Gryphon se moveu sobre o asfalto para olhar os arredores ao outro lado da caminhonete, viu que o homem subia a seu SUV, fechava a porta, punha-o em marcha e saía do estacionamento.

—E agora o que? —perguntou Maelea.

A luz da garagem estava queimada, envolvendo a zona de escuridão. Sem responder, puxou Maelea para a porta, sem deixar de ficar perto do edifício para que ninguém pudesse vê-los.

Sabia que a loja não tinha sistema de segurança, mas isso não significava que um guarda noturno não conduzisse por aqui em algum momento da noite.

Usou o cotovelo para romper o cristal da porta. Este se fez pedaço e caiu ao chão de dentro. Colocando a mão, abriu o ferrolho, empurrou a porta e arrastou Maelea atrás dele.

O cristal rangeu sob as botas. A loja estava às escuras. As mesas estavam repletas de roupa e provisões. Os casacos pendurados em uma parede e as botas estavam alinhadas contra a outra. À direita, um longo balcão percorria a sala, e detrás, havia outra vitrine cheia de armas.

Foi ali primeiro, rebocando Maelea com ele. Agarrando uma lanterna de corte militar de uma mesa, rompeu o cristal, abriu a porta do armário e olhou fixamente as facas e as adagas.

—O que é este lugar? —perguntou Maelea.

—Uma loja de excedentes do exército. —Escolheu três facas, cada um com uma lâmina diferente, sabendo que teria sido muito esperar armas… umas armas que fossem úteis se Nick e seus homens os encontravam. Deu a volta e observou a caixa registradora.

Era um modelo antigo, com botões e uma gaveta fechada com chave, não uma nova e elétrica de alta tecnologia. Usando a ponta de uma faca, forçou a fechadura até que a gaveta se abriu. Não havia dinheiro dentro. O dono obviamente esvaziara antes de fechar a loja.

Efetivo para gastos pequenos. O tipo tinha que guardar um pouco de dinheiro para casos de emergência.

Gryphon revirou as gavetas até que encontrou uma bolsinha com zíper. Dentro contou ao menos trezentos dólares em diferentes bilhetes. Não era o ideal, mas suficiente para conseguir largar do inferno daqui. Meteu o pacote no cós da calça, deu meia volta e explorou a loja em busca de uma capa de facas para a coxa.

Moveu-se pelo estabelecimento rapidamente, agarrando as provisões que necessitariam, puxando Maelea todo o tempo detrás dele, entregando casacos e mantas para que sustentasse em seu braço livre enquanto ela continuava protestando a cada passo.

—Por que necessita isto? Para que é isto? Não pode levar todas estas coisas, já sabe.

Skata, nunca se calava. Estava começando a ficar nervoso. Agarrou um cilindro de corda e o lançou sobre o montão que ela levava, girou e explorou o espaço outra vez.

—Alguém nos pegará — disse ela. — É só questão de tempo. Aposto que a polícia está a caminho agora mesmo.

Centrou o olhar no que procurava e sorriu.

Inclinou-se sobre a mesa e recolheu um jogo de algemas.

—Para que é isso? —perguntou com um ofego assustado.

O sorriso de Gryphon se alargou.

Antes que ela pudesse balbuciar outro protesto, empurrou-a para a porta.

—Venha, vamos.

Saíram do mesmo modo que entraram. Maelea quase tropeçou e deixou cair à carga que levava, mas Gryphon a agarrou no último momento. O calor de seu corpo esquentou o flanco, deslizando-se através do braço. E essa labareda de desejou ardeu acaloradamente de novo. Um desejo que agora sabia que pensava com claridade só o distrairia de seu objetivo.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Uma sirene soou rua abaixo. A cabeça de Gryphon girou nessa direção, mas não perdeu a explosão de esperança nos olhos de Maelea ou a forma como seu pulso acelerou sob os dedos.

—Vamos.

Deteve-se na caminhonete oxidada que verificou antes, abriu a porta do Ford de um puxão e empurrou Maelea dentro. Ela grunhiu quando as provisões caíram de seus braços e se estenderam pelo assento e o chão.

—Hey!

Ele subiu depois dela. Fechou a porta de repente e olhou ao redor em busca das chaves.

Vamos. Este era um povo pequeno em meio de nenhuma parte. Tinha que haver umas chaves por aqui…

Baixou a viseira e um jogo de chaves caiu no colo.

A vitória pulsou nas veias. Deslizou a chave no contato e sentiu o zumbido do motor sob os pés. Quando a porta de passageiros chiou ao abrir, lançou uma mão e agarrou a Maelea pela pulso antes de ela pudesse escapar.

—Me solte! —gritou.

—Nem em sonhos, mulher.

Ele colocou um grilhão ao redor de seu pulso esquerdo. Ela ofegou pela surpresa e a indignação. Então, colocou o outro grilhão no atirador do painel.

—É um filho de…

—Tem que pensar em insultos novos. Esses já são velhos.

Deu marcha ré à caminhonete, afastou-se do estacionamento e começou a conduzir. A porta de passageiro se fechou com um golpe.

Maelea lutou por liberar o pulso das algemas.

—Não pode me reter aqui, bastardo!

Ele virou bruscamente para rodear um cão na estrada de saída da cidade. Jogando uma olhada pelo espelho retrovisor, viu um carro patrulha entrar na garagem que acabavam de deixar, as luzes acesas e a sirene uivando.

Muito tarde, moços.

Um sorriso cruzou o rosto enquanto deixavam a cidade atrás. Ignorando os golpes da Maelea e a enxurrada de maldições, respirou o ar fresco que entrava pela janela aberta. Pela primeira vez desde que saiu do Inframundo, sentia-se realmente livre.

Percorreram oito quilômetros pela sinuosa estrada de montanha antes que pisasse nos freios de repente.

Maelea, ainda lutando por liberar o braço das algemas, voou para diante, golpeou o painel e ricocheteou para trás. Gemeu ante o impacto.

—Que diabos…?

—Skata.

Ela deixou de lutar o tempo suficiente para esfregá-la frente com a mão livre, mas suas palavras morreram quando observou o que bloqueava o caminho.

Três pares de olhos verdes que brilhavam na escuridão devolveram o olhar. Três pares de

olhos que definitivamente não eram humanos.

Capítulo 9

Maelea olhava fixamente aos monstros que avançavam para eles da escuridão *daemons* do exército da Atalanta com corpo de homem, cara de gato, chifres de cabra e orelhas de leão. Foram todos vestidos de negro, todos ao menos com dois metros e dez de altura, levando letais espadas tão largas como seu antebraço. Mas as mãos... Não passou despercebido as garras que envolviam os punhos ou a forma como as sujeitavam com a intenção de balançar e aniquilar.

—Por que se detém? —perguntou.

Deveria pisar a fundo agora mesmo, não parar!

Gryphon colocou a caminhonete na garagem e agarrou de novo a espada que tinha arrojado na cabine de atrás.

—Fique aqui. Não se mova. Fecha as portas.

Fecha as portas? Falava sério? Como se isso fora a deter essas coisas se vinham por ela?

Puxou o grilhão que envolvia o pulso, o pânico crescendo no peito. Não só tinha conseguido que quase a matassem naquelas covas, estava a ponto de obter que a aniquilassem agora mesmo.

—Me libere!

Ele abriu a porta do lado do condutor e saiu da velha caminhonete com sua arma.

—Voltarei.

Não. Não!

—Gryphon.

Fazendo caso omisso dos gritos, fechou a porta e ficou diante do veículo, a luz dos faróis golpeava suas costas ressaltando os músculos dos ombros e o tronco, descendo por seu traseiro e coxas.

Através do guichê escutou ao *daemon* do meio ao que já não podia ver, farejar e grunhir:

—Argonauta.

—Sim, sou — disse Gryphon com voz clara. — E me pergunto quem de vocês quer morrer primeiro.

Como uma unidade, os três *daemons* se adiantaram.

OH, deuses. OH, *deuses,* isso não esta a ponto de ocorrer.

Maelea redobrou os esforços sobre as algemas, apertou os dentes e tratou de fazer alavanca para liberar a mão, mas o grilhão estava muito apertado e quão único estava conseguindo era arroxear o pulso e rasgar a pele. Maldito Gryphon por algemá-la a essa estúpida caminhonete. Maldito fora por guardar a chave no bolso. Se era assassinado, nunca conseguiria recuperar a chave antes que esses monstros a devorassem.

O terror a consumia quando o primeiro *daemon* se arqueou com sua espada e a lâmina de Gryphon ressonou contra o metal. O chassi da caminhonete vibrou. Viu com horror como Gryphon

trocava, girava e chutava ao segundo *daemon* no estômago, lançando-o pelos ares para trás. Feriu no ombro ao terceiro. O sangue orvalhou Gryphon e o chão. Gryphon deu a volta, agachou-se, esquivando por pouco a lâmina para seu peito, logo balançou e atacou uma e outra vez, o que obrigou aos monstros a retroceder da caminhonete, empurrando-os para o mais fundo das sombras, longe dela.

Era fascinante. O pânico se dissipou lentamente e o tremor se deteve até que uma estranha calma se apoderou dela. Apesar de que não queria nada mais que correr, não podia apartar os olhos dele. A lembrança do que ouviu na colônia cintilou na mente, a forma como se tornou louco e aniquilado aos *daemons* daquela aldeia. Como havia se tornado para seus próprios companheiros. Mas esse não parecia um guerreiro que perdia o controle. Em todo caso, era a perfeita combinação de perigo e força... Muito desimpedido, muito centrado e decidido.

Minutos mais tarde tinha concluído tudo. Três *daemons* mortos jaziam em meio da estrada, com seus fumegantes corpos ensanguentados. Os faróis da caminhonete iluminavam o peito agitado de Gryphon enquanto permanecia de pé sobre eles, com a pele coberta de linhas vermelhas e outras coisas que Maelea não queria reconhecer. Observou como se agachava e levantava a cabeça do *daemon* mais próximo pelo cabelo, mas quando utilizou sua espada para decapitar à besta, a bílis elevou no estômago e rapidamente desviou o olhar.

A adrenalina percorria o corpo. Engoliu e tratou de ignorar os sons estridentes procedentes da estrada. Uma mescla de alívio e temor a açoitou enquanto esperava… O que, não estava segura. Se voltaria contra ela agora? Apesar de que parecia estar tranquilo, não era nenhuma garantia de que não seria a seguinte.

A ansiedade alcançou seu ponto máximo enquanto os passos repicavam ao aproximar-se. Por fim levantou a vista. Os corpos dos monstros tinham desaparecido. A luz dos faróis iluminava o pavimento vazio e ensanguentado. A porta da esquerda se abriu, e olhou nessa direção, puxando a algema ao redor do pulso, desejando ter algum tipo de arma para defender-se.

Gryphon arrojou sua espada atrás do assento, logo subiu ao veículo sem dirigir uma olhada.

—Temos que sair daqui.

Fechou a porta com um golpe e arrancou para a estrada. À medida que avançavam, deixando atrás as imagens, os sons e os aromas da batalha, Maelea não podia deixar de observar ao homem a seu lado que de repente parecia menos louco e mais ao guerreiro que foi alguma vez.

Esse último pensamento se mantinha fresco e em auge na mente da Maelea enquanto se recostava contra o assento, esmerando-se em não dizer nada, agradecida de não estar o suficientemente perto para tocá-lo, porque esse novo Gryphon era ainda mais atraente que o anterior. Atraente de formas que não tinham nada que ver com a escuridão dentro dele. Para evitar centrar-se nesse fato, tratou de refletir sobre o que poderia querer dela. Já que estava livre da colônia, que tinha armas e dinheiro em efetivo e os fornecimentos que necessitaria para onde quisesse que planejasse ir agora, por que ia querer mantê-la perto?

É mulher. Por que crê que queria tê-la perto?

Desviou o olhar para ele. Agarrava o volante com as duas mãos, permanecia enfocado para diante, mas a luz do painel de comando iluminava um tic muscular em sua forte mandíbula, seus

grossos braços e seu largo peito de guerreiro. O calor explodiu no ventre enquanto recordava seu corpo apertado contra o seu nos túneis. E sua voz naquele penhasco quando a abraçou com força e anunciado que não a deixaria ir depois de tudo.

Preciso de você.

O calor se converteu em verdadeiras labaredas. Apartou os olhos e engoliu. Disse a si mesma que era a escuridão fazendo-a pensar de maneira diferente sobre ele. Muito temia que pudesse ser algo mais. Algo que eventualmente obstaculizaria sua meta de chegar ao Olimpo.

O Olimpo. Nisso era no que precisava manter-se enfocada. Isso era o que tinha que recordar. Não o heroico que ele parecia. Não como a salvara… outra vez. Não o aspecto extraordinariamente surpreendente que tinha agora mesmo, sentado frente a ela, com hematomas, arranhões e incrivelmente sexy.

Queridos deuses. Na parada seguinte, logo que tirasse as algemas, tinha que escapar. Não confiava em si mesma para estar perto dele por mais tempo.

Olhou pela janela para a escuridão da noite enquanto se montava a sua estratégia. Mas o cérebro paralisou estrepitosamente quando viu as esferas brilhantes de luz vermelha piscando detrás das árvores. Círculos de luz que sabia sem lugar a dúvidas que a buscavam.

***

Um grande peso pressionava o peito do Titus enquanto subia ao quinto andar do castelo. Os pensamentos do que Nick disse a respeito dos túneis ainda ressoavam na cabeça. Ao igual às palavras não pronunciadas pelo Nick: O merece. *Não esteve cordato desde que voltou do Inframundo. Era só uma questão de tempo antes que algo acontecesse…*

A culpa deslizou dentro, fincando o dente com força. Titus apoiou Orpheus e encorajou Nick para que deixasse Gryphon unir-se à missão de reconhecimento. Tinha assegurado ao Orpheus que o manteria a salvo em caso de que algo ocorresse. Tinha prometido ao Nick que nada sairia mal.

Sim, fizera um fodido trabalho, verdade?

Merda. Orpheus. Titus passou uma mão pela testa e deu as graças às Destinos porque Orpheus estivesse agora com Skyla, investigando além das fronteiras da colônia, procurando uma saída das covas. Os homens do Nick selaram o túnel, e Orpheus estava desesperado por um modo de alcançar Gryphon. Tão desesperado, que Theron teve que contê-lo para que não fizesse mau físico a Nick quando escutou as notícias. Titus agradecia não poder ouvir os pensamentos que passavam pela mente do Orpheus nestes momentos. Se ele se sentia culpado, Orpheus se sentiria como uma pura merda.

Deteve-se frente no quarto de Maelea e respirou fundo. Não esperava encontrar nada, mas tinha que olhar. Já passara pelos aposentos de Gryphon, em busca de qualquer pista que dissesse onde planejava ir ao sair da colônia, e não tinha encontrado nada. Se havia uma oportunidade de que Gryphon e Maelea tivessem escapado com vida dos túneis, Titus não perderia a esperança. Apoiou uma mão na porta e estava a ponto de empurrar quando um som como de gavetas

fechando ecoou no interior da habitação, seguido pelas molas da cama.

A emoção estalou no peito do Titus. Havia tornado Maelea? Se saíra dos túneis, então Gryphon também tinha que estar em algum lugar próximo. Empurrou a porta e entrou no quarto, e logo titubeou quando a mulher perto das janelas levantou bruscamente a cabeça e o imobilizou com os olhos mais verdes como jamais vira.

Não era Maelea. De forma alguma. O cabelo dessa mulher era um matagal de cachos cor vermelha fogo que caíam sobre seus ombros, sua pele tão branca como o alabastro, e esses olhos... Eram cativantes. Penetrantes, esmeraldas polidas e brilhantes que estava seguro de que não podiam ser reais.

Levantou-se rapidamente da cama onde estava sentada e guardou o que parecia um livro detrás de suas costas. Ia vestida com calça jeans e um pulôver negro, e às onze da noite não via o menor sinal de cansaço.

—Quem é? O que está fazendo aqui?

Indagou em seus pensamentos, e só recolheu algumas palavras soltas: *Wow! Grande. Cuidado.* A confusão o golpeou, porque Misos não podiam bloquear o dom. O que significava que ela não era Misos. Tampouco era estritamente humana, se os sentidos funcionavam plenamente.

—Poderia te perguntar o mesmo. — entrou no quarto, fechando de uma palmada a porta detrás dele. Os músculos dos ombros contraídos em resposta e a cautela ascendendo outro ponto.

—Sou uma amiga da Maelea.

Seguia sem poder ler completamente seus pensamentos, mas sabia que era uma mentira. A maneira como olhava a seu redor o dizia tudo. Ao igual à forma em que não deixava de olhar além dele para a porta, como se contemplasse suas possibilidades de sair ilesa.

—Então, ouviu as notícias.

Ela vacilou o tempo suficiente para dizer que não tinha ouvido nada, e logo disse:

—É óbvio.

Definitivamente mentindo. Quem demônios era essa mulher? E o que era o que queria da Maelea?

Ela esclareceu garganta e seguiu adiante.

—Tenho que ir.

Ainda estava ocultando algo detrás de suas costas. Algo que encontrara neste quarto? Algo que poderia ajudá-lo a averiguar aonde se dirigia Maelea? Era uma aposta arriscada, mas qualquer disparo era melhor que absolutamente nada.

A mulher esquivou e chegou à porta. Antes que pudesse escapar, agarrou o pulso para detê-la, logo se deu conta muito tarde que não levava luvas.

Nenhuma emoção fluía dela. E embora ainda não pudesse ler seus pensamentos exatamente, o pouco que recolheu *Executar. Fora. Má ideia* apenas o registrou, porque a sala girou, o deixando enjoado e aturdido como uma merda.

Apoiou uma mão contra a parede para não cair. O calor se precipitou sobre cada centímetro de pele, enviando labaredas ao longo de cada terminação nervosa. Baixou o olhar para onde estava tocando-a, e logo subiu para seu rosto. Não viu surpresa, nem interesse em seus olhos

parecidos com gemas. Só suspeitas.

Piscou duas vezes. Deu uma sacudida rápida à cabeça. Sabia que ainda tinha que estar sob os efeitos dos medicamentos que Callia tinha subministrado antes. Mas então, por que foi capaz de escutar os pensamentos de seus irmãos com tanta clareza? E por que sentiu as emoções da Callia, quando o tocou?

A mulher apertou a mão em um punho e tentou liberar o braço de um puxão.

—Solte-me.

Não afrouxou o agarre.

—O que é?

Seu rosto empalideceu. E com o silêncio resultante, soube, OH, sim. Ela estava definitivamente escondendo algo. Mas o mais importante era o fato de que esta era a primeira pessoa em quase duzentos anos, cujo toque não enviava uma onda gigantesca de emoções zumbindo através do corpo.

—Não é importante — disse.

—Você não é Misos.

—Nem você.

Definitivamente era de outro mundo, era tudo o que podia dizer, mas exatamente o que, não sabia.

—O que quer de Maelea?

Olhou a mão, ainda envolta apertadamente ao redor de seu pulso.

—Vai liberar-me?

Impossível! Estava desfrutando de muito da sensação da pele contra a sua para deixar acontecer o momento. Inclusive com esse enjoo o fazendo sentir como se fora perder a cabeça em qualquer momento.

—Responde à pergunta.

Ela deixou escapar um suspiro.

—Maelea é uma velha amiga. Só estou tratando de encontrá-la.

Outra mentira. Maelea era uma solitária. Embora tivesse se aberto desde que estava na colônia, não tinha amigos no verdadeiro sentido da palavra. E recordaria se essa mulher tivesse estado alguma vez com ela.

—Por que razão?

—Minhas razões são minhas. Agora me solte. —Sacudiu seu braço para trás, e esta vez o movimento foi o suficientemente forte para apartar o pulso da mão.

A habitação deixou de girar. A névoa pareceu limpar-se da mente do Titus. E o ar fresco percorreu a pele que momentos antes esteve avermelhada e quente. Perguntando-se que diabos estava passando, deu um passo para ela, disposto a agarrá-la outra vez, quando a porta da habitação se abriu de repente e Phineus se equilibrou dentro.

—T —disse Phin—, está aí. —Girou sua cabeça para a mulher, e deu um coice. — Um... wow. Interrompo?

—Não — respondeu a mulher.

—Sim — disse Titus, não estava disposto a deixá-la ir ainda.

Phin olhou Titus.

—Sinto muito, amigo. Theron te necessita. A rainha e suas irmãs usaram sua magia woowoo[6] e conseguiram ver o Gryphon e a Maelea. E já não estão nos túneis.

O primeiro indício de esperança ricocheteou no peito do Titus.

—Onde?

—Ainda não é seguro. —Phin olhou à ruiva outra vez, que escutava atentamente, muito atenta e depois voltou para Titus. — Mas, Titus, cara… há *daemons* perseguindo-os. E cães do Inferno.

A ruiva inspirou bruscamente.

OH sim, sem dúvida era de outro mundo, e muito claramente mais que uma simples Misos.

Phineus girou para ir-se, e a ruiva avançou para a porta, mas Titus agarrou seu braço, com cuidado esta vez de fechar a mão ao redor do tecido e não sobre a pele nua. De novo o calor pulsou pela palma, mas sem emoção, sem dor, nada parecido ao que estava acostumado.

—O que está…?

—Vem comigo — disse, arrastando-a para seguir ao Phineus pelo corredor. — Algo me diz que tem uma participação no que averiguemos sobre Maelea. E que você simplesmente poderia nos ser de útil.

***

Os braços de Maelea doíam pela tensão. Por fim se deu por vencida e se inclinou para diante apoiando as duas mãos sobre o painel e repousando a cabeça sobre elas para poder descansar um pouco. O fato de que Gryphon tivesse visto esses cães do inferno e apertasse o acelerador foi bom, mas não aliviou a ansiedade não.

A caminhonete sacudiu, e se sobressaltou do cochilo que conseguira entrar. Aturdida, olhou para o bosque escuro que os rodeava, em seguida para onde Gryphon estava sentado, com a mandíbula apertada, os olhos intensos, seu rosto familiar e muito malditamente sexy ao mesmo tempo.

—Que horas são? —perguntou.

Gryphon olhou o painel, que não tinha relógio.

—Não sei. Tarde. Percorremos algo mais de cento e sessenta quilômetros.

Queria perguntar em que direção, mas pensou melhor. Realmente não queria saber o que tinha planejado. Só queria escapar.

—Estou cansada — disse, pensando em uma maneira de fazê-lo deter. — Não posso dormir assim.

—Não vou libertar você.

[6] *Refere-se a ideias consideradas irracionais ou baseadas em provas muito frágeis ou que as forças ocultas de uso ou poderes misteriosos.*

Bastardo.

Mordeu a língua para não contrariá-lo.

—Também morro de fome. E tenho que fazer xixi. Não podemos parar em alguma parte? Você também tem que ter fome e estar esgotado.

Sua mandíbula se apertou de novo. Não a olhou. Pela forma como suas mãos se flexionavam ao redor do volante, sabia que estava debatendo.

—Tem suficiente dinheiro para um motel, não? Morro por uma ducha. E pelo menos um par de horas de sonho. Estou acordada há quase trinta e seis horas. Se não dormir logo, vou me converter em um zumbi, e então o atrasarei seriamente.

—Bem — disse, enquanto a caminhonete diminuía. Estavam entrando em algum tipo de pequena urbanização. As luzes iluminavam o exterior. — Vamos descansar um par de horas, mas não tenha ilusões. Isto não muda nada. Não vai a nenhuma parte, exceto aonde eu queira que vá.

Isso é o que você acredita.

Maelea mordeu o lábio enquanto transitavam pela cidade, que consistia em um semáforo, um banco, um supermercado, um lugar de comida rápida, e uma parada de caminhões. No outro extremo, Gryphon estacionou a caminhonete frente a um motel aparentemente pertencente à Section Eight[7], de um só andar, estava situado detrás de outros negócios e com um pôster luminoso luz intermitente de vagas no escritório.

Definitivamente muito longe da mansão que viveu no Lago Washington, mas não necessitava luxo. Só precisava distraí-lo.

—Esperarei aqui enquanto faz o registro.

—De jeito nenhum.

Liberou o grilhão do painel e o fechou sobre seu próprio punho. A ira lhe ardia nas vísceras, mordeu a língua para não discutir com ele e deslizou pelo assento para sair pela porta do lado do condutor.

O ar frio açoitou o rosto enquanto saía da caminhonete. Doíam os músculos por ter estado sentada tanto tempo. Antes que pudesse recuperar o fôlego, Gryphon enganchou seus pulsos unidos por detrás das costas, atraindo-a firmemente para seu corpo para poder inclinar-se e sussurrar:

—Se disser ou fizer algo que me transtorne, não será à única a quem farei mal.

O estômago contraiu. Referia-se ao recepcionista no escritório. Maelea assentiu com a cabeça, ignorando o calor que irradiava de seu corpo e o sangue e os restos ainda frescos em sua roupa. Como trataria com o empregado com essa aparência? O homem, sem dúvida, daria conta de que Gryphon participara de um massacre.

O pulso acelerou enquanto caminhavam pelo estacionamento escuro, o único som era o barulho das botas sobre o pavimento. Talvez essa fosse sua saída. Se pudesse conseguir que o empregado se fixasse no sangue e nos restos na roupa de Gryphon, poderia alertar a alguém.

[7] *É um programa de auxílio-moradia. No âmbito deste programa, as autoridades pagam a renda mensal de uma família com poucos recursos.*

Chamar pedindo ajuda. Ela poderia escapar durante o caos.

A porta do escritório estava fechada, mas em um letreiro sobre um botão de chamada junto ao guichê de noite se lia: "Pressionar fora de horário". Gryphon pulsou e se aproximou do quadro. Através do cristal, Maelea viu como uma porta na parte traseira do escritório se abria e um adolescente, provavelmente de não mais de quinze anos, avançava sem pressa.

Desanimou. O adolescente logo que jogou uma olhada em sua direção. Através da grade do guichê, disse:

—Necessita de quarto?

—Uma— respondeu Gryphon.

O menino deslizou um formulário e uma caneta do balcão através da abertura da janela.

—Preencha isto. Tem carro?

Gryphon assinalou detrás dele com a caneta, e logo rabiscou informação sobre o formulário com a mão livre. Enquanto escrevia, Maelea olhava ao menino, esperando, rezando para que percebesse o inferno que tinha ao outro lado do balcão.

Quase como se tivesse ouvido a prece, o jovem levantou a vista. A curiosidade em seus olhos deu passo ao horror.

Sim, sim! Chama à polícia. Chame a quem é!

—Quanto é? —perguntou Gryphon enquanto deixava a caneta e deslizava o papel de volta através da abertura do estreito guichê.

O menino não respondeu. Estava pálido.

A esperança explodiu no peito da Maelea.

—Eu... uh... —O menino agarrou o papel e começou a retroceder.

A mão livre de Gryphon saltou pelo oco da janela e agarrou o braço do adolescente pela punho.

O menino ficou tenso e tentou puxar.

—Hey! Solte-me...

Sua voz se apagou quando centrou os olhos nos de Gryphon, lentamente, a resistência abandonou seu corpo, e relaxou dando um passo mais perto do guichê.

Não. *Não!* Os músculos da Maelea se esticaram. Tratou de apartar-se, mas Gryphon a sujeitou firmemente.

—Tudo é correto — disse Gryphon com voz suave. — Aqui não há nada fora do comum. Só um casal de passagem, que necessita um quarto para passar a noite, bem?

—Sim. —E o menino repetiu com voz monótona —Nada fora do comum.

Maelea desviou o olhar ao pulso do adolescente, onde os dedos de Gryphon estavam riscando um lento círculo sobre o ponto do pulso do moço. *Élencho*. Estava usando uma técnica para adormecer a mente do pirralho. A pouca esperança que tinha de conseguir ajuda desvaneceu com cada músculo do moço que relaxava.

—Agora — disse Gryphon com calma. — Quanto custa o quarto?

—Trinta… e oito dólares.

—Também precisamos de um pouco de comida. A jovenzinha aqui não pode esperar para

estarmos a sós, mas tem fome. Crê que pode correr até o local de comida rápida ao fundo da rua e conseguir algo de comer?

—Claro.

Pouco a pouco, Gryphon soltou o pulso do menino, tirou dinheiro de seu bolso e o deslizou por cima do balcão. O moço guardou o dinheiro no caixa, logo agarrou uma chave pendurada de um gancho a sua direita, movendo-se como se estivesse em transe e a deslizou para Gryphon.

—O número oito. A última porta. Vai levar uma meia hora conseguir a comida.

—Perfeito — disse Gryphon, baixando o olhar para Maelea. — Dá-nos tempo para nos pôr... cômodos. Bem, querida?

Náuseas se agitaram no estômago de Maelea. Esse menino era sua única esperança, e Gryphon facilmente converteu seu cérebro em manteiga. Não respondeu, mas o estômago revolveu quando Gryphon se inclinou e a beijou na bochecha.

Preciso de você.

Não vivera quase três mil anos para que sua vida se reduzisse a isto. Se tinha que provar seu valor aos deuses e ganhar o caminho para o Olimpo, tinha que afastar-se dele. Tinha que ganhar em seu próprio jogo e sair vencedora ao final.

Não resistiu quando ele agarrou a chave e girou para o quarto de motel. Já estava planejando os três passos seguintes enquanto suas botas repicavam sobre a calçada.

Ele se inclinou e sussurrou:

—Fez bem. Sempre e quando cooperar, nada ruim acontecerá.

Ela não respondeu. Seu fôlego quente percorrendo a pele fria desatou uma onda de profundo estremecimento pelo corpo. Não gostou e provavelmente era pela náusea que alteravam o estômago.

Ele se deteve junto à caminhonete, abriu a porta e agarrou a roupa que conseguira naquela loja de excedentes do exército. Logo a conduziu para a última porta ao final do motel e entregou a chave.

Enquanto abria a porta o pulso acelerou. O aroma de alvejante assaltou suas narinas quando entravam. Um sujo carpete de pelo verde cobria o chão. À direita um estreito corredor dava a um banheiro. Em frente, uma cama de casal ladeada por duas mesinhas de noite com abajures de madeira manchados de amarelos. Ao outro lado, um velha e desmantelada cômoda alojava um televisor, e junto à porta de correr de cristal do fundo, uma mesa e cadeiras desiguais estavam colocadas contra a parede.

Gryphon deixou a roupa no chão perto da penteadeira e tirou as algemas que os unia antes que ela se precavesse.

—Vem aqui.

Sua ansiedade disparou quando a arrastou ao banheiro e acendeu a luz. O carpete deu lugar ao linóleo sujo. Piscou duas vezes sob o feixe fluorescente. Uma banheira se refletia no espelho ao longo da parede em cima do móvel com um único lavabo. Gryphon fechou a porta a suas costas. De seu bolso tirou uma chave e abriu o grilhão do braço, liberando a mão e rompendo o vínculo entre eles.

As algemas entrechocaram-se contra seu pulso onde seguia fechada firmemente. A sensação de liberdade explodiu dentro dela enquanto Gryphon deslizava a chave em seu bolso, logo puxou a camiseta e a jogou sobre a tampa do vaso sanitário detrás dele. Mas essa liberação se tornou inquietação quando desabotoou o jeans e empurrou o tecido por suas pernas.

Maelea deu um passo atrás até que se chocou contra a parede.

—Que está fazendo?

—Ambos necessitamos uma ducha.

Arregalou os olhos.

—Não vou tomar banho com você.

Chutou sua calça, deixando-o vestido com nada mais que uns boxers cinzas que enchia muito, *muito* bem, então a alcançou.

—Cheira como algo podre. É comigo ou nada.

Deu uma palmada na mão quando agarrou a parte inferior da camiseta.

—Ficarei suja.

—Não ficará aqui só enquanto tomo banho. —Agarrou a mão com facilidade. — Deixa de brigar comigo ou vou algemá-la de novo.

Seu pulso acelerou. E não estava segura, mas lhe pareceu sentir seu dedo movendo-se contra a pulsação em seu punho.

—O *Élencho* não funciona em mim, filho de puta.

O fantasma de um sorriso dava um aspecto devastadoramente bonito. Não duvidava de que foi um homem que sabia como conseguir o que queria de uma mulher.

—Não pensei que o faria, mas valia a pena tentar.

Moveu-se uma fração de polegada mais perto. O suficiente para que seu corpo roçasse o dela. Essa escuridão interior se sacudiu pela emoção.

—Não tenho nenhuma intenção com você, exceto a de mantê-la ao alcance de minha vista. Se cooperar, entraremos e sairemos da ducha antes que chegue nossa comida.

Mentiroso. Deixou claro uma e outra vez que a necessitava para algo. Não era estúpida quando se tratava de homens, em especial deste. Não depois da forma como a beijou naquela cova.

Ou ela o beijou? Na mente todo o acontecido estava confuso. Mas recordou o calor. O deslizar de sua língua contra a sua. Fora tão fresco e sedutor. Tão fascinante.

As bochechas se esquentaram ao recordar a luxúria e a vergonha.

—Não acredito.

Seu sorriso se desvaneceu e algo escuro deslizou em seus olhos azuis claros. Algo que a fez conter o fôlego. Um olhar atormentado que falava de dor e… tortura.

—Só quero uma ducha. Não vou obriga-la a nada mais. Não te farei o que me fizeram.

Os batimentos do coração de Maelea aceleraram enquanto o olhava fixamente nos olhos. Referia-se ao Inframundo. O que havia passado ali? Todo tipo de cenários amontoavam na mente, mas não podia imaginar enfocado em um sozinho. Não o forte e autoritário guerreiro que escapou da colônia, que combateu tanto com os kobaloi como com os *daemons* e ganhou.

Mas esteve no Inframundo. O inferno. A terra dos depravados. Não Disneylândia, merda. Hades podia ter feito uma infinidade de coisas ali, e nem sequer ele teria sido capaz de evitar que acontecesse.

Não confie nele.

—Prometo — sussurrou isso, seu olhar seguia bloqueado no seu. — Não vou fazer machucá-la.

Essa escuridão interior borbulhava com regozijo, e a tensão deslizou fora dos músculos apesar de que queria mantê-la. Como se intuísse a vacilante resistência, ele agarrou a calça do chão, tirou a chave do bolso, a aproximou do pulso, e abriu o grilhão. O metal se chocou contra o chão. E no eco que seguiu, atirou da camiseta para cima e a tirou pela cabeça antes que pudesse detê-lo, deixando-a em nada mais que com a calça e um reduzido sutiã.

Os mamilos esticaram sob seu ardente olhar. Cruzou os braços sobre o estômago para que não pudesse ver o interior dos antebraços. Isto era uma má ideia. Isto não era algo que deveria deixa-lo fazer. Por que não combatia?

O calor se expandiu pelo ventre enquanto se aproximava. E, OH, deuses, tinha que pôr fim a isto. Mas antes que pudesse encontrar as palavras, ele se deixou cair de joelhos e procurou o botão no cós.

Capítulo 10

Junto a Gryphon, Maelea se esticou. Pousou suas mãos sobre os ombros nus, mas não o apartou. E quando ele abriu o zíper de suas botas e deslizou a calça pelas pernas, puxando ambos com um movimento fluido, não tentou detê-lo.

Deslizou o olhar por suas pernas nuas enquanto lançava a roupa ao chão, a seu lado, detendo-se na calcinha cor carne que levava, a qual não era sexy absolutamente, mas fez que o sangue corresse quente pelas veias. Logo a deslizou pelo estômago plano até a elevação dos seios ocultos sob o simples tecido claro do sutiã.

Encolheu-se ante os hematomas que viu sobre sua pele, mas à luz não pôde deixar de notar as curvas que tinha sentido nos túneis. O estômago estremeceu e a lembrança daquele beijo, de como quente e viva estivera contra ele, precipitou-se pela mente, acendendo de novo um desejo que não sentira em meses.

Exceto com ela.

Ficou em pé, baixou o olhar a seu rosto e viu a inquietação em seus olhos. Então apertou os dentes pelo desejo ardente nas veias. Não mentira. Inclusive embora a retivesse contra sua vontade, não a forçaria a fazer algo que não quisesse. Jamais proporcionaria pesadelos como os que ele tinha cada dia.

Agarrando-a pela mão, puxou-a para a banheira. Afastou a cortina, abriu a água, esperou que se esquentasse e então ligou a ducha.

O vapor encheu o banheiro. Maelea ficou tensa outra vez quando Gryphon deu um passo sob a água, empurrou-a com ele, correndo a cortina e fechando-a atrás dela. A água empapou a boxer que levava, grudando ao corpo. Enquanto se apartava para dar lugar sob a água, obrigou-se a não olhar o sutiã. Em troca, soltou a mão e agarrou o sabão.

Esfregou o sabonete entre as mãos até que formou espuma e então passou os dedos sobre seus ombros.

Ela deu um salto e tentou tornar-se atrás, mas a parede da ducha deteve seu ímpeto.

—Que está fazendo?

—Te lavando. —Arrastou o sabão por seus bíceps e subiu de novo. As borbulhas formaram um caminho espumoso ao longo de sua pele, que brilhava sob os fluorescentes.

—Posso me lavar eu mesma.

—Relaxe.

Sua boca se fechou de repente. Não brigou com ele, simplesmente ficou rígida, com os braços envoltos em sua cintura enquanto ele movia a sabonete por seu peito e lados. Embora soubesse que não deveria estar tocando-a, embora soubesse que ela estava enviando toda classe de sinais tipo, *eu não gosto disto nem você,* não se deteve porque qualquer tipo de distração seria melhor que esperar que a punheteira voz retornasse. E encarregando-se disso, também garantia que entrassem e saíssem da ducha o mais rápido possível, que era tudo o que queria agora mesmo.

Ensaboou seu pescoço, sua clavícula, movendo as mãos em rápidos e indiferentes movimentos. E conseguiu permanecer um pouco afastado até que posou o olhar sobre o caminho de borbulhas que deslizava para baixo por sua pálida pele. A massa de sabão desapareceu sob o bordo de seu sutiã, e antes que pudesse evitar, pousou os olhos sobre suas escuras aréolas rosadas, facilmente perceptíveis detrás do agora translúcido tecido e finalmente se atrasou nas duras protuberâncias de seus mamilos.

O sangue se precipitou à virilha. Aquela excitação rugiu nas veias. Sem pensar, arrastou as mãos pela lateral de seus peitos, apartou seus braços e esfregou a espuma por todo o suave e sedoso abdômen, baixando até as perfeitas curvas do quadril.

Ela inalou um fôlego surpreso, mas não a encarou, de repente estava muito encantado com seu corpo. Deslizou o olhar mais longe, para o sul, à calcinha molhada, ao escuro pelo agora facilmente visível através do fino cetim. A esse lugar que desesperadamente queria ver mais.

O pênis se pôs grosso e duro enquanto estudava cada centímetro de seu magnífico corpo. Enquanto recordava como a sentiu nessa cova, como a degustara na língua. E no vapor silencioso que rodeava a cabeça, soube sem lugar a dúvidas que a desejava. Mais do que fizera antes. Mais do que acreditara possível quando decidiu arrastá-la a esta ducha em primeiro lugar.

O bom senso dizia que saísse daqui agora mesmo, mas o ignorou, esperando só prolongar este momento. Deixou-se cair de joelhos, deslizando a barra de sabão de um quadril à coxa. Ela tomou outra profunda respiração e logo, com cuidado, apoiou as mãos sobre os ombros como se tentasse manter o equilíbrio. E assim de perto, com o único som da corrente de água de acima, captou seu aroma. Jasmim e… o forte aroma de sua própria excitação.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Elevou o olhar com surpresa. Os olhos dela estavam fechados. Os lábios fortemente apertados. Contra os ombros, suas mãos se esticaram enquanto ele seguiu esfregando o sabão ao longo de suas pernas, mas não o apartou. E quando roçou com os dedos suas coxas internas, ela gemeu.

Santo Inferno! Estava tão excitada quanto ele. A compreensão fez que as bolas formigassem e disparou uma imagem dele baixando sua calcinha, roçando sua carne mais sensível com os dedos, que ricocheteou na mente até que era tudo no que se podia pensar.

Não. *Não.* Não podia fazer isto. Prometeu que não o faria.

Reprimindo o impulso, ficou em pé. Sabia que tinha que terminar com isto e centrar-se.

—Vire-se.

Soltou os ombros e fez o que pedia sem uma palavra. E logo foi seu turno de gemer. Tinha muito pouca luz para ver bem na cova, mas sob o brilho dos fluorescentes do quarto de banho, conseguiu sua primeira boa olhada do que apenas fazia um momento tinha nas mãos. Fortes ombros tonificados, cintura estreita e um traseiro firme e apertado que definitivamente não deveria olhar tão fixamente agora.

Ducha… ducha… pensa na ducha. Não no sexo. Definitivamente não no sexo. Isto vai conseguir limpeza. Não um orgasmo.

A pele ardia, enviando gotas de suor sobre a testa. Esfregou o sabão por suas costas com mais força da que pretendia, e apenas roçou o traseiro antes de dar a volta outra vez. E embora tratou de não notar o rosado de suas bochechas que diziam que ela sabia exatamente no que esteve, não pôde ignorar a forma como seus olhos permaneceram fortemente fechados como se ela não pudesse suportar olhá-lo. Como se o repelisse. Como se ele fora totalmente o monstro que pensava que era.

A excitação que sentiu antes desapareceu como que varrida por uma onda e uma mescla de decepção e cólera se apressou a encher o vazio. O que esperava? Que gostasse de seu toque? Que o desejasse depois de tudo o que tinha feito? Realmente estava louco se pensava que alguma vez o veria como um homem. Apertando a mandíbula, deslizou o sabão desde seus braços a seus dedos, todo o momento chamando a si mesmo fodido idiota, e logo vacilou quando viu as finas linhas brancas em toda a suave pele de seus braços internos.

Cicatrizes? Não sabia dizer. Mas uma olhada a seu rosto disse que agora quando estava claro que só queria afastar-se dele tanto como fosse possível, não era o momento de perguntar.

Ele deixou de repente a barra em suas mãos.

—Segure isto.

Grandes olhos de ônix o olharam fixamente enquanto ele vertia o xampu de uma garrafa de viagem a um lado da ducha na palma e ensaboava o cabelo. Olhos que ele tentou como o inferno ignorar. Olhos que o atraíam por serem condenadamente fascinantes.

Apertou os dentes e se concentrou na tarefa. Mas quando pousou suas mãos sobre os antebraços, o calor atravessou o corpo de novo. E o gemido que escapou dos lábios quase o fez sair-se da pele.

Deuses, os sons que fazia! As mãos ficaram imóveis em seu cabelo ensaboado. Arriscou-se a

jogar uma olhada a sua cara e viu que tinha os olhos fechados uma vez mais. Mas esta vez o prazer, não a dor, cobria seus rasgos. E o pênis endureceu de novo ante a perspectiva de escutá-la gemer assim quando a tocasse em outra parte. Quando a beijasse. Quando estivesse dentro dela.

Nada de sexo. Sexo não. Sexo nãoooooo.

—Inclina a cabeça para trás — disse entre os dentes apertados.

Rapidamente tirou a espuma do cabelo. Agarrou o sabão de sua mão e deu as costas para que não pudesse ver a ereção que empurrava contra a boxer empapada. Tão rapidamente como pôde, ensaboou-se o peito e o estômago. Disse que recordasse o porquê demônios a mantinha com ele. Não para seu próprio perverso prazer, a não ser para poder pensar.

Inclinou-se para diante, encolheu-se ante a dor do pênis e esfregou a sujeira das pernas. Depois de ensaboar o rosto, pôs a barra no suporte, e deu um passo para rodeá-la e alcançar a ducha. A água caiu sobre a bochecha, fazendo uma merda para esfriá-lo. Esfregou os olhos e congelou quando umas pequenas mãos pousaram brandamente sobre as costas.

Estava tocando-o. Santos deuses, estava tocando-o e ele não tinha pedido. Ou ordenado. Ou inclusive suplicado. O sabão deslizou pela pele, percorreu a coluna vertebral e logo através dos ombros. Seus dedos eram pequenos e delicados, seu toque suave. Toda a carne arrepiou enquanto o pulsou bombeava com força e aquela ereção que tinha começado a desinflar voltava rugindo a vida.

—Que está fazendo? —perguntou.

—Ajudando. —Deixou o sabão e agarrou o xampu que usou nela. — Vire-se e incline para diante. Não chego a seu cabelo.

O pulso se converteu em um rugido nos ouvidos. Sabia que não deveria, que era má ideia deixar que o tocasse mais do que já tinha feito, mas ao parecer não pôde evitar dar a volta. No último segundo, algum sentido de decência disparou através dele, e se inclinou pelos quadris para que não pudesse ver o efeito que tinha sobre ele. Os dedos da Maelea deslizaram pelo cabelo. Fechou as mãos em punhos para evitar reagir ante ela. Mas quando suas unhas rastelaram o couro cabeludo, um comichão percorreu a coluna, enviando um calafrio pela pele que não pôde conter.

—Machuco?

Deuses, não! Suas mãos pareciam tão boas. Tão boas, que teve que morder o lábio para impedir-se de gemer. Conseguiu negar rapidamente com a cabeça e apoiar uma mão na parede para não cair. Tentando não perder contato tão pequeno. Mas, maldição, ela parecia um sonho úmido, cheirava como uma fantasia. E suas mãos… eram puro céu.

—Joga a cabeça para trás — disse ela.

Fechou os olhos ante seu rouco timbre de voz. Já não se importava se via que tinha a mãe de todas as ereções. Estava perdido em uma fantasia erótica da qual não queria despertar. Desta linda criatura tocando-o, ensaboando e acariciando cada centímetro de pele. A água corria pelo rosto e deslizava pelas costas. Passou seus delicados dedos sobre os ombros, peito e abdômen. Estremeceu-se com a necessidade de que o tocasse em outro lugar… em todas as partes. Imaginou aquelas mãos deslizando-se pelo estômago e sob a boxer. Envolvendo-se ao redor da…

Seu ofego o lançou fora da fantasia. Limpou a água dos olhos, separou-se do jorro da água e

olhou para baixo. Então quase gemeu de novo quando se encontrou com seus olhos muito abertos, sua boca formando um pequeno "o" e seu olhar preso firmemente nos quadris.

Correntes elétricas correram sob a pele, voltando o sangue mais quente, a ereção mais dura. A atração era tão forte que o desejo de aproximar-se dela era esmagador. Mas algo o conteve. Não era só que tinha prometido que não o faria, era o conhecimento de que logo que o fizesse não seria capaz de deter-se, tanto se o pedia como se não.

O fogo chispou ao longo da pele enquanto a água caía em cima, deixando-o dolorido e quente. Mas tampouco podia partir ainda. Com os pés firmemente arraigados na base da banheira, observou mover-se sua garganta quando tragou saliva, quando lambeu os lábios beijáveis e seguiu baixando seu elétrico olhar pelo corpo. As bolas se apertaram enquanto esse olhar se elevava, enquanto revoava sobre os lábios. Conteve o fôlego e esperou, esperando o pior, esperando que fora o que necessitava para esfriá-lo. Mas não viu o medo em suas profundidades escuras quando se fixaram nos seus. Viu desejo. E fome. E o mesmo calor abrasador que o queimava de dentro a fora.

—Maelea… — seu nome abandonou os lábios antes que pudesse detê-lo. A mão se elevou para tocá-la como se tivesse mente própria.

Um murro soou na porta exterior. Congelou a mão a meio caminho de seu quadril. Ela girou a cabeça para o som e seus olhos se aumentaram como se acabasse de recordar onde se encontravam. E antes que Gryphon pudesse pensar em uma forma de atrair sua atenção de volta a ele, uma voz gritou:

—Trago sua comida.

O surpreendido olhar de Maelea se disparou de novo fazia ele. Deu um passo atrás e rapidamente cruzou os braços sobre seu corpo como se o som a tivesse tirado de alguma espécie de transe. E no vapor e no silêncio que seguiu, a decepção se precipitou por Gryphon uma vez mais, seguida de uma forte e rápida bofetada de realidade.

Skata. Que diabos fazia? Esteve a ponto de tocá-la, de beijá-la como estupidamente tinha feito naquela cova. Realmente estava perdendo a fodida cabeça se fosse enfeitiçado tão facilmente por ela no tempo que dura uma mísera ducha.

Abriu a cortina com mais força da necessária, saiu e deu um puxão ao plástico para fechá-lo atrás dele, deixando-a só na ducha. Nenhum protesto soou da banheira. E o fato de que a ela parecia não importar se ficava ou partia, irritou-o mais do que se o tivesse rechaçado de plano.

—Acaba —espetou enquanto envolvia uma toalha ao redor dos quadris, amaldiçoando a si mesmo e aquela escuridão que ainda permanecia em seu interior. Uma escuridão que o controlava inclusive agora. — Tem cinco minutos antes que te eu tire mesmo.

***

O que, em nome de todos os deuses, estava fazendo?

Maelea afastou o cabelo molhado do rosto e fechou os olhos com força. Benditos deuses, o tocou. Esfregou suas costas. Quando ele girou e tinha visto essa ereção monstruosa, quase…

Não. Não vá por aí. Nem sequer recorde.

Abriu a água fria e esteve de pé sob o jorro até que a pele esfriou e um grito construiu na garganta. Não estava apaixonando-se por seu sequestrador. Como o chamavam nas notícias? Síndrome de Estocolmo[8]. Isso era. Quando os reféns retorciam os acontecimentos na mente até que sentiam empatia por seus captores. Deuses, não era tão estúpida. Não se importava que salvou sua vida nos túneis… ou que tivesse matado a aqueles *daemons* antes que tivessem a oportunidade de chegar a ela. Ou inclusive que conseguisse afastar aos cães do inferno. Ele não fez por nenhuma outra razão nobre que não fora o fato que a necessitava para algo.

Um calafrio percorreu as costas, por isso mudou a água de novo a quente. Podia escutar ao Gryphon falar com o menino fora do corredor. Provavelmente estava lavando o cérebro de novo. Aí tinha um ato nobre e heroico se alguma vez vira um.

Recolheu o sabão e lavou todo o corpo, precisando limpar o toque de Gryphon, lavar qualquer lembrança de seus dedos roçando sua pele. O alívio borbulhou através dela ante o conhecimento de que não ia a violar. Teve tempo suficiente na ducha e não tinha feito nenhum movimento. De fato, não se excitou absolutamente até que ela agarrou o sabão e começou a lavar as costas. Chamando-se uma vez mais dez classes de estúpida por aquele brilhante movimento, esfregou mais forte, amaldiçoando a desprezível escuridão interna que obviamente se sentia tão atraída por ele. Era um psicótico, um desequilibrado, e a tinha sequestrado, por amor aos deuses! Tinha os hematomas para demonstrar. Precisava dela? Tolices. O que ele precisava era um bom e rápida chute na cabeça. Preferentemente com uma bota com ponteira de aço. Necessitava…

Os dedos ficaram quietos.

Realmente importava que ele necessitasse dela? Enquanto não fosse sexual, estava a salvo… no momento. Mas entre aquele beijo nas covas e esta ducha, era evidente que se sentia atraído por ela — tanto, não *mais* do que — ela por ele. O porquê, não sabia. Se por si mesmo ou pelo fato de que era a primeira mulher que se aproximava dele em meses, não importava. Poderia usar aquela atração a seu favor, se fosse com cuidado.

Embora… Maldição! Mordeu o lábio enquanto a água quente caía sobre o corpo. Não era muito boa no jogo da sedução. Passaram anos – muitos, desde que tentou seduzir a um homem. Renunciou ao sexo quando compreendeu que as relações, inclusive as curtas, causavam muitas complicações e colocavam-na e àqueles por quem remotamente tentou preocupar-se em excessivo risco. Cuidar de si mesma servira muito melhor ao longo dos anos do que uns poucos demolidores orgasmos jamais poderiam.

Mas ele não sabia que era uma inútil na arte da sedução. Depois de tudo, esteve duro como uma pedra depois de passar só uns minutos na ducha com ela. E a forma como a beijara nos túneis, como um homem faminto… bom, diabos, tecnicamente, estava. Havia passado três meses no Inframundo, sem nenhum prazer sexual ali, e depois disso, dois mais encerrado em seu quarto na colônia. Seriamente duvidava que teve algum tipo de contato feminino ultimamente. As

[8] *A **Síndrome de Estocolmo** recebe esse nome em referência ao famoso assalto de Norrmalmstorg do Kreditbanken que durou de 23 de agosto a 28 de agosto de 1973. Nesse acontecimento, as vítimas continuavam a defender seus captores mesmo depois dos seis dias de prisão física terem terminado e mostraram um comportamento reticente nos processos judiciais que se seguiram.*

mulheres da colônia estavam muito assustadas com ele para sequer aproximarem-se de sua porta.

O qual queria dizer… que poderia fazê-lo.

Acelerou o pulso enquanto a ideia tomava corpo. Sempre que desse o suficiente para que não a algemasse de novo, poderia enganá-lo. Isso não significava necessariamente que tivesse que ter relações sexuais com ele. Simplesmente tinha que… saciá-lo. Então poderia encontrar uma forma de escapar.

Todo tipo de imagens cintilaram na mente. Forma nas quais poderia agradá-lo. Como luziria ele no momento da liberação. Como soaria. Como se sentiria. E todas começavam com ele nu, como esteve momentos antes na ducha, só que esta vez sem a boxer empapada.

Esquentou o sangue e a excitação gotejou do ventre para estender-se entre as coxas. Ainda recordando como viu Gryphon, o duro, quente e excitado que tinha estado ante um contato tão pequeno, passou uma mão pelo dolorido peito e a desceu para o estômago, dirigindo os dedos ao ponto que agora palpitava com a necessidade da liberação.

A cortina de banho se abriu de repente. Maelea pegou um salto e deixou cair o sabão. Gryphon a olhou irado do outro lado da banheira.

—O que faz ainda aqui? Acabou o tempo. Limpe-se e sai.

A adrenalina disparou. Ele a observou com olhos ardentes, conhecedores. Olhos que pareciam sentir o que ela estava a ponto de fazer. Olhos, notou quando os olhou mais de perto, que estavam cheios de frustração.

—Eu… De acordo — pôde dizer.

Ele franziu o cenho, seu olhar percorreu todo o corpo e quando se deteve nos seios e ela viu o fogo que estalava em seus olhos azul claro, soube que a frustração era puramente sexual.

Desejava-a e esse desejo o perturbava. Podia não obrigá-la a nada, mas ansiava seu toque tanto quanto ela ansiava o seu.

O coração da Maelea pulsou com força enquanto ele dava a volta e partia. No silêncio, o corpo zumbiu com uma mescla de antecipação e nervosismo. E aquela escuridão interior, a escuridão que se sentia a atraía para ele, vibrou com entusiasmo. Poderia fazer isto. Sempre que recordasse o que estava em jogo, poderia fazer e ganhar. Pela primeira vez em sua vida, ela sustentava o poder.

Tinha a liberdade na ponta dos dedos. Tudo o que tinha que fazer era estender a mão e agarrá-la.

Capítulo 11

Havia roupa limpa sobre o balcão do banheiro quando Maelea abriu a cortina de um puxão. A porta estava entreaberta. O débil murmúrio da televisão soava no outro quarto, mas não se via Gryphon por nenhuma parte. Apertando mais forte a toalha contra o corpo gotejante, saiu da banheira e tocou a singela camiseta marrom e a calça cor cáqui que Gryphon escolheu para ela

naquela loja de excedentes do exército.

Não era exatamente a sexy camisola que ia procurando, mas não estava preparada para ir por aí em couros. Tinha que conformar-se com esse conjunto para seu papel de Siren sedutora. Não era Skyla, por amor aos deuses.

Pendurou a roupa íntima molhada sobre a barra da ducha para que secasse, colocou a calça, que eram um bom tamanho maior e colocou a camiseta. Os mamilos endureceram pelo frio ar, marcando-se contra o áspero algodão, mas não havia muito que pudesse fazer a respeito. E se parecia sexy? Bom, esse era o objetivo não? Depois de tudo, seria o único sexy de todo o conjunto. Depois de secar o cabelo com a toalha, penteou as largas mechas o melhor que pôde com os dedos e respirou fundo.

Que comece o espetáculo.

Os nervos cantarolavam enquanto os sujos e desgastados fios do tapete roçavam os pés nus. Girou a esquina, e então se acalmou quando o viu parado diante do televisor, o controle remoto na mão e o olhar fixo na tela enquanto trocava de canal, procurando… não sabia o que.

A luz verde azulada piscava sobre seu peito nu, destacando os tensos músculos de seu estômago e a calça de camuflagem pendurava solta dos quadris. Baixou o olhar pelas pernas até os pés descalços, aparecendo por debaixo da prega das pernas das calças. E se surpreendeu ao compreender que, pela primeira vez desde que o conhecia, parecia mais humano que monstro. Mais homem que guerreiro.

O que pensaria dele se o tivesse conhecido em um bar? Em um restaurante? No teatro? Arrastou o olhar por seu corpo duro como uma pedra, subindo do torso à cara. Sua mandíbula era uma dura linha, coberta por uma barba de vários dias da mesma cor que seu loiro cabelo. Inclusive poderia passar por uma atraente estrela de cinema, apesar do punhado de cicatrizes ganhas nas batalhas liberadas ao longo dos anos. Sim, se o tivesse conhecido em outra parte, se sentiria intrigada. Teria se perguntado quem era e com quem partiria a casa. E provavelmente teria voltado para seu lar sobre o Lago Washington e fantasiado com ele durante ao menos uma noite, provavelmente mais.

Esse descobrimento enviou um tremor de consciência pelo corpo, esquentando o sangue, e acendendo um formigamento elétrico ao longo da pele. Como se ele acabasse de dar-se conta que não estava sozinho, olhou em sua direção, e esses olhos, esses olhos azuis como o mar do Caribe, que a recordavam ao paraíso, centraram-se nela, travando-se com força e arrancou algo profundo em seu interior. Conteve o fôlego e inclusive antes que se desse conta, estava dando um passo para ele, movendo-se como se alguém ou algo mais a controlasse.

Gryphon deslizou os olhos pelo corpo, do topo da cabeça molhada até os dedos dos pés nus, e o calor de seu olhar alagou cada centímetro de pele, convertendo aquele comichão em completas vibrações que não podia deter.

—Pensei que tinha se afogado ali dentro.

Sua voz era rouca, o que despertou as terminações nervosas à vida, elevando as sensações e provocando uns estados de excitação que não deveria sentir. OH, homem. Possivelmente deveria voltar atrás e tomar uma ducha fria. Realmente era a sedução uma boa ideia quando estava tendo

tantos problemas para controlar a reação do corpo?

—O que está errado com você? —perguntou ele.

—Nada.

Seu olhar examinador disse que não acreditava, mas apontou com a cabeça para a mesa em vez de insistir mais.

—O menino trouxe a comida. Deveria comer.

Feliz pela distração, *qualquer* distração se moveu para a mesa e se sentou na cadeira riscada. Ele tirou uma embalagem da bolsa e a pôs diante dela. Acrescentou uma embalagem com batatas fritas, logo tirou o papel fora e um canudo colocando-o no copo que tinha junto à mão.

—Se os hambúrgueres com queijo não …

—Isto está bem — disse, abrindo a caixa e levantando o hambúrguer. Já estava fria, mas grunhiu o estômago ao vê-la.

Sentou-se frente a ela. Comeram em silêncio, com o mudo televisor piscando atrás dela. À medida que enchia o estômago e a excitação se apagava, a mente se dirigiu ao que tinha que fazer depois. E o entusiasmo e a preocupação batalharam acaloradamente de novo.

Engoliu um bocado, deixou o hambúrguer e limpou as mãos com um guardanapo. Deuses, realmente não sabia como diabos começar isso, mas ele jamais acreditaria nas intenções se se levantava e saltava em cima dele, por isso primeiro devia tentar aliviar a tensão no quarto.

—Aposto que os outros estão preocupados com você — disse, decidindo provar com um pouco de conversa em primeiro lugar.

—Não estão. —Agarrou uma batata frita, a meteu na boca e não a olhou enquanto mastigava.

—Certamente Orpheus está.

A menção de seu irmão fez que deixasse quieta a mão sobre sua bebida, mas não respondeu. Quando levantou o copo, perguntou-se se sentia algo de culpa por abandonar ao irmão que o resgatara do Inframundo. Orpheus devia estar voltando-se louco agora mesmo, sem saber onde estava Gryphon ou o que fazia.

Tomou um gole, deixou o copo e seguiu comendo. À débil luz, as escuras marcas dos Argonautas em seus braços destacavam em contraste com sua clara pele.

Estudou o texto em antigo grego que as compunham.

Deu-se conta que os outros Argonautas deviam estar zangados com ele depois do que aconteceu a Titus. Queria perguntar por que se voltou contra um dos seus, mas sabia que falar disso só a afastaria de seu objetivo. Assim tentou outra linha de ataque.

—O que pensa de Skyla?

—Não penso nela.

—Não, refiro-me para Orpheus. Deve ter sido bastante surpreendente saber que se apaixonou por uma das Sirens do Zeus.

Ele elevou o olhar… ao fim. E deuses, aqueles olhos eram encantadores.

—Sempre está tão cheia de perguntas?

—Depende da situação. Normalmente não estou ao redor de muita gente, assim que guardo

isso para mim. Mas já que me obriga a ficar com você, não tem sentido ignorar um ao outro, verdade?

Olhou-a fixamente com aqueles penetrantes olhos azuis claros durante tanto tempo que estava segura que ia dizer que fechasse a fodida boca. Então voltou a baixar a vista a seu hambúrguer e seguiu comendo. Mas antes de fazer, disse:

—Enquanto seja feliz, não me importa.

O comentário a surpreendeu. Havia amor ali. Mas claro, tinha que haver se Orpheus esteve disposto a entrar no Inframundo outra vez para resgatar Gryphon. Pela primeira vez, perguntou-se como teria sido Gryphon antes de ser enviado ao Hades. Recordou às mulheres da colônia sussurrando que fora um Dom Juan. Procurado pelas mulheres Argolean. Por seu aspecto, podia ver o porquê. Embora seu estado de ânimo devia ser muitíssimo melhor então. Não podia imagina a um montão de mulheres lançando-se sobre ele se tivesse sido tão escuro e taciturno naquele tempo como agora.

Está a ponto de se lançar sobre ele, verdade?

Sim, mas tenho minhas razões.

Afastou o pensamento, não querendo discutir consigo mesma sobre essa decisão. Baixando o olhar, brincou com uma batata frita.

—Sabia? De Orpheus? Que era o filho do Perseu em pessoa?

—Não — respondeu, tragando um bocado, sua atenção centrada ainda na comida e não nela. — Mas isso tem sentido. Sempre soube que pertencia aos Argonautas. Agora sei o porquê.

Maelea deixou cair às mãos no colo. Sim, Orpheus pertencia a eles. De fato, possivelmente demonstrou ser um herói mais que nenhum dos outros.

—Ainda não posso acreditar que não compreendeu que era meu sobrinho à primeira. Todo o tempo que passei com ele e nem sequer suspeitei. Suponho que não sou tão perspicaz como meu pai.

Finalmente, Gryphon elevou a vista, suas sobrancelhas arqueadas em interrogação.

—Orpheus é seu sobrinho?

—Não sabia?

—Não. Quais são seus pais?

—Zeus e Perséfone.

Deixou o que ficava de seu hambúrguer e se recostou na cadeira.

—Santa Merda.

A inquietação ondulou através dela.

—Acreditei que soubesse. Que era parte da razão pela qual me mantinha com você.

—Não, eu… — Esfregou a cara com a mão. — Santa puta Merda.

O estômago contraiu quando ele ficou em pé de repente e começou a compassar pelo quarto. Realmente não sabia? Então, que diabos fazia retendo-a?

Pensa. Pensa, maldita seja! Agora que abriu o bocão e soltou quem era em realidade, não tinha que dar nenhum motivo para que a retivesse mais tempo do que ele em princípio planejara. Ou para que se desfizesse dela e então assim ninguém saberia o que fizera.

—A nenhum deles importo — disse rapidamente. — Não os vejo. De fato, estou no reino humano porque não me permitem ir a nenhum de seus reinos.

Deixou de compassar.

—Maelea. — Lançou um olhar com os olhos arregalados. — É Melinoe?

Ela apertou os dentes antes à menção desse nome. OH, como odiava esse maldito nome com o que Hades a tinha marcado, aquele que significava "pensamento escuro". Cruzou os braços e lançou um fulminante olhar em sua direção.

—Deixei de usar esse nome faz muito tempo.

—Skata. —passou a mão pelo rosto. — Tem como… uns três mil anos de idade.

—Três mil cento e quarenta e dois anos, obrigado por me recordar isso e acredito que me vejo bastante bem para ter essa idade. Tenta sobreviver a guerras e pragas e veremos como se vê você.

Deteve-se e a olhou fixamente.

—Como demônios...? O que está…? Que porra fazia na colônia mestiça?

Seu temperamento acendeu e apertou os lábios enquanto olhava o hambúrguer meio comido, desejando não ter tomado esse caminho de revelação.

—Não estava ali por vontade própria. Orpheus veio me buscar porque necessitava de... ajuda… para procurar o Círculo. No processo, alertou Hades de minha posição, de quem, muitíssimo obrigada, me mantive oculta durante anos. Não é nenhum segredo que Hades me odeia e que não importaria ver-me apagada do mapa.

—Sim, mas…

—Orpheus é quem me levou a colônia mestiça. Sentiu-se culpado e pensou que estaria a salvo ali. Mas não estou. Ninguém está a salvo, sempre e quando eu esteja perto.

Fechou a boca de repente. Santo inferno. Realmente acabava de dizer o motivo pelo qual partiu? Foi uma estupidez. Não havia razão para que se importasse. Quão único estava fazendo era piorar as coisas.

Se centre, Maelea.

—É por isso que fugia a noite que a encontrei.

Não respondeu. Não queria cavar um buraco maior.

—Santa Merda — disse outra vez da outra ponta do quarto. — Sequestrei à filha de Perséfone e Zeus. Se eles o averiguarem…

—Não o farão — replicou rapidamente, saltando sobre a oportunidade. — Não se me deixa ir esta noite.

Olhou-a fixamente. A eletricidade rangeu no ar entre eles. O pulso agitou freneticamente enquanto esperava. Enquanto ele considerava. Enquanto ela se esperançava.

Por favor, só me deixe ir.

—Não posso fazê-lo — disse finalmente em voz baixa.

—Não pode ou não quer?

—Não posso. Ainda não, ao menos. Ainda a necessito.

A ira estalou dentro dela. Os músculos esticaram e algo na cabeça gritou: *Corre, agora, não a*

deterá. Mas então viu seus olhos. Olhos que não estavam tão mortos como acreditara todo este tempo. Olhos que estavam cheios de… dor. O mesmo tipo de dor com a qual ela vivia todos os dias.

Algo no peito se apertou, uma reação para a qual não esteve preparada. Algo que atirou da alma e recusou deixá-la ir.

O que fizeram a ele no Inframundo? O que vira e sofrera?

O pulso acelerou. E pela primeira vez, um lugar dentro dela entendeu ao menos um pouco de onde ele vinha. Não eram tão distintos, depois de tudo. Ambos eram incompreendidos, emparelhados em um mundo com qual nenhum sabia como lidar. Mas enquanto ela fugia de uma ferida inflamada desde fazia milhares de anos, ele fugia de uma que era mais recente e provavelmente cem vezes pior.

Engoliu em seco e lentamente ficou de pé. Tentou desesperadamente reduzir o ritmo galopante do coração. Nada funcionou. Ainda ignorava o que necessitava dela, mas agora que sabia que não a retinha para usá-la como peão contra seus pais, e que não planejava violá-la, tudo parecia diferente. O que quer que quisesse dela, era mais pessoal. Era único. Era — a escuridão dentro dela vibrou novamente — era algo que só ela poderia dar.

O pulso bateu com força. Tudo no que podia centrar-se era no homem frente a ela. Que a resgatara dos kobaloi, que a manteve a salvo daqueles *daemon*, que agora a olhava como se sentisse um parentesco com ela tão forte como o que de repente ela sentia por ele.

Aproximou-se um passo. Ele inspirou com surpresa, mas isso não a dissuadiu. O calor de seu corpo se filtrava no seu, dando força. Quanto tempo havia passado desde que encontrou a alguém que compartilhasse sua dor, que soubesse o que era estar sozinho, que desejasse uma conexão com outra pessoa tanto quanto ela desejava? Nunca, compreendeu. Nunca conheceu alguém como ela em todos seus longos anos. Até agora.

Com cuidado, porque as mãos de repente tremiam, levantou um dedo e o remontou através de seus bíceps, onde uma irregular crosta percorria seu braço.

—O que está fazendo? —perguntou ele com voz espessa.

Uma voz sexy. Uma carregada com o mesmo desejo que corria pelas veias.

—Cura-se rápido. —O fizera nas covas, quando um kobalos se lançou sobre ele enquanto a protegia. O viu sangrar. Tentou ignorá-lo. Agora, não podia.

Esticou-se e ela observou os músculos de seu estômago apertarem-se. Gostava de seu toque. Tanto como gostara do seu na ducha. O conhecimento enviou poder saltando através das veias.

—Maelea…

—Nunca agradeci — disse, dando um passo mais perto, inalando uma profunda baforada de seu embriagador aroma. — Por me salvar. Nos túneis. Por impedir que me congelasse, por me defender daqueles kobaloi. Não tinha porquê fazer nada disso, mas o fez.

—Eu…

Todo seu corpo estremeceu quando ela deslizou a mão de seu braço às costelas, a outro arranhão que já se curou e não era mais que uma fina linha vermelha. Riscou com os dedos o

bordo franzido, e seu corpo sacudiu, um movimento que multiplicou por dez o poder que sentia.

Gryphon capturou ambas as mãos antes que pudesse tocá-lo mais.

—Maelea, para.

Elevou os olhos até os seus, procurando em seu rosto a prova que demonstrasse que isso era o que realmente queria. Não a viu. Viu desejo, necessidade e fome. A mesma fome que a afligia.

O conhecimento a eletrificou. Emocionou-a. Fortaleceu-a. Isto, de repente, não se tratava de seduzi-lo para escapar. Tratava-se de aliviar a necessidade que sentiu desde que a tocou pela primeira vez nas covas sob a colônia.

—Não vou machucá-lo, Gryphon. Só quero agradecer. Até agora, não fui muito amável com você e… o quero dizer é… O sinto. Simplesmente relaxe e deixe-me agradecê-lo.

Ficou nas pontas dos pés, atraindo sua boca perto da sua. Ele inspirou profundamente de novo, uma respiração que dizia sim… sim, isso era o que ambos necessitavam. Não sabia por que, mas um impulso incontrolável de demonstrar isso e muito mais a consumia.

Justo antes que o beijasse, bloqueou-a apoiando as mãos sobre os ombros.

—Maelea, não o faça. Não sabe o que faz. Não sabe do que sou capaz.

—Sim, sei — sussurrou . — E acredite, Gryphon, os dois necessitamos isto.

Ficou imóvel como uma pedra quando ela pressionou os lábios contra os seus. Suas mãos caíram dos ombros. Maelea se aproximou mais, até que a ponta dos seios roçou sua pele. Pousando os lábios sobre os seus de novo, colocou as mãos contra seu duro e quente peito, o corpo cada vez mais necessitado a cada longo e silencioso segundo que acontecia. A frustração aumentou também, já que não devolvia o beijo da forma que queria.

Não estava tão atraído por ela como pensava? Estava tão segura de que isso era o que queria também! Baixou os calcanhares ao chão e o observou à débil luz. Procurando em seus olhos o que o continha.

Medo. Puro e cru. Mas não dela. Não podia ter medo dela, verdade? Jamais ninguém a temera.

—Gryphon — sussurrou.

Um gemido estrangulado retumbou em seu peito. Logo a enganchou pela cintura e a puxou contra seu peito antes que sequer pudesse ofegar.

E enquanto baixava a boca à sua, sussurrou:

—*Skata*. Preciso de você.

***

Sua boca era tudo o que ele recordava e tinha medo de saborear de novo. Quente, úmida e acolhedora. Ela a abriu por reflexo e ele colocou a língua sem duvidar. Seus dedos deslizaram aos ombros e se cravaram na pele enquanto a beijava. Tinha sabor de escuridão. A fome. A necessidade. A céu e inferno e a todo o do meio.

Gemeu, trocou o ângulo do beijo para poder degustá-la mais profundamente e a atraiu com

mais força para poder senti-la mais perto. A endurecida ereção pressionou contra seu suave ventre, enviando fragmentos de calor que ricochetearam pela virilha. Ela gemeu, e a escuridão dentro dele cantarolou de prazer. As vibrações ressoaram por cada centímetro de pele, até esse lugar interior imperfeito desde que esteve no Inframundo deu sacudidas para ela, como se fosse um ímã. Como se fosse o antídoto a sua dor. Como se fosse a última oportunidade para a salvação.

Era. Era o único que se interpunha entre ele e a loucura. Entre ele e a voz que o esteve chamando desde que deixou o Inframundo. Aquela que o fazia ter espasmos nervosos, aquela que dava vontade de rasgar a pele, aquela que o fazia querer gritar. E agora sabia o porquê. Pela luz dentro dela. A luz que rebatia a escuridão que fervia a fogo lento em seu interior. A luz que interferia no agarre de Atalanta sobre ele. Com sua capacidade para convocá-lo.

—Gryphon — sussurrou contra os lábios.

O som de sua voz o trouxe de volta. Baixou a vista a seus lábios inchados, a seus aumentados e excitados olhos, a esse matagal de cabelo escuro e úmido ao redor de seu rosto. Importava por que se sentia atraído? Importava se era a escuridão do Inframundo o que o empurrava? Se a tivesse conhecido em sua antiga vida a teria desejado tanto como o fazia neste momento?

Acariciou o lábio inferior com o polegar. E tudo dentro dele se apertou enquanto seus olhos se abatiam sobre sua boca. Deuses, era tão formosa, com essa pálida pele, esse lunar perto do olho e esse pequeno nariz. O pênis aumentou contra o zíper enquanto a olhava fixamente, enquanto seus pequenos seios pressionavam o peito. O desejo avivou a urgente necessidade que já crescia a níveis explosivos.

Sim, compreendeu quando ela roçou sua boca com a sua uma vez mais, quando deslizou seus braços em torno do pescoço e o beijava com mais urgência e intensidade. A teria desejado. Agarrou em um punho o tecido de sua camiseta na base das costas e se abriu a ela, atraindo sua molhada e tentadora língua à boca e beijando a da mesma forma que o beijava a ele. Fazia meses, fixou-se nela no pátio da colônia. Nos limites do seu quarto, olhando pela janela, não fora capaz de sentir a luz em seu interior. Havia-se sentido atraído simplesmente por sua beleza, seus segredos e o modo como elevava a vista para ele e o olhava com o mesmo desejo que ele sentia profundamente na alma.

Girou-a, deslizou as mãos sobre as suaves nádegas de seu traseiro e a empurrou na cama. O colchão afundou. Ela ofegou, depois gemeu e abriu as pernas, fazendo lugar, atraindo-o ainda mais a seu calor. Baixou a boca à sua, acariciou sua língua com a sua, encontrou a prega de sua camiseta e passou os dedos ao longo de sua suave e atraente pele. Quando arrastou os dedos além de sua caixa torácica e por fim encontrou seu seio, ele gemeu uma vez mais.

Nenhum sutiã. Estava nua sob o fino algodão. Deve ter tirado a roupa íntima quando saiu da ducha. A ideia de que não levasse nada abaixo aquela calça fez que a beijasse com mais força.

Gryphon amassou o seio e logo beliscou o mamilo com os dedos. Ela tremeu e gemeu contra a boca, elevou os quadris, esmagando-se contra a palpitante ereção.

—Sim, deuses, sim, Gryphon. Quero você. —Suas mãos se deslocaram pelas costas ao traseiro. Agarrou e o puxou, estrelando o pênis contra o calor entre suas pernas, pondo-o muito mais duro. — Preciso de você.

Suas duas últimas palavras filtraram na mente. Eram as mesmas que disse tantas vezes. Enquanto ela seguiu beijando-o, a consciência o alagou. Era a filha de Perséfone, a descendente da Rainha do Inframundo, o que significava que tinha a mesma escuridão em seu interior que ele. A mesma escuridão com a que fora dotado por Krónos, o muito filho de puta. Provavelmente, Maelea sentia a mesma atração para ele que a que ele sentia. O mesmo puxão. E isso queria dizer que sua reação por volta dele agora possivelmente era resultado daquela escuridão e não para sua pessoa.

Ela sabia como estava louco. Todos na colônia sabiam. Vira o puro medo em seus olhos quando a capturou naquela horta, quando a arrastou aos túneis, quando ficaram presos perto do rio. E viu a ira estalar dentro dela quando saíram dos túneis e disse que não a deixaria partir.

Sua mãe era uma manipuladora, seu pai um filho da puta justo. Ela tinha vivido mais de três mil anos, sem dúvida sabia exatamente como conseguir o que queria. E até fazia só uns minutos, o que queria era afastar-se dele.

Sequestrei à filha do Perséfone e Zeus. Se eles o averiguarem…

Não o farão. Não se me deixa ir esta noite.

Não pode ou não quer?

Brincava com ele. A realidade se assentou com dureza, travando-se com força. Isso não se tratava de desejá-lo. Tratava-se de distraí-lo. Levava uma arma consigo? Planejava atacá-lo quando estivesse tão aflito pela luxúria que deixasse cair às defesas? Ou ia levar as coisas até o final, fodendo até deixá-lo sem sentido e a seguir, executá-lo quando estivesse profundamente dormido?

A cólera substituiu ao desejo. O asco rodou pelo estômago em vez do calor. Enquanto ela seguia beijando-o como uma força impulsionada pela luxúria, tirou as algemas do bolso. Lentamente deslizou a mão fora de sua camiseta, agarrou o pulso e a empurrou por cima de sua cabeça. Ela levantou os quadris outra vez, inclinou a cabeça e o lambeu dentro da boca. E antes que pudesse mover os dedos de sua outra mão sob o cós da calça, enganchou o frio metal sobre seu pulso.

Ela se retirou de seus lábios.

—O que…?

Levantou-se de em cima dela, enganchou o outro extremo das algemas ao corrimão metálico da cabeceira e a fechou de repente.

—Gryphon! —ficou direita e atirou com força do braço. O metal tilintou contra o metal. —Que demônios crê que está fazendo?

—Entrando em razão, diaba.

Ela puxou as algemas. A cabeceira se sacudiu contra a parede.

—Me solte.

—Para que então possa fugir? Ou me matar enquanto durmo? Não acredito. É boa, mulher, mas não irresistível. Deveria ter pedido a sua Queridíssima Mamãe mais conselhos.

—Imbecil. —Seus ardentes e negros olhos se cravaram nos seus. — Gritarei.

—Adiante. Matarei a qualquer humano que tente resgatá-la. —Gryphon se inclinou perto de

sua orelha, tão perto que pôde sentir o calor que ainda irradiava de sua pele. — Acostume-se ao fato de que é minha. Eu sou que está aqui ao mando, não você.

—Filho da puta. —As unhas de sua mão esquerda o arranharam na bochecha antes que pudesse mover-se fora de seu alcance.

Uma queimação se precipitou pela pele enquanto se endireitava. Limpou a bochecha e viu sangue sobre os nódulos.

—Possivelmente realmente aprendeu algo da puta da sua mãe.

Lançou uma olhada na cama, com o cabelo negro emaranhado grosseiramente ao redor do rosto e os lábios ainda inchados por sua boca. Mas a luxúria se foi de seus "olhos negros como o pecado", substituída por uma fúria que fazia arder sua íris de obsidiana, que o fazia respirar agitadamente, que dava um aspecto um pouco mais como a filha da Rainha do Inframundo.

Precisava dela? Só precisava dela para uma coisa… acalmar a voz. Quanto antes compreendesse isso, melhor estaria.

—Descansa um pouco — disse enquanto se dirigia à porta. — Temos uma longa viagem pela manhã.

Capítulo 12

Maelea puxou as algemas por enésima vez. Tudo o que provocava o esforço era que a cabeceira estralasse contra a parede e que uma dor aguda atravessasse o pulso.

A ira rodou através dela, seguida de um zumbido que reverberou até os dedos do pé. Se não fosse por uma questão de bom senso, teria pensado que a cama vibrava, mas isso era ridículo. Ridículo como o que acabava de deixar que acontecesse neste fuleiro quarto de motel.

Olhou furiosa para a porta. Gryphon se foi fazia pelo menos dez minutos. Queria gritar, mas não se atrevia. Seu estado de ânimo mudou tão drasticamente de um momento a outro que não confiava em que ele não levasse a cabo sua ameaça de matar a qualquer que tentasse ajudá-la. Tanto se mentia como se não, não queria ser responsável pela morte de um inocente. Inclusive se pudesse ser a única oportunidade de liberdade.

Deu um puxão à algema uma vez mais. Apertou a mandíbula. Tinha-o beijado? Havia sentido algo por ele? Obviamente tinha perdido a fodida cabeça. Que demônios esteve pensando?

A amargura começou a cozer no peito e zumbia através das pernas ao recordar a forma em que ela mesma se ofereceu a ele como um festim. Mas antes que pudesse chegar a ebulição, um pingo de culpa penetrou. Uma que arraigou e cresceu pouco a pouco até que se instalou no centro do peito e não a soltava.

Está bem, possivelmente não tinha uma razão válida para estar zangada. Talvez tivesse proposta a seduzi-lo. E talvez distraí-lo fosse seu plano original. Mas isso não foi o que a empurrou a dar um beijo, maldição. Algo mudou durante sua conversa. Algo que ainda não entendia bem.

O que fosse. Não importava. A conclusão era simples: Nada mais de beijos. Nenhum.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Obviamente, qualquer humanidade que acreditou ter visto nele desapareceu e podia facilmente voltar-se contra ela. Na primeira oportunidade que tivesse, escaparia daqui.

O Olimpo. Nisso era no que precisava manter-se concentrada. Isso era tudo o que importava.

Os planos que fizera na colônia voltavam a formar-se na mente. A única maneira para que concedesse o acesso ao Olimpo, um lar eternamente a salvo da ira do Hades, era provar sua lealdade aos deuses. Para poder dar as costas ao Inframundo para sempre.

E o faria. Mas primeiro tinha que liberar-se. Tudo girava em torno disso. Atirou da cadeia de novo, agarrou o metal com a mão livre e tratou de fazer alavanca na algema. A dor disparou pelo braço e uma ardência ardeu ao redor do pulso.

—As algemas acolchoadas são mais bonitas. Não há nada melhor que ser atada e utilizada por um homem quando não pode defender-se.

Maelea se voltou bruscamente para ouvir o som da voz tão perto, logo se congelou. Sua mãe estava sentada na cadeira junto à cama, vestida com um traje negro apertado e um cinturão vermelho na cintura. Suas longas pernas estavam cruzadas nos joelhos. Umas sandálias vermelhas penduravam de seus pés.

—Eu…

—Sem palavras? Não seria a primeira, minha filha. —Perséfone encolheu os ombros com seu cabelo negro e liso por cima do ombro, cabelo que era igual ao da Maelea. — Agora, não tenho muito tempo, filha, assim necessito que se concentre. Meu marido não sabe que estou aqui e, se se inteira ambas estaríamos a sérios problemas. Além disso, minha mãe estará me buscando logo. Sempre está preocupada de que a abandone para me encontrar com Hades quando estou passando meu tempo atribuído do ano com ela.

Os olhos da Maelea arregalaram. Sua mãe estava sentada a seu lado, pela primeira vez em centenas – não, milhares, de anos. Sua mãe, a Rainha do Inframundo. Esposa do Hades, o deus que não podia esperar para ver Maelea mordendo o pó.

—Está pálida, filha. —As sobrancelhas escuras do Perséfone se arquearam. — Está bem?

—Não. Eu... —Engoliu em seco. — O que...? Você...?

—Eu gostaria de ter mais tempo, mas não é assim, de modo que vou fazer isto rápido. Sei que está procurando o caminho ao Olimpo. Um modo de demonstrar sua lealdade ao Zeus. Eu posso fazer que isso aconteça.

—Pode?

—Posso — disse Perséfone com um sorriso. — E, confia em mim, é muito melhor que o que esteve planejando. O guardião que a sequestrou nos deu a oportunidade perfeita. Convence-o de que a leve a Argolea. A rainha Argolean tem algo que quero. Um pequeno Círculo com quatro câmaras. Quando o tiver, traga-me isso e me assegurarei de que as portas do Olimpo finalmente sejam abertas.

Maelea teve um arrepio. Sua mãe queria que roubasse o Círculo do Krónos para ela. A relíquia que tinha o poder de liberar os Titãs do Tártaro e levar a cabo a guerra para acabar com todas as guerras. O talismã que cada deus estava procurando, incluído seu pai, Zeus, e o marido

sádico de sua mãe.

Não... Assim.

—Por que... por que eu? Por que não o consegue você mesma? Você não é tecnicamente do Olimpo. Pode entrar na Argolea.

—É verdade, mas não posso entrar no castelo, que é, sem dúvida, onde a rainha escondeu meu tesouro. Mas permitirá que seu guardião entre. De fato, seus Argonautas o estão procurando, tratando de levá-lo de volta. Ele tem segundas intenções, menina, o que pode conduzir a sua morte, se não tomar cuidado. Convence-o para que volte para Argolea e obtenha ajuda. Logo, quando estiver ali, encontra o Círculo e me traga isso. Uma vez feito, o Olimpo será seu.

A cautela deslizou através da Maelea.

—Por que está me oferecendo este trato agora? Por que não o ofereceu antes?

—Porque não podia quando estava no Inframundo. Hades saberia o que estava fazendo. E antes disso... o Círculo não fora localizado.

—Não estará planejando dá-lo ao Hades?

Um sorriso malvado se estendeu através dos lábios vermelho rubi do Perséfone.

—É óbvio que não. Pareço estúpida? Posso amar ao filho de puta, mas não vou deixar que controle algo que deveria ser meu.

Perséfone queria o poder. Todos os deuses o faziam. O fato de que Maelea pensasse que sua mãe seria diferente só porque era sua mãe resultou ser uma fantasia que tinha vivido todos estes anos.

—Não necessito sua ajuda — disse. — Encontrei as minas de therillium do Hades. Uma vez que digo ao Zeus onde estão, concedera-me o acesso ao Olimpo.

—Encontrou as minas? —O interesse despertou nos olhos do Perséfone. E, muito tarde, Maelea se deu conta que deveria haver-se mordeu a língua. Inclusive se sua mãe conspirava contra Hades, em última instância era leal e não havia garantia de que o segredo que Maelea acabava de revelar não faria o caminho de volta a seus ouvidos. Um segredo que só serviria para inflamar o ódio para ela.

—OH, este é um interessante giro dos acontecimentos. Um que inclusive poderia chegar a ser útil para mim.

Um sorriso se insinuou no rosto do Perséfone enquanto Maelea se amaldiçoava por sua boca enorme e conteve a respiração, esperando... o que, ela não sabia.

—Entretanto, isso não importa — disse por fim Perséfone. — As minas de therillium não serão suficientes para demonstrar sua lealdade aos deuses. Um bom começo, mas não suficiente. Os deuses exigem sacrifícios. Um feito de sangue. Demonstrando que o risco que assume é digno da recompensa. —Seu sorriso se fez mais amplo. — É por isso que precisa de mim. Em meu caso, não há nenhum risco. Não há sangue. Traga-me o Círculo e te concederei a liberdade deste mundo que procurou durante tanto tempo.

Perséfone ficou de pé, cruzou o espaço entre elas e deslizou um pequeno frasco cheio de líquido transparente no bolso da Maelea.

—Isto a ajudará a atrair o Argonauta a sua forma de pensar.

Maelea sabia que sua mãe tinha razão. A localização das minas não seria suficiente. A decepção fluiu ainda quando olhou o frasco desaparecer em seu bolso.

—O que é isso?

—Uma mescla de ervas antigas garantidas para outorgar o controle. A sedução é um poderoso afrodisíaco e nenhum homem pode resistir ao que uma mulher quer quando está sob seu feitiço. Se o jogar bem, a levará a Argolea. Então, é com você.

Ela deu um passo atrás. E começou a desvanecer-se.

—Espera! —Maelea sacudiu as algemas. A cabeceira estalou de novo. — Solte-me primeiro!

Os lábios do Perséfone se elevaram nas comissuras.

—Terá que seguir deixando que crê que tem poder sobre você, inclusive se não o tem. Só então estará sem vigilância o suficiente para que consiga o que necessito. Não se esqueça de nosso trato, filha.

Foi tão rápido como tinha chegado. Maelea ficou olhando a cadeira vazia enquanto a habitação formava redemoinhos ao redor. Sua mãe queria que roubasse o Círculo do Krónos? O terror encheu o peito da Maelea ao pensar nas consequências. Se o fizesse – inclusive se Perséfone realmente concedesse o acesso ao Olimpo, Zeus ficaria furioso. Todos os deuses ficariam furiosos. A vida não seria melhor embora estivesse ali. Pior, em realidade. E se alguma vez se inteirava Hades...

Estremeceu ante a ideia. Não, isso não era definitivamente uma opção. Não importa quanto queria chegar ao Olimpo, esse não era um risco que estivesse disposta a...

Um grunhido ressonou perto da porta. Maelea girou de repente, escutando. Um estalo ressonou, seguido pelo ruído do trinco da porta.

A frequência cardíaca disparou.

—Cheiro-a — ressonou uma voz do outro lado da porta. Uma voz não humana. Uma voz monstruosa. E estava sozinha.

***

O cérebro de Titus estava correndo a mil por hora tratando de averiguar quem poderia ser a ruiva com os olhos esmeralda, e como infernos estava ela jogando com seu dom e maldição.

Enquanto permanecia de pé no escritório de Nick, olhando com os olhos muito abertos a Theron e Nick enquanto mantinham uma acalorada discussão a respeito de Gryphon, voltou a tentar golpear ligeiramente em seus pensamentos. Mas igual ao quarto de Maelea e de novo no elevador, não recebia o suficiente para lê-la.

Quem demônios é?

Não recordo havê-la visto por aqui antes.

Wow, ela é sexy.

Os pensamentos de seus irmãos Argonautas formaram redemoinhos na sala, vários dos quais finalmente perceberam de que havia arrastado a uma mulher desconhecida dentro do escritório. O último provinha do Cerek, o qual não só surpreendeu como o inferno ao Titus, já que

Cerek nunca emprestava nenhum tipo de atenção às mulheres, mas sim porque desatou um instinto protetor por dentro que não sabia que estava ali. Ficou diante dela e disparou a Cerek um olhar de advertência.

Então compreendeu, muito tarde, que podia ouvir seus irmãos claramente como o dia, mas não a ela.

Bom, fodidamente estranho. Ela estava definitivamente fodendo seus poderes. E sim, isto era infantil e completamente alheio a ele, mas não queria que ninguém mais a tocasse até que descobrisse exatamente o que estava passando.

Nick finalmente olhou por cima do Theron e a viu, então entrecerrou seus olhos com suspeita. O silêncio se apoderou da sala. Theron se voltou e a viu de pé detrás e à direita do Titus, e entrecerrou seus olhos.

—Quem é esta?

—Encontrei-a fuçando no quarto de Maelea — disse Titus. — Não sei quem é, mas diz que é amiga dela.

—O que quer de Maelea? —perguntou Theron.

Ela retrocedeu um passo até que se topou com as janelas que davam ao lago.

—N...nada.

—Ela tinha isto. —Titus estendeu o livro que sustentava. Aquele tirou dela no elevador. E que ela encontrou no quarto de Maelea. Era uma agenda ordenada dando uma detalhada lista dos deuses e seus filhos.

Theron tomou o livro e o abriu. A ruiva inspirou profundamente e o conteve enquanto examinava as páginas. E embora Titus não pudesse ler sua mente, sentiu pânico quando o viu. Algo importante se encontrava nesse livro. Algo que ela não queria que vissem.

Theron levantou a cabeça e a olhou aos olhos. Entretanto, só um pensamento chegou à mente do Titus:

Isto é tudo o que fodidamente precisamos.

Antes que pudesse ler mais, escutaram-se pisadas perto da porta, chamando a atenção do Theron. Sentindo à rainha e a suas irmãs, Titus alcançou a manga do suéter da ruiva e a apartou a um lado. Ela tropeçou e estendeu a mão para manter o equilíbrio. Seus dedos aterrissaram no antebraço nu e, exatamente igual a antes, quando tocou sua pele nua, a sala girou e um formigamento quente percorreu toda a pele.

Ela tomou uma respiração rápida, esticando-se contra ele. O doce aroma de seu perfume ou talvez era exclusivo dela, bombardeou-o. Um aroma tão doce como as rosas que nunca tinha cheirado antes, golpeando no nível mais básico e enviando aos hormônios já excessivamente revolucionados a um nível de sobrecarga.

Santo inferno. Quem era esta garota?

Ela o soltou rapidamente e se tornou para trás. Mas em seus olhos viu o mesmo conhecimento do que ele estava sentindo.

Ao Theron iluminaram os olhos quando viu o Casey, mas, como sempre, o líder dos Argonautas fez uma reverência em direção a Isadora antes de mover-se para sua esposa.

—Sua Alteza.

Isadora franziu o cenho e passou a mão por seu ventre de grávida.

—Alguma vez vou conseguir que o deixe, Theron? Já é bastante mau na Argolea. Aqui, ao menos, eu gostaria que me tratassem como a qualquer outra pessoa.

Casey avançou à esquerda do Theron, sorriu e ficou nas pontas dos pés para beijar a bochecha.

—Ele trata a todos menos a mim como um urso, Isadora. Não estou certa que queira que ele te ladre ordens como a eles.

A seu lado, a ruiva observava a conversa com cautela no olhar, mas Titus reconheceu o momento em que ela se deu conta de quem era as mulheres. Cada músculo de seu corpo se esticou outra vez e a preocupação deslizou em seus olhos cor esmeralda.

OH sim, sem dúvida "de outro mundo". E estava ligada de algum jeito aos deuses se esta reação era algum tipo de indicação.

—Cuidado, Meli — disse Theron ao Casey —, ou vou começar a ladrar a você também.

—Promessas, promessas — respondeu Casey com um sorriso.

Titus observou com admiração como a cara do Theron se adoçava enquanto olhava a sua companheira com desejo e amor. Tentou bloquear os pensamentos piegas que percorriam a mente, mas não podia, não de tudo. Servira com Theron durante mais de cem anos e ainda o assombrava que Theron, um cara duro, moralmente obrigado por sua honra como Argonauta, pudesse mudar tanto devido a uma mulher. Mas, claro, isso é o que fazia uma alma gêmea com um Argonauta. Elas mudavam tudo.

Não é que ele estivesse procurando uma alma gêmea. Considerando o dom e a maldição, não queria. E definitivamente não necessitava a responsabilidade e a preocupação que suportava. Os pensamentos cansativos do Demetrius sobre Isadora simplesmente por estar no reino humano golpeavam pela habitação enquanto parava ao lado da rainha. Semelhantes aos do Zander, em relação não somente com a Callia, mas também com seu filho Max. Nenhuma destas eram coisas que Titus queria conhecer e muito menos o se estressar. Não queria ser responsável por alguém mais, não se este fosse o resultado. Mas isso não diminuía o interesse na ruiva de pé a seu lado.

A ruiva emitia calor, inclusive apartada a centímetros dele, de repente começou a respirar como um cavalo de carreiras em zelo.

Baixou o olhar para ela. E notou que sua cara passava rapidamente do rosa ao vermelho.

—O que passa?

Ar. Apertado. Não posso.... Agitou a mão como se estivesse tendo problemas para respirar.

A confusão se transformou em preocupação, Titus se separou da janela e a agarrou pela manga de novo.

—Uh, Callia?

Os passos da Callia ressoaram pelo chão.

—Deixa-a ir, Titus.

—Quem é ela? —perguntou Zander. Callia a separou do Titus e a conduziu para uma cadeira.

—Sente-se aqui. —Callia a acomodou no assento que Phin separou para ela. Titus a olhou

enquanto ela se inclinava para frente e apoiava a cabeça entre os joelhos. Sons estranhos, respiração rouca provinham de seus lábios.

Callia se ajoelhou a seus pés.

—Olhe-me. Isso. Respirações lentas. Quero que faça uma inspiração profunda e logo a deixe escapar enquanto conto, sem parar até que chegue a quatro. Pronta? Respira. Bem, agora deixa sair... um, dois, três, quatro... Bem. Outra vez.

A ruiva se centrou nos olhos da Callia. Tentando seguir as instruções. As mãos tremiam em seus joelhos e a preocupação por seu bem-estar, preocupação que saiu de um nada, disparou-se através do Titus enquanto a observava.

—Consigo um saco de papel? —perguntou Isadora, parando à direita da Callia.

—Não. Assim esta bem. Segura e constante — indicou Callia à ruiva. — Um, dois, três, quatro. Outra vez. —Logo, para o resto do grupo disse—: Está sofrendo um ataque de pânico. Só temos que equilibrar o oxigênio e os níveis de dióxido de carbono. Bem, está fazendo muito bem. Agora lento. Pelo nariz, pela boca.

Pouco a pouco, a respiração da mulher se regulou e o matiz rosado de suas bochechas começou a desvanecer. O alívio percorreu ao Titus.

Callia sorriu.

—Melhor. Muito melhor. Segue respirando, assim.

—Está bem? —perguntou Casey.

Os Argonautas estavam tão silenciosos como Titus, olhando e perguntando-se quem demônios podia ser. E todos pareciam admirados por como Callia dirigia uma situação que nenhum deles sabia como tratar. Ponha em um campo cheio de *daemons* e saberiam exatamente o que teria que fazer. Com uma mulher histérica e se congelariam de medo.

Argonautas? A ruiva levantou os olhos e olhou a seu redor com cautela.

—Quem é ela? —perguntou Phin.

—Essa é a pergunta do dia — respondeu Titus, colocando as mãos nos bolsos da calça jeans e observando-a fixamente.

Ela olhou em sua direção, e embora não podia estar seguro, acreditou ver uma faísca ali. Um broto de... *isso foi interesse?*

O sangue esquentou enquanto o cérebro gritava: *Não é boa ideia. Nem sequer sabe quem ou o que é realmente.*

Theron olhou, e Titus leu: *O que está recolhendo dela?* Da mente do líder dos Argonautas.

Apartou o olhar do dela e olhou a seus irmãos guardiães.

—Não respondeu a nenhuma de minhas perguntas, só disse que era uma amiga da Maelea. E não estou recebendo nada para confirmar em um sentido ou outro.

—Pensei que Maelea não tinha amigos — disse Demetrius, junto à porta.

—Sim, bingo — respondeu Titus voltando a olhá-la.

A respiração dela se acelerou. Sem apartar a vista.

Callia se incorporou de onde tinha estado agachada e pôs uma mão reconfortante sobre as costas da mulher.

—Meninos, não estão ajudando à situação. Theron, tenho que leva-la à clínica. Quero que alguém a examine.

—Titus, leve-a — respondeu Theron. — Os curadores do Nick são bons. Pode ver como está dentro de um momento, Callia, mas lhe necessitamos aqui alguns minutos.

Isso não pareceu aplacar a Callia, mas assentiu.

—T? —perguntou Theron.

—Sim.

—Fique com ela até que tenhamos terminado aqui? Quero lhe perguntar umas quantas coisas, mas primeiro temos que averiguar onde diabos está Gryphon.

—É obvio. Estou disposto a isso. —Estava mais que disposto. Tinha suas próprias perguntas que requeriam respostas.

Callia ajudou à ruiva a levantar-se da cadeira. Quando Titus agarrou seu outro braço e os dedos pressionaram contra sua pele nua, a cabeça lhe deu voltas de novo. Uma sensação confusa se instalou, lhe deixando frouxo e depravado. Callia baixou o olhar para onde ele a tocava, e a preocupação brilhou em seus olhos antes que olhasse a ele.

Titus sacudiu a cabeça enquanto os dois ajudaram a ruiva a ir para a porta e a conversa reatou de novo a suas costas.

—Não pergunte — disse. — Não tenho ideia do que significa.

Casey se voltou para Nick e Theron.

—Então acreditam que localizamos onde poderiam estar, ou ao menos onde estavam faz como uma hora. Mas Callia e eu estamos de acordo. É muito estresse para a Isadora olhar de novo. Não é bom para sua saúde ou a saúde do bebê.

—Meninos — protestou Isadora. — Estou bem. Demetrius, diga que estou bem.

—Não me olhe, kardia — disse Demetrius com o cenho franzido. — Eu estou com eles. Se fosse por mim, nem sequer estaria no reino humano neste momento.

Callia olhou por cima dos cachos da ruiva para Titus.

—Descerei logo que seja possível.

Ele passou um braço ao redor da cintura da ruiva para sustentá-la, gostava da sensação de seu corpo contra o seu muito mais do que esperava. Realmente o agradava o que estava experimentando, simplesmente ao tocá-la.

—Vê. Tenho-a. Acredito que nesta discussão é necessário que esteja.

—Obrigada — sussurrou Callia.

Callia a soltou e a ruiva se inclinou para Titus procurando apoio. Não sabia se era porque ela o quis ou porque necessitava. Mas homem, sentia-se bem. O calor de seu corpo, a carícia de sua pele. E esse aroma doce e floral mistura com a bruma da mente... o Céu.

À medida que a conduziu pela sala de reuniões com seus muito altos tetos e a chaminé gigante para o elevador e as vozes atrás dele se atenuavam na distância, disse que isto era um pendente escorregadio de percorrer. Uma mulher a que podia tocar e que o deixou sentindo-se nas nuvens? Combinado com o fato de que ela estava mais quente que o inferno? Se alguma vez houve uma tentação, era ela.

Ela resistiu quando se aproximavam do elevador.

—O que acontece? —perguntou.

—Eu... não no elevador. Não posso...

Claustrofobia? Isso não era bom para ele. Significava que não podia desfrutar da sensação de seu corpo pego ao seu durante mais tempo.

—Está bem — disse, apertando o braço ao redor dela. O calor de seu corpo se filtrou profundamente na pele, deixando uma sensação de queimadura como nunca tivesse acreditado possível. — Sem elevador. Iremos pelas escadas.

Conduziu-a para uma porta ao final do corredor.

—Sou Titus, por certo. Posso chamá-la Ladrão ou Crise de pânico, a menos que tenha um nome que prefira que use.

—NaNatasa.

Empurrou a porta do oco da escada abrindo-a com o ombro.

—Natasa. Isso significa "ressurreição" em Grego Antigo, não?

Ela não respondeu. Entretanto, chegou um pensamento:

Merda.

Não é que não quisesse. Mas havia uma história. Uma que tinha que descobrir primeiro. Um instinto profundamente enterrado disse que ia dizer algo importante. Logo.

***

Gryphon estava sobre o pequeno cais, escutando sob os pés o chapinho suave da água contra os pilares. O lago se via negro, como uma mancha oleosa, que refletia as luzes do motel detrás dele ao outro lado da estrada. Sem lua que brilhasse e não havendo outras luzes ao redor do pequeno lago, significava que se houvesse alguma civilização aí fora, estava escondida nas montanhas de densas florestas mais à frente. Nem sequer sabia que havia água por aqui até que saiu do motel e foi dar uma volta para tratar de limpar a cabeça.

Dooooulas. Vem a mim...

Esfregou o couro cabeludo, pressionou os dedos contra as orelhas, sabia que tinha que voltar para Maelea para que a voz não o atormentasse, mas não podia. Ainda não. Não até que soubesse que estava controlado. O corpo ainda vibrava com uma mescla de excitação e ira que o deixava no limite. Desejava-a, maldita seja, mas não ia permitir que uma mulher uma filha do Zeus, Merda, se interpusesse no que tinha que fazer a seguir.

Dooooulas…

Passou as mãos pelo cabelo e afundou as unhas no couro cabeludo até que a dor se disparou através da pele. A voz era muito mais forte aqui. Muito mais insistente.

Vem a mim, doulas. Sabe que não pode resistir por muito tempo…

Puxou com força do cabelo.

—Me deixe em paz, porra!

—Não é geralmente a reação que obtenho quando vou à chamada.

Elevou a cabeça. Uma miúda anciã com um vaporoso vestido branco parecia flutuar sobre a superfície da água. Skata, agora alucinava também? Isso não deveria surpreendê-lo. Depois da merda que passou, nada deveria ser uma fodida surpresa. Mas o fez.

—O que...? Como...?

—Agora essa é a reação que geralmente obtenho — disse com um sorriso.

Uma das Destinos. Antes que inclusive pusesse suas íris brancas sobre ele, deu-se conta de que era Lachesis, a Destino que girava o fio da vida. E embora tratou de contê-lo, não pôde impedir que a ira e a raiva se derramassem.

—Está aqui agora? Poderia estar cinco putos meses antes. Agora não.

Sua face suavizou. Ela flutuou para o final do cais e se deteve. Não o suficientemente perto, observou, para que ele a tocasse. Ou a agarrasse. Ou a afogasse por tê-lo abandonado quando mais a necessitava.

—As decisões não eram suas para tomar no Inframundo — disse. — Portanto eu não teria sido de nenhuma utilidade para você ali. Agora é quando necessita orientação, Guardião.

A merda a orientação. Necessitava uma lobotomia para que pudesse esquecer o inferno do Inframundo. Então poderia deixar de ouvir aquela maldita voz. Fixou o olhar de aço sobre ela.

—Eu não preciso de você nem a nenhum dos deuses. Vai foder com a vida de outro.

Girou para a borda, vibrando com uma fúria que procedia do centro dele. Uma raiva uma emoção, que se deu conta que não tinha sentido antes que Maelea entrasse em sua vida. Mas a Destino apareceu diante dele antes que pudesse dar um passo fora do cais. E a profundidade de suas íris brancas paralisou seus pés.

—A escolha foi tirada, Guardião e está mau, mas aguenta. Aguentara agora porque é forte. Maelea é mais importante do que acredita. Mantenha a salvo.

A desconfiança se arrastou sobre ele.

—O que é tão importante a respeito de Maelea? Ela mesma disse que ninguém a quer.

O mistério nadava no brilho dos olhos cegos da Destino.

—Não posso responder a isso. Mas posso dizer isto: Há uma razão pela qual estão juntos agora. Uma razão pela que foram enviados ao Inframundo. Uma razão que algum dia terá sentido para você.

Desapareceu antes que pudesse perguntar que demônios estava fumando.

Sacudindo a cabeça ante seu ambíguo conselho, dirigiu-se à estrada. O cascalho rangia sob as solas das botas. Talvez o que precisava era mais vozes dizendo o que tinha que fazer? E que demônios estavam dizendo de todos os modos? Seja amável com Maelea? A princesa do fodido Inframundo? A merda com isso.

Chegou à estrada, o temperamento borbulhando com cada passo. Onde estava a Destino quando estava sendo torturado no Inframundo? Onde estavam o resto dos Argonautas? Orpheus fora o único que se importara emir atrás dele e só porque se sentiu culpado. E Maelea? Muito fodidamente mau se ela era uma vítima inocente em tudo isto. Então o demônio era ele.

Um rugido soou da direção do motel. Entrecerrou os olhos para ver através da escuridão. E viu dois, três... não, quatro *daemons* rodeando a esquina do edifício.

A adrenalina aumentou. Agarrou a faca que atou à coxa antes de dirigir-se para o lago. Isso era exatamente o que necessitava. Liquidar, arrastar e chutar merda em uma briga para recordá-lo que estava vivo. Que já não estava no inferno. Que o único inferno que o rodeava agora era o resultado de uma moreia vingativa encerrada em seu quarto no motel.

Maelea...

A deixou presa à cama. Sem uma arma. Enquanto se afastava para clarear a cabeça. O pânico cresceu e cortou o ar aos pulmões. Vidros quebrados ao outro lado do estacionamento. Um grito rasgou a escuridão.

O medo empurrou as pernas de Gryphon para frente. Os pulmões ardiam enquanto corria pelo pavimento para chegar a ela a tempo. Não se incomodou com o trinco da porta, só arrojou o ombro contra a madeira e irrompendo na habitação do motel, tirando a porta do marco e fazendo voar lascas de madeira ao chão.

Um *daemon* já entrara pela janela quebrada. Outro ia atrás. Maelea estava na cama, atirando os abajures, os travesseiros e tudo ao que podia chegar aos monstros com sua mão livre.

Precipitou-se diante dela, arqueou-se para diante com a faca, e apunhalou ao *daemon* no peito. O sangue correu. O *daemon* rugiu. Suas garras conectaram com o ombro de Gryphon, o lançando para a Maelea. Ela gritou e saltou para trás tanto como seu braço algemado permitiu. Gryphon golpeou a cabeça contra a cabeceira, mas atacou de novo com a adaga e esta vez atingiu ao *daemon* em sua coxa, fatiando na artéria femoral.

O *daemon* uivou ensurdecedoramente e caiu de joelhos. O sangue emanava sobre a cama e o chão. O segundo *daemon* pulou no meio e atacou. Na janela, três mais tentavam entrar na habitação.

Eram superados em número e estavam a ponto de ser invadidos. E não tinha nem ideia de onde tinha deixado a espada.

Voltou-se, mas o *daemon* que atacava se estrelou contra ele, derrubando-o fora do colchão e contra a parede. O ombro e a cabeça golpearam com um rangido. A dor percorreu as extremidades. Chutou fora e balançou instavelmente a faca com a mão. Atinou ao *daemon* no pescoço. O sangue saiu a fervura. O *daemon* gritou e cambaleou para trás. Gryphon tratou de empurrar-se sobre os pés, mas uma vibração o lançou de novo contra a parede. Uma que parecia provir do chão e fez aos outros *daemons* da sala tropeçar, agarrando-se a qualquer móvel próximo para estabilizar-se.

—Se levante! —exclamou Maelea. — Faz algo!

Examinou a habitação, olhou aos agitados monstros preparados para aniquilar, a Maelea de pé no colchão, algemada à cabeceira, com o rosto iluminado pelo medo e o horror. E sabia que não tinha tempo de liberá-la. Não havia tempo para preparar uma defesa. Não tinha as armas apropriadas para protegê-los.

Mantenha a salvo.

Gryphon estava reduzido a sua última opção. E usar, o presente que tinha obtido de seu antepassado Perseu, significava perder Maelea para sempre.

Capítulo 13

Gryphon tirou a chave do bolso dianteiro da calça e a lançou a Maelea.

—Toma!

Ela a colheu com a mão livre e tentou colocá-la na fechadura das algemas. Os dedos tremiam e falhou no buraco. Três *daemons* mais se introduziram na habitação através da janela quebrada enquanto Gryphon ficava em pé, dava um pontapé à besta ferida no chão frente a ele e formava um arco com sua folha, golpeando a outra no braço.

—Vamos, vamos, vamos — murmurou, pinçando com a chave.

Já está! A chave deslizou dentro e girou. A algema saltou fora do pulso.

—Você — grunhiu o *daemon* mais próximo, avançando para Gryphon. — Atalanta te busca.

—Diga que se vá ao inferno —gritou Gryphon.

O *daemon* grunhiu. Maelea elevou a vista ao mesmo tempo em que essa coisa elevava o braço e o balançava para diante.

—Não! —Maelea viu com horror como as garras do *daemon* rastelavam o peito de Gryphon. Seu corpo saiu arrojado para ela pelo golpe, empurrando-a fora da cama e contra a parede. A faca voou da mão. Grunhiu quando impactou contra o chão e Gryphon aterrissou sobre ela. O pânico a alagou enquanto elevava a vista e via que os *daemons* avançavam rapidamente.

—Gryphon! —Lutou por sair de debaixo dele, sacudiu-o pelos ombros.

Seus olhos permaneceram fechados. O sangue brotava das profundas feridas de seu abdômen. Por um minuto, pensou que estava morto e o medo se estendeu ao centro da alma. Então se deu conta que ainda respirava e que os músculos ao redor dos olhos se esticavam como se se concentrasse. Ou sonhasse. Ou sofresse uma fodida alucinação.

—Gryphon, acorda. —Agarrou-o pelos ombros e o sacudiu com mais força.

Seguiu sem abrir os olhos. Tardiamente, enquanto o sacudia como uma louca para reanimá-lo, deu-se conta que os grunhidos tinham cessado. O quarto estava tranquilo. Olhou através da cama aos cinco *daemons*, quatro dos quais estavam congelados em meio de um passo. O outro jazia no chão onde Gryphon o tinha chutado, imóvel como uma estátua, o sangue saindo a fervuras de suas feridas.

O pânico e o medo se mesclaram com a confusão. Não tinha nem ideia do que acontecia, de por que os monstros não os mataram já, mas por alguma razão, agora tinham uma oportunidade. Sacudiu Gryphon de novo.

—Acorda, merda!

Seus olhos revoaram até abrir-se e um olhar aturdido cruzou por seu rosto.

—A que está… esperando? Corre!

Correr. Sim. Correr. O medo se transformou em urgência enquanto Maelea ficava em pé. Sabia correr. Era boa nisso. Esteve fugindo do Hades toda a vida. Fazia vinte minutos, quão único queria era fugir de Gryphon.

—Corre! —gritou Gryphon com voz rouca.

Deu a volta para a porta e saiu tropeçando pelo corredor. Viu a espada que Gryphon pegou daquele esqueleto sob os túneis na colônia, apoiada em um rincão.

Os pés paralisaram. A mente dava voltas. Tinha a sensação que fizera algo a esses *daemons*, embora o que ou como, não sabia. Não estavam mortos. Por alguma razão estavam congelados. E a urgência na voz de Gryphon uma voz que recentemente tinha sussurrado o muito que a necessitava a devolveu à realidade.

Estava ali estendido no chão e sangrando porque se pôs frente a ela… porque a protegera. E já não tinha armas. Se fugia agora… Se o abandonava, o matariam.

O pulso acelerou e o coração pulsou com tanta força que estava segura que machucaria as costelas. Todos estes anos esteve se ocultando. Todos estes anos fez todo o possível para evitar o radar do Hades. Inclusive embora os *daemons* fossem tecnicamente criações da Atalanta, procediam do Inframundo, da escuridão. Se se voltava contra eles, eventualmente chegaria para os ouvidos de Hades.

Mas se se afastava e Gryphon morria, sabia que jamais seria capaz de viver consigo mesma. Manteve-se oculta não só para proteger a si mesma, mas também para proteger aqueles pelos quais se preocupava. E se preocupava com Gryphon, inclusive depois das coisas que fez e disse. Preocupava-se mais do que deveria. Porque o entendia. Provavelmente de uma forma que ninguém mais jamais o faria.

A mão tremia enquanto envolvia os dedos sobre o punho da espada. Mas nunca esteve tão decidida.

Correu de volta à habitação antes que pudesse trocar de ideia. Gryphon jazia ao outro lado da cama, onde o tinha deixado, seu torso em um ângulo estranho, a cabeça contra a parede e o sangue emanando dos cortes em seu peito. As pálpebras pestanejaram quando a viu e esse aturdido olhar disse que estava mais ferido do que um princípio pensou.

—O que faz? —conseguiu dizer. — Tem que fugir. Tem que sair daqui antes que eles… despertem de…

Tinha razão. Independentemente do que fez para congelá-los era só temporário. Agarrando a espada com ambas as mãos, deu a volta para olhar fixamente aos grotescos monstros. Vibrações desceram pelas pernas até os pés. Até o chão, fazendo que a cama estralasse contra a parede. Mas isso não estava bem. Isso não podia vir dela. Não tinha nenhum poder salvo o de sentir mudanças de energia, e isto definitivamente não era.

Ignorando tal ridícula ideia, voltou a centrar-se no que tinha que fazer a seguir. Lhe revolveu o estômago, mas tragou saliva e disse:

—O que tenho que fazer para matá-los?

—Maelea…

—Só há uma forma de matá-los, verdade? De outra maneira sanarão e se recuperarão, não é certo?

—Maelea…

—Diga-me o que fazer, Gryphon! Antes que despertem! Não o deixarei aqui.

—Você… — Vacilou e ela o contemplou, vendo o modo como pressionava a mão sobre as feridas e tentava sentar-se, mas não podia. O sangue gotejava de seus dedos, gotejando a seu estômago. — Você… tem que… decapitá-los.

OH… Deuses. Voltou a prestar atenção aos monstros. E essa vez teve que tragar a bílis e o pouco jantar que ingeriu antes para impedir de vomitar. Cada um media ao menos dois metros e dez de altura. Ela aproximadamente um e setenta. Jamais seria capaz de fazê-lo.

—Empurra… empurra-os — conseguiu dizer Gryphon como se lesse o pensamento. — Isso te dará um melhor ângulo. Só temos uns minutos antes que comecem a… despertar.

Maelea fez retroceder as náuseas e se dirigiu ao primeiro *daemon*. Seu corpo era duro como uma rocha e fedia com um cheiro asqueroso. Quando o empurrou, sua pele queimou a mão. Retirou o braço e compreendeu que precisava fazer alavanca. Dando um passo atrás em busca de impulso, golpeou à besta com o ombro, pondo todo o peso no golpe.

Este caiu ao chão como uma árvore destruída nos bosques. Maelea tropeçou quando trocou o peso e quase cai em cima antes que pudesse recuperar o equilíbrio. Respirando pesadamente, baixou o olhar ao corpo imóvel sobre o tapete, que tinha os olhos aumentados e as presas gotejando algo vil. Então tragou com força e levantou a espada.

As vibrações formaram um arco pelo corpo, ricocheteando pelos pés. O quarto se sacudiu. Não olhou quando a espada baixou. Não podia. Girou a cabeça e fechou os olhos. Mas sentiu o sangue e a imundície através da roupa quando a lâmina conectou e ouviu o horrível chapinho de tecido e o rangido dos ossos rompendo-se quando o aço cortou o pescoço.

—Maelea…

Não podia olhar Gryphon. Tampouco podia olhar o que tinha feito. Sabia que se o fazia, perderia a cabeça. E ainda ficavam outros quatro *daemons* com que tratar antes que pudesse perdê-la para sempre. Tragando a bílis, abriu os olhos. E ficou surpresa ao ver que os *daemons* restantes caíram ao chão sozinhos.

Que estranho. Mas não ia questionar sua sorte. Não agora mesmo. Passou por cima do *daemon* decapitado e se moveu ao seguinte. Levantou a espada com mãos trêmulas e repetiu o movimento.

Estava empapada de suor quando acabou. Tinha a roupa coberta de sangue e vísceras e a habitação parecia tirada diretamente de um filme *Gore*[9]. Deixou cair à espada aos pés, dirigiu-se com pernas instáveis em direção a Gryphon, agarrou o edredom da cama e o jogou sobre ele.

—Maelea…

Remeteu a manta a seu redor e se disse a si mesma que não se centrasse no que acaba de fazer a não ser no tinha que fazer a seguir.

—Onde estão as chaves da caminhonete?

—Maelea…

[9] ***Gore*** *ou* ***Slasher*** *é um subgênero de filmes de terror quase sempre envolvendo assassinos psicopatas que matam aleatoriamente. Pecando em vários sentidos em sua produção tanto no roteiro quanto na atuação, edição, fotografia, música e envolvendo muito sangue. Normalmente são feitos com baixo orçamento, daí são constantemente nomeados como "terror b". "O Massacre da Serra Elétrica" é um exemplo de filme Gore ou Slasher.*

—Gryphon, as chaves.

Ele deixou cair à cabeça contra a parede. A dor e o pesar se precipitaram por seu rosto, mas ela não podia tratar com nenhum deles ainda. Tinha que tirá-los dali antes que mais *daemons* aparecessem.

—Na mochila — disse com voz áspera. — Contra a parede.

Engatinhou por ela e encontrou as chaves no bolso dianteiro. Também encontrou o dinheiro que pegou naquela loja de excedentes do exército, um punhado de facas e algumas objetos de roupa, que indubitavelmente seriam úteis quando diabos conseguissem sair daqui. Fechando rapidamente a mochila, deslizou a correia sobre o ombro e ficou em pé, depois se inclinou e o agarrou pelo braço, tentando ajuda-lo a levantar-se.

—Não posso carregá-lo — disse grunhindo pelo esforço quando compreendeu quão pesado era. — Posso ajudar, mas necessito que… você também me ajude.

Ele gemeu e se moveu, apoiando o braço sobre a cama e tentando elevar-se. Caiu de novo de traseiro. Levou-lhes três tentativas antes que fosse capaz de deslizar um braço sob o seu e utilizar a força das pernas para elevar a ambos. Seu peito subia e baixava como se ele tivesse problemas para respirar e seus olhos não enfocavam. Quando o edredom caiu de seu corpo, viu os sinais de navalhadas que cruzavam seu peito sangrando profusamente.

Necessitava pontos. Necessitava um médico. Merda, o que ia fazer ela com ele?

Só chega ao carro. Só chega ao carro.

Voltou-se para o pequeno corredor que conduzia à porta, sentindo como se arrastasse um peso morto. Gryphon apoiava a mão na parede e tentava ajuda-la, mas não fazia nada mais que tropeçar com seus pés e atrasá-los. Os músculos dos braços e as pernas gritavam em protesto enquanto se moviam. Quando finalmente alcançou a porta, apoiou-o contra a parede e jogou a um lado a patadas a madeira e o metal para que ele não pudesse tropeçar e a arrastasse na queda.

—Os corpos — disse ele com dificuldade. — Não… não podemos deixá-los assim.

Sua cabeça caiu contra a parede. Seus olhos se fecharam. Se o deixava ir, estava segura que desabaria direito ao chão como uma boneca de pano.

—Não temos tempo para nos preocupar com isso.

Ela se inclinou para tirar uma tábua do meio. Ele se afastou da mão que apertava sobre seu peito e que o sustentava. Surpreendida, Maelea jogou uma olhada atrás para vê-lo retornar ao quarto, arrastando seu ombro pela parede enquanto a usava para manter-se erguido.

—Não… podemos deixá-los para que os humanos os encontrem.

Alargou o braço para ele.

—Gryphon…

Sua perna cedeu levando-o abaixo. Alcançou e um ofego escapou da boca quando ele quase golpeia o chão. No último segundo, sua mão se estrelou contra a parede e se sustentou, os músculos de seu braço tensos pelo esforço.

Deuses queridos, estava delirando.

Tinha que detê-lo. Tinha que conseguir que voltasse a ficar em caminho. Para o carro.

Também sabia que se caía, o que provavelmente faria em qualquer momento, não teria suficiente energia para levantá-lo. A adrenalina diminuía agora que a batalha terminou. Tinha que convencê-lo de que cooperasse para assim poder conservar a pouca força que ficava e poder tirá-los dali. Enquanto a mente girava procurando o modo de fazê-lo, recordou o frasco que Perséfone meteu no bolso.

Tirou-o e observou o claro líquido de dentro. Uma mescla de ervas antigas garantidas para outorgar o controle, é o que dissera Perséfone. Maelea não tinha nem ideia do que continha, mas sabia que havia uma grande variedade de antigas ervas calmantes que os deuses ainda usavam hoje em dia. Isto tinha que conter algumas delas. Perséfone queria o Círculo muito para arriscar-se a danificar a ela ou ao Gryphon, de outra forma não teria se incomodado em oferecer o Olimpo a Maelea. E isso queria dizer que, fora o que fora isto, tinha por objetivo dar a Maelea exatamente o que Perséfone prometeu.

Antes que pudesse mudar de ideia, abriu o plugue e o aproximou de Gryphon. Pressionou a mão sobre seu ombro e o empurrou de costas contra a parede para que a olhasse.

—Espera.

O suor corria por sua frente.

—Temos…

—Beba isto. —Levantou o frasco a seus lábios. — Ajudará.

Quando abriu a boca para protestar, verteu a metade do conteúdo em sua língua. Sua boca se fechou. Sua cara se crispou, mas, graças aos deuses, tragou.

—O que…?

Fechou o frasco e o deslizou de novo no bolso. Esperou a ver o que acontecia.

Suas pupilas dilataram. Os músculos de seu rosto se contraíram, logo relaxaram. Então, finalmente, seus olhos se cravaram nos seus. E enquanto olhavam fixamente um ao outro, algo passou entre eles. Um arco de calor. Uma emoção que não podia definir. Algo totalmente não relacionado com a escuridão do Inframundo que morava dentro de cada um deles. Isso ardeu no centro de seu ser. Acendeu uma corrente de chamas. E no silêncio que seguiu, prendeu uma corrente de calor que palpitou com o passar do corpo.

Ele pôs os olhos em branco. Seu corpo desabou. Maelea ofegou e envolveu seu torso com os braços, pressionando o corpo contra o seu para tentar sustentá-lo.

—Gryphon? —OH, Merda. — *Gryphon?*

O pânico alagou o peito. Reforçou os pés e tentou evitar que ambos caíssem. Que diabos acabava de fazer? Merda. *Merda!* Jamais deveria ter acreditado em sua mãe.

—Gryphon?

Pousou suas mãos nos braços. Sua cabeça caiu para diante para apoiar-se no ombro.

—Q que?

OH, obrigada, obrigada.

Não acabava de matá-lo. Mas o alívio foi agridoce quando compreendeu que ele era um peso morto major agora que antes.

—Temos que ir. Pode me ajudar?

—É óbvio. —Então girou a cabeça e esfregou o ombro com sua bochecha. Respirou fundo e o deixou sair. — O que quiser. Deuses, que cheiro bom.

Ele soltou outro suspiro longo e sensual. O calor deslizou com o passar do pescoço e enviou um comichão pela coluna vertebral. Suas mãos baixaram lentamente pelos braços e posaram na cintura. E enquanto puxava-a mais perto com a pouca força que ficava, reconheceu o despertar de uma ereção pressionando o ventre.

—Embora, você terá que me ajudar você—disse, arrastando as palavras. — Não sei se poderei levantá-la.

OH, bons deuses. Não era um elixir calmante o que havia nesse frasco, era um afrodisíaco. O sangue esquentou quando ele inalou de novo e o aninhou o pescoço. Por que diabos não tinha esperado algo assim da ninfomaníaca de sua mãe?

Bem, toda essa situação era tão fodida que nem sequer poderia ser engraçada. Estavam de pé em meio da cena de um crime horroroso, ele sangrava por toda parte em cima dela e ela acabava de drogá-lo com o antigo equivalente grego de uma garrafa da Viagra. E agora se excitava pelo fato de que ele estava excitado? Tinham que sair correndo dali, *merda, agora mesmo*.

Mudou sua postura, em ângulo para a porta, e puxou com tanta força como pôde.

—Vamos, corre. Temos que chegar à caminhonete.

Ele deu um passo adiante. Tropeçou. Golpeou a parede com o ombro. Nem sequer pareceu notar.

—Correr. CO… coooorrer. Desejaria correr.

Santo inferno. Estava pior do que acreditava. O estômago contraiu. Sentiu-se agradecida pelo frio ar da noite quando cruzou a soleira e entraram no estacionamento, o qual evitou que o calor que ardesse no ventre se convertesse em um inferno em toda regra enquanto deslizava o braço ao redor de sua cintura e ele se apoiava contra o flanco.

De algum modo chegaram à caminhonete. Maelea abriu a porta do acompanhante, ajudou-o entrar e logo deixou cair a mochila a seus pés. Sua cabeça caiu contra o apoio de cabeças enquanto fechava a porta. Uma rápida olhada à parte dianteira do pequeno motel confirmou seus temores. As janelas do escritório estavam quebradas, o que significava que os *daemons* golpearam ali primeiro antes de ir por eles.

Queria comprovar se alguém mais estava vivo. Queria saber se o menino que os registrou tinha conseguido, mas sabia que não havia tempo. Não sabia quantos *daemons* estavam na zona. Sabendo que era tudo o que podia fazer, disse uma breve oração pelo menino, empurrou o medo e correu para o quarto de motel uma vez mais.

O fedor a golpeou inclusive antes que entrasse no quarto. Cobriu a boca com a mão. Agarrou umas toalhas do banheiro e se obrigou a não olhar a seu redor enquanto retornava ao dormitório e agarrava a espada. Não voltou a respirar até que esteve de novo no estacionamento, aliviada de ver Gryphon ainda sentado na caminhonete. Tinha os olhos fechados, o rosto pálido e o corpo coberto de sangue e outras coisas que Maelea não quis pensar. Alguém que caminhasse por ali poderia pensar que estava morto, mas enquanto subia ao assento do condutor, viu seu peito subir e baixar com sua respiração. O alívio estendeu por ela uma vez mais.

Colocou uma toalha contra seu abdômen ferido e posou uma de suas mãos sobre o felpudo tecido.

—Segura isto até que possa conseguir algumas ataduras.

A mão cobriu a sua. Quente. Elétrica. Muito mais que muito viva. Ele inclinou a cabeça em sua direção sobre o respaldo do assento, mas não abriu os olhos.

—Eu gosto quando me toca, *sotiria*. Ando sonhando com isso durante meses.

O pulso acelerou ante a forma relaxada como a chamou "sua salvação". Ante a lembrança da forma como a olhava de seu dormitório quando ambos estavam na colônia. Ante o roce de sua pele sobre a sua. E aquela conexão que sentiu quando a beijou antes, que se amplificou quando estavam parados fazia uns minutos no corredor, flamejou ardente de novo.

Teve que obrigar-se a retirar a mão para não cair na tentação de tocá-lo em algum outro lugar e pôs em movimento a caminhonete. O coração pulsava contra as costelas enquanto saía à estrada. Não sabia em que direção iam. Quão único sabia era que tinha que afastá-los desse pesadelo tanto como pudesse.

Isso e que as coisas entre os dois mudaram drasticamente esta noite. E que sua vida seu futuro poderia não ser nunca o mesmo por causa disso.

Capítulo 14

Gryphon sentia a cabeça tão ligeira, que por um momento se perguntou se sairia flutuando dos ombros e desapareceria entre as nuvens.

É óbvio, não tinha nem ideia se havia nuvens lá em cima. Neste momento não sabia que demônios havia ali. Em cima dele. Debaixo dele. Merda, não sabia quase nada.

Pressionava o corpo contra... algo. Um assento? Abriu os olhos para encontrar-se com o rosto de Maelea, iluminado por um misterioso brilho verde, um vagamente similar ao brilho do therillium naquelas covas.

As luzes do painel, percebeu enquanto olhava para ela. Ela ia conduzindo e ele estava atravessado no assento da caminhonete, com a cabeça apoiada em seu colo. Uma manta o cobria, mas era seu calor bendito calor, que filtrava no corpo esquentando lugares por dentro que não sabia que estavam frios.

Suas mãos pressionavam o volante, seus olhos estavam enfocados para frente. Ela havia arrastado aquele longo, escuro e sedoso cabelo que caía por seu pescoço para seu ombro esquerdo, deixando ao descoberto sua formosa garganta de onde ele podia alcançar a ver. E cara, ela tinha uma mandíbula elegante, coberta de cremosa pele que queria provar e saborear. Um pequeno queixo angular que conduzia a uns lábios suaves e flexíveis, dos quais só ansiava mais. O desejo se estendeu através do abdômen e ardeu na virilha enquanto desviava o olhar até seus seios, a só uns centímetros do rosto. Pequenos, firmes e altos. O tamanho perfeito para envolvê-los com as mãos. A forma perfeita para introduzi-los na boca e sugar.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

A caminhonete se deteve. Os músculos de suas pernas tremeram enquanto pisava no freio. A surpresa apareceu em seus olhos quando olhou para baixo.

—Está acordado.

—Acabo de fazê-lo.

Era essa sua voz? Maldição, não soava como ele. Soava como se engolisse uma mescla de cascalho e papel de lixa. E por que demônios os olhos não funcionavam? Podia vê-la, mas todo o resto era impreciso. Já deveria ter superado os efeitos de ter congelado a aqueles *daemons*.

—Pensei que teria que despertá-lo. Como se sente?

—Cansado. E dolorido. —A isso poderia acrescentar enjoado como o inferno. E com tesão.

Merda. Não ficava excitado em meses. E depois do que passou antes naquele motel... Sim. Não precisava de uma repetição *daquilo*. O que precisava era ter a maldita cabeça bem clara e voltar a centrar-se no que era importante. E averiguar por que demônios ela estava tendo este estranho efeito nele.

Tratou de incorporar-se e afastar-se dela, mas reconsiderou quando a caminhonete começou a dar voltas. O suor estalou na testa e se recostou para trás.

—Espera aqui. —Empurrou a porta do condutor, com cuidado se desceu da cabine e introduziu os dedos no cabelo para poder colocá-lo brandamente a cabeça sobre o assento. O vinil estava quente por seu corpo. E suas mãos... Um formigamento se estendia com o passar do couro cabeludo, ali onde o tocava, parecia disparar faíscas diretamente ao pênis, infundindo vida a cada centímetro do corpo. E OH, maldição, era bom. Tão bom.

Desapareceu de maneira muito rápida. A porta se fechou brandamente detrás dela. Seus sapatos rangiam sobre o cascalho ressoando através da cabine e logo desvaneceu. A pele esfriou, e o pânico se estendeu pelo peito quando deixou de ouvi-la. A escuridão o pressionou. Nenhuma luz, nem sequer a lua brilhava através das janelas. Tratou de incorporar-se de novo para averiguar onde se foi, e a cabeça só deu voltas com ferocidade, tinha medo de que se pudesse desmaiar.

Doooulas...

Porra! Fechou os olhos com força e pressionou as palmas das mãos contra as conchas dos olhos. Não necessitava isto agora mesmo. Onde diabos estava Maelea? Respirou fundo tentado conseguir que a maldita caminhonete deixasse de girar. Tratou de bloquear essa fodida voz.

Longos minutos depois, a porta do acompanhante se abriu e a escuridão interior saltou de emoção, dizendo que Maelea estava perto. Seguido por um cacho de cabelo perverso de calor que atravessou seu abdômen e quadris quando deslizou aquelas sedutoras mãos pelas costas e o ajudou a incorporar-se.

—Devagar — sussurrou.

Devagar. Reto. Não eram as palavras nas quais pensava. Quente. Sensual. E pornográfico. Eram as palavras que mais se adaptavam ao que estava alagando as veias. Todas as palavras nas que não deveria pensar. Seus dedos roçando as costas nuas eram elétricos. E seu aroma... doce florescendo jasmim... era muito exótico. Ela agarrou a toalha ensanguentada do estômago e a deixou cair no chão da caminhonete enquanto o ajudava. O ar frio se apoderou da pele, os mamilos se esticaram, mas serviu de pouco para esfriá-la.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

—Onde estamos? —conseguiu dizer, tratando como o inferno de manter a concentração.

—Nos subúrbios do Coeur d'Alene, Idaho. Vamos.

Não tinha ideia de para onde se dirigiam, mas não se encontrava no estado de ânimo adequado para protestar. Enquanto que não fossem de volta à colônia, não se importava.

Envolveu um braço ao redor da cintura, apoiou-se sobre seu ombro para poder ajudá-lo a suportar o peso, e logo fechou a porta da caminhonete com o quadril. O cascalho rangia sob seus pés à medida que avançavam a passo de tartaruga. Tinha a sensação de que havia árvores altas na escuridão, um caminho estreito, um declive e o som da água rompendo em uma praia em algum lugar próximo. Mas tudo isto se amalgamava formando redemoinhos frente aos olhos, anulando o sentido. As pernas e o peito doíam como se tivesse recebido a pior de todos as surras, o que fazia o passeio e o enfoque ao mesmo tempo fodidamente difícil.

—Por que? —perguntou ele enquanto chutava o cascalho.

—Por que, o que?

—Por que Coeur d'O que seja?

—Tínhamos que chegar o mais longe que pudéssemos daquele motel. Deveria ter parado antes, mas não queria correr riscos. Necessita de ataduras.

Não tinha nem ideia a respeito do que ela divagava. O bosque cambaleou. Deteve-se. Estendeu a mão para apoiar-se sobre o tronco de um pinheiro e não cair. Santo Hades, tinha a cabeça seriamente fodida e sentia as pernas como se estivessem a ponto de deixar de sustentá-lo em qualquer momento.

—Só vou… — Soltou e se deixou cair ao chão—… a sentar-me aqui um minuto.

Caiu de traseiro. O solo estava frio, mas era sólido. Sim, isso era melhor. Sentou-se para manter a vertigem ao mínimo. Talvez tivesse apenas que descansar aqui um momento. Respirou profundamente o ar coberto de musgo e apoiou a cabeça contra o tronco da árvore.

—Vamos, Gryphon. Só um pouco mais.

—Não, vai. Estou... bem —fechou os olhos.

Sim, isto era sem dúvida o melhor. Com os olhos fechados, não se sentia como se estivesse em uma maldita montanha russa.

—Maldição, está desmaiando — murmurou Maelea.

Sua mão roçou o flanco. O calor se filtrava desde ela, reacendendo a excitação que experimentou antes quando o tocou. Depois, seus suaves e sedosos dedos deslizaram pela mandíbula, inclinando o rosto.

—Toma, bebe isto.

Algo pequeno e de cristal roçou os lábios.

Abriu a boca para dizer que não queria nada, que só queria dormir, mas um doce líquido fluiu através da língua e, por instinto, tragou.

O calor imediatamente estendeu para baixo pelo peito e explorou no ventre, enviando travessas labaredas de eletricidade por cada membro do corpo, ricocheteando e concentrando-se na virilha. Os olhos se puseram em branco. Cada músculo do corpo relaxou, e logo se animou com antecipação, quadriplicando a excitação de antes até que foi tudo no que pôde centrar-se.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Abriu lentamente os olhos, olhou para cima para encontrar Maelea embalando a cabeça sobre seu colo, com o rosto sombrio, expectante e preocupado.

Seu cabelo escuro caía como uma cortina ao redor de seu rosto, mas ainda podia ver seus fascinantes olhos. E seu pequeno nariz. E essa deliciosa e beije-me-loucamente boca.

Deuses, queria provar essa boca de novo.

—Está bem? —perguntou.

—Ff... Bem. *Mezor ze bem.*

Merda. O que passava com os lábios? Sabia o que queria dizer, mas saía mau. Franziu o cenho. Ou tentou. Os músculos do rosto tampouco funcionavam bem.

O que seja. Nem sequer importava. Somente queria a ela.

—Vamos levantar—disse ela.

Maelea o apoiou sobre seus ombros, virtualmente o arrastou até pô-lo de pé e logo deslizou o braço ao redor da cintura de novo, o apoiando sobre seus ombros como antes. Só que esta vez, o calor estalou por toda parte por onde se tocavam, atraindo-o para ela como um ímã, provocando que queria enroscar-se a seu redor, deslizar-se dentro dela e perder-se em cada centímetro de sua pele brandamente perfumada.

O cascalho trocou a madeira sob os pés. E através da bruma, viu algo que se movia por diante. Algo grande.

—Levanta o pé — disse Maelea. — Tome cuidado.

O chão sacudiu, acrescentando-se à confusão da já desorientada cabeça. Empurrou pelo peito. As costas se chocaram contra algo duro. A água golpeava uma superfície sólida e próxima.

—Aguenta aqui um segundo. —Ela colocou os quadris contra os seus, usando seu peso para mantê-lo em posição vertical. O calor e a eletricidade arderam uma vez mais na virilha, apertando o pênis onde ela se pressionava contra ele. A porta à esquerda se abriu. Sua faiscante voz fluiu até os ouvidos.

—Foi mais fácil do que pensei que seria.

Antes que pudesse perguntar a que se referia, empurrou-o dentro de um quarto às escuras e fechou a porta às suas costas, e o ajudou a estabelecer uma série de passos. O chão sacudiu de novo e tratou de dar sentido ao entorno, chegou à conclusão de que tinham que estar em um navio.

—Onde… estamos?

—Em um lugar no qual ninguém nos verá. —Empurrou-o para diante. Um clique ressonou na escuridão, e um contínuo fluxo de luz iluminou a pequena cabine. — Por aqui.

Tinha problemas para ver, sobre tudo pela forma como a visão seguia indo e vindo, mas pareceu que passavam uma pequena cozinha à esquerda, um banco acolchoado em forma de U e uma mesa. Diante, havia uma porta que tinha que levar a um dormitório e um alívio o alagou ante a ideia de deixar cair em um suave e flexível colchão. Mas Maelea girou antes que o alcançassem e abriu uma porta diferente.

Ela acendeu a luz em um banheiro do tamanho de um armário. Depois de empurrá-lo, pressionou o ombro. Ele se deixou cair sobre a tampa do vaso sanitário fechada.

—Espera aqui. E não caia.

Não tinha muitas escolhas. Apoiou a cabeça contra a parede e fechou os olhos. Deuses, poderia dormir aqui mesmo, se não fora pelo maldito balanço. E o alvoroço do outro quarto.

Chocalho de gavetas. Eco de arrastar de pés. Quando soaram passos perto, abriu os olhos a uma imagem aquosa da Maelea que sustentava o que parecia um punhado de fornecimentos de primeiros socorros.

Deixou uma lanterna no pequeno suporte do lavabo, de modo que o feixe de luz iluminou para cima, propagando-se pelo teto e iluminando o pequeno espaço. Logo abriu s torneira da água e passou a mão com a toalha por debaixo do fluxo.

—Não vai adoecer, verdade?

Adoecer? De maneira nenhuma. Ao vê-la de joelhos diante dele dessa maneira, olhando para cima com os olhos muito abertos e essa boca "feita para o pecado", o sangue fluiu diretamente para o pênis, pondo-o novamente duro como o inferno.

Escorreu a água da toalha, voltou-se para ele e se aproximou.

—Isto pode estar frio. Não estou tratando de machucá-lo.

Seu estômago roçou a ereção enquanto se estendia o trapo frio pelo abdômen. Mas isto não fez nada para esfriá-lo. Fechou os olhos e gemeu ante as travessas sensações que percorriam o corpo. Merda, se tocasse o pênis como estava tocando o peito, a deixaria fazer o que quisesse. Não queria detê-la, nem sequer tentar.

—Sinto — disse ela com voz afligida. — Só preciso tirar o sangue a ver como é... OH.

Abriu os olhos. Estava olhando o estômago. E OH, diabos, seus seios se abatiam sobre o pênis, o suficientemente perto para tocá-la. Enquanto limpava a pele, com cada roce de seus dedos sentia fragmentos de desejo inflamavam a virilha.

—Está quase curada — disse com surpresa.

Gostou que se preocupasse com as feridas nestes momentos. Mas gostaria mais que se preocupasse unicamente por sua pele sobre a sua, sua boca, sua língua... Qualquer parte de seu corpo que queria esfregar-se contra ele. Moveu as grandes pernas para fazer mais espaço para ela. Desejando como o inferno que deixasse de falar e, voltasse a tocá-lo de uma fodida vez.

—Curo rápido.

Pronunciou arrastando as palavras, mas quando ela levantou o olhar fazia ele, ou não se deu conta ou não se importava.

—Já vejo. Me alegro. Tinha medo... —A emoção cruzou seu rosto, embora não podia dizer o que estava pensando. De todas as formas, nestes momentos, nada tinha sentido mais que sua própria necessidade ardente. Continuando, ela sacudiu a cabeça e voltou a olhar o estômago, e de novo limpou mais sangue. — Como se sente?

—Quente. —Olhou seus seios. Notando pela primeira vez que sua camiseta estava coberta de sangue seco e raias de algo verde que danificava a pele de suas mãos. — E sujo.

Tão sujo. OH, cara. De repente, tudo no que podia pensar era em sujar-se com ela, aqui no chão do banheiro.

—Trouxe roupa extra. —Deixou o trapo sobre o estômago, ficou de pé e se foi antes que

pudesse detê-la.

A decepção fluiu, mas ela voltou segundos depois. E enquanto permanecia de pé na penumbra da porta, deu-se conta de que sustentava uma mochila. A mochila que conseguiu naquela loja de excedentes do exército.

Ela abriu a lapela, tirou roupa nova para os dois e a pôs sobre o balcão. Logo se ajoelhou frente a ele de novo e agarrou o botão da calça.

—Agora, me deixe ajudá-lo a tirar.

Santo... *inferno.* Ela queria que tirasse a calça. Algo atravessou o fundo da mente, o advertindo que devia detê-la, mas se encontrava muito ao fundo para preocupar-se. Tudo no que podia pensar era em seu toque. Sobre como se sentiria. Sobre onde o levaria.

Por favor, que levasse a alguma parte.

O pênis palpitava com antecipação. Ela liberou o botão. Levantou os quadris enquanto ela atirava do algodão manchado para tirá-lo. Nem sequer tentou deter que deslizasse para baixo o boxers junto com a calça. Quando ela se deu conta de que os tinha tirado e estava completamente nu, seus olhos arregalaram e um pequeno ofego escapou de seus lábios.

As mãos dela congelaram. Mas ele repentinamente despertou, mesmo com a cabeça girando. Pisoteou as botas para tirar-se quão de uma vez terminava de empurrar para baixo a calça pelas pernas, e o chutava. E quando ela só seguiu olhando fixamente, a ereção cresceu, cada vez mais quente e mais dura ante seus vigilantes olhos.

Ele se sentou. O pênis se balançava contra o ventre enquanto alcançava a camiseta dela e a puxava para cima sobre sua cabeça. Não o deteve, parecia estar em estado de comoção, e se alegrou, porque não estava certo de poder pôr freio a isto agora mesmo, inclusive embora ela o quisesse.

Ele gemeu quando seus seios nus apareceram à vista. Nenhum sutiã. Nada mais que sua pele celestial e perfeita. Seus mamilos se endureceram quando a agarrou. O estômago o apertou na penumbra. Abriu a torneira da pia a seu lado, passou o pano sob o jorro e, gotejando, levou-o para seu peito.

Ela ofegou quando ele percorreu seus seios, seu ventre, e de novo outra vez, levando-se até a última gota da batalha. Ele pegou seu seio esquerdo com a mão livre, passou o polegar por cima de seu mamilo úmido, brandamente o beliscou e o viu endurecer-se e apertar.

—Gryphon — sussurrou.

Na brumosa cabeça não podia dizer se a palavra era uma advertência ou uma súplica. Mas sentiu um calafrio que percorreu a espinha dorsal. E a forma como o atraiu uma fração de segundo depois, tomou como um sinal.

Deixou cair o pano ao chão. Deslizou a mão molhada ao redor de sua nuca e puxou com força enquanto fechava a boca sobre a sua.

Ela a abriu sem vacilar, pressionou suas mãos contra o peito nu e gemeu quando deslizou a língua em sua boca e a saboreou de novo. O calor e a vida pulsavam através das veias quando a ereção pressionou o ventre nu dela. Quando seus braços se deslizaram ao redor do pescoço e seus seios roçaram o peito. Enquanto, ela enredava sua língua com a sua e devolvia o beijo com toda a

urgência e a fome que ele mesmo também mostrava.

Ah, deuses. Isto era o que queria. Mais de seu calor. Mais de sua pele. Mais deste sentimento no centro do peito, dizendo que estava vivo. Mas ela não estava o suficientemente perto. Precisava estar em seu interior. Precisava sentir a ela. Era tudo no que podia pensar. Tudo no que podia concentrar-se. Tratou de arrastá-la para colocá-la em cima do colo, mas seu joelho golpeou o balcão e se separou da boca, encolhendo-se de dor.

Ficou de pé, levantou-a pela cintura antes que ela pudesse encontrar o equilíbrio. A habitação girou, mas ignorou. Não podia ver nada mais que a ela.

—Me rodeie com suas pernas.

Ela ofegou quando deslizou as mãos para baixo para pegar seu traseiro. Fechou a boca sobre a dela outra vez e tropeçou com a porta. Devolveu o beijo. Mais forte. Com mais insistência. Deslizou a língua em sua boca, e essa sensação sedosa e sensual fez que as bolas apertassem a níveis quase dolorosos.

Apertou-se contra seu montículo, só para gemer quando outro calafrio percorreu seu corpo. Mas não era suficiente. Queria mais. Queria tudo dela. Chegou até a mesa antes de perder o equilíbrio.

Ela aterrissou de traseiro sobre a dura superfície com um grunhido. Pôs seus braços dobrados sobre seus ombros para evitar que caísse em cima dela.

—Gryphon. Está bem?

Bem? *Bem?* A casa girava de novo. Mas a palpitante dor entre as pernas era em tudo o que podia pensar. Uma dor que só ela tinha o poder de aliviar.

Inclinou-se e deslizou a boca sobre a sua. Não podia esperar mais. Necessitava-a mais do que tinha necessitado a alguém antes.

Tomou a mão dela e a levou o pênis. Então estremeceu enquanto seus dedos acariciavam seu eixo. — Não estou bem. Nem sequer perto de estar bem. Só me toque, maldita seja. Me toque como estive desejando durante meses.

***

O coração de Maelea acelerou dentro do peito. Sabia que não devia fazê-lo. Sabia que não era o momento nem o lugar, que estavam invadindo um cais privado, o navio de alguém, no meio da noite, e que podiam ser capturados a qualquer momento. Também sabia que Gryphon provavelmente nem sequer era consciente do que estava fazendo, graças a aquela beberagem que sua mãe deu. Para não mencionar que podia haver *daemons* por aí os rastreando. Mas...

Não queria parar. A dor entre as pernas era muito forte. A atração por ele muito grande. E o fato de que disse que sonhou com ela durante meses desejando seu toque foi o ponto que a enviou diretamente ao limite.

Passou os dedos por cima de seu pênis outra vez e se deleitou pelo modo como ele gemeu. Era duro e quente, a pele suave sobre um centro sólido como uma rocha, e maior do que esperava. OH, não era virgem, nem por indício, mas havia passado bastante tempo para ela.

Quase renunciara ao sexo quando abandonou a ideia de apaixonar-se. Qual era o ponto, depois de tudo? Mas neste momento, não importava o futuro ou o que passaria depois. Quão único importava era que a tocasse. O fato é que nenhum dos homens humanos com os quais esteve ao longo dos anos teve o poder ou a força que pulsava na palma da mão direita neste instante.

Doíam as coxas. Apertou-os para aliviar o batimento do coração. Não funcionou. Em todo caso, incrementou a necessidade. Envolvendo a mão ao redor de sua longitude, lentamente deslizou os dedos até a ponta, apertou a cabeça, usou o polegar para passar uma gota de líquido sobre sua coroa. Ele gemeu, apertando a mão. Ela respondeu, deslizando os dedos para baixo, acariciando-o da cabeça até a base.

—Sotiria. Deuses, isso é tão bom. — deslizou sua mão no cabelo, seus dedos brincando com os largos cachos enquanto ligeiramente a aproximava, atraindo-a para ele.

Sabia o que ele queria. A mesma coisa que de repente ela desejava. Moveu a mão por sua longitude uma vez mais, lambeu os lábios e se aproximou. E quando levantou o olhar para ele, estalou a língua sobre a ponta e viu com assombro como seus olhos ficavam em branco.

—Ah, deuses. —Enroscou sua outra mão no cabelo e massageou o couro cabeludo enquanto ela o atraía para a boca. Não atirou para diante ou a forçou a tomar mais. Ficou ali enquanto ela passeava a língua contra a parte inferior de seu pênis e fechava a boca ao redor de seu eixo, para saboreá-lo em profundidade.

Era salgado e doce. Duro e quente contra a língua. Enquanto chupava, envolveu as mãos ao redor de suas coxas, em parte para se aproximar, em parte para sustentá-lo. Ele respondeu pressionando na boca, gemendo comprido e baixo. Ela esperava que em qualquer momento as pernas falhassem, mas não se deteve. Porque ele sabia muito bem. Também se sentia incrível. Porque, por uma vez, ela não queria pensar. Não queria preocupar-se. Só queria *sentir.*

—Sotiria — gemeu de novo.

Minha salvação.

Acaso sabia sequer o que estava dizendo? O peito esquentou e encheu o espaço ao redor do coração. A chamou assim no carro. Ela não era a salvação de ninguém, já que nem sequer podia salvar sua vida, mas adorava a palavra. Adorou a forma em que soava em seus lábios. Adorava que pensasse nela assim, embora só fosse parte de algum sonho induzido pelas drogas.

Acariciou-o com a língua ao redor da cabeça alargada de seu pênis, e logo o levou até o fundo da garganta. Ele gemeu, apoderou-se da parte posterior da cabeça, logo a soltou e se apartou.

Olhou-a com surpresa. Seus olhos eram mais azuis do que jamais os vira quando se inclinou sobre ela, fazendo-a inclinar-se sobre a mesa.

Ele agarrou a calça pela cintura e atirou deles para baixo.

—Tenho que ver se está molhada. Preciso saber...

O ar frio se precipitou sobre a pele nua. Ela tratou de incorporar-se. Tratou de dizer que não tinha terminado de saboreá-lo. Mas ele caiu de joelhos entre as pernas e pressionou as coxas abrindo-as antes que pudesse detê-lo. Então deslizou os dedos percorrendo o sexo e arrancou um gemido da garganta ante o primeiro toque.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

A cabeça caiu contra a mesa. Levantou os quadris enquanto seu dedo roçava as dobras e depois se deslizava mais abaixo, mais profundo. Ela gemeu e quase saiu da pele quando a acariciou, quando se deslizou para fora e voltou de novo, esta vez com dois dedos. E quando seu polegar rodeou o clitóris, a eletricidade percorreu a espinha dorsal.

—Gryphon

—Deuses, Sotiria, está tão molhada. Assim, inchada. Quer gozar, não quer?

Sim, *sim*, justamente isso.

Beijou-a na parte baixa do abdômen, o umbigo, arrastou sua boca mais acima e a fechou sobre o seio. As faíscas dispararam dos mamilos ao sexo, incrementando ainda mais a necessidade. Gemeu quando ele continuou voltando-a louca com seus dedos, com sua boca, enquanto ela passava as mãos por seu curto cabelo e se abandonava a seu perverso toque.

—OH, Gryphon. Sim, aí. Justo aí.

A eletricidade se reuniu na pélvis, uma tormenta de sensações a ponto de explorar. Mas justo antes de alcançar o orgasmo, soltou-a, apartando sua boca.

Lançou um grito de frustração, mas a inclinou de novo antes que pudesse perguntar por que tinha parado e capturou o som com sua boca. Logo, sua língua esteve acariciando a sua, seu peito roçando os mamilos, a ponta de seu pênis deslizando-se pelo sexo. Tão quente. Tão duro. Tão perto de onde ela o necessitava.

—Quero sentir como goza a meu redor — disse ele contra os lábios.

—Sim. —*Sim.*

Saboreou o desejo e a fome, tanta fome, que roubou o fôlego. Somente queria seguir beijando-o para sempre. Mas se separou de sua boca antes que estivesse perto de estar satisfeita. Apoiou uma mão na mesa junto a ela. Utilizando a outra para agarrar seu pênis e deslizá-lo ao longo da umidade.

Um gemido escapou dos lábios quando olhou seus olhos cheios de luxúria que se concentravam somente nela, enquanto se balançava contra seu toque. A água golpeou contra o casco, e no silêncio entre eles, olhando-se fixamente o um ao outro como se fossem as duas únicas pessoas no mundo, aquele espaço ao redor do coração se encheu ainda mais.

—Gryphon…

—Diga-me, Sotiria. —Ele baixou a vista, olhando como sua ereção deslizava ao longo da umidade; rodeou o clitóris com a ponta e se afundou na abertura.

O prazer se precipitou através das vísceras. Sabia que estava burlando dela, querendo-a ainda mais perto da borda antes de impulsionar-se no interior. Levantou os quadris, tratando de mostrar o que queria. Ao ver que não fazia caso ao sinal, um gemido ressonou na garganta.

—Gryphon, deuses, quero você.

Seus lábios baixaram a seus. Sua língua se deslizou no interior da boca quando ele empurrou em seu corpo. Apertou-se a seu redor, beijou-o mais forte e se aferrou a seus ombros, levando-o mais profundo quando tentou afastar-se.

Não vai a nenhuma parte. Agora não.

Ela acariciou sua língua com a sua. Levantou os quadris. Gemeu quando sua grossura se

pressionou profundamente no interior.

Sim, sim, sim.

Sua boca liberou a dela.

—Tão apertada — sussurrou contra a bochecha. — Tão quente e úmida. —Retrocedeu uma fração de polegada e pressionou de novo. — Não quero te machucar.

—Não poderia. —Afundou os dedos na firme pele de seus ombros, elevando-se outra vez, querendo tudo dele. — Não pare. Não pare agora.

Beijou-a uma vez mais, deslizou para fora e para dentro. Fez uma e outra vez, até que segundos depois os quadris estiveram alinhados e o sexo contraiu ao redor de sua longitude, a todo o comprido do interior.

Ele deixou cair à cabeça sobre o ombro. Todo seu corpo tremia. Enquanto respirava pesadamente contra o pescoço como se tratasse de reduzir a velocidade, fechou os olhos e deixou que o corpo ajustasse a seu tamanho. Havia passado muito tempo e ele era grande. Mas deuses, sentia-se bem. Tão bem.

Embora não fosse o suficiente.

Ela levantou os quadris, tratando de conseguir que se movesse.

—Gryphon. —Beijou sua orelha, sua mandíbula, não podia alcançá-lo e esperava como o inferno que não desmaiou. — Mais.

—Foi-se — sussurrou contra o pescoço. — Nem sequer posso ouvir o zumbido. OH, deuses, passou tanto tempo e agora definitivamente se foi. Tudo graças a você.

Incorporou-se sobre sua mão, e pela primeira vez desde que o tinha conhecido, seus olhos eram claros. Claros, formosos e centrados nela. A surpresa brilhava nesse fundo azul. A surpresa, mesclada com alívio e necessidade. Tanta necessidade, chegou diretamente ao coração.

—Sotiria.

Sua boca se fechou sobre a dela com tal força, que escapou um ofego pelos lábios. Ela se levantou seu encontro, jogou os braços ao redor dos ombros enquanto se conduzia em seu interior uma e outra vez e suas investidas aceleravam. Enquanto a liberação se aproximava mais rapidamente com cada deslizamento, retirada, golpe e mergulho.

Não tinha nem ideia a que se referia. Não sabia o que tinha ouvido nem que zumbido não ouvia já. Tudo o que sabia era que a necessitava. Isto a assustava antes, mas agora, essa declaração se disparava através do peito e se sujeitava sobre o coração como um parafuso com braçadeiras.

Arrastou-a em cima da mesa até sentá-la na borda. Ela envolveu as pernas ao redor de seus quadris e o levou mais profundo. Buscou a nuca com uma mão e deslizou seu braço ao redor da cintura com o outro, como se tratasse de aproximar-se ainda mais.

—Sotiria... —murmurou ele contra os lábios.

Ela respondeu beijando-o com tudo o que tinha dentro, apertando cada músculo. E quando ele gemeu, quando cresceu incrivelmente duro, quando soube que sua liberação o estava consumindo, então se deixou ir. A eletricidade percorreu a espinha dorsal e explodiu na pélvis, formando arcos para fora em cada terminação nervosa do corpo, turvando a visão, roubando o

fôlego e drenando a força de cada músculo.

Estremecia contra ele enquanto o abraçava, enquanto lutava por respirar através das réplicas. Contra ela, ele começou a relaxar, mas seu coração ainda corria tão rápido como o seu. E adorava esses fortes e estáveis golpes tão perto do dele.

Nunca fora assim para ela. Não tão bom. Nunca se excitou tanto. Nunca a alma a fez pedacinhos como acabava de passar. Fechou os olhos, apoiou a cabeça na curva entre seu pescoço e o ombro e tratou de não analisar muito que tudo isto significava. Tratou de não rir de como as coisas mudaram tão rapidamente.

—Eu... —conseguiu dizer ele com voz rouca, seu peito suado subia e descia com sua rápida respiração. — Deuses, foi muito melhor do que imaginava.

Um sorriso curvou os lábios. Só o fato de que ele tivesse imaginado como podia ser, e o fato de que pensasse nela... Ninguém mais o fez.

Suas pernas se dobraram. Deslizou de seu agarre. Ela tratou de agarrá-lo, mas estava muito fraco para parar a queda.

—Gryphon!

—Mae…

Seus braços se apertaram ao redor dela, mas tudo o que fez foi arrastá-la com ele na queda. Ela aterrissou com um grunhido contra seu peito. Sua cabeça gretou o banco ao outro lado do pequeno espaço. O pânico substituiu o prazer enquanto empurrava rapidamente para cima.

—Gryphon?

Piscou duas vezes. Um olhar aturdido passou sobre sua cara. Uma que definitivamente não estava provocada pela droga. Ou à gratificação sexual.

OH Merda.

—Gryphon?

Seus olhos ficaram sem expressão. Suas mãos escorregaram da cintura e aterrissou no chão da embarcação com um estrondo. Logo sua cabeça caiu a um lado e ficou imóvel.

E no silêncio que reinou, em tudo o que podia pensar era: Benditos Deuses, *acabo de matá-lo.*

Capítulo 15

Titus cruzou os braços sobre o peito e viu quando Lena, uma das curadoras de Nick, dirigiu uma luz para os olhos da ruiva que estava sentada na maca de exame.

—Tem ataques de pânico frequentemente? —perguntou Lena, estudando as pupilas da mulher e logo apalpando seu pescoço.

—Às vezes — respondeu Natasa, movendo aqueles olhos verdes em direção ao Titus e logo apartando-os rapidamente. — Sou claustrofóbica.

Um fio de irritação se precipitou através do Titus. Era mais que claustrofobia o que a levou a

um ataque de pânico. Mas exatamente o que, não sabia. A única coisa que conseguiu tirar no caminho à clínica da colônia eram mais mentiras de que ela conhecia a Maelea de antes, de Seattle.

Quem diabos era? O que queria da Maelea? E por que demônios não podia lê-la?

—Bem. —Lena deixou cair às mãos e se distanciou. — Agora parece estar bem. O ritmo cardíaco é normal e os pulmões soam bem. Tem um pouco de febre, mas não é o suficientemente alta para me preocupar. Se fosse você, tomaria com calma durante o resto do dia e tentaria evitar os espaços fechados.

Um débil sorriso se estendeu pela cara da Natasa. Seus lábios eram grossos e rosados, seus dentes brancos e muito retos. Um rubor subiu por suas bochechas, fazendo que seu cabelo vermelho fogo parecesse ainda mais vermelho.

—Está bem.

Lena se moveu à pilha, lavou as mãos e agarrou uma toalha de papel enquanto dava a volta.

—E você, homenzarrão. Como se sente?

Titus desviou a atenção da Natasa e olhou à curadora.

—Sim, você — disse Lena com um sorrisinho quando ele não respondeu. — Está suando.

Titus limpou a testa e observou a umidade nos dedos. Sim, suava, mas não pela ferida. Podia sentir como o corpo se curava. Em outro dia estaria completamente de volta à normalidade, graças à bênção dos deuses. Todos os Argonautas sanavam rápido. Mas este suor não tinha nada que ver com o que passou. Cravou o olhar na Natasa outra vez, quem agora o olhava com olhos atentos e muito interessados.

Não, agora mesmo suava porque a ruiva arrojava ondas de calor que ele teria que estar cego, mudo e surdo para omitir. Todo o qual, definitivamente, não era.

—Estou bem — disse, deixando cair as mãos, impaciente por mudar de tema. Fora o que fora ela, não queria falar disso diante da Lena. — Então está bem para partir?

—Sim. —Lena jogou as toalhas a um cesto de papéis de reciclagem. — Se passar algo mais, Natasa, volta aqui e daremos uma olhada.

—Obrigada — disse Natasa.

Lena lançou um olhar especulativo aos dois e saiu do quarto, fechando a porta atrás de suas costas.

O papel sobre a maca rangeu quando Natasa começou a descer.

—Bom, suponho que isso é tudo.

—Não tão rápido, mulher.

Sua mão congelou sobre a maca. Seus olhos se elevaram para os seus. Uma encaracolada mecha de cabelo caiu de sua testa antes que o fogo brilhasse em seus olhos cor esmeralda.

—Já contei por que procurava Maelea. Acredito que já acabamos aqui.

Briguenta. Agora que o ataque de pânico havia passado e já não estava rodeada pelos Argonautas quem, Titus sabia, foram desenhados para ser fodidamente intimidantes, recuperava um pouco de seu brio. O que o agradou. Muito.

—Não exatamente. —Deu um passo mais perto e viu como ela se tornava para trás e abria

os olhos com surpresa e… consciência. — Ainda não me disse o que é.

Ela deslizou o olhar dos olhos aos lábios, onde se abateram. E se ele não a tivesse conhecido melhor, teria pensado que continha o fôlego.

—Não sou ninguém que te interesse.

—OH, eu acredito que sim. — Moveu-se uns milímetros mais perto. — Acredito que há algo em que me interessa muitíssimo.

Pressionou uma mão contra a camiseta. Uma mão que era cálida e suave e que enviou um comichão por todo o corpo sob o fino tecido. Uma mão que de repente desejou que pressionasse a pele nua, para assim poder sentir essa animada de novo.

—Recue, Argonauta.

Seu impulso não tinha força para fazê-lo. Nem sequer o moveu. E os olhos dela pareciam incapazes de abandonar as proximidades da boca

—Ou o que…?

—Ou…

O celular tocou e o agudo som arrastou a atenção longe dela e baixou ao bolso da calça. Sua mão caiu imediatamente do peito, o frio ar substituindo o calor de sua pele, irritando-o mais que agradando. Mais do que era racional.

—Skata. —Agarrou o telefone e o levou a orelha, embora não se afastou muito para que ela não pudesse escapar. — O que?

—T? Sou eu, Orpheus.

—O? —Merda. — Onde está? Encontrou-os?

Ler os pensamentos através dos sinais dos celulares era muitíssimo mais difícil que em pessoa, assim teve que esperar a que Orpheus dissesse o que estava passando.

—Não, mas o que encontramos não é bom.

—Ele não os teria deixado assim — disse Skyla de fundo, com voz apagada.

Titus franziu o cenho.

—O que ocorre? Por que me chama você e não Theron?

—Porque não quero que Theron saiba o que encontramos. Titus, cara, alguém matou a um punhado de *daemons*. Corte limpos. Sabiam o que faziam. Parece um trabalho profissional. Mas deixaram os corpos na borda de uma estrada ao oeste de Montana.

—Decapitados?

—Sim.

—Merda. Teve que ser Gryphon.

—Se chamar por isso ao Theron ou Nick, assumirão que foi Gryphon. E se o Conselho averigua que não está cobrindo seus rastros…

Titus não queria pensar no que o Conselho de Anciões faria se averiguavam que Gryphon estava violando todos os códigos dos Argonautas alguma vez estabelecidos. Já odiavam aos Argonautas. Politicamente isto não seria bem recebido em seu reino. Sobre tudo quando o Conselho já pensava que Gryphon era mercadoria danificada graças a seu passo pelo Inframundo.

—Gryphon teria coberto seus rastros — disse Skyla de fundo, mais forte esta vez.

Titus não estava tão seguro. Viu o que Gryphon fizera aqueles *daemons* no povo. Skyla não esteve ali, mas Orpheus sim; que era pelo que O o chamava agora. Ou sabia que Gryphon não pensava com clareza. E se ele chamava o Theron por isso, Nick escutaria os rumores. E então suas possibilidades de pilhar Gryphon antes que os homens do Nick passariam de escassas a fodidas.

—Vou para lá. Quais são suas coordenadas?

Esperou enquanto Orpheus dava sua posição.

—Levará uns minutos saltar a Argolea e logo a você. Algum sinal deles?

—Não. Mas alguém arrasou uma loja de excedentes do exército na cidade detrás de nós. Levou roupa tanto de homem como de mulher, armas, algemas e um kit de sobrevivência. E roubaram um carro.

Merda.

—Poderiam estar em qualquer parte — acrescentou Orpheus.

E aí estava o problema. Junto com que diabos pensava fazer Gryphon com Maelea quando chegasse aonde boceta se dirigia.

—Não se mova. Estarei ali em um minuto.

Desligou o telefone e retornou à maca.

—O que ocorre? —perguntou Natasa.

Observou-a enquanto guardava de novo o celular no bolso e notou a curiosidade e a preocupação em seu rosto. Se ela realmente conhecia a Maelea, não queria ser ele quem dissesse que sua amiga provavelmente estava sendo retida por um Argonauta psicótico.

—Como sabia que Maelea estava aqui? Disse que a conhecia de Seattle.

—Eu… — Quando ela apartou o olhar, soube que estava a ponto de mentir. Se esqueça de ler as mentes, era um profissional na leitura da linguagem corporal básica, e o sua de repente gritava *Pega!.* — Um amigo me disse isso.

—Que amigo?

—Nenhum que conheça.

Ela não ia soltar. E ele não tinha tempo para tentar surrupiar.

—Onde iria Maelea se quisesse desaparecer?

Os olhos da Natasa finalmente encontraram os seus. Olhos brilhantes como gemas que ele sabia ia custar tempo esquecer.

—Pensei que por isso veio aqui.

—Não, trouxeram-na, e não de bom grado. Onde decidiria ir se pudesse?

—Não sei. Tem uma propriedade em Seattle e na Ilha de Vancouver. Mas olhei em ambos os lugares antes de vir aqui. Não estava em nenhum dos dois.

Não, não esteve. Estava aqui até esse momento. Mas se Gryphon a usava para escapar, poderia obrigá-la a levá-lo a qualquer lugar. Ambas as posições eram possibilidades remotas, mas eram opções, se o rastro de Gryphon se mantivesse conduzindo ao oeste.

—Fica na colônia — disse enquanto se dirigia para a porta. — Terminaremos isto quando retornar.

O fogo brilhou em seus olhos quando ela se desceu da mesa.

—Não terminaremos nada, Argonauta. Esta conversa acabou.

A diversão lhe curvou um lado da boca enquanto girava o pomo.

—Não acredito, mulher. Tenho a sensação de que isto, seja o que seja, falta muito para que termine.

***

Uma hora mais tarde, Titus contemplava o açougue a seus pés. O quarto de motel parecia algo diretamente tirado de uma maratona de "Noites de Terror". Cinco *daemons* decapitados, sangue orvalhado pelas paredes e o chão e uma cama despedaçada.

Skata. Gryphon sabia fazer melhor que isto. Sabia que tinha que cobrir seus rastros. Os humanos não deviam inteirar-se da guerra entre os *daemons* de Atalanta e os Argonautas. Os corpos sempre deviam ser destruídos. Mas isto… os deixou aqui para que qualquer um os encontrasse.

—Orpheus limpou a mente do último policial — disse Skyla a seu lado. Nem sequer a escutou retornar ao quarto. — Isto do élencho é muito prático. Tivemos sorte, o motel está em meio de nenhuma parte e não havia outros hóspedes que se alojassem aqui.

—O que acontece o menino histérico? —Titus apartou uma espada *daemon* com um chute. Depois de reunir-se com o Orpheus e Skyla no lugar onde se encontravam aqueles corpos *daemons*, eliminaram os restos, seguiram para o oeste e se encontraram por acaso com uma manada de cães do inferno morta. Limparam aquela confusão também e por último se encontraram com isto.

Luzes de polícia acesas e uma ambulância esperando. Uns quantos agentes provincianos, os quais pareciam impressionados como o inferno, agrupavam-se no exterior. Ainda era de noite, mas o alvorada romperia logo, e tinham que limpar este desastre antes que alguém mais chegasse. Como a unidade de crimes especiais do FBI ou alguns fanáticos obcecados com o paranormal.

—Orpheus também lhe apagou a mente — disse Skyla. — O menino teve sorte. Os *daemons* destruíram o escritório. Não estou certa de como conseguiu esconder-se deles.

Maldita seja! Gryphon deveria ter limpado a mente ao moço e logo incendiado o lugar após matar a estes filhos de puta. Se as pessoas soubessem que os *daemons* vagavam pelo mundo estalaria o pandemônio. E não haveria forma de saber quem ou qual seria o objetivo de Atalanta se isso acontecesse. Ou o que os deuses fariam em represália. Era responsabilidade dos Argonautas limpar a desordem da Atalanta.

As botas do Orpheus rangeram sobre o vidro quebrado quando entrou no quarto.

—Foram-se. Por agora. Mas não temos muito tempo antes que outros apareçam.

Pela extremidade do olho, Titus viu Skyla alcançar ao Orpheus, envolver sua mão ao redor da sua e apertá-la para dar um pouco de sua força. E pensou na ruiva na colônia. Sobre como poderia tocá-la assim se quisesse. Sobre o enjoo e a "sensação muito tentadora" que experimentou quando sua pele roçou a sua. Sobre o fato de que ela era a primeira pessoa em mais de cem anos

que tinha desejado tocar de novo.

Orpheus passou uma mão pela testa, soltou Skyla e entrou um passo mais no quarto. Estava abatido. Linhas de preocupação cruzavam seu rosto e as olheiras obscureciam a pele sob seus olhos. Provavelmente não dormira desde que Gryphon desapareceu, mas Titus não podia culpá-lo. Trazer para seu irmão de volta do Inframundo só para dar lugar a isto…

—O encontraremos — disse Skyla brandamente.

—Sei — respondeu Orpheus, girando em um lento círculo em meio da devastação. — Não é isso o que me preocupa. Preocupa-me que porra faz enquanto isso. Obviamente, não pensa com clareza. —Observou as algemas pendurando do cabeceira. Uma expressão dolorosa cruzou seu rosto, e Titus recolheu a lembrança que se precipitou por sua mente, a gente vendo aquelas roupas interiores femininas no chão banheiro.

Skyla voltou a agarrar do braço.

—Maelea é forte.

Orpheus soprou.

—Maelea não é forte. É suave demais, uma presa fácil.

—Viveu durante milhares de anos…

—Na clandestinidade. Não é como você, Skyla. Sabe pela merda que Gryphon teve que passar. Sabe o que fizeram. Viu de primeira mão. Se ele… — Fechou os olhos. Engoliu em seco. Quando abriu a boca para falar de novo, sua voz soou doída. — Ela não saberia como defender-se. Como detê-lo.

Skyla envolveu os braços ao redor da cintura do Orpheus. Seu rosto deslizou no oco entre seu ombro e pescoço, e ele se agarrou a ela como se realmente fosse sua força. Ali mesmo, no meio de um pesadelo.

Titus olhou, com algo mais que um pouco de assombro. Orpheus passou centenas de anos sozinho. Sem necessitar a ninguém. Fora um espinho cravado no flanco dos Argonautas tanto quanto podia recordar. Mas esta mulher… mudou tudo isso. Não só agora ele servia com os Argonautas, era diferente. Sim, ainda era um desbocado filho de puta, mas agora era um completamente fiel, cooperativo e mais suave nas bordas, desbocado filho de puta.

Titus deu a volta. Sabia no fundo do coração que não queria uma alma gêmea. Não queria ficar exposto à dor que a perda de uma poderia causar. Ou à responsabilidade de proteger a alguém mais. E isso provavelmente significava que não deveria voltar para a colônia com a intenção de acabar nada com Natasa.

Não estava convencido de que ela fosse sua alma gêmea, mas obviamente havia uma espécie de conexão entre eles. Algo que o atraía. Algo que podia colocá-lo em problemas se não andava com cuidado.

E teve mais que suficiente com aquele tipo de problemas. Foi amaldiçoado por causa deles. Jurou que não voltaria a meter-se neles nunca mais.

—Temos que ir — disse, com mais dureza da que pretendia. — Sugiro que toquemos fogo ao lugar e sigamos para o oeste. Não podem estar muito diante de nós. Em qualquer lugar que vão, alcançaremos cedo ou tarde.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Orpheus finalmente deixou ir Skyla. E antes que sequer perguntasse, Titus sabia o que ia dizer.

—E quanto ao Theron e outros?

Todos os Argonautas queriam que Gryphon retornasse inteiro, mas se contavam isto agora, Theron teria que informar tanto ao Nick quanto à rainha na volta a Argolea. E embora Titus confiasse em Isadora, sabia que o Conselho tinha espiões no castelo, esperando qualquer razão para atacar aos Argonautas. Não, se informavam agora, não seriam quão únicos caçariam Gryphon. Pelo bem de Gryphon e Maelea… era melhor manter isto em segredo de momento.

—Informaremos ao Theron quando o encontrarmos.

Skyla deslizou sua mão na do Orpheus e voltou para confrontar ao Titus também.

—Então deixemos de fazer dar voltas e vamos encontrá-lo.

Justo o que pensava Titus.

***

Doooooouuuulas… Vem a mim. Venha…

Gryphon se ergueu de repente, encolhendo-*se* quando a dor estalou detrás das pálpebras. Agarrando a cabeça com ambas as mãos, fechou os olhos com força, respirando através da palpitação no cérebro.

Sentia-se como tivesse rachado a cabeça ao atravessar uma janela de cristal laminado. Roçou com os dedos um vulto na parte posterior do couro cabeludo e tentou recordar onde o conseguira. Não pôde.

Entreabrindo os olhos, jogou uma olhada ao redor do quarto. A luz do sol se filtrava pelas janelas cobertas por umas cortinas brancas. Uma leve brisa soprava pela porta mosqueteira. Encontrava-se em uma cama. Tinha lençóis brancos enredados nas pernas e uns branqueados móveis se assentavam contra a parede a ambos os lados dele. Uma porta aberta conduzia a um quarto escuro à esquerda, e diante, em uma cadeira de vime branca aguardava sua roupa cuidadosamente dobrada. Aos pés, encontravam-se suas botas.

Uma rápida olhada para baixo confirmou que estava nu, mas não podia recordar como tinha terminado assim ou onde diabos estava. Mas enquanto tentava limpar a confusão da mente, teve brilhos imprecisos de pele, calor e da boca mais doce que jamais saboreara. De um orgasmo cego que inclusive agora punha o pênis duro.

Doooooouuuuulas…

Ele sacudiu a cabeça. Ignorou a voz, Estava ali, mas não tão forte como antes. E sempre, no fundo, estava aquele maldito zumbido ao que se acostumara.

Ficou de pé e agarrou-se a penteadeira ao seu lado quando cambaleou. O lençol caiu ao chão. Com as pernas trêmulas, dirigiu-se à cadeira e levantou um jeans que definitivamente não era o seu. Já que era melhor que caminhar nu, o pôs e se sentiu aliviado quando entraram bem. Enquanto fechava o zíper, deu a volta para a janela, retirou a fina cortina e olhou… o oceano azul.

A surpresa o percorreu. Era um balcão que dava à praia. Paredes de rochas criavam uma

baía protegida a ambos os lados. As árvores se elevavam por toda parte, oferecendo privacidade. E debaixo, as ondas lambiam brandamente a borda, onde uma mulher de cabelo longo preto, com um ligeiro vestido branco, pulava na areia perto de um grupo de gaivotas.

Algo no peito oprimiu. Sabia que não era o coração porque estava bastante seguro que já não tinha nenhum, mas enquanto olhava fixamente à mulher, algo revolveu por dentro. Um sentimento. Uma chamada. Algo arrastando dele para ela. Algo que não estava relacionado com a escuridão que ainda perdurava do Inframundo.

Ela girou e olhou em sua direção, quase como se houvesse sentido que a observava. E quando seus olhos se encontraram, recordou as centenas de vezes que ficou observando Maelea assim desde seu dormitório na colônia.

Sotiria…

As imagens cintilaram na mente. Um navio balançando. Um banheiro do tamanho de um armário. Afiançando a boca na sua. Arrastando-a em cima do corpo. Deitando-a sobre uma mesa como uma oferenda e quase devorando-a por completo.

Esquentou a pele. Separou-se da janela e tentou reduzir a velocidade do acelerado pulso. Não sabia onde estavam, mas estava malditamente seguro que as imagens que revoavam pela mente não eram fantasias. Eram reais. O que queria dizer que algum momento entre o motel onde aqueles *daemons* os atacaram e este lugar, ele fez algo terrível. Algo que jamais deveria ter feito.

Merda. *Merda!* Agarrou o cabelo e puxou até que a dor atravessou o couro cabeludo. Por que não podia recordar? Por que parecia que o cérebro padecia um curto-circuito?

Doooouuulas…

Por que demônios aquela voz de repente era a menor de suas preocupações?

A pele estremeceu com a intensidade de um milhar de afiadas agulhas cravando-se nele uma e outra vez. O pulso era um rugido nos ouvidos. Não se incomodou em colocar a camiseta ou calçar-se, só tinha um pensamento na cabeça enquanto abria a porta do dormitório de um puxão e se dirigia ao corredor com os pés descalços. Tinha que ver por si mesmo que não fizera mal. Embora, Merda… como saberia se tinha feito? Esse tipo de dor, o tipo com o que ele vivia cada maldito dia, encontrava-se no interior. Não podia ser visto, só sentido. As náuseas cresceram no estômago, ameaçando subindo pelo esôfago ante o pensamento que tivesse feito isso a ela.

Deteve o pé da escada, agarrou o corrimão e respirou profundamente, fazendo retroceder a bílis. Quando esteve seguro que não ia vomitar, explorou a ampla sala de estar com seus elegantes painéis de madeira branca, seus grandes e confortáveis móveis agrupados ao redor de uma chaminé, a cozinha aberta adjacente iluminada por um resplendor alaranjado e as amplas janelas que davam à serena praia.

Serenidade era a última coisa que ocupava a mente. Com os nervos à flor da pele, cruzou o quarto, abriu a porta e saiu a outro terraço, este com escadas que conduziam à areia. Maelea estava afundada até os tornozelos na água aprazível, lançando miolos de pão ao ar para que as gaivotas as apanhassem, seu escuro cabelo fluindo com a brisa depois das costas. Os pássaros grasnavam e revoavam sobre sua cabeça. O vaporoso vestido branco de manga larga e amplos

punhos golpeava as panturrilhas, atava-se em sua cintura e se abria o suficiente no decote para mostrar os peitos. Escuros, firmes e altos seios que ele recordava meter na boca, chupá-los profundamente e lamber os rígidos picos.

Skata. Era cada pedacinho do monstro que Nick e outros colonos pensavam que fosse. Orpheus nunca deveria tê-lo resgatado do Inframundo. Os Argonautas não deveriam deixá-lo ficar no reino humano. Todos deveriam tê-lo deixado no Tártaro para que apodrecesse. O merecia. Merecia mais que isso agora.

Sentia a pele três vezes menor. Passou- uma mão pela testa e obrigou aos pés a seguir para diante. Se Maelea o escutou, não deu mostras disso, e isso só aumentou a culpa e as náuseas. Enquanto baixava a escada e cruzava a praia para ela, todas as fodidas coisas que fez e disse desde dia que a tomou como refém na colônia rondaram a mente. Mas nenhuma delas nem sequer todas combinadas eram comparáveis ao que fez naquele navio.

Parou a vários metros de distância e empurrou as mãos nos bolsos para não assustá-la. Não sabia que diabos dizer. O que podia dizer?

Ela lançou o último pedaço do pão, sacudiu as mãos, e girou em sua direção. Nenhuma surpresa cruzou seus traços à luz do sol, e ele não podia ler seus olhos escuros. Não estava certo de querer saber o que pensava.

—Acreditei que dormiria mais tempo — disse. — Como se sente?

Como se sente? Sério? Perguntava a ele como se sentia? Procurou em sua cara qualquer sinal de dor, mas não viu. Mas isso não queria dizer que não houvesse lesões internas… feridas emocionais.

—Maelea… — Fechou a garganta. As palavras secaram nos lábios. Agora que estava aqui fora, agora que a olhava cara a cara, não sabia que diabos dizer. Que demônios fazer, em realidade. O estômago revolveu e aquela bílis subiu de volta à garganta.

Olhou-o fixamente durante vários segundos, esperando, ele sabia, que dissesse algo. Algo. Quando não o fez, ela olhou além dele, para a casa.

—Esteve inconsciente a maior parte da viagem. Pensei que o melhor era deixá-lo dormir. Depois de tudo, foi culpa minha que se machucasse.

Culpa dela? A confusão se filtrou no já barulho mental.

—Por certo, é minha. —Assinalou detrás dele. Ainda sem saber que demônios passava, Gryphon deu a volta para olhar a casa da praia de dois andares com amplas terraços, situada em uma baía privada. Não se via nenhuma outra casa. Nem gente, tampouco. Só árvores, rochas e a pequena casa. — A comprei faz mais de cem anos. Foi remodelada uma vez. Provavelmente necessita outra reforma, mas não venho aqui muito frequentemente.

Voltou a olhá-la. Falava de sua estúpida casa quando ele por dentro queria morrer pelo que fizera.

O vento fez voar uma mecha de cabelo sobre seu rosto, o contraste entre seu escuro cabelo e o brilho de sua pele recordando sua linhagem. De quem era ela e quanto tempo tinha vivido. Ela apartou a mecha de seus olhos e sacudiu para trás o cabelo. Gryphon se lembrou dela fazendo isso nas covas, quando seu cabelo se molhou e ficou pego a sua cara. Recordou deslizar os dedos por

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

aquelas grossas mechas enquanto a beijava uma e outra vez naquele navio.

Tragou com força e se obrigou a encontrar a voz.

—Maelea…

—Ninguém nos encontrará aqui, em caso de que seja isso o que o preocupe — disse. — Paguei em dinheiro por ela. Não pus meu nome real na escritura. E faz tanto tempo disso, que seria difícil me rastrear até este lugar. Além disso, usei o mineral.

—O que?

—O mineral? Que recolheu nas covas? Encontrei-o em sua mochila quando chegarmos aqui. investiguei um pouco sobre o therillium enquanto estava dormindo, e tinha razão. Quando se esquenta, faz que a área a seu redor se volte invisível ao exterior. O fator invisibilidade parece estender-se ao menos uns quatrocentos metros da fonte. Ou ao menos isso é o que averiguei de minhas provas não científicas. Tenho-o dentro, sob um abajur. Do caminho da colina, já nem sequer pode ver-se a casa.

Não estava seguro se devia sentir-se impressionado ou fodidamente confuso.

A confusão ganhou.

—Maelea…

—Vamos dentro — disse, saindo das ondas e entrando na praia. A parte inferior de sua saia estava molhada quando deu um passo sobre a areia e se dirigiu para ele. Não o tocou, mas seu calor esquentou o ar que o rodeava. Avivou uma lembrança de seus corpos fortemente apertados naquele navio. — Pode ser julho aqui na Ilha de Vancouver, mas isso não significa que haja um clima quente na praia. Parece que tenha frio.

Pela primeira vez, notou a temperatura. Fresca. O leve vento franzia os mamilos. Provavelmente não superavam os quinze ou vinte graus, inclusive com o sol.

—Ilha de Vancouver? —perguntou enquanto ela se dirigia à casa. Por que demônios não estava gritando? Por que não parecia… ferida e molesta? Que boceta estava passando?. — Como conseguiu fazer todo o trajeto desde aquele motel em Montana até aqui?

—Conduzi.

—Conduziu? Todo o caminho? —Não, não era verdade. Recordava água, um navio. Lembrou-se de incliná-la sobre uma mesa, fechando a boca sobre a sua, empurrando…

Ela se parou ao pé das escadas enquanto agarrava o corrimão.

—Bom, não conduzi todo o caminho. Quando chegamos ao Coeur d'Alene, tive que parar. Necessitávamos um lugar onde nos assear e você estava ferido, assim…

Coeur d'Alene. Ali havia um lago. Um grande. Desde aí é de onde recordava o navio. A culpa se filtrou de novo e contraiu o estômago de forma dolorosa enquanto ele cruzava a areia.

—Maelea, sobre o navio…

Seus olhos giraram rapidamente para ele, mas não viu ira neles. Ou medo. Viu… calor.

Titubeou no passo. Não, isso não estava bem tampouco. Seguro que não podia ter desfrutado do que tinha feito.

Um rosado rubor se estendeu por suas bochechas.

—Sim, sobre isso. Eu… sinto.

Ela sentia? A cabeça deu voltas. O que podia lamentar?

Maelea fixou o olhar em um ponto sobre o corrimão. Evitando lhe olhar aos olhos.

—Não… Não deveria ter me aproveitado quando estava… ferido… dessa forma. Deveria tê-lo detido. Acredito que foi a adrenalina por matar a aqueles *daemons* e de estar fugindo. E logo, quando me beijou naquele navio, eu… — Aquelas bochechas se voltaram ainda mais rosadas. — Sim, eu… essa foi uma estúpida ideia. Mas não tem que preocupar-se. Não vou ficar grávida nem nada. Quero dizer, não posso. A maldição do Hades e tudo isso.

Ela soltou um suspiro e suas bochechas se voltaram de um vermelho em toda regra.

—OH, menino, isso era mais do que precisava compartilhar, hum? Que tal algo de comer? Tem fome? Porque eu de repente morro de fome.

Subiu correndo os degraus com seus pés descalços antes que ele pudesse detê-la. Antes que pudesse entender o que acontecia.

Ela se aproveitara dele? As imagens desfilaram apressadamente pela mente. Maelea desabotoando a calça. Sua pequena mão acariciando o pênis. Suas unhas cravando-se nos ombros e abraçando-o com força.

O sangue correu quente, e aquelas náuseas que esteve revolvendo o estômago desde que despertou, lentamente se transformaram em excitação.

OH, Gryphon. Sim, aí. Justo aí. Não pare.

Ficou duro como uma pedra quando as palavras flutuaram pela mente. E inclusive na fria brisa, o suor estalou por todo o corpo.

Não a forçou. Não fez mal. Elevou a vista para a casa enquanto o pulso rugia nos ouvidos. Desejava-o.

A ele. Ao tipo que a sequestrara. Que havia dito coisas cruéis. Que a usara para assim poder pensar com clareza. Por não mencionar que a algemara a uma cama, que quase conseguiu que a matassem várias vezes e que disse que decapitasse aos *daemons* naquele motel.

Havia algo seriamente mal nela. Tinha que havê-lo.

Tremiam as mãos quando subiu as escadas, quanto abriu a porta mosqueteira, quando entrou na bem ventilada e iluminada casa e olhou para a cozinha. Dava as costas, tirando artigos da geladeira e dispondo a comida que ele não podia imaginar-se comendo. Uma luz alaranjada, em algum lugar da cozinha, resplandecia na habitação, mas não se importava de onde vinha agora mesmo. Só se preocupava com ela.

—Por que não fugiu?

Ela congelou, com uma mão na porta da geladeira e a outra no interior. A luz do aparelho brilhou sobre ela em ondas douradas.

—O que quer dizer?

—No motel. Quando aqueles *daemons* atacaram e a liberei. Por que não fugiu? Por que retornou?

Voltou-se lentamente, pôs um pedaço de queijo sobre o balcão de granito e fechou a porta da geladeira com um empurrão de suas costas. Então mordeu o lábio e baixou o olhar a seus pés.

—Ia fugir.

—Então, por que não o fez?

—Sabia que se partisse morreria.

—Por que se importaria?

—Porque não queria ser responsável por isso. E porque… salvou minha vida. Várias vezes antes.

Não podia acreditar o que ouvia.

—Se não tivesse sido por mim, não precisaria ter sido salva.

—Certo, suponho — disse com a sombra de um sorriso. — Mas…

—Mas o que?

Seu sorriso desvaneceu.

—Mas… no motel? Quando estávamos jantando? E falando? Compreendi que não somos tão diferentes. Que ambos fugíamos da colônia, que fugíamos tanto de nosso passado como do que todo mundo pensa que somos ou deveríamos ser. Não sei. Suponho que compreendi que não era o monstro que tinha me assegurado.

Ele recordou esse momento. Como pediu que a deixasse partir e quando disse que não podia porque a necessitava, em vez de repartir golpes a torto e à direita como esperava, seus olhos se suavizaram. Já disse várias vezes que a necessitava, mas essa vez… essa vez, esteve atormentado pela culpa pelo fato de não poder liberá-la. E ela obviamente o viu. Então se pôs em pé, aproximou-se e deu a primeira degustação de algo sagrado que ele desejara fazia meses.

Os nervos vibraram ante a lembrança. E depois recordou como a acusara de tentar seduzi-lo para escapar.

Merda. Fechou os olhos ante essa grandiosa lembrança.

—Então te algemei à cama e te abandonei.

A voz soou áspera. Aquela culpa se deslizou por dentro e o agarrou com força. Abriu os olhos e se obrigou a confrontar sua expressão. Não merecia esconder-se dela.

—Sim — disse com um sorriso de suficiência, seus escuros olhos elevando-se para os seus. — Me irritou por isso. Mas… realmente não posso culpá-lo. Quero dizer, planejava seduzi-lo para assim tentar escapar. Mas então falamos, comecei a entender melhor e… tudo mudou.

Não sabia que dizer. Não estava certo sobre o que fazer com tudo isto. Não só ela admitia algo que não tinha porque admitir, mas sim o fazia olhando-o através do quarto como sim… ele não fosse nada mais que um homem.

Jamais fora *só* um homem. A totalidade de sua vida esteve envolta em ser um Argonauta, um guerreiro, um lutador treinado na honra e o dever. As mulheres vinham a ele, mas elas nunca o queriam por quem era por dentro. Só o queriam devido ao status, porque foder com um Argonauta era parecido a foder com uma celebridade no reino humano. E logo… depois de ter sido enviado ao Inframundo, perdeu até isso. Converteu-se em tudo o que desprezava. Alguém tão desesperado em evitar a tortura que sacrificou tudo no que acreditava e fez coisas que horrorizariam até ao filho de puta mais doente, tudo em um intento por salvar seu lamentável traseiro. Ninguém o quereria depois disso. Ninguém deveria querê-lo depois disso.

Gryphon, deuses, quero você.

Ninguém exceto ela.

Ela poderia seduzi-lo sem aquelas palavras, mas as escutar… A realidade se estrelou contra ele enquanto estava ali olhando-a. O queria. Ao verdadeiro eu. Ainda sabendo toda aquela merda.

Logo salvou sua vida. O trouxe aqui. Cuidou de suas feridas.

O buraco ao redor do coração começou lentamente a fechar-se. E o ar obstruiu nos pulmões até que se tornou difícil respirar.

—Você gosta do queijo grelhado? —perguntou ela. — É meu prato favorito — Jogou uma olhada para os armários sobre a parede em frente da cozinha. — Acredito que tenho sopa de tomate em algum lugar. Fiz algumas compra enquanto estava dormido.

—Maelea. —O coração, um coração que começava a acreditar que ainda poderia ter, pulsou com força enquanto se dirigia à cozinha, enquanto se colocava detrás dela e a girava brandamente para confrontá-lo.

Não se alterou ante seu toque, mas esticou os músculos e um calafrio a percorreu. Não nascido do medo a não ser procedente da… excitação.

Ela ficou olhando fixamente o peito, sem fazer nenhum movimento para aproximar-se. Mas tampouco sem fazer nenhum movimento para afastar-se. Queria beijá-la, saboreá-la de novo. Não sabia se deveria. Ela disse que sua reação no navio foi resultado da adrenalina, de quase ter morrido. Sabia muito bem quão excitado uma briga podia deixar a uma pessoa.

Skata, não sabia o que fazer. Só sabia… que a desejava. Que o que o empurrava para ela não tinha nada que ver com a escuridão interior e tudo com ela como mulher e ele como homem e este desejo urgente que não tinha sentido por… ninguém. Nunca.

—Eu… né… tenho uma proposta para você — disse antes que Gryphon pudesse decidir o que fazer. O que dizer.

Elevou as sobrancelhas pela surpresa.

—Uma proposta?

—Sim. Pensei nisso enquanto conduzia até aqui e você estava dormido. Sei o porquê me necessita. Sei que é por meu vínculo com o Inframundo e a luz dentro de mim que… te equilibra. Observei-o e posso dizer que quando estou perto de você parece mais tranquilo, mais relaxado. Assim tenho um trato para oferecer.

Entrecerrou os olhos.

—Que tipo de trato?

—Quero que me ensine a lutar. A lutar de verdade e a proteger a mim mesma. Aprendi um pouco na colônia, mas depois de que me pegou na horta, descobri que não sei tanto como deveria. E sinceramente, não tive que aprender ao longo de todos estes anos porque estive me escondendo. Mas quando lutei contra aqueles *daemons*, senti algo. Alguma força que não sabia que tinha. A terra retumbou, justo como fez nas covas antes que caíssemos ao rio. E olhando para trás, não estou completamente certa, possivelmente, de algum modo, que isso não o provocasse eu.

Ela respirou profundamente e endireitou a coluna.

—Sei que parece tolo. Meu único dom foi à capacidade de sentir as mudanças de energia no

planeta, mas e se houver mais? E se antes simplesmente não era o suficientemente forte para usá-lo? Não sou a mesma pessoa de antes de ir à colônia. E os últimos dias com você, tanto quanto o odiava ao princípio, ensinaram-me que sou muito mais resistente do que pensava. E a verdade é, Gryphon, que estou farta de me esconder. Faria algo por chegar ao Olimpo. Esperar sentada não vai me levar até ali e ter medo de ir depois do que quero não está fazendo outra coisa que prolongar minha miserável existência. Mas não posso nem sequer tentá-lo até que não afine minhas habilidades.

Ela empurrou uma mecha de cabelo atrás da orelha e olhou aos olhos com tal determinação e força, que não pôde menos que sentir-se intimidado.

—Assim estou disposta a fazer um trato. Se você ficar aqui uns dias, se me ensinar o que tenho que saber, então, quando estiver preparada, irei a qualquer parte que queira que vá. E prometo que não tentarei fugir até que tenha feito o que necessite que te ajude a fazer.

Esteve aniquilado antes, mas agora… a surpresa, a incredulidade e o assombro o percorriam. Ela não o conhecia. Não sabia o que planejava. Mas confiava nele. E isso significava mais para ele que nada do que houvesse dito ou feito até o momento. O espaço no peito se encheu até que aquele vazio com o qual vivera desde que sua alma foi condenada ao Inframundo desde antes disso, na verdade, quando foi um Argonauta que se questionava sua contribuição ao mundo se foi.

Quando foi a última vez que alguém confiou nele… que realmente confiou nele? Quando foi a última vez que alguém esteve disposto a pôr sua vida em perigo por ele? Seus irmãos Argonautas não contavam, porque para eles, o amparo não era sequer um pensamento. Era um dever. Mas isto… isto era diferente. Ela poderia encontrar a outro que lhe ensinasse como proteger-se. Não o necessitava do modo que ele a necessitava. E ainda assim, oferecia-se. Olhando-o fixamente com esses enormes olhos. Fazendo-o sentir depois de todo este tempo.

—Por que quereria fazer isso? —sussurrou

—O que?

—Ficar comigo.

—Realmente tem que perguntar?

Engoliu com dificuldade, quase temeroso de escutar sua resposta. De algum modo, encontrou a força para assentir com a cabeça.

—Porque você não pediu o que aconteceu mais do que eu pedi nascer entre dois mundos. Porque se de alguma forma, em meio a toda esta loucura, podemos nos ajudar um ao outro a conseguir o que necessitamos, então isso fará que isto, o que havemos passado, valha a pena. E porque…

—Por que? —perguntou quando ela mordeu o lábio e baixou o olhar à boca.

Ela tomou uma respiração profunda.

—Porque me preocupo com você, Gryphon.

Não podia respirar. Preocupava-se com ele. Realmente se preocupava. Não porque tinha que fazê-lo, não porque algum retorcido sentido da honra ou dever dizia que tinha que fazê-lo. Preocupava-se simplesmente porque podia.

O coração pulsou com tanta força, que estava certo que ela tinha que ouvi-lo. E quando seu

olhar se elevou lentamente até a seu, viu todas as coisas que sonhou ver em seu rosto durante meses. Desejo. Fome. O mesmo maldito desejo que ele sentia nas profundidades da alma.

—Gryphon?—sussurrou ela.

—Sim? —pôde dizer, ainda incapaz de acreditar que o que passava era certo.

—O que diz? Temos um trato?

Capítulo 16

—Bem? —perguntou Maelea.

Enquanto estendia a mão, a dúvida com a que tinha lutado antes desvaneceu. Ignorando a oferta, Gryphon em seu lugar deslizou os dedos pelo abundante cabelo. Desfrutando logo com a faísca de luxúria que acendeu nos olhos quando a atraiu para a boca.

—Não posso pensar em uma melhor maneira de selar este acordo, sotiria.

Um pequeno ofego escapou de seus lábios quando fechou a boca sobre a dela. Mas resultou que o gemido sobrecarregou o sangue, enquanto inundava a língua em sua boca e a beijava da forma como queria beijá-la desde que despertara com a mãe de todas as ereções.

Passou os braços ao redor do pescoço, pressionando os tentadores seios contra o peito nu enquanto devolvia o beijo. Os mamilos endureceram sob o vestido de fino algodão e sabia pelas sensações que percorriam a pele que não era possível que levasse sutiã. O jeans se fez ainda mais estreito, enquanto a abraçava e puxava para seus quadris para ele. O calor que desprendia a pélvis dela se filtrou na sua.

Trocou o ângulo do beijo, mordendo o lábio inferior. Estremecendo com o sabor doce e erótico dela na língua.

—Gryphon? —disse sobre os lábios.

—Mmm, sim? —Empunhou o vestido de algodão na parte inferior de suas costas, queria tão desesperadamente levantá-la sobre o balcão, empurrar dentro de seu corpo e tomá-la duro e rápido.

Mas não ia fazer isso. Porque essa vez precisava assegurar-se de que ela desfrutava da experiência. Queria recordar todas e cada uma das vezes que ela culminasse. O qual seria mais de uma vez. Garantido.

Deslizou as mãos a cada lado do rosto. Beijou-o. Tornou-se para trás, lambendo-os lábios, enquanto olhava a boca. Voltou-o a beijar até que pensou que se voltaria louco. Finalmente se deteve o tempo suficiente para dizer:

—Tem fome?

—Estou esfomeado. —Mas não de comida, só dela.

—Eu também. Me leve acima.

O alívio se abateu atravessando-o como um tornado.

Levantou-a pela cintura. A boca dela se fechou sobre a dele e o envolveu com suas pernas

sem que o pedisse, acariciou sua língua contra a dele, enquanto ele deslizava as mãos para baixo para pegar o traseiro.

Levou-a fora da cozinha para as escadas. O cérebro era nada mais que uma massa disforme. Não tinha ideia de como aconteceu. Como havia passado de odiá-lo e temê-lo a desejá-lo, com o mesmo desespero que ele a queria; mas não estava disposto a questionar o porquê de tudo. Só queria mais. Mais da doçura. Mais de seu corpo. Mais dessa plenitude no centro do peito, que se sentia condenadamente bem.

Deixou-a em metade das escadas desvencilhadas antes que os pés descalços deslizassem pelo tapete do corredor. Ainda estava cambaleante, parcialmente recuperado do que havia passado, mas não a queria deixar ir. Grunhindo contra sua boca, girou-se para não deixá-la cair. Pondo-a de costas contra a parede. Ela se afastou da boca só um segundo e logo o beijou com mais dureza, empurrando o sexo contra a ereção, enredando a língua com a sua, até que ele viu estrelas.

Gemendo, montou-a sobre a coxa para poder equilibrar seu peso e puxou o vestido até a parte superior das coxas. A prega estava úmida do mar. Cheirava a jasmim e sal. Balançou-se contra ele. Separou a boca da dele, mordiscou a orelha e logo ofereceu o pescoço. Ele respondeu beijando a mandíbula, a suave pele detrás da orelha, puxando o lóbulo com a boca e sugando, enquanto as mãos ao final encontravam pele.

—OH, sim, Gryphon. — Estremeceu contra ele de novo, o calor de seu montículo tão perto do pênis, que doía.

Sujeitou-a pela parte posterior das coxas, amassando os músculos tensos, deslizando as mãos mais acima e estremecendo-se quando se deu conta que não levava calcinha.

—Maelea…

Buscou a boca outra vez e deixou cair à mão do ombro, deslizando-a pelo nu peito. Seus dedos roçaram os abdominais inferiores, enviando sacudidas elétricas que atravessaram a pélvis. Então apertou a mão direita entre as pernas, agarrando o pênis por cima do jeans.

As pernas dobraram. Ficou sem fôlego. Tratou de pô-la contra a parede para que não caísse com ele. Caiu de costas sobre os degraus. A dor reverberou ao longo da coluna, mas foi fugaz. Porque logo que os pés da Maelea tocaram o chão, agachou-se junto a ele e o beijou de novo. Beijos duros, quentes e necessitados, sentia-os em todas as partes. Então a boca dela deslizou para a orelha e se sentou escarranchado sobre ele, esfregando com os seios o peito, o sexo contra a ereção, com as mãos em qualquer lugar que pudesse alcançar.

Entrelaçou os dedos em seu cabelo comprido, atraiu-a para a boca e levantou os quadris para encontrar-se com as dela enquanto a beijava. Enquanto provava a umidade de sua boca, enquanto sentia o fogo de seu corpo por toda parte. Nem sequer se importou que os degraus estivessem cravando nas costas. Ela rompeu o beijo e arrastou a boca descendo pelo pescoço. Calafrios correram pela pele e gemeu. Então quase gozou quando rodeou com sua língua o mamilo e mordiscou a ponta.

O prazer percorreu dos mamilos até o pênis. A visão nublou. Precisava levá-la escada acima. Queria-a nessa grande cama branca. Não podia pensar em nada mais. Tratou de encontrar as

palavras para dizer que se detivesse, mas ela moveu a boca do mamilo baixando ao centro do abdômen. A língua rodeou o umbigo. Nesse momento, cada músculo do corpo se esticou quando ela agarrou o cós do jeans, soltou o botão e ao fim o liberou.

O pênis saltou duro, quente e palpitante. Agarrou o pau com sua pequena mão e o olhou com olhos cheios de luxúria enquanto o acariciava. Largas e provocadoras carícias que fizeram arder com o fogo de mil sóis.

—Eu adoro como o sinto —sussurrou. — Eu adoro seu gosto. Quero senti-lo gozar contra minha língua.

OH, deuses Santos. Se continuasse falando dessa forma, perderia o controle. E não queria que isso fosse só para ele. Queria que fosse para ela. Queria sentir seu prazer. Provar sua liberação. Deixá-la tão louca como ela fazia com ele.

Antes que pudesse levá-lo à boca. Agarrou-a pelos braços, arrastou-a pelo corpo e a beijou de novo. Ela gemeu contra a boca, acariciando a longitude uma vez mais antes de soltá-la e afiançar seus joelhos a cada lado do corpo. Agarrou a prega do vestido, arrastando-o por cima das coxas, ao redor da cintura. Seu sexo nu roçou o pênis e ela estremeceu. Seria tão fácil atirar dos quadris para ele, deslizar-se dentro dela aqui mesmo, tomar o que desesperadamente ansiava. Mas ainda não. Primeiro a queria enjoada de desejo.

Puxou o vestido mais acima das costelas, sobre os seios e ao final rompeu o beijo para tirar pela cabeça.

Ficou completamente nua. E tão condenadamente linda, que deixou cair o objeto sobre as escadas e abrangeu cada curva e ângulo, a forma como a luz da manhã se refletia na suave pele, o contorno dos peitos e a suave fenda do umbigo. Os mamilos dela endureceram quando os olhou, viu como os músculos do abdômen cediam e estremeciam, como os olhos dela aumentavam enquanto tocava o peito, atraía um mamilo aos lábios e passava a língua pelo pico duro e rígido.

Apoiou as mãos no degrau a cada lado da cabeça dele, inclinou-se para dar um melhor acesso, gemendo comprido e baixo enquanto ele amamentava. Com a mão livre, empurrou-a pela parte baixa das costas, subindo-a pelo peito enquanto arrastava os lábios até seu estômago. Ela captou a intenção facilmente, levantou um joelho, logo a outra e subiu as mãos um degrau até ficar finalmente escarranchado sobre a cara.

Cheirou-a. Essa fragrância doce e penetrante de excitação. Recordando o aroma único daquela noite sobre o navio. Quando soprou calor sobre seu sexo, ela gemeu e se empurrou para cima para que seu torso ficasse perpendicular às escadas e logo se agarrou pelos barrotes do corrimão de um lado e apoiou a mão na parede pelo outro.

—Gryphon…

Levantou o olhar, deleitando-se na forma como seus olhos obscureciam com a paixão enquanto ela o observava.

—Minha vez de provar.

Levantou a cabeça e fez uma carícia larga e lenta com a língua até sua fenda. Ela gemeu. Jogou a cabeça para trás e estremeceu. Repetiu, amando a forma em que o corpo dela estremecia por inteiro. Amando seu sabor.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Lambeu-a uma e outra vez, arrastando a língua em círculos até o clitóris. Segurando o traseiro com uma mão, com a outra roçou sua entrada com o dedo e foi recompensado pelo som gutural de sua garganta, enquanto pressionava e acariciava seu interior.

—Gryphon… eu gosto. OH deuses, vai me fazer gozar.

Exatamente o que queria. Tudo o que queria. Deslizou o dedo fora, pressionando de novo com dois e fechou os lábios ao redor do clitóris, chupando. Ela levantou os quadris, baixou, balançando-se contra o rosto, enquanto a conduzia mais perto da borda. Acariciou com os dedos mais profundamente e girou em círculos com a língua. Quando ela se apertou ao redor, gritou e sentiu o sabor da liberação na língua; o corpo inteiro sofreu um espasmo como se também estivesse gozando.

Continuou lambendo-a e acariciando-a brandamente, enquanto os tremores sacudiam seu corpo e repercutiam através dele. Sabia que não tinha ejaculado, mas sentiu o orgasmo dela com tanta força como se fosse o seu próprio. Na pele. Nas veias. No fundo da alma.

Ela estremeceu uma última vez, caiu para frente apoiando suas mãos contra o degrau por cima da cabeça. Enquanto travava de recuperar o fôlego, observou o corpo. Notando sob a luz da manhã que se derramava sobre elas, umas tênues linhas brancas na pele do interior de seus braços.

Tinha visto essas cicatrizes na ducha que tomaram juntos no motel. Mas naquele momento estava muito distraído para perguntar a respeito delas.

Como se não estivesse distraído agora. *Skata*, se preocuparia com isso mais tarde. Agora mesmo a necessitava.

Saiu com cuidado de debaixo dela. Tinha as bolas tão duras que sabia que não ia durar muito. Mas não estava disposto a culminar, até que a sentisse gozar de novo. Essa vez quando gozasse, estaria profundamente em seu interior.

Deslizou os braços ao redor da cintura dela, levantando-a dos degraus. Era tão leve, que a elevou facilmente. Ela ficou sem fôlego quando a boca dele encontrou a dela de novo, mas então o beijou com urgência, rodeando os braços em torno do pescoço e as pernas mais forte ao redor da cintura.

Deuses, isto era o que queria. Tudo o que desejava. Tudo sobre o que sonhou desde que a viu pela primeira vez na colônia. Não podia acreditar que estivesse aqui com ele agora. Sujeitando o traseiro, esfregou a longitude do pênis de acima a abaixo em sua umidade, enquanto terminava de subir as escadas. Apesar de conduzi-lo a níveis de ebulição, desfrutava com as vibrações que ressoavam em seu peito quando ela gemia.

Deixou-a cair de costas na cama. Apartou-se o suficiente para baixar e tirar o jeans. Ela o alcançou assim que retornou. Beijando a testa, a bochecha, a mandíbula, encontrando ao final os lábios de novo. Os calafrios percorreram as costas quando se acomodou no v de seu corpo. À medida que o pênis roçava sua umidade e a ponta logo que pressionava em seu interior.

—Gryphon… — Deixou cair à cabeça de novo contra o colchão, apertando-se ao redor dele.

—Sotiria, me olhe. —Queria ver os olhos quando a enchesse.

Queria saber o que estava sentindo.

Piscou várias vezes e finalmente abriu esses círculos escuros para centrá-los nele. E enquanto empurrava nela, olhava esses abertos olhos, que o olhavam nublados de pura luxúria. Contemplando como se entregava a ele.

Sem medo. Sem dor. Só confiança.

O calor se desdobrava dentro do peito, enquanto saía devagar, enquanto empurrava nela de novo. Quando tremeu baixo ele. E pela primeira vez na vida se sentiu pleno. Não vazio. Não a casca do homem que sempre desejou ser. Não a alma rota que fora do Inframundo. Com ela, aqui, sentia-se… completo.

As emoções se enroscaram atravessando-o. Umas que não podia definir e receava tentá-lo. Tantas, que o poder combinado esmurrou as costelas. A conexão que sentia com ela agora… era diferente da anterior. Não estava banhada em escuridão. Irradiava luz. Uma luz que o esquentou de dentro. Uma luz que aplacou a voz até que não pôde mais ouvi-la. Até que o zumbido com o que viveu os últimos quatro meses desapareceu também. Até que não houve nada mais que eles dois, balançando-se juntos na cama, perdendo-se entre eles, uma, outra e outra vez.

—Gryphon. —Levantou a cabeça e o beijou, deslizando as mãos até o traseiro e atraindo-o.

Sabia o que desejava. Que era o mesmo ele queria. Apoiou as mãos contra o colchão e se introduziu nela mais profundamente, beijou-a mais duro, empurrando-a até a borda com cada investida. E quando o orgasmo disparou através dela, liberou sua boca, gemendo longo e baixo; mas ele não cedeu. Afundou-se mais forte, mais rápido, extraindo cada último espasmo, tremor e grama de prazer dela que pôde.

Só quando soube que estava esgotada, que deu o êxtase que ninguém mais teria dado… então finalmente se deixou ir. Tremeu pela pura força do orgasmo, quando explodiu através de cada terminação nervosa do corpo.

Estava tremendo quando finalmente se derrubou contra ela. Envolveu os ombros suados com os braços e passou as pernas pelas úmidas costas. Deixou cair à cabeça no oco entre seu ombro e seu pescoço. Seu quente fôlego banhou a têmpora, enquanto pressionava os lábios contra a testa. Seu coração pulsava junto ao dele, e soube que devia estar esmagando-a, mas não podia mover-se. O corpo não funcionava ainda. Pensou que o orgasmo do navio foi o melhor de sua vida? Nem sequer chegou a aproximar-se a este.

Tremores ondulavam atravessando o corpo, enviando sacudidas elétricas aos músculos, que o imobilizavam.

O peito dela se levantou contra o dele, quando inspirava profundamente. Baixando, quando o deixava escapar.

—Gryphon?

—Sim. —O cérebro voltava pouco a pouco para funcionar, embora as extremidades seguiam sem responder. — Eu… estou te machucando. Vou me mover.

—Não, não é isso.

Apoiando as mãos no colchão, começou a separar-se, mas ela apertou os músculos da pélvis, detendo-o.

Ele endureceu de novo.

Ela sorriu contra a têmpora.

—Mmm isso é o que esperava.

Excitação, desejo e necessidade percorreram o atravessando. Uma necessidade mais exigente que antes, porque agora sabia como satisfazê-la.

Relaxou os braços e a olhou. Ela apertou as pernas ao redor da cintura e contraiu o sexo, atraindo-o de novo a seu interior e logo sorriu com um sorriso malvado e pecaminoso, que fez que o sangue esquentasse.

Tinha as bochechas ruborizadas, os lábios inchados pelos beijos e os olhos cheios do mesmo desejo que percorria a ele. Mas havia algo mais. Algo mais. Algo…

O peito contraiu quando ela mudou de posição, enquanto rodava sobre ele, flexionava os quadris e reclamava a boca de novo.

Ele deslizou as mãos até os magros quadris e a ajudou a montá-lo. O cabelo escuro caiu como uma cortina ao redor de seus rostos. Ele o apartou. Deixando-a tomar o controle. E se entregou a ela, da mesma maneira que fez com ele.

Não era nenhum mistério. Sabia o que era esta conexão que sentia. Agora que tinha a mente limpa e a voz se foi, podia interpretá-la facilmente. O teria sabido a primeira vez que a conheceu, se não fosse por essa maldita interferência.

Era sua alma gêmea. Tudo o que sempre quis. A única pessoa que podia acalmá-lo, que podia fazer com que sentisse de novo. A mulher que ao final perderia quando por fim conseguisse seu sonho e fosse aceita no Olimpo.

—Me toque Gryphon — sussurrou contra os lábios. — Em qualquer lugar. Por toda parte. Só quero a você.

Estava equivocado. Tinha coração. Um coração que despertava, graças a ela. E depois de tudo o que passou, depois de toda a tortura, agonia e amarga miséria que suportara, soube que não haveria nada comparado com o que aconteceria a esse coração quando por fim a perdesse para sempre.

As emoções fecharam a garganta. Quão único podia fazer, era abraçá-la, arrastá-la mais perto possível e agarrar o pouco que pudesse dar agora.

E devolver o mesmo multiplicado por dez.

***

O vento sussurrava através das finas cortinas da janela aberta, fazendo com que os olhos da Maelea se abrissem.

Destacando na escuridão, reflexos da luz da lua iluminaram o quarto em franjas de cor branca. Enquanto no exterior as ondas lambiam brandamente a borda, lançou um olhar a Gryphon, que a cobria, com sua cabeça apoiada no peito enquanto dormia, suas pernas enredadas com as suas sob os lençóis e com seu braço ao redor da cintura como se nunca queria deixá-la ir.

O calor estendeu pelo peito ao recordar como a tocou com essas grandes mãos, como a agradou por completo, como a tinha cuidado, não com olhos mortos como fizera antes, repletos

de tristeza, mas sim como se fosse a única coisa no mundo que necessitasse.

Passou os dedos através do cabelo loiro, riscando a borda franzida de uma cicatriz perto de sua têmpora, que não tinha notado antes. Em sonhos, as linhas de seu rosto estavam relaxadas, o estresse e a ansiedade que levava consigo reduzidos. Parecia mais um menino que um guerreiro, mais humano que Argonauta. Resguardada aqui com ele nesta casa isolada, na quietude da noite a princípios do verão, perguntou-se como pôde alguma vez ter medo dele.

Não era absolutamente o que pensou. Não era frio e insensível. Não era o monstro sobre o que aquelas mulheres da colônia mestiça falaram. Simplesmente estava perdido e sozinho, como ela.

O peito apertou, e tomou fôlego para aliviar a dor ao redor do coração. Fazia muito tempo que aceitou sua sorte na vida. Sabia que estar sozinha era parte da mão que havia tocado. Não esperou encontrar a alguém com quem compartilhar os sentimentos, que a compreendesse, a boas horas, quando estava por fim pronta para partir para o Olimpo.

Com cuidado de não despertá-lo saiu de debaixo dele. Ele grunhiu, girou de bruços, colocou o travesseiro sob a cabeça e logo continuou respirando constantemente, enquanto relaxava de novo no sonho.

Era verdadeiramente bonito, dormindo na cama, com esse aspecto tão grande e masculino contra o mobiliário feminino. O lençol estava enrugado atravessando a parta baixa das costas musculosas, o branco do algodão marcava um contraste com a pele azeitonada e o espesso cabelo loiro. À luz da lua as marcas da Argonauta nos antebraços se destacavam, a recordando que era algo mais que um homem que a conduzira a quatro não, de fato cinco, orgasmos ardentes nas últimas quatro horas. Era um herói, apesar do que fizera no Inframundo. Um dos heróis designados pelo Zeus.

Zeus.

Arruinou o estado de ânimo, se alguma vez pensou em um. Seu pai. O Rei dos Deuses. O homem que a gerou, mas que não fez nada para ajudá-la durante os longos anos de sua vida. O deus que nem uma vez sequer reconheceu sua presença. Sabia o porquê – porque ao fazê-lo romperia o acordo feito com Hades, desse modo garantia que Hades não tomasse represálias contra a traição de sua mãe, mas ainda doía. E agora tentava chegar a seu reino. Tentando demonstrar sua valia a alguém que óbvio não se preocupava dela. Estava completamente louca ou só um pouco fodida da cabeça?

Franzindo o cenho pela evidente estupidez, transladou-se ao armário, em silêncio tirou um fino roupão, atou ao redor da cintura e se dirigiu às escadas.

Era perto da meia-noite, mas estava completamente acordada. Passaram todo o dia na cama, desfrutando um do outro, ficando adormecidos só para despertar e começar tudo de novo. Embora tivesse o corpo exausto e soubesse que devia dormir, não podia, porque as ideias saturavam a cabeça. A noite era seu momento. Quando se sentia mais viva. Supôs que tinha que dar as graças a sua mãe por isso também.

Agarrou uma manta do respaldo do sofá e empurrou a porta de tecido metálico para abri-la, envolvendo a malha ao redor dos ombros. A noite, inclusive no verão, era fresca na ilha de

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Vancouver, mas não gelada. Enquanto se dirigia descendo as escadas desvencilhadas, olhou para a água que brilhava como um milhão de diamantes sob a luz da lua e respirou profundamente o que a acalmou imediatamente.

Adorava o mar, a água. O suave bater das ondas contra a borda sempre a relaxava, em especial em momentos de confusão, que sem dúvida era este. Encontrou um lugar a metade de caminho à água e se deixou cair na areia, enquanto amassava a manta contra o peito, os grânulos sedosos como o céu sob os pés descalços.

Pela primeira vez em séculos, sentiu-se rasgada. Por fim decidiu o que queria, por fim era o suficientemente valente para ir depois da meta, e agora tinha encontrado… O que? Sua alma gêmea? Franziu o cenho. Não acreditava nas almas as gêmeas, mas acreditava no amor.

Era isso o que estava sentindo por Gryphon? Tão logo? Essa ideia era inclusive mais ridícula que as anteriores. Não, não estava convencida que isso fosse amor, mas resultava condenadamente incômodo que depois de todos esses anos de estar sozinha, ao fim tivesse encontrado alguém que a necessitasse para encher um vazio que ninguém mais foi capaz de encher. Nenhuma só pessoa mortal ou imortal, alguma vez a necessitou assim. Nem sequer os poucos homens que amou e perdeu com o passar do caminho.

Não estava delirando. Sabia que Gryphon não fizera nenhum tipo de promessa. Em realidade não disse nada de nada. Estava muito ocupado fazendo amor. Mas sabia que sentia algo por ela. Podia ver em seus olhos e cada vez que a tocava. Essa conexão que compartilhavam era mais profunda que a escuridão que residia dentro de cada um deles. A pergunta era, se tinha a opção de ficar com ele ou ir ao Olimpo, qual escolheria?

—O que está fazendo aqui fora na escuridão?

Saltou ao ouvir a voz de Gryphon tão perto detrás dela, girou-se para olhá-lo. Não estava vestido salvo por um descolorido jeans de cintura baixa, as mãos metidas nos bolsos dianteiros, o cabelo revolto e os olhos sonolentos. A luz da lua brilhava sobre o nu peito, destacando os fortes músculos, as finas linhas vermelhas da ferida, que já estava curando e a capa de pelo que chegava até o umbigo e desaparecia sob a cintura da calça.

Uma rajada de pícaro calor desdobrou pelo estômago, enquanto o olhava fixamente. Um calor que disse que a pergunta que expôs não era uma que pudesse responder estando perto dela.

—Não posso dormir.

Olhou-a fixamente durante uns segundos como se ela fora a saltar e morder e ao final assentiu.

—Tem lugar aqui para um mais?

Ela sorriu e abriu a manta.

Ficou detrás dela, dobrando uma perna a cada lado do corpo, atraiu-a para trás apertando-a contra seu peito, para que se apoiasse nele e logo envolveu a manta ao redor de suas costas resguardando a ambos. Deslizou seus braços ao redor da cintura fechando a manta por diante.

A respiração percorreu o pescoço, esquentando a pele. Os braços que a rodeavam eram confortáveis e seguros e quando os indícios de uma ereção empurraram contra o traseiro, recordou todas as coisas eróticas e incríveis que fizeram na cama.

Fechou os olhos. Tomou ar, deixando-o escapar lentamente. Disse que desfrutasse disto, do simples feito de estar perto dele. Todo o resto… o futuro dela, dele, o que ocorresse em uns dias… nada disso importava.

—Você gosta da noite, não? —Seu tom era rouco perto da orelha e tão condenadamente sexy, um arrepiou a percorreu quando recordou essa voz sussurrando enquanto faziam o amor. —Estava acostumado a vê-la da minha janela. Sempre saía fora durante a noite.

—Olhava-me?

—Isso a intimida?

Olhou para a água brilhante. Antes, quando esteve na colônia levantava a vista para vê-lo na janela. Mas agora… a excitou.

—Não.

—Pensava que era linda.

O pulso acelerou.

—Sério?

Roçou a parte inferior do seio com o polegar.

—Sim, pensava. Penso. Sua pele brilha sob a luz da lua. Sabia? Tão branca como a neve. Cada hora de solidão naquele quarto. —Engoliu com dificuldade. — Estava escura e deprimente. Vendo-a fora na noite… concedia-me algo brilhante que esperar.

O coração sacudiu. Não sabia o que dizer. Sustentando a manta fechada com uma mão, deslizou a outra baixo a dele na cintura e fechou os dedos a seu redor.

O aninhou no pescoço.

—Assim é como encontrou a entrada aos túneis, não? Quando explorava fora na noite?

Ela sorriu; devido a que a observava era óbvio como sabia interceptá-la.

—Assim é. Orpheus não ia deixar que me fosse de nenhuma outra maneira.

—Orpheus se preocupa com você. Agora entendo o porquê. Sente-se culpado por expô-la ao Hades para poder me resgatar.

Passou os dedos pelo dorso dos seus e recordou a perfeita casa no Lago Washington. Recordou a esses cães do inferno destruindo-a.

—Sei que o faz. Zanguei-me a primeira vez que me levou à colônia, mas quando descobri que ele me perseguia para salvá-lo… bom, não pude estar zangada alguma vez mais por isso, sabe?

—Eu sigo zangado. Orpheus sempre caga sem pensar nas consequências.

Ela se pôs a rir porque isso soava muito parecido ao Orpheus. Mas também sabia que o que Orpheus fazia, tinha-o feito para bem, não por egoísmo.

—Ele se preocupa com você, sabe.

Gryphon apoiou o queixo no ombro.

—Sei.

Permaneceram vários minutos em silêncio, olhando por cima da água, o quente fôlego esquentando o corpo, os dedos na cintura avivando o fogo do sangue.

—Gostaria de perguntar algo — disse sobre o cabelo.

—O que?

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

—Como chegamos aqui do navio? Quero dizer, sei que disse que conduzimos, mas… como diabos desembarquei? Devo ter perdido a consciência, porque não recordo nada, salvo…

Ela sorriu.

—Salvo o sexo?

Seus lábios se curvaram no pescoço.

—Sim, isso, sexo realmente quente.

O desejo deslizou através das veias. Ela não deveria excitar-se de novo, não depois das numerosas vezes que assaltaram o um ao outro, mas estava.

—Bom, quando as pernas cederam e caiu, golpeou a cabeça e logo desmaiou, sabia que não ia ser capaz de tirá-lo do navio, antes que alguém nos encontrasse, soltei do cais e navegamos atravessando o lago até a outra borda.

—Assim por isso tenho este galo na cabeça.

Ela encolheu.

—Sim, sinto muito. Tentei frear sua queda, mas é um pouco mais pesado que eu. Não pude sustentá-lo.

Ele riu entre dentes.

—Assim, roubou o navio de alguém.

—Não o roubei. Tomei emprestado. E comunico que o deixei intacto no cais ao outro lado do lago, em perfeitas condições junto a uma nota pedindo desculpas, pelas moléstias ao proprietário. Então roubei um carro.

A risada reverberou por todo o torso, e ela se encontrou sorrindo de novo.

—Minha mulher, a ladra. Não estranho que goste de Orpheus.

O pulso acelerou ante as palavras. *Minha mulher*. Não era sua mulher. Nem acreditava que alguma vez pudesse sê-lo. Mas o escutar dizer … A emocionava de uma maneira que não esperava.

Abraçou-a mais forte, enquanto estavam sentados na areia olhando para a água iluminada pela lua.

—Por que não está com alguém? Por que está sozinha? Por que nenhum homem a prendeu já?

A pergunta a pegou com a guarda baixo.

—Sabe por que estou sozinha?

—Por que está fugindo do Hades? Pode escondê-la com alguém. Não tem que se ocultar sozinha.

—Não sempre estive sozinha. Quando era mais jovem, muito mais jovem, eu não gostava especialmente estar sozinha. Mas logo aprendi que as relações com os seres humanos não levavam a nada mais que à angústia. Suas vidas só duram um máximo de cem anos, e a minha… bom, minha existência é eterna, sempre que não faça nada para chamar a atenção e me matem.

—Alguma vez se apaixonou? —perguntou em voz baixa.

Pensou de novo. Recordou a alegria e a dor. A dor persistiu mais tempo que o amor. Era curioso que isso fora tudo o que podia recordar agora.

—Três vezes. O primeiro foi um guerreiro espartano. Isso foi estúpido. Morreu inclusive

antes de nos conhecermos. Mas foi amável e gentil; e naquele tempo naquele tempo tinha a ilusão de que um guerreiro podia enfrentar-se a um deus. Estava equivocada.

Como ele não disse nada continuou.

—O segundo foi muitos anos depois. Era mais velha, pensei que era mais sábia e estava mais preparada. Era um gladiador que ganhou a liberdade e estava tão farto da guerra e da luta como eu. Tivemos uma pequena casa na costa da Espanha. Só viveu uns sessenta anos. Morreu enquanto dormia.

Theodosius. Esse era seu nome. O amável rosto brilhou na mente. Havia passado tanto tempo, era como se todo o amor, a dor e a pena, houvesse passado a outra pessoa.

Tomou fôlego.

—E o último… bom, foi mais de mil anos depois. Foi um explorador espanhol. Deixou-me navegar com ele. Assim é como terminei no novo mundo. Eu gostei tanto que fiquei. Mas morreu de malária. —O coração contraiu com a lembrança. — Após… Bom, certamente, diremos que foi mais fácil me manter sozinha. Mais seguro, também.

Ele apertou os braços a seu redor.

—O que acontece os mestiços? Sua expectativa de vida é mais longa. Tão longas como os Argoleans. E há Titãs vivendo no reino humano.

Ela quase riu.

—Mestiços? Fala sério? Os que estão na colônia me olham como a um inseto estranho. Não, alguém que conhece a fúria de Hades definitivamente não quer estar comigo. Quanto aos Titãs… seria como me condenar a este reino para sempre. Se Zeus se inteira que me deitei com um Titã, se asseguraria de que nunca chegasse ao Olimpo.

—Suponho que posso ver seu raciocínio. Ainda assim… não deveria ter que estar sozinha.

O fato só de se importar, chegava ao coração.

—Estou acostumada a estar sozinha, Gryphon. Estive sozinha durante muito tempo. O amor é bonito, mas efêmero. Sei que é uma realidade que não dura. A pena e a dor? Duram. São as únicas que perduram.

Ele a girou e levantou a mão. Empurrou a manga e passou os dedos pelas cicatrizes no interior do antebraço.

—E o que passa com estas? —perguntou em voz baixa. — Estas duram?

Tomou ar e o sustentou. Sabia que ele tinha visto as cicatrizes, mas parte dela esperava que não tirasse o tema. Agora sabia que foi uma loucura pensar isso.

—Elas… — A inquietação a percorreu. — Ninguém me fez mal, se isso for o que está pensando.

Ele passou de novo os dedos pelas linhas finas e ela conteve o impulso de puxar o braço para trás.

—Então como as obteve?

—Eu… Passei por uma etapa.

—Uma etapa?

Encolheu os ombros.

—Sim, uma etapa. Foi uma estupidez. Mas depois que Theodosius morreu, foi o gladiador, não aguentei bem. Não posso explicar o que se sente ao não envelhecer. Ver seus entes queridos morrer. Continuar quando eles se foram. Estava viva, mas me sentia morta por dentro. E então um dia me cortei por acidente na cozinha e pela primeira vez em meses senti algo. Era dor, mas a dor era ainda melhor que sentir-se morta. E foi liberador. — Olhou os pés, sabia que nunca entenderia isso. — Assim, sim, passei por uma etapa. Cada vez que me sentia morta por dentro, a dor me recordava que ainda estava viva.

—Então ainda… Está ainda nessa etapa?

—Não — disse suspirando. — Faz umas centenas de anos. Agora, cada vez que me sinto morta por dentro, basta ver as cicatrizes e recordar. É suficiente. Aprender a manter a mim mesma, também ajudou muitíssimo. Se não sair e conhece gente nova, não sai ferida. —Tratou de acrescentar um pouco de humor na voz, por que isso se estava voltando muito sério. — Além nunca fui boa com uma faca, como sabe ao ver-me empunhar uma arma. Tinha muito medo de me matar, fazendo algum dano real.

Não riu. De fato, esteve em silêncio tanto tempo, que se perguntou se ela o teria intimidado. Logo disse:

—Quando Zander perdeu Callia, quase o mata. Perdeu a vontade de viver. Não posso imaginar o que foi para você, não uma vez, a não ser três vezes.

Acusou a surpresa. Que entendesse. E sua reação contraiu o coração.

—Estava sozinha. —E muito dolorida. Tão dolorida que não queria passar por isso outra vez se pudesse evitá-lo. Mas algo disse que estava em caminho de apaixonar-se e poderia estar muito longe para deter-se. Tragou forte. Tentou não pensar nisso. — Mas me adaptei. Agora tenho essas horríveis cicatrize que me recordam o preço do amor.

Os dedos roçaram de novo as cicatrizes e o calor se enroscou através da pele sob as carícias, disparando-se diretamente ao coração.

—Não são feias. Nada sobre você é feio e todo o amor não tem que ser doloroso.

O peito contraiu firmemente. Deuses, se mantivesse a compreensão e o entendimento, cairia perdidamente apaixonada por ele antes do crepúsculo da lua.

A água lambia a borda enquanto permaneciam em silêncio. Não sabia o que dizer e então ocorreu uma ideia. Uma que sabia que provavelmente não devia perguntar, mas de repente precisava saber.

—Alguma vez estive apaixonado?

Ficou em silêncio tanto tempo, que pensou que a resposta era afirmativa. Pensou que provavelmente estaria pensando em alguma outra mulher neste momento. E o conhecimento disso… a deprimiu.

—Não — disse ao final. — Nunca antes.

O pulso acelerou. E se era possível que o coração saltasse, fez. Tratou de não ler muito em suas palavras. Sabia que só a conduziria a mais dor e angústia em um futuro, mas não podia evitar.

Nunca antes.

Esteve apaixonada. Não mentia. Mas nunca foi assim. Não tão rápido. Nunca tão intenso.

Nunca tão profundo. E agora sabia o porquê. Por causa de que nenhum de quão humanos amou era Gryphon. Nunca a entenderam da maneira que ele fazia. Nenhum pôde.

O coração pulsou com força contra as costelas. Ficaria com ele se pudesse? Sacrificaria o Olimpo por ele? Não sabia. Só sabia que agora mesmo, queria-o. Queria-o mais do que nunca tinha querido a ninguém, jamais.

Apertou os lábios contra o pescoço dela e logo contra a orelha. Estremecimentos de prazer percorreram a pele, onde quer que a tocasse.

—Estou congelando aqui fora — sussurrou ele.

—Sério?

—Mmmm. Perguntava-me se talvez você gostaria de me levar dentro e me esquentar acima. Vi uma banheira com pés em forma de garras no banheiro.

O alívio e o desejo se precipitaram através dela. Ainda a desejava. Apoiou a cabeça contra o ombro dele, oferecendo mais do pescoço.

—Viu, não é?

—É o suficientemente grande para os dois, estou quase seguro.

O calor se estendeu pelas pernas quando mordiscou o lóbulo da orelha.

—Isso é algo que jamais fiz antes.

Suas mãos deslizaram para cima para acariciar os seios. E fragmentos de excitação ricochetearam pelas veias ante o íntimo toque. Inclinou a cabeça para um lado e o olhou por cima do ombro para poder ver a tentadora boca.

—Me alegro de ouvir isso — disse com um sorriso pícaro em seus lábios. — Porque não quero pensar em ninguém mais fazendo o que te vou fazer nessa banheira.

O fogo explodiu nas veias.

Tampouco ela. Só queria pensar nele. Envolveu as mãos ao redor de sua nuca e arrastou sua boca para a dela.

Capítulo 17

Titus esperou que o tráfego se limpasse no meio-fio da pequena Coeur d'Alene, logo cruzou e se meteu no cybercafé. Os poucos humanos espalhados por todo o salão projetavam curiosas expressões a seu passo, mas ele os ignorou e se aproximou de Skyla e Orpheus em uma mesa ao fundo.

Ambos levantaram a vista do computador que estavam usando.

—E então? —perguntou Skyla.

Titus aproximou uma cadeira ao lado da Siren e olhou além dela ao Orpheus, cujos pensamentos gritavam:

A que demônios está esperando?

—Tenho. Trata-se de uma matrícula de Idaho.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Recitou o número a Skyla, que rapidamente o escreveu no buscador da Divisão de Veículos Motorizados[10] de Idaho, que já havia hackeado. Depois de rastrear a caminhonete que Gryphon roubou em Montana até aqui ao Coeur d'Alene, se toparam com um muro. Titus passou toda a manhã caminhando ao redor da estação de polícia, tratando de recolher algo sobre o veículo roubado, e tinha dado por fim com o ouro.

—A caminhonete foi encontrada abandonada em uma rua lateral perto da água. Faltava um veleiro. Os policiais o encontraram à outra borda do lago.

—Estamos seguros de que eram eles? —perguntou Orpheus.

Titus olhou ao redor da cafeteria e logo baixou a voz.

—Não houve danos no interior do navio, mas os policiais encontraram uma toalha ensanguentada a bordo. O sangue é de "origem desconhecida". Coincidiram com os trapos ensanguentados que encontraram na caminhonete. Foi toda a conversa e pensamentos na estação.

—Esse é Gryphon — sussurrou Orpheus.

Titus esteve de acordo. E a ausência de danos significava que não podia ser sangue de *daemon*. Sangre Argonauta que, apesar de ser parcialmente humano, continha alelos não identificados, e não podia ser rastreada facilmente.

—Aqui está — disse Skyla. —Nissan Pathfinder 2010[11], preto.

—Foi roubado da marina onde terminou o barco — disse Titus enquanto Skyla anotava a informação em uma folha de papel. — E consegui isto. Havia uma nota deixada a bordo. Desculpava-se por tomar emprestado o navio.

—OH, isso é muito da Maelea — disse Skyla enquanto elevava e a olhava. — O que é bom — adicionou, olhando para Isso Orpheus significa que ainda está viva.

—Por agora — disse Orpheus com o cenho franzido.

Titus esfregou a testa.

—Isto seria algo tremendamente fácil se Gryphon levasse seu maldito medalhão do Argos. Poderíamos rastrear isso. —Fez um gesto para a tela do computador. — Temos a marca e o modelo, mas nem puta ideia de onde se dirigem.

Skyla se tornou para trás, cruzou os braços e ficou olhando a tela do ordenador.

—Eu digo que nos centremos na Maelea. Se ainda está viva, que o está — adicionou, olhando para Orpheus outra vez—, então minha conjetura é que Gryphon provavelmente a mantém com vida por uma razão. Ela viveu na área de Seattle durante mais de cem anos, verdade? Orpheus, você viu aquela casa enorme que ela tinha. A mulher tem dinheiro. Demônios, esteve viva durante três mil anos, provavelmente tem tanto dinheiro que sai pelas orelhas. É

[10] *Nos EUA é um departamento do governo que administra a matrícula do veículo e carteira de motorista.*

[11] *Nissan, preto, pathfinder 2010.*

muito provável que tenha mais de uma residência.

—Está pensando que Gryphon poderia tê-la obrigado a levar a uma de suas outras propriedades? —perguntou Orpheus.

—Estou pensando que necessita um lugar para reagrupar-se. Para averiguar o que fazer a seguir. Não pode fazer isso quando estão correndo. Estão se movendo para o oeste. Para onde Maelea estava acostumada viver. Merece a pena comprová-lo, não é assim?

As lembranças da ruiva bisbilhotando na habitação da Maelea na colônia repicaram no cérebro do Titus, mas esta vez os pensamentos não eram pessoais. Ou ao menos isso disse.

Tirou o telefone e marcou.

—Qual é a história? —disse Theron assim que respondeu à chamada.

—A ruiva — disse Titus, olhando ao Orpheus e Skyla, que o observavam com curiosidade. — Ela estava procurando a Maelea. Tenho que falar com ela. Poderia ser capaz de nos ajudar a averiguar onde está levando Gryphon a Maelea.

—Deixei partir.

A incredulidade e o pânico se precipitaram através do Titus antes que pudesse detê-lo.

—Você o que?

—Ela não estava aqui pela Maelea — disse Theron com total naturalidade. — Estava para outra coisa. Algo com o qual não necessitamos ou não queremos nos envolver. Onde está? Qual é a conexão com Gryphon?

A visão do Titus girou. Theron deixou que a mulher partisse. A primeira pessoa cujos pensamentos não podia ouvir. Embora sabia que ela era alguém que era melhor deixar sozinha, não pôde deter o pânico correndo através dele.

Onde se foi? Como vou encontrá-la? Por que demônios Theron a deixou partir?

—Titus? —disse Theron ao ouvido. — Onde está?

A mente retornou bruscamente à presente.

—Um... Idaho.

—Tem uma pista sobre Gryphon?

—Sim, acreditam que sim. Talvez. —Inferno Santo. O que ia fazer com a ruiva?

—Maelea está ainda com ele?

Precisava tirar a cabeça do traseiro. Tinha que concentrar-se no aqui e agora. Passou uma mão pela testa.

—Assim parece.

—Diga-me onde está e farei que Nick envie a seus homens para ajudá-lo a procurar. Houve uma onda de atividade de *daemons* na zona, e o resto dos Argonautas estão se encarregando disso.

De maneira nenhuma, se podia evitar. Titus não queria aos homens do Nick implicados na busca. Nick ainda procurava sangue, depois do que fizera Gryphon.

—Chamarei quando soubermos mais.

—Titus…

Desligou o telefone e o meteu no bolso antes que Theron pudesse dizer que demônios fazer.

—Quem é essa ruiva? —perguntou Skyla.

—Uma mulher que se apresentou na colônia em busca da Maelea. Disse que era uma amiga.

—Maelea não tem amigos — assinalou Orpheus, com o cenho franzido.

—Sim, isso pensei — disse Titus. — Mas ela queria encontrá-la. Pela razão que seja. Não pude surrupiar muito, salvo que Maelea tem propriedades tanto em Seattle como na ilha de Vancouver.

A emoção brilhou nos olhos verdes da Skyla.

—Em que parte da Ilha de Vancouver?

—Não sei — respondeu Titus.

Skyla se voltou para o computador e abriu uma nova tela de busca.

—Essa poderia ser nossa primeira parada.

Titus não estava tão seguro. A ilha de Vancouver era um lugar muito grande, e a ruiva – Natasa simplesmente poderia ter estado fodendo para se entreter.

A ruiva... Merda. Tinha que deixar de pensar nela. Ela não era a prioridade agora. Gryphon o era.

Ou ao menos isso se disse.

Deixando a um lado os pensamentos dela que só o meteriam em problemas, olhou para a tela do ordenador. E orou para que encontrassem ao Gryphon antes que o bruto fizesse algo que não pudessem desfazer.

—Esperemos que tenha razão Siren. Porque se se equivoca, o tempo que perderemos procurando poderia significar a vida da Maelea.

***

Atalanta passeava pelo comprido corredor. Fora, a neve formava redemoinhos e saltava contra o flanco da antiga fortaleza, mas se importava pouco. O frio residia em seu interior. Era o único que a consolava nestes dias.

—Isto não deveria tomar muito tempo, merda. Estou perdendo a paciência com todos vocês.

O archi*daemon* – Stolas se inclinou respeitosamente frente a sua ama.

—Minha rainha, o encontraremos.

—Quando? —perguntou, descendendo três degraus para olhá-lo a seus horríveis olhos. — Matou a todos os *daemons* que enviou atrás dele.

—Cometerá um engano.

Ela apertou os dentes, lutou contra o impulso de arrancar a espada de sua vagem e decapitar ao bastardo. Matá-lo não a ajudaria a encontrar a seu doulas. Se não capturava logo Gryphon, ficaria sem tempo para encontrar o Círculo antes que tivessem terminado os seis meses que Krónos deu.

—Envia mais *daemons*.

Agarrou as laterais de seu comprido vestido vermelho e voltou a subir ao trono, negando-se a acreditar nem por um segundo que não ia ter êxito. Não retornaria ao Inframundo. Não seria

escrava. Era uma deusa. E estava destinada a dominar tudo.

—Recrutem aos híbridos para que tomem parte na busca.

—Minha rainha — disse Stolas—, os híbridos são imprevisíveis.

Ela se voltou para olhá-lo.

—Então os faça previsíveis. Terei sua cabeça se falhar agora, Stolas. —O medo encheu seus olhos. Ela apartou o olhar e olhou por cima por volta dos dez *daemons* detrás dele. — Vou ter todas suas cabeças.

—Minha rainha — disse um *daemon* ao fundo do pelotão. — Há uma via que não investigamos.

Os olhos da Atalanta se estreitaram.

—Quem disse isso? Dá um passo à frente.

O pelotão se separou, e um *daemon* vestido com um casaco comprido e negro avançou para colocar-se ao lado do Stolas. Um cujo corpo e olhos pareciam... vagamente familiares.

—Qual é seu nome? —perguntou Atalanta.

Onde o viu antes? E se ele estivesse no reino dos humanos antes de negociar sua alma por uma segunda oportunidade de viver nos Campos de Asfódelos?

—Naberus, minha rainha.

Naberus... o nome não significava nada para ela. Mas claro, os *daemons* estranha vez tomavam nomes que se parecessem com os que usavam como humanos.

Não perdeu o olhar enfurecido que Stolas enviou ao recém-chegado. Ou a expressão petulante com que a qual Naberus replicou. Tinha desafiado ao archi*daemon*, e ambos sabiam. Algo que muito poucos *daemons* sequer pensaram, e muito menos tentaram.

—Diga-me o que sabe — disse Atalanta, sacudindo a estranha sensação de que conhecia este *daemon* de alguma parte. — Ou vou ter sua cabeça agora.

—Minha rainha — disse Naberus—, o Argonauta viaja com uma mulher.

Atalanta cruzou o olhar com Stolas, cujos olhos se aumentaram.

—Por que não me disse isso?

—Eu... eu não o tinha ciência certa. Eu…

—É seu trabalho saber tudo. —Desviou o olhar de volta ao Naberus. — Quem é ela?

Naberus dirigiu um malvado sorriso ao Stolas, e logo olhou para Atalanta.

—A filha do Zeus e Perséfone. Ela vai detrás a Maelea. A que levou aos Argonautas ao Inframundo para liberar a seu doulas. Minhas fontes me confirmaram isso.

O fogo correu pelas veias da Atalanta.

—Que fontes?

Naberus encolheu os ombros.

—Os cães do inferno que torturei.

A fúria arrasou pela Atalanta. Voou escada abaixo.

Naberus não se moveu, mas Stolas cambaleou para trás e levantou as mãos.

—Minha rainha! Os cães do inferno mentem. Não estamos seguros de que seja ela.

Agarrou sua espada pelo punho, tirou-a da vagem e o apunhalou diretamente no coração.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Seus olhos aumentaram. Deixou-se cair de joelhos a seus pés. Ela liberou a espada, arqueou as costas e decapitou à besta inútil. Seu corpo caiu para frente.

Olhando para Naberus, Atalanta ladrou:

—Se ajoelhe. Rápido.

Naberus o fez sem o mais mínimo traço de medo.

Atalanta tocou com a espada seu ombro e pronunciou as palavras mágicas que o infundiram com os poderes de archi*daemon*. Quando terminou e ele ficou em pé, tinha crescido pelo menos trinta centímetros. E algo na forma como seus olhos verdes brilharam provocou um golpe no centro do peito.

Pouco a pouco, ainda tratando de averiguar quem era, entregou a espada.

—Encontre-a e encontrará a meu doulas. E faz rápido. Ou você será minha próxima vítima.

Naberus se inclinou com um sorriso sinistro.

—Como desejar, minha rainha.

***

O barulho da porta batendo fez que Max abrisse os olhos.

Quando os passos ressoaram pelo corredor, deitado de barriga para baixo na escuridão do quarto, escutou com atenção. Estava em casa, no Tiyrns, vários dias. Seu pai veio e se foi, como sempre, e sua mãe... ela estava deixando-o louco, preocupada com o que estava acontecendo no reino dos humanos na colônia Misos. Mas por causa dele, ela não retornaria. Porque seu pai ordenara que o mantivesse em casa.

A ira fervia sob a pele. Não era um bebê. Não precisava ser protegido como se fosse um.

A porta do quarto abriu. Fechou os olhos e ficou imóvel como uma pedra, tratando de não mover um só músculo para que não soubesse que estava acordado.

—Zander — sussurrou sua mãe da porta. — Está dormido.

Os ouvidos captavam o silêncio. Sabia que seus pais o estavam observando. Sempre estavam olhando, vigiando-o. Não confiavam nele.

—Vamos — sussurrou Callia. — Deixe dormir.

A porta rangeu ao fechar, mas quando olhou às escondidas, viu que não a tinham fechado de tudo. A luz do corredor se derramava na habitação pela greta.

—Houve sorte localizando Gryphon? —perguntou sua mãe em voz baixa.

Afastaram-se da porta, mas Max ainda podia ouvi-los. E devido a que estavam falando de Gryphon, escutou mais atentamente.

—Não, nenhuma — respondeu Zander com frustração. — É como se tivessem desaparecido.

—Vai aparecer — disse Callia em voz baixa.

—Quando? —perguntou Zander. — Não é estável, thea. Algo que fizeram no Inframundo o mudou. Cada vez que penso no Max estando ali…

—Max está bem — disse sua mãe.

—Não está bem — lançou Zander de volta, esta vez mais forte. Quando Callia o fez calar,

baixou a voz. — Não está bem e ambos sabemos. Cada dia está mais desafiante. Já nem sequer posso falar com ele e está zangado todo o tempo.

—Está lutando, Zander. Sabíamos que a transição não seria fácil. Temos que dar tempo.

—E o que ocorre se o tempo não funciona? E se ficar pior? E se acabar como Gryphon?

—Não fará.

—Como sabe?

—Porque sei — disse sua mãe com firmeza. — Não pense isso, Zander.

O silêncio ressonou como um frasco vazio no corredor, e o ritmo cardíaco de Max disparou enquanto se esforçava por escutar.

—Nunca quis isto — sussurrou seu pai finalmente do corredor. — Não se supunha que seria assim.

—Sei — disse sua mãe sussurrando a sua vez.

O tecido rangeu, e até sem vê-los, Max sabia que eles estavam se abraçando. Seu pai sempre estava tocando a sua mãe de uma maneira ou outra. Mas não a ele. O único momento em que seu pai o tocava era quando estava zangado, tal e como estava quando o encontrou nos túneis da colônia.

—Vamos fazer que funcione, Zander. Acredita nisso. Acredita em nós.

Um profundo suspiro, seguido de passos que ressoaram pelo corredor, disseram ao Max que seus pais finalmente se afastaram.

Mas na escuridão da habitação, o ritmo cardíaco não se deteve. *Nunca quis isto*. As palavras ressoaram na cabeça. Junto com as que seu pai não havia dito: *Nunca quis a ele.*

Tragou saliva e conteve as lágrimas. Seu pai pensava que Gryphon se converteu em um monstro por sua permanência no Inframundo. E agora estava começando a perguntar-se se Max também o era. Queria demonstrar a seus pais que não o era, mas não sabia como.

Não sabia nada, exceto de repente se sentiu mais só do que jamais esteve, inclusive quando estava no Inframundo. Porque então, pelo menos, tinha a fantasia de uma família que o amava para fazer companhia. Agora sabia que não tinha nem sequer isso.

***

—*Delator* não é uma palavra.

Gryphon olhava o tabuleiro de Scrabble[12] sobre a mesa entre ele e Maelea, logo lançou a ela um olhar. Sentada no chão com a chaminé rugindo a suas costas, lançou uma expressão da *que demônios se refere?* Que era tão condenadamente linda, que morria de vontade por apagar a de sua boca com a sua.

---

[12] *O **Scrabble** (mais conhecido no Brasil com o nome de Palavras cruzadas) é um jogo de tabuleiro em que dois a quatro jogadores procuram marcar pontos formando palavras interligadas, usando pedras com letras num quadro dividido em 225 casas (15 x 15).*

Era difícil de acreditar que esta era a mesma mulher que o fulminou com o olhar, tinha franzido o cenho e que planejara fugir quando não a estava ameaçando. Mas as coisas eram diferentes agora. Desde que chegaram aqui fazia uma semana, da manhã quando despertou e se deu conta de que ela se preocupava com ele, não havia mais medo, mais animosidade nem mais ira. Em seu lugar, não havia mais que calor, desejo e necessidade. Um montão de necessidade que nenhum deles parecia capaz de saciar.

—Sim, é — disse com uma pequena careta sexy. — É latim. Um *delator*[13] é um informante. Todos os imperadores romanos os utilizavam. —Alcançou as peças sobra à mesa e logo as colocou em seu lugar. — Conheci alguns. Commodus tinha um carinho especial por eles. Utilizavam-nos para espiar a seus senadores. Não era um bom homem, esse Commodus. Nem sequer confiava totalmente em seus *delatores*, e com razão. Eram uns idiotas sanguessuga, um grupo ávido de escória. Esses são quarenta e três pontos para mim.

Olhou-a com perplexidade do sofá onde estava sentado com os cotovelos apoiados nos joelhos.

Quando não anotou sua pontuação, ela olhou para cima.

—O que?

—Latim? Uh-uh. De maneira nenhuma. Oficialmente impugno este jogo. Escolhemos um idioma e a uma era. Ponto final. E aferramos a isso. Estou conseguindo que chute meu traseiro aqui porque estou longe de ser tão mundano como você. E que demônios estava fazendo, se relacionando com *delatores* e imperadores em primeiro lugar?

Ela sorriu. Realmente sorriu. E estava tão malditamente linda, olhando-o com esse estúpido sorriso, que o peito constrangeu até que esteve tenso como um tambor.

—Por que ri de mim assim?

—Porque é lindo quando me olha como se estivesse louca.

—Chutou meu traseiro sobre um tabuleiro do Scrabble, sotiria. Não acredito que esteja louca. Acredito que é malditamente inteligente.

Ela se pôs a rir e manteve o sorriso para ele. Um sorriso cálido e amplo que provocou uma das comissuras dos lábios curvasse involuntariamente.

—E agora o que?

—Nada. É que... sua cara trocou totalmente na última semana.

Ele passou uma mão pela mandíbula.

—Estou muito desalinhado para você, não? Vou barbear me…

—Não é isso, tolo — disse. — Eu gosto da barba de uns dias. É sexy. Não, refiro ao seu rosto. Está distinto. Faz uma semana, seus olhos ainda estavam atormentados. Quando me olhava, podia ver o peso do Inframundo em sua alma e tudo o que havia passado. Agora, mal está aí.

Desvaneceu o sorriso e apartou o olhar. As lembranças da tortura no reino do Hades se precipitaram através da mente, enviando ameaçadoras náuseas ao estômago. E a vergonha. Um

[13] *Só por curiosidade, como a lei romana atribuía ao delator os bens do delatado, no caso de se provar que a delação era verdadeira, generalizou-se de tal maneira em Roma a delação, que até pais e filhos chegaram a delatar-se reciprocamente, com a esperança de aumentar os respectivos haveres.*

caminhão cheio de vergonha pelo que fez. Por isso fizeram. Por isso pensaria Maelea se tivesse a menor ideia do que se afundou no Tártaro quando esteve ali.

—Hey. Não faça isso.

Sua voz suave, em algum lugar perto, atraiu-o. Isso e a mão pressionando brandamente o ombro. Suave. Quente. Viva. Ele se tornou para trás enquanto ela subia no colo e tomava o rosto entre suas mãos, acariciando as bochechas com seus polegares, recordando que estava vivo também.

—Não vá ali. Não quis causar isso outra vez. Só estava assinalando o quanto está diferente. O quanto está relaxado. Isso é uma boa coisa, Gryphon, não uma má.

Ele fechou os olhos e conteve a bílis que ameaçava subindo.

—Maelea…

Ela se inclinou e roçou seus lábios contra os seus. Lábios que dispararam faíscas de ardor e desejo diretamente ao ventre, esquentando-o de fora para dentro. Lábios nos que ele podia perder-se. Lábios que o mantinham aqui, metidos nesta casa isolada neste pequeno lugar do mundo onde ninguém podia encontrá-los. Onde *daemons*, cães do inferno, os deuses e o Inframundo não existiam. Onde perdia o desejo de vingança com cada dia que passava.

Envolveu os braços ao redor de suas costas, abriu quando deslizou sua língua pelo lábio inferior e a deixou inundar-se no interior da boca para tentar e brincar dessa maneira que aprendeu que ela gostava de fazer. Sabia como o vinho que bebiam enquanto jogavam Scrabble, como o pecado ao que sabia que podia enrolá-la com apenas um pequeno empurrão. Deu-se conta uns poucos dias antes, que era mais que sua companheira da alma. Era divertida, inteligente e tão malditamente sexy, que o deixava sem fôlego. Tudo o que esteve procurando durante toda a vida. Tudo o que não se deu conta que faltava. E quando estava com ela, mal escutava esse zumbido. Mal escutava a voz da Atalanta. Nunca a ouvia quando estava dentro dela, que era seu lugar favorito para estar.

Ela se separou do beijo e o olhou aos olhos. E em sua íris escuras como o ônix, ele viu cada uma das mesmas emoções que sentia refletidas nele. Quem pensaria? Ela, a filha do rei dos deuses, e ele, uma alma quebrada, torturada.

Colocou uma mecha de cabelo detrás de sua orelha. Recordou como dissera que esteve apaixonada antes. Como havia dito que o amor não valia a pena, já que não durava muito. Sabia que, sem importar quem era e o que havia passado, ela se preocupou com ele. Embora não podia vê-lo, podia senti-lo. Estaria disposta a ter outra oportunidade se soubesse que podia ser feliz durante mais cinquenta ou sessenta anos? Deixaria o sonho do Olimpo para ficar aqui com ele?

Revolveu o estômago, esta vez pelos nervos, não pelas nauseia, e quando ela deslizou para baixo sobre o colo para apoiar a cabeça contra o peito, ficou olhando o fogo e acariciou o cabelo. Era cálida contra ele. Tão suave. E encaixe entre si como se parecessem um para outro. Mas essa era a questão sobre toda essa coisa da alma gêmea, não? Não tinha muito que oferecer, mas sabia que podia mantê-la a salvo. E ele dispunha de pelo menos outros quinhentos anos mais, caso sobrevivesse à confrontação com a Atalanta. Se Maelea sabia que havia uma possibilidade de que pudessem estar juntos tanto tempo, que ele podia protegê-la do Hades, estaria disposta a tentar

de novo?

—Por que quer ir ao Olimpo? —perguntou enquanto estavam sentados olhando o fogo, o jogo do Scrabble ao jogavam ficou no esquecimento.

—Sabe por que — disse contra o peito.

Ele passou a mão por seu cabelo, adorava quão suave era, como a seda contra os dedos.

—Assim pode estar a salvo do Hades.

—É mais que isso. O Olimpo é o lar para mim.

—Como sabe que é sua casa se alguma vez estive ali antes?

—Porque é onde está meu pai. Onde minha mãe está a metade do ano. Onde os outros imortais vivem e onde não há morte. Estou tão cansada da morte e dos moribundos.

A esperança desvaneceu. Ele não podia oferecer a eternidade. Não como os deuses. Nem sequer podia dedicar à metade. E com ele chegaria eventualmente a morte.

—Disse que tinha que provar sua lealdade para chegar ali. Como planeja fazer isso?

Ela empurrou contra o peito, desceu do colo e se sentou no sofá a seu lado. Tratou de não estar decepcionado porque não o tocasse mais. Não podia evitar.

—Bom, aí é onde entra o treinamento que pedi que me ensinasse. O qual, por certo — adicionou com uma careta enquanto olhava por cima do ombro— não tem feito um muito bom trabalho com isso.

Não, não tinha feito. Técnicas de combate e defesa eram as últimas coisas que tinha na mente. Cada vez que Maelea sugeria que saíssem à praia e mostrasse alguns movimentos, a distraía com as mãos, a boca e o corpo até que ambos estavam muito esgotados para fazer outra coisa que deixar cair nos braços do outro e dormir.

—Pensei que precisava saber como se proteger do Hades — disse com os olhos entrecerrados. — Como te ajudará isso com o do Olimpo?

Ela retorceu suas mãos unidas em seu colo. Não olhou aos olhos.

—Recorda que disse que Orpheus veio a me buscar? A verdade é que eu o estava buscando. Ou, bom, a alguém como ele. Olhe, a única maneira de demonstrar minha valia aos deuses é voltar as costas a minha herança terrestre. Ao matar a alguém poderoso e importante para Hades.

—Matar a alguém — disse, olhando-a com atenção. — Você, que nem sequer você gosta de matar as aranhas.

Enquanto que ele desprezava as aranhas com paixão, graças ao tempo que passou no Inframundo, tinha a visto resgatar a duas da parte inferior da bota antes que ele as pudesse esmagar, e as liberou fora. Ela odiava a morte. E apesar de que não tinha muitas opções, sabia que ainda estava lutando com o fato de que tinha que matar aos *daemons* naquele motel. *Daemons* que matou para salvá-lo.

—Sei, verdade? —disse com um débil sorriso em sua cara antes de voltar-se para essa fogo.—É parte da razão pela que o propus tanto tempo.

Ela tomou ar e o deixou escapar.

—Há um tempo estive pendente da escuridão. Já sabe, à espera de ver se alguma vez tinha a oportunidade, não é que eu tivesse que seguir adiante com ela nem nada. Quando vi pela primeira

vez a Orpheus entre aquela multidão no concerto, pensei que ele poderia ser um. Seu *daemon* era muito forte então. Irradiava escuridão. E pensei que se eu o matasse, por fim poderia demonstrar minha valia. Mas as coisas não saíram como tinha previsto, e quando ele veio a me buscar, o *daemon* já se desvanecera. Então ocorreu que os cães do inferno de Hades me encontraram e Orpheus e Skyla me levaram à colônia e então você retornou do Inframundo, e... e me dava conta de que estava considerando minúcias. Finalmente me dava conta quem tenho que matar para chegar a casa.

Os pulmões apertaram firmemente. Antes que ela chegasse a dizer as palavras, sabia que se deu conta que a escuridão nele era muito forte, ele era ao que tinha que matar para demonstrar sua lealdade aos deuses.

Ela passou as mãos pelo cabelo e se levantou do sofá.

—A razão pela qual pedi que me ensinasse a brigar é porque sei que não estou pronta ainda. Ainda necessito tempo para desenvolver qualquer dom que esteja dentro de mim. Assim antes de ir e enfrentar ao filho do Hades, tenho que me assegurar de que não sou só mais forte, a não ser mais hábil.

Ela recolheu as taças de vinho vazias da mesa de café e voltou para a cozinha.

—Vou abrir outra garrafa. Quer uma taça?

O ar saiu dos pulmões. Foi substituído pelo temor que disparou pela coluna vertebral. O Filho do Hades? Esse é ao que ela tinha intenção de tratar de matar? Zagreus? O príncipe do fodido Inframundo?

Lentamente, porque as pernas estavam tremendo, empurrou-se do sofá e se voltou para olhar de pé detrás da ilha, servindo mais vinho nas duas taças.

—Um, não.

Olhou a etiqueta da garrafa.

—Você não gosta deste ano?

Ele passou uma mão pelo cabelo. Ela estava falando sobre o vinho quando ele sentia como se acabasse de golpear no estômago.

—Um, não, não vai detrás o Zagreus.

Sua mão parou. Seus olhos se elevaram para ele.

—O que?

—Não vai atrás do Zagreus — disse outra vez. — Eu tampouco perseguiria Zagreus, e acredito que a maioria dos Argonautas estão de acordo em que sou um puto tiro ao ar nestes momentos. Nenhum dos Argonautas se atreveria para lhe buscar. Deixamos fodidamente só.

Ela franziu o cenho e se serviu mais vinho em um movimento desdenhoso, como se estivesse falando de seu lóbulo da orelha esquerda ou algo assim.

Ele deu um passo mais perto da cozinha, com o peito vibrando pela preocupação, o medo e o pânico.

—Maelea, ouviu-me?

—Não vou atrás dele agora, Gryphon. Já disse que não estou pronta ainda.

—Jamais — disse com convicção.

Ela levantou a vista outra vez. Exceto esta vez seus olhos não eram quentes e suaves, como foram no sofá. Eram frios e duros. E muito, muito decididos.

—O que importa o que eu faça no futuro? No momento em que esteja pronta para enfrentar Zagreus, você já não estará mais aqui.

—O que significa isso?

—Significa isso — agitou sua mão ao redor dela. — Nós, aqui, isto é só temporário. Sei que estive desfrutando, relaxando e dispondo de um pouco de tempo de inatividade aqui comigo esta semana passada, onde ninguém possa nos encontrar e que era necessário depois de tudo o que passou, mas logo que decida ir atrás do que seja que estava planejando perseguir antes que o trouxesse aqui, não vai se importar onde esteja ou o que esteja fazendo.

—Talvez mudei de opinião.

—Sobre o que?

—Sobre o que devo fazer depois de enfrentar a Atalanta.

Tremia a mão enquanto deixava a garrafa de vinho no balcão.

—Atalanta? Isso é o que está tratando de procurar?

A escuridão interior vibrava com a vingança.

—Não procurá-la. Eu posso encontrá-la em qualquer momento que deseje. Tudo o que tenho que fazer é me afastar de você e escutar sua maldita voz me chamando e me conduzirá diretamente a ela. Não, tenho a intenção de matá-la, Maelea. É por isso que fui da colônia. É a única maneira de me liberar dela para sempre.

—Atalanta recebeu seu poder do Hades no Inframundo — disse enquanto olhava o balcão. — É por isso que me necessitava. Por isso me mantive com você. Pela luz em mim... o que —olhou para cima— liberou seu agarre sobre você de alguma forma?

Não planejou dizer nada disto, mas agora que estava aí, não ia mentir. Devia a ela mais que isso. E podia ver sua forma de recordar, rememorando como foi quando se conheceram. Nervoso, paranoico, frenético. Todas as coisas que ele odiava ser. Todas as coisas que seria outra vez logo que ela o deixasse.

—Ao princípio? Sim. Quando estava perto de você, eu não ouvia sua voz com força. Podia pensar. É por isso que não a deixei ir depois de que saímos das covas.

A compreensão esclareceu seus olhos, seguida da dor. Uma dor que disse que pensava que era a única razão pela qual estava com ela agora. Queria dizer que não era o caso, que as coisas mudaram, mas antes que pudesse, ela disse:

—Como? Como aconteceu isso? Teve sempre uma influência assim sobre você?

O estômago contraiu.

—Não. Ela estava no Inframundo. Comigo.

O horror se filtrou em seus olhos. O horror e a repugnância.

—O que aconteceu? —sussurrou.

Nauseia rodaram através do estômago. Não queria dizer a verdade, porque sabia que logo que o fizesse, ela o olharia de outra maneira. Como meio homem. Como um fraco. E não queria isso. O que queria era voltar para as coisas como estavam momentos antes que ele tivesse

começado esta estúpida conversa. Quando estavam amontoados no sofá e ele era tudo o que queria. Mas agora sabia que não havia volta atrás. Sua pequena borbulha de felicidade explodiu, toda graças a ele.

O coração apertou firmemente. O coração que se deu conta que tinha ainda, tudo graças a ela. Não havia maneira de que ficasse aqui com ele agora, não havia maneira de que esperasse que ele retornasse da perseguição da Atalanta. Nem sequer se ele pedisse. Podia ver em seus olhos. Já estava olhando-o de outra maneira. Mas talvez, dizendo que tipo de merda fizeram ali no Inframundo, de algum jeito pudesse convencê-la de que Zagreus o filho do Hades, o príncipe da escuridão que era tão horrível como qualquer no inferno, não era alguém com quem sequer deveria considerar enredar-se. Talvez, se ele a chocasse o suficiente, ela ficasse longe – muito longe do doente filho de puta. Porque sabia que se seguia adiante com este plano idiota, ela perderia. Ela ia perder muito.

O coração comprimiu com tanta força que a dor atravessou cada célula do corpo. Faria algo para mantê-la a salvo. Até confessar os segredos mais escuros, mais horríveis. Neste ponto, essa era a única opção que ficava.

—Quer saber o que aconteceu? —disse em voz baixa. — Realmente saber?

Ela assentiu com a cabeça lentamente. Não se atreveu a afastar o olhar dele.

Ele entrecerrou os olhos. E se enrijeceu contra sua reação. Uma reação que ia trocar sua relação para sempre. E provavelmente o romperia para sempre no processo.

—Eu a fodi — disse isso, olhando a comoção e a repulsão que atravessou rapidamente seus traços suaves e perfeitos. — E fui fodido. Por algo mil vezes pior que ela. Mas já aceitara ser seu doulas, não havia absolutamente nada que pudesse fazer tampouco. Ao menos não até agora.

Capítulo 18

O estômago de Maelea revolveu com tanta força, que temeu vomitar.

Do outro lado da ilhota de granito ficou olhando Gryphon parado atrás do sofá, seus olhos duros, frios, círculos de um azul claro, tão parecidos com os olhos gelados que tinha ao princípio. Mortos. Atormentados. Nem um traço da doçura e a candura que ela percebeu nele durante a semana passada enquanto sentavam juntos frente à chaminé, jogando na praia, brincando um com o outro na cozinha ou fazendo o amor na cama de acima.

Não farei o que me fizeram.

As palavras que disse no motel, antes que tomassem aquela ducha juntos, quando a convenceu de que não faria mal, voltaram com vontade.

Disse a verdade. Pôde vê-lo em sua dura expressão. A bílis percorreu a garganta e tragou com força para contê-la.

—Que? —acertou a perguntar. — Quem fez isso?

—Krónos.

OH deuses. *OH deuses*. O Rei dos Antigos Deuses. O deus mais horripilante imaginável. Apanhado nas vísceras do Tártaro por toda a eternidade por seu pai, Zeus. E graças a sua retorcida árvore genealógica, tecnicamente, seu avô. Agarrou a borda do balcão.

—Você esteve com Krónos?

—Atalanta me levou ante ele — seu tom era cruel, insensível, frio como o gelo que de repente percorria as veias. — Ela sabia que os Argonautas tratariam de me resgatar e estava desesperada por procurar uma saída da prisão em que Orpheus e Demetrius a confinaram com sua bruxaria. Assim que pediu Krónos que nos vinculasse. E ele o fez. Dotou-me da escuridão do Inframundo para que pudesse me convocar cada vez que desse a fodida vontade.

Enquanto o estômago da Maelea se revolvia de novo, todo – seus crispamentos, os olhos exagerados, sua paranoia e sua obsessão por fim tinham sentido.

—Propôs um trato — disse quando Maelea por fim levantou a vista. — Deu seis meses para encontrar o Círculo do Krónos ou a arrastaria de volta ao Inframundo. Levando-me de volta.

O pulso acelerou. A mandíbula endureceu até que não foi mais que uma parte de aço debaixo da pele e, por um momento, não esteve segura de querer ouvir o resto. Sabia que tinha que fazê-lo.

—E então — disse no mesmo tom carente de emoção—, ele selou o acordo tendo a nós dois.

A comoção a percorreu. Entretanto, foi rapidamente seguida por uma onda de emoção enrolando como uma tormenta através do sangue. Ali, em meio da cozinha, comoveu-se por ele. Ela sofreu durante os longos anos de sua vida, mas nem sequer se aproximava do que ele havia passado. O que tinha que voltar a viver todos os dias. Queria chorar por ele. Queria abraçá-lo. Queria fazer algo para acabar com sua tortura, com esse olhar morto em seus olhos.

Saiu de atrás do balcão.

—Gryphon…

—Crê que isto é mau? —Os pés se detiveram ante a raiva em seus olhos. — Se for detrás do Zagreus, será mil vezes pior, garanto isso. Ele está tão doente como seu avô e Hades desatou no reino dos humanos para que foda tudo o que queira. E ele foderá, Maelea. Não se equivoque. Se se aproximar dele, ele te foderá e te matará. De qualquer maneira retorcida e horrível, que ocorra. Talvez não dure nem um dia.

Alargou a mão para ele.

—Gryphon…

Sacudiu a mão e deu um passo atrás, pondo a mesa de café entre eles.

—Não me toque.

O coração acelerou. Ele acreditava que já não o queria. Não podia pensar que o queria ainda mais.

—Gryphon, me deixe…

—Não entende? —disse com tal veneno que ela parou em seco. — Estive de acordo. Estive de acordo sendo escravo da Atalanta para deter a tortura. Fiz tudo de vil que ela me pediu que fizesse, só para salvar meu traseiro. E não lutei. Nem quando me levou a ver Krónos, nem quando

negociou com minha liberdade, nem sequer quando ele pôs suas mãos sobre mim.

—Você… Você fez o que tinha que fazer para sobreviver — disse.

—Já estava morto — espetou.

Deu um passo aproximando-se dele.

—Não foi sua culpa, Gryphon.

Arrastou-se para trás, ao redor de uma cadeira.

—Os outros... não teriam concordado com nenhum acordo. Eles teriam lutado.

Estava falando dos Argonautas. E enquanto o observava, deu-se conta de onde procedia esse olhar morto. Era vergonha. Por não ter estado à altura dos Guardiões, de seus irmãos. De algum jeito, tinha falhado.

Embora sabia que não devia passar, que com o tempo seria machucada porque ele não era eternamente jovem como ela, o coração inchou. Deu um passo ao redor da cadeira.

—Equivoca-se.

Ele voltou a retroceder. Golpeou a parede. O pânico alagou seus olhos quando se deu conta de que estava enredado numa armadilha. Um pânico e um medo que arpoou o coração.

—Eles também teriam feito o que fosse para manter a sanidade, Gryphon.

Ele pressionou as mãos contra a parede. Olhou para a porta como se calculasse a distância à liberdade.

—Não me toque — disse com voz afogada. — Simplesmente… não o faça.

O coração rompeu de novo por ele. Não queria pressioná-lo, mas tinha que tocá-lo. Precisava demonstrar o muito que significava para ela. Necessitava que ele acreditasse.

Diminuiu a distância, deslizou as mãos por seu peito. Cada músculo de seu corpo se esticou enquanto ele respirava em ofegos.

—Não vou fazer machucá-lo, Gryphon. Jamais te faria mal.

—OH, deuses — sussurrou, apertando-se ainda mais contra a parede. Sua cabeça golpeou o painel de gesso. — Por favor, não o faça. Não neste momento.

Ela envolveu os braços ao redor de seu pescoço, ficou nas pontas dos pés, estava a ponto de roçar com os lábios sua mandíbula sem barbear quando ele apartou a cabeça.

—Não escutou uma puta merda do que disse?

Ficou quieta, porque havia muita raiva em seus olhos. Mas não tinha medo, porque sabia que passasse o que passasse, nunca a machucaria.

—Ouvi tudo. Cada palavra que disse. E acredita que algo de todo isso fará que te ame menos do que o faço, então é que está verdadeiramente louco. E eu sei definitivamente que não está.

—Você *o que*? —A incredulidade ampliava seus olhos. — Não, não o faz. Não pode. O que... que demônios está *errado* com você ?

Um débil sorriso curvou os lábios.

—Por onde quer que comece? Poderia confeccionar uma lista completa.

Olhou-a fixamente durante tanto tempo que sentiu calafrios pela pele. Não podia lê-lo. Não sabia o que ele estava pensando. Temia que ele a deixasse de fora novamente, arriscava-se a amar a alguém, inclusive sabendo o muito que ia doer ao final, tudo por nada. Mas ele precisava saber,

precisava entender que o que havia passado não fazia que mudasse o que ela sentia. Jamais poderia.

—Deveria fugir de mim. Deveria me rechaçar. Não deveria querer estar na mesma sala em que eu esteja. Deveria…

—Deveria beijá-lo. —Passou a mão pela mandíbula, ficou nas pontas dos pés e apertou os lábios contra sua bochecha.

Ficou gelado. Um som afogado ressoou em sua garganta enquanto fechava os olhos. Ao mesmo tempo em que sussurrava:

—Maelea…

Ela o beijou na têmpora, passou os dedos pelo cabelo sedoso da nuca.

—Eu adoro que me observasse desde sua janela. Eu adoro que me protegeu naquelas covas. Eu adoro que esteve disposto a me deixar ir quando os *daemons* nos encontraram, até sabendo que poderia morrer no processo. Eu adoro que fez o que tinha que fazer no Inframundo para sobreviver porque pôde estar aqui comigo agora. Que esteja disposto a fazer todo o possível para me manter a salvo, inclusive compartilhar este horror comigo. Porque isso é o que é, Gryphon. É horrível, espantoso, atroz e vil o que fizeram. E não foi sua culpa. Nada disto é por sua culpa.

Uma lágrima deslizou pela extremidade do olho, uma que ela capturou com os lábios. Enlaçando-se com a dor e a angústia que ela sentia até o mais profundo da alma.

—E se crê, sequer por um segundo, que não é o suficientemente valente, que não é o suficientemente forte, que não é tudo o que qualquer mulher deseja e necessita, então está errado. Está muito errado. Quero você. Preciso de você. — a voz se transformou em um sussurro. — Te amo, Gryphon.

Seus braços se fecharam ao redor dela com tal força, que escapou um ofego pelos lábios. Enterrou sua cara contra o pescoço enquanto ela envolveu um braço ao redor de seu ombro, e o outro pela parte traseira de sua cabeça, e a sustentou perto, deslizando os dedos pelo cabelo, sentindo o batimento do coração de seu coração contra o seu. Ele não fez nenhum som, mas sentiu as lágrimas sobre a pele, sentiu as sacudidas de seu corpo grande e forte pelo ímpeto de tantas emoções reprimidas. E no silêncio entre eles, fechou os olhos e simplesmente a abraçou enquanto ele as liberava. Enquanto transmitia toda a força que tinha dentro.

Toda a vida esteve sozinha. Inclusive as poucas vezes que se apaixonou, seguia sozinha, porque nunca se abriu completamente. Nunca admitiu o que realmente era, jamais confessou suas esperanças e sonhos, nunca compartilhou a alma. Esta vez, faria. Esta vez, tudo era diferente.

—Não vou atrás de Zagreus — sussurrou . — Irei aonde você queira que vá. Farei o que necessite que faça. Tudo o que quero é estar com você, Gryphon. Durante o tempo que tenhamos juntos. Quer dizer, se você também me quiser.

Ele levantou a cabeça do ombro. As marcas de lágrimas percorriam suas bochechas. Tinha os olhos úmidos e avermelhados. Mas o olhar atormentado, o olhar morto, finalmente desapareceu. Em seu lugar estavam os olhos mais cândidos, mais azuis, mais aprazíveis que jamais vira.

—Sotiria — sussurrou, emoldurando o rosto com suas mãos, deslizando seu polegar sobre sua própria lágrima para eliminá-la. — Estava acostumado sonhar com você. Com a única pessoa

que tocaria meu coração e que me completaria. Não esperava que aparecesse quando sou a metade do homem que estava acostumado a ser. Pode ser que Orpheus tenha salvo minha alma do Inframundo, mas você... você me salvou de mim mesmo. Eu sempre, sempre te quererei.

Sua boca se fechou sobre a dela antes que pudesse tomar outro fôlego. E embora a beijou com esses lábios doces e sedutores, tal como fizera antes, sentiu a dúvida, sentiu a preocupação persistente por debaixo.

Tinha que mostrar que nada mudara. Tinha que demonstrar que tudo que contou só fazia que o amasse mais.

Deslizou as mãos por seus braços, logo brandamente se separou de sua boca, de seu alcance, e retrocedeu para o sofá, todo o tempo mantendo os olhos fixos nele.

Olhava-a com desejo e temor. Um medo que ela queria apagar para sempre.

Agarrou a prega da camiseta de manga longa e a tirou pela cabeça, deixando-a cair no chão a seus pés. Depois desabotoou o botão da calça jeans e baixou o zíper, deslizando-o um pouco pelos quadris.

O desejo prendeu em seus olhos úmidos. Um desejo que queria alimentar até um incêndio em toda regra.

Ela girou, inclinou-se pela cintura, rebolou no jeans pelo que ofereceu uma vista boa e clara do traseiro e o deixou cair ao chão perto da camiseta. Logo desabotoou o sutiã o qual caiu nas mãos, olhou por cima do ombro enquanto o oferecia para que pudesse vê-lo e o deixou cair também. Seus olhos estavam fixos onde ela queria que estivessem, sobre seu corpo. Seu rosto estava avermelhado pelo desejo e a necessidade. Ela deslizou os dedos pela renda nos quadris e começou a empurrar para baixo. Sua voz rouca o impediu.

—Não o faça.

O coração palpitava com força enquanto ele se aproximava. Seu olhar a percorreu, da parte superior da cabeça, pelas costas, até abater-se sobre o traseiro. Mas ela não podia ler sua expressão desde este ângulo. Não sabia o que estava pensando. Apenas se movia, logo que respirava enquanto continuava seu estudo sob a luz da luz.

—Gryphon...

Deslizou-se de joelhos. Apartou as mãos dos quadris e finalmente murmurou:

—Deixe-me.

O alívio percorreu cada célula do corpo. O peito subia e baixava ao ritmo da dificultosa respiração enquanto passava a mão pela nádega direita. Enquanto deslizava para baixo os dedos da outra mão pelas costas. Enquanto enganchava os dedos aos lados da tanga e a baixava lentamente.

Tão perto que podia cheirá-la, o jasmim, a excitação e o desejo. E todo isso o que ela sentia, o aroma de seu desejo, as coisas que dissera se uniram para deixá-lo aturdido.

Ela o amava. Ninguém amou. Depois do Inframundo, acreditou que ninguém jamais o faria.

O coração – um coração que ela havia devolvido à vida se inchou enquanto passava os dedos pela parte interna de suas coxas. Enquanto ela estremecia uma vez mais.

—Ponha o joelho sobre o sofá. E se incline para frente.

Vacilou um segundo breve, logo terminou de tirar a tanga, apoiou um joelho sobre o assento e os cotovelos sobre o braço do sofá. Pressionou uma perna contra a dela, dizendo sem palavras que ampliasse a posição. E enquanto lentamente se abria mais a ele, o coração esmurrava as costelas.

Confiava nele. Não só com o coração, mas também com o corpo. O impacto disso quase o deixava sem fôlego.

—É linda — sussurrou.

Ela estremeceu. E antes que pudesse voltar-se e olhá-lo, inclinou-se para frente e passou a língua sobre o clitóris. Ela conteve o fôlego. Deslizou-se entre as dobras, e finalmente encontrou a abertura de seu sexo e a saboreou por completo.

Ela gemeu, deixou cair à cabeça sobre o braço. Deuses, amava os sons que fazia. Deleitava-se seu sabor. Deslizou a língua de volta aos clitóris inchado, rodeou o nó apertado, fustigando-o uma e outra vez, adorava sua forma de rebolar contra ele. O suor estalou pela pele quando a escutou gemer, quando empurrou contra ele. Queria deslizar-se em seu interior e tomar o que estava tão obviamente oferecendo, mas não se tratava dele. Isto era por ela. Para demonstrar quanto significava para ele o que dissera.

O muito que ela representava para ele.

Ela cravou os dedos no tecido do sofá.

—Gryphon, eu…

Ela ofegou outra vez, logo gemeu quando deslizou o dedo pelo traseiro e finalmente entrou em seu sexo.

—OH, deuses — exclamou contraindo-se ao redor dele.

Empurrou profundamente, saiu e voltou a entrar. Estava muito úmida. Úmida, quente e perfeita. Movia-se contra ele enquanto bombeava seu sexo, enquanto a lambia. Tentando se introduzir mais profundo. Tentando-o insistir a ir mais rápido.

Sabia que ela estava perto. Necessitava que culminasse. Queria saborear sua liberação. Fechou os lábios sobre o clitóris e sugou. E foi recompensado com um tremor que sacudiu todo seu corpo.

—Gryphon — ofegou. Seus braços cederam e seu rosto golpeou o sofá enquanto seu orgasmo a consumia. Convulsionou ao redor dos dedos e o pênis estremeceu em resposta, como se as mesmas correntes elétricas que percorriam seu corpo se precipitassem pelo seu.

Jamais soube que dar prazer poderia ser tão prazeroso até ela. Não compreendera o que perdeu na vida nestes últimos meses. Não só o sexo em geral, mas também... amor. Seu amor, sua confiança, sua fé nele... tudo junto selava um buraco no peito com o qual vivia desde o Inframundo. Trazia de volta ao homem que uma vez foi.

Não, não era de todo certo. Isto o convertia no homem que sempre quis ser.

Continuou brincando com ela, seguiu acariciando-a por dentro, mais lento com cada golpe até que os tremores abandonaram seu corpo. Então apertou a bochecha sobre sua nádega direita e pressionou um beijo na esquerda.

Ela inalou profundamente, parecia ter problemas para enfocar-se. Enquanto piscava várias

vezes e olhava fixamente as chamas que dançavam na chaminé, uma emoção atravessou ao compreender o que tinha provocado isso. Deixou-a sem fôlego e aturdida. Tão sem fôlego e aturdida como esteve ele do primeiro momento que a tocou.

Ela se girou rapidamente, equilibrou-se, agarrou pelos ombros e o obrigou a ficar de pé.

—Maelea…

Logo pegou seus lábios sobre os dele, introduziu a língua na boca, abriu a calça jeans, e o empurrou para baixo pelos quadris.

O desejo percorreu o corpo, muito mais insistente que nunca. Ele gemeu e a atraiu para si.

Ela arrancou sua boca da sua.

—Sente-se.

As almofadas se afundaram sob o peso quando o empurrou para baixo. Imediatamente ficou de joelhos, puxou o jeans até o final das pernas e o deixou cair ao chão. Tirou a camiseta, e quando o deixou nu, quando estava tão duro que doía, finalmente se inclinou e o introduziu na boca.

Ah, deuses. Deixou cair à cabeça contra o sofá. Enredou os dedos de uma mão em seu cabelo quando seus lábios se fecharam ao redor do pênis e com a língua percorreu a parte inferior. Depois de uma semana a sós, ela sabia exatamente o que gostava. Que golpes o faziam estremecer-se. Quanta sucção poderia deixá-lo débil. Quão profundo gostava de introduzir-se em sua boca.

Ela tomou tão profundo como nunca o tinha feito, pegou as bolas, passou as unhas na carne sensível até que endiabradas sensações estalaram por cada centímetro da pele. Ele gemeu de novo, elevava-se a seu encontro. E quando a primeira contração do orgasmo se disparava, liberou-o da boca, subiu sobre ele, colocou-se escarranchado sobre os quadris e baixou lentamente.

Ambos gemeram quando ele a encheu. Tinha os olhos abertos, fixos nos dela. Ele fechou os braços ao redor de seus quadris enquanto ela tomava tão profundo quanto era possível.

—Maelea…

Inclinou-se para diante até que as pontas de seus seios roçaram o peito, envolveu os ombros com seus braços e balançou os quadris, balançando-se lentamente sobre o colo, esfregando-se contra ele até que viu as estrelas.

—Amo você, Gryphon. Nada mais importa para mim. Nada do passado pode mudar isto. Isto... você e eu juntos agora... é tudo o que importa.

As emoções o afligiram. Havia tantas que não podia falar. Buscou a nuca com uma mão e atraiu sua boca contra a sua, beijando-a com toda a urgência que possuía.

Um gemido escapou de seus lábios enquanto deslizava a língua dentro de sua boca. E quando apertou o outro braço ao redor de sua cintura, quando deu a volta no sofá e a empurrou sobre as costas, e logo apoiava um joelho no chão, cravou os dedos nos ombros e o beijou como se não pudesse saciar-se.

—Maelea...

Queria dizer o que tinha no coração. Não era capaz de pronunciar as palavras. Acelerou as investidas. Incrustou os dedos em sua coxa e quadril. E o pênis cresceu ainda mais largo e mais

grosso em seu interior.

Ela se incorporou sobre suas mãos, empurrou contra ele e se esticou por completo.

—Tome, Gryphon. Sou sua. Só sua.

O êxtase o consumiu, afligiu-o, sacudiu o corpo com tanta força que ficou sem fôlego. Ela estremeceu com sua própria liberação, e antes que ele se desse conta do que estava passando, uma corrente elétrica percorreu a espinha dorsal explorava nos quadris e se gozava de novo. Algo que nunca pensou que poderia passar tão logo.

Descargas elétricas seguiam ondulando pelas células enquanto gemia e caía contra ela. Ela envolveu seus braços ao redor dos ombros suarentos, beijou a têmpora, passou os dedos pelo cabelo, e simplesmente o aferrou.

O amor – seu amor era mais do que tinha esperado. Mais do que tinha sonhado. Mais do que merecia. Mas não estava disposto a perdê-la.

Longos minutos passaram antes que os músculos voltassem para a vida, mas quando o fizeram, ele levantou a cabeça, olhou seus olhos escuros e fascinantes, sua cara ruborizada pelo orgasmo, sua pele escorregadia pelo suor. E sabia do fundo do coração, que embora não fora sua alma gêmea, por ela merecia a pena viver. Por ela valia a pena lutar.

Apartou uma mecha de cabelo do rosto e logo deslizou o polegar sobre sua bochecha.

—Não a mereço.

—Gryph…

—Mas a quero — disse antes que pudesse protestar. — Sempre a quererei. É o coração que pulsa dentro de meu peito. Isso é o que me dá a vida. —A garganta inchou. — Te amo muito, Maelea. Sem você, não sou nada.

A ela encheram os olhos de lágrimas e o beijou. Os lábios, o nariz, as bochechas.

—Demonstre-me sussurrou isso, elevando os quadris e atraindo-o profundamente em seu interior. — Uma vez mais.

Com os lábios que devoravam os dela, fez.

***

Hades sabia esperar o momento oportuno. Era um deus paciente. Aquele que havia passado milhares de anos esperando seu brilhante momento. Este, como tantos outros, era só um passo mais no caminho para o controle final.

Esperou nas árvores situadas às para fora da cidade do Tiyrns no reino Argolean. Como não era um olímpico, podia cruzar ao reino abençoado, não estava limitado pelas mesmas regras que Zeus impôs aos outros olímpicos. O qual era uma sorte para ele.

Entretanto, infelizmente, não podia entrar no castelo da rainha. Algum poder ali podia impedi-lo de passar. Inclusive usando a capa da invisibilidade. A vida seria muito mais fácil se as pessoas não fodessem com as leis da natureza.

Então, é obvio, não seria tão divertido.

Uns raminhos rangeram e olhou através da escuridão entre as árvores em direção ao som.

Em silêncio, regozijou-se ao ver a fonte. O moço era como os espiões do Hades disseram. Jovem, ingênuo, tão loiro como seu pai, e com essas marcas dos Argonautas nos antebraços, a presa perfeita.

Esperou até que o jovem Maximus se aproximasse. Então, finalmente repreendeu:

—Sabem que está aqui sozinho?

A cabeça de Max se elevou, e entrecerrou os olhos chapeados.

—Quem está aí?

Hades sorriu. Qualquer dos Argonautas saberia quem era, mas Maximus era muito jovem e verde. Podia sentir o poder, mas devido a seu pai, em um intento de proteger ao jovem, ainda não tinha começado sua educação como Argonauta, não podia distinguir a um deus de outro. E graças ao inteligente disfarce que usava, era outro ponto a favor do Hades.

—Acredito que sabe exatamente quem sou — disse Hades sem levantar-se.

Max deu um passo através das árvores, com os olhos muito abertos.

—OH meus deuses, é uma Destino.

Hades sorriu, e uma emoção doentia percorreu por este pequeno ardil.

—Me chame —*a cadela*— Lachesis.

—O que está fazendo aqui?

—Esperando, moço. Sei por que vagas só entre estas árvores. O porquê não diz a sua mãe aonde vai. O porquê se mantém afastado de outras pessoas de sua idade. Sei o que aconteceu o Inframundo.

O mal-estar cobriu o rosto do moço, baixou o olhar ao chão e deu chutinhos a um ramo com sua sapatilha.

—Também sei — continuou Hades—, que seus pais não o entendem. Que pensam que não é mais que um menino débil.

A cabeça de Max se lançou para cima, e seus olhos brilhavam de uma cor cinza tormentosa.

—Não sou débil. E não sou um menino.

OH, entretanto, era. Só onze, talvez doze anos. E apesar de ter poderes ainda sem explorar, seguia sendo nada mais que um inexperiente, embora atormentado, menino.

Hades ampliou o sorriso, com o diáfano manto como o que Lachesis normalmente levava salvo que a seu redor resplandecia.

—Há uma maneira de demonstrar que estão equivocados.

—Como? —perguntou Max com curiosidade.

—OH, acredito que sabe, guri. De quem o protegem? A quem consideram que não é o bastante forte para enfrentar? Quem tem poder sobre você, inclusive aqui?

Os olhos de Max escureceram, e sua mandíbula se esticou sob sua pele imberbe.

—Atalanta — sussurrou.

Os meninos eram tão fodidamente previsíveis.

—Sim, enfrente-a — disse Hades, lutando contra o sorriso. — Demonstre o que vale.

—Eu eu não posso. Não sou o suficientemente forte.

—Você é o suficientemente forte para escapar. Você é o suficientemente forte para

sobreviver. Como o faz, se for tão débil?

Max ficou olhando a base de uma árvore, e Hades quase podia ver as rodas girando em sua cabeça loira.

—O Círculo do Krónos.

Bingo.

Hades sorriu, com cuidado de não estendê-la muito.

—Com isso pode fazer algo.

—Mas como…?

Um empurrãozinho era tudo o que o menino necessitava. Hades desvaneceu em um nada.

—Boa sorte, filho.

De volta no Inframundo, Hades sorriu de orelha a orelha. *Tomem isso, malditas Destino.*

Baixou o olhar à lista de inventário sobre o escritório que tinha desatendido durante muito tempo. Tinha que vigiar de perto aonde foram às almas. Seu pai, Krónos, continuamente atraía almas para a Cidade do Pecado, prometendo coisas que jamais poderia cumprir. Se alguma vez escapava...

Hades apertou a mandíbula ante esse pensamento. Krónos nunca devia escapar. Custasse o que custasse. E o que era até mais importante, não devia pôr as mãos sobre o Círculo. Se um dos outros deuses se Atalanta, essa puta libertasse Krónos, então não só o reino humano, mas também o Inframundo, seriam alterados para sempre.

Alterados? Esqueça disso. Seriam fodidamente arruinados.

Não, Krónos não ia sair. Porque Hades estava absolutamente convencido que o menino – Max faria exatamente o que ele queria que fizesse. Em questão de dias, o Círculo pertenceria a Hades para sempre.

Um som de pés arrastando ressonou na sala. Sentindo-se melhor do que o estivera em dias, Hades se separou da mesa e disse:

—Orcus! Justo o troll que estive procurando. Onde está a mancha?

Agora que tinha um problema encarrilhado, já era hora de voltar a centrar-se em outro.

Orcus arrastou sua flácida perna pela sala, são suas orelhas bicudas sacudindo-se para frente e para trás.

—Trago notícias, meu senhor. A respeito da mancha.

—E?

Orcus esfregou as verdes mãos escamosas juntas.

—Ela… Os cães do inferno capturaram seu aroma. Em algum lugar da ilha de Vancouver.

—Bem, então, terão acabado com ela — disse Hades com os dentes apertados, tentando que a incompetência do Orcus não arruinasse o bom humor.

—Há um problema, meu senhor.

—Que problema?

—Eles... não puderam encontrá-la. Era como se se desvaneceu. Apesar de que seu aroma era ainda forte.

Hades olhou pela janela aberta o céu avermelhado que se formava redemoinhos mais à

frente. Assim Maelea estava usando o therillium para ocultar-se depois de tudo, pensando que a protegeria.

—Quantas peças de mineral disse kobalos que tiraram dos túneis?

—Ele pensa que só uma, meu senhor.

Uma...

—E quanto tempo faz que a tem?

—Uma semana. Talvez um pouco mais.

Dependendo do tamanho da peça, seu poder poderia começar a esgotar-se ou poderia durar várias semanas mais. Até que ela saísse de seu esconderijo ou o mineral finalmente deixasse de funcionar, seria invisível.

Voltou-se para o Orcus.

—Envia aos cães do inferno à zona onde seu aroma seja mais forte. Não pode permanecer oculta para sempre. Assim que saia à luz, que a matem. E ao Argonauta, se ainda estiver com ela.

Orcus fez uma reverência e saiu da sala.

—Sim, meu senhor.

As coisas estavam começando a seguir seu curso. Enquanto se balançava sobre os calcanhares, desfrutando a vista, Hades juntou as mãos à costas e sorriu. Estava impaciente para que sua esposa retornasse do Olimpo. Não podia esperar para dizer que finalmente acabara com sua maldita mancha e que possuía o Círculo.

Estava ansioso por desfrutar de sua reação.

***

A luz da manhã incidia sobre o Gryphon ali onde jazia com a cabeça apoiada na cabeceira, com uma perna por cima das mantas e a outra afundada sobre o colchão. Não tinha dormido. O peito ainda vibrava com muitas emoções, a cabeça dava voltas com mil pensamentos e lembranças. Alguns dos quais não queria lembrar-se. Alguns que desejaria experimentar de novo.

Baixou o olhar para a Maelea amontoada firmemente a seu lado, profundamente adormecida e com as pernas entrelaçadas à sua sob o lençol. Tinha sua cabeça apoiada no peito e seu quente fôlego esquentava a pele. Suas feições estavam relaxadas, seu cabelo escuro uma cascata de seda negra ao redor de seu rosto. À luz brumosa, sua pele quase brilhava, tão suave, tão perfeita, como a mais delicada das porcelanas. Cada vez que a olhava, recordava a forma como o abraçara ontem. As coisas que disse. Ainda não podia acreditar que, depois de tudo o que contou queria permanecer com ele.

Queria rodar sobre ela, despertá-la com a boca, com as mãos, com o corpo. Sabia que não o faria, porque a esgotou a noite passada fazendo amor e precisava descansar. Mas isso não o impediu de desejar, necessitar, sonhar com um "para sempre" com ela.

Tudo o que quero é estar com você, Gryphon. Durante o tempo que tenhamos juntos.

Tinha a intenção de dedicar mais que uns poucos anos. Pensava dar pelo menos quinhentos. Deixaria os Argonautas. Poderiam estabelecer-se em qualquer lugar. Enquanto estivessem juntos,

isso era tudo o que importava. Mas primeiro tinha que fazer frente à Atalanta.

Jogou a cabeça para trás contra a cabeceira e fechou os olhos. Contraía o coração ante a ideia de abandoná-la tão pouco depois de ter consolidado isto que criaram entre ambos. Mas não tinha outra opção. Acabava o tempo. Já tinha perdido dois meses na colônia tratando de conseguir que a cabeça funcionasse bem e uma semana e meia metido nesta casa com ela. Nunca desejou que os Argonautas conhecessem sua vergonha, e por isso nunca contou a nenhum deles incluído Orpheus sobre o vínculo que tinha com Atalanta. Mas agora que se encontrava mais forte, agora que sabia que podia lutar contra sua voz, estava seguro que poderia encontrar a semideus e destruí-la antes que os seis meses atribuídos por Krónos se cumprissem. E quando o fizesse, quando esse vínculo entre eles se rompesse para sempre, então poderia voltar aqui. Ele e Maelea poderiam continuar de onde pararam. Sua vida poderia finalmente começar.

Ignorou o comichão de dúvida que percorreu a coluna vertebral. Disse a si mesmo que podia lidar com a situação. Que ganharia. Não havia outra opção. Não quando ele finalmente tinha algo pelo que viver.

Deu um suave beijo na testa, saiu de debaixo dela, e se dirigiu à ducha. O chão de madeira rangeu sob os pés. Abriu a torneira de água quente e depois se olhou no espelho.

Durante meses evitou ver-se refletido. Não podia suportar observar esse olhar morto nos olhos. Mas esta manhã... era como olhar a seu antigo eu. Aquele de antes do Inframundo. Ao de antes de toda a dor, o sofrimento e a desesperança. Esta manhã, parecia-se com si mesmo de novo. Tudo graças a Maelea.

A água estava quente e o revigorou. E a força impregnou até os ossos. Uma fortaleza da que careceu durante os últimos meses. Tomou banho, vestiu-se e se surpreendeu quando entrou no dormitório e viu a cama vazia.

Dirigiu-se às cortinas, apartou-as e olhou pela praia. Maelea estava de pé com os tornozelos afundados nas ondas, vestida com uma túnica branca e fina, olhando para a água enquanto seu cabelo flutuava detrás dela na suave brisa. E observando-a sob a luz do sol da manhã, o coração que ela tinha ressuscitado, esquentou no peito, enviando brincos de energia através de todo o corpo.

Correu escada abaixo, percebeu o aroma do café. Quando chegou à cozinha, viu que o café só estava feito pela metade, o que significava que não fazia muito tempo que tinha saído. Decidiu não esperar, passou de comprimento o brilhante therillium alaranjado sob o calor do abajur na esquina da cozinha, e empurrou a porta mosqueteira para abri-la.

A noite e a água. Essas eram duas coisas que tinha aprendido que gostava. Em qualquer lugar que terminassem, teria que ser em uma praia como esta. Para que pudesse desfrutar da água. Para que pudesse descansar na noite. Assim poderiam fazer o amor sob as estrelas com as ondas rompendo brandamente contra a borda.

A água fria acariciou os pés descalços enquanto envolvia desde atrás os braços em sua cintura e aninhava o pescoço.

—Bom dia.

Ela colocou as mãos sobre os braços em sua cintura e jogou a cabeça para trás para dar mais

espaço.

—Mmm... bom dia a você também.

Beijou-a na bochecha, e logo na boca quando ela se voltou. Adorava seu sabor, seu aroma o enfeitiçava, o encantava que não fugisse dele. Ela girou dentro dos braços e passou as mãos ao redor do pescoço. Abriu a ele quando deslizou a ponta da língua ao longo de seu lábio inferior. Gemeu levemente enquanto se inundava em seu interior para saboreá-la.

Quando ele se tornou para trás, seus olhos tinham esse olhar sonolento, sonhador. Esse que ele adorava contemplar.

—Levantou cedo esta manhã —disse enquanto descansava sua bochecha contra o peito e fechava seus braços por detrás das costas. — Ouvi a ducha.

—Não quis despertá-la.

—Está bem. —Seus lábios se curvaram contra ele. — Sempre e quando me deixar mais tarde dormir um pouco.

Com o peito contraído disse:

—Maelea, preciso falar com você mais tarde.

Ela se tornou para trás e olhou para cima com uma ruga entre suas sobrancelhas perfeitas.

—Por que não soa tão doce e sexy como eu queria que soasse?

Porque ela era inteligente. Soltou-a enquanto ela dava um passo atrás.

—Disse ontem que só disponho de seis meses para encontrar Atalanta.

—Recordo.

—Estou ficando sem tempo. Se não for agora poderia me encontrar em problemas.

A compreensão apareceu imediatamente em seus olhos.

—Vou fazer as malas. —Deu um passo ao redor dele. — De quanto tempo…?

Ele enganchou seu braço, girou-a, intimidado pelo fato de que seguia sem vacilar.

—Não.

—O que?

Alargou a mão para a dela e enlaçou os dedos com os seus. Tentando endiabradamente encontrar as palavras corretas, consciente de que nunca obteria, simplesmente comunicou o que tinha decidido.

—Não quero que venha comigo.

A confusão cruzou seu rosto.

—Por que não? Pensei que precisasse de mim. Acreditei que ontem à noite decidimos…

Ele apertou o agarre em sua mão.

—Eu preciso. Mais do que jamais possa fazer uma ideia. É por isso que tem que permanecer aqui.

—Gryphon…

—Só me escute. Usei-a. Ao princípio para sair da colônia. E logo, quando me dava conta de como me tranquilizava, utilizei-a para poder pensar com claridade. Estava inclusive disposto a usá-la apesar do que pudesse acontecer com o passar do caminho, mas já não. Durante todo esse tempo na colônia, depois de que Orpheus me trouxe de volta, quando ele perdeu Skyla... Não

entendia o que estava passando, como podia doer tanto depois de uns simples encontros com ela. Mas agora sim. Não posso perdê-la dessa maneira, Maelea. Não vou colocá-la em perigo.

—Mas precisa de mim se…

—Necessito-te viva. Preciso saber que está a salvo. Se Atalanta descobrir o que significa para mim, utilizará em meu contrário. Fará mal e não posso, não permitirei que isso ocorra.

A preocupação alagava seus olhos.

—Mas…

—Não é porque não seja forte, Sotiria. É a mulher mais forte que conheço. A mais valente também, para enfrentar não só a mim, mas também aos *daemons* e os cães do inferno e, *skata*, até a meu irmão. — Tratou de sorrir, sabia por sua expressão de inquietação que não serviu de nada. — É porque quero estar seguro que quando finalmente for livre, estará esperando minha volta.

—Mas como vai ser capaz de se concentrar sem que eu esteja ali para bloquear a escuridão?

—Me olhe aos olhos, Maelea. Estão claros. Pela primeira vez em meses. Não estarei confuso quando for. Não, se souber que te tenho quando voltar. Se for procurar a Atalanta, tenho que deixar que a escuridão me atraia para ela. —Passou o polegar por sua suave bochecha. — Além disso, não tenho medo. Sei que agora posso lutar contra isso. Graças a você.

Olhava fixamente a camiseta, sua expressão tão cheia de preocupação e temor, que soltou a mão, entrelaçou os dedos em seu cabelo, aproximou-a e elevou o rosto ao seu.

—Voltarei. Prometo isso. Isto é real. É tudo o que me importa. Agora que sei pelo que tenho que viver, não estou disposto a perdê-lo.

Ela fechou os olhos. E quando roçou os lábios com os seus, agarrou os cotovelos e devolveu o beijo, dizendo com a boca o que já sabia no coração.

Que era dela. Para bem ou para mau, durante o tempo que passassem juntos. Era só dela.

Envolveu os braços ao redor dela e a abraçou com força. Deslizou as mãos pelas costas. Seus dedos aferraram os ombros enquanto girava sua cabeça contra o peito e ele apoiava a bochecha em seu cabelo.

—Esperara-me? —perguntou.

—Isso depende — disse com um nó na voz. — Quanto tempo vai estar fora?

Ele sorriu e a abraçou mais estreitamente porque reconheceu a brincadeira em suas palavras. E a angústia.

—O menos possível.

Ela retrocedeu de novo.

—Como chegará a ela? Tem aos *daemons* a seu redor. O que vai…?

Pôs os dedos sobre seus lábios.

—Não pense nisso. Não quero que se preocupe.

—Mas…

—Sei como pensa. Passei três meses com ela. Encontrarei a maneira.

Percorreu o rosto com o olhar. Não podia dizer o que ela pensava. Só o que sentia. Odiava isto. Estava assustada. Não queria que fosse.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

— Voltarei, Maelea. Juro isso. Meu coração pulsa por você. Sempre encontrará o caminho de volta a seu lado.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Atraiu de novo, apertando-a com força. Tão apertado que a sentia por toda parte. E enquanto as ondas rompiam contra os pés, soube que passasse o que passasse, este era o melhor momento de sua vida. Era amado. Não por seu título. Não pelo que poderia fazer. Inclusive apesar de tudo o que tinha feito no Inframundo. Amavam simplesmente por ser quem era.

—Vamos dentro e me ajuda a recolher minhas coisas?

Ela se apartou devagar quando a soltou e secou as bochechas.

—Vê você diante. Necessito um minuto.

Ela estava sofrendo. Sabia que soltou isto sem prévio aviso. Ele podia dar uns minutos. Beijou-a na bochecha, sabendo que recordaria seu aroma a jasmim ali onde ia. Essa simples lembrança o daria forças.

—Não demore.

O peso do que se morava pressionava os ombros, mas pela primeira vez em meses – realmente, toda a vida, sentia o coração leve. Vivo. Como se tivesse asas. Sentia-se... bem.

A mosqueteira golpeou detrás dele quando entrou na casa. Limpou a areia dos pés sobre o tapete, e logo entrou na cozinha onde se serviu uma xícara de café. Enquanto se dirigia a subir as escadas, tratou de recordar onde pôs a espada que encontrou naquela cova. Teria que conseguir novas armas, sabia que Maelea teria o dinheiro para que comprasse mais. Calculando…

Deteve-se a meio caminho das escadas quando caiu na conta de que o therillium não tinha essa cor alaranjada brilhante sob o abajur de calor que teve todo o tempo que estavam aqui.

Retornou à cozinha, deixou a xícara sobre o balcão e apareceu ao outro lado da ilha para ver o mineral. O abajur de calor seguia aceso, mas a rocha definitivamente não era brilhante. Não era mais que uma massa dura, sólida e de cor negra esverdeada. Nem sequer era verde brilhante, como o era na água daquele rio subterrâneo.

Arrepios de mal-estar se precipitaram pelas costas, e o pulso acelerou. Com cuidado, tocou-o. A rocha era fria e dura, e sem nenhum indício de energia ou potência radiando de sua superfície.

Um grunhido ressonou no exterior.

Elevou bruscamente a cabeça. E o coração deu um salto até a garganta antes que Maelea gritasse.

Capítulo 19

Gryphon agarrou uma faca de açougueiro do bloco sobre o balcão e rompeu a porta mosqueteira ao abri-la.

Maelea subia por um saliente de rocha à esquerda da baía em um intento por escapar.

Através da areia, cinco cães do inferno grunhiam enquanto avançavam para ela.

Gryphon gritou para atrair sua atenção. Agitou os braços por cima da cabeça, saiu disparado pelo terraço e correu para a água para colocar-se entre eles e Maelea.

Tinham que estar esperando que o therillium perdesse seu poder. Foi tão estúpido. Estúpido por pensar que ela estaria a salvo aqui sozinha. Por pensar que Hades não seguiria rastreando-a. Que ninguém teria notado que levou aquele therillium em primeiro lugar.

Carregou contra a besta mais próxima, já nas rochas, pronta para equilibrar-se sobre Maelea com suas faces abertas. A areia e a água salpicavam os pés de Gryphon. Lançou-se para a besta. Rodaram através da areia, em uma queda de braços, pernas e dentes. Gryphon ficou em pé antes que a besta pudesse sujeitá-lo e formou um arco com a faca na mão. Deu um chute dianteiro. Esta uivou e caiu para trás. Logo estalou suas enormes mandíbulas e carregou.

Maelea gritou outra vez. Gryphon olhou quando ela alcançava o topo de rochas de um metro e meio de altura. Ela girou e lançou cascas de mexilhões e calhaus, algo que pudesse encontrar, a outro cão que tentava alcançá-la.

Ele apunhalou com a faca de novo e o sangue gotejou pelo pescoço do cão, o qual grunhiu. Detrás dele, mais grunhidos se ecoaram dos outros três que avançavam para a Maelea. Então a terra tremeu sob os pés, exatamente igual a como fez nas covas da colônia e naquela habitação de motel. Só que ele não sabia que o produzia ou se poderia ajudar.

Eram muitos, compreendeu. Sua única esperança era usar o dom e congelá-los para que assim ela pudesse escapar.

Formou outro arco e golpeou ao cão na jugular. O sangue orvalhou a ele e ao chão. A besta ficou quieta, sem emitir nenhum som, e logo caiu à areia. Procurou Maelea. Três cães do inferno saltavam, grunhiam e tentavam morder a base da rocha. O quarto se dirigia diretamente para ele com olhos vermelhos brilhantes.

Concentrou-se. A terra se sacudiu com mais força. Fechou os olhos enquanto convocava o dom. Mas o grito da Maelea o tirou do enfoque.

Abriu os olhos de repente. Os braços da Maelea se balançavam para manter o equilíbrio, mas seu pé escorregou das rochas. E então ela caiu.

Não!

Pânico e um frio até a medula o atravessaram. Empurrou os músculos para diante, correndo pela água para ela. Um cão se estrelou contra ele do lado. Rodaram pelo pouco profundo fluxo. A faca saiu voando. O sabujo o fixou no chão e fechou suas mandíbulas sobre o ombro.

A dor percorreu em espiral o corpo, e rugiu. Um vermelho cego acendeu detrás dos olhos. Deu murros na cara da besta, mas não obteve que o soltasse.

Maelea. Tinha que chegar a Maelea…

Empurrou com força com o joelho. Arremetendo com tanta força como pôde. Um zumbido soou perto. Logo outro. A besta o soltou e uivou. Depois caiu junto ao Gryphon no fluxo.

Ofegando, Gryphon se incorporou. Duas flechas sobressaíam do flanco do cão do inferno morto. Desviou o olhar para a praia, à matança que Titus e Skyla estavam deixando dos cães do inferno. Logo à água, onde Orpheus arrastava a uma empapada e sangrenta Maelea pondo-a de

pé com a maré até a cintura.

Ela cuspiu, tossiu e se aferrou ao Orpheus quando a levantou em braços e caminhou para a praia.

Estava viva. O alívio verteu por Gryphon como uma onda gigante. Ficou em pé. Precisava tocá-la. Sustentá-la. O sangue emanava do ombro. Uma onda de vertigem o fez cair de traseiro e a água salpicou a seu redor.

—Merda — disse Skyla. — Orpheus! Ele está ferido. E, uh, meninos? Olhem lá pra cima.

Gryphon olhou para o escarpado que Skyla indicava. Estava cheio de furiosos *daemons* de brilhantes olhos verdes.

Santa Merda, todo mundo os tinha localizado.

—Temos que levá-los de volta a Argolea —disse Skyla. — Já!

Argolea? Não. Gryphon tentou levantar-se de novo. Uma onda se chocou contra ele e empurrou o corpo contra a areia.

—Maelea…

—Estou completamente de acordo — disse Titus, caminhando em direção Gryphon a um ritmo rápido. — Ela está bem?

—Não sei — disse Orpheus desde algum lugar próximo. — Vamos sair daqui antes que aqueles *daemons* averiguem como descer do escarpado.

—Relaxe, Gryphon —disse Skyla a seu lado, de joelhos junto a ele. —O levaremos a casa.

Ele não queria ir a casa. Só queria Maelea. Lutou por ver além da Skyla, mas Titus se interpôs no meio. Então baixou o olhar para ele e sacudiu a cabeça com uma é *tão fodidamente idiota* expressão.

Antes que Gryphon pudesse perguntar de onde tinham vindo ou que demônios passava, Titus juntou os dedos e abriu o portal. Um estalo de luz cegou Gryphon. E logo se encontrou voando.

***

—Estou bem — disse Maelea pela centésima vez. — Não estou ferida. Deixa de me mimar tanto.

Tentou levantar-se, mas Callia a empurrou no ombro, mantendo-a estendida na cama.

—Golpeou a cabeça e tem uma concussão. Não vai a nenhuma parte ainda, senhorita. Relaxe. Aqui está a salvo.

Maelea não estava preocupada com estar a salvo. Estava preocupada com Gryphon.

Não o vira desde que os trouxeram para o castelo em Argolea. Os Argonautas o levaram-no logo que atravessaram o portal, e sempre que perguntava o que estava passando, respondiam que não se preocupasse.

Que não se preocupasse? Isso era impossível. Sabia que os Argonautas não estavam contentes com Gryphon antes que a sequestrasse. Provavelmente estavam muito menos entusiasmados com ele agora. Tinha que encontrá-lo. Tinha visto à ira nos olhos de Orpheus

quando a arrastou fora da água. Viu como lançava a Gryphon um olhar cortante, como se sua queda à água e o golpe na cabeça tivessem sido culpa dele. Ele não podia estar mais equivocado. Era sua estúpida culpa. Agora sabia que tinha algum tipo de poder oculto nela, um que convocou sobre aquela rocha. Um que vibrou por ela para a terra e fez que tremesse. E foi aquele mesmo poder o que a desestabilizou e a lançou à água.

Todos eles não podiam estar mais equivocados com Gryphon. Tinha que chegar a ele. Tinha que fazê-los entender…

Elevou-se de novo.

—Se me deixasse…

A porta abriu e Skyla apareceu sua loira cabeça dentro do quarto.

—Tudo bem se eu entrar?

Skyla. O alívio saltou pelo peito da Maelea. Sim, Skyla a ajudaria.

Callia jogou uma olhada para a porta.

—Em realidade, é um bom momento. Tenho que ir ver Gryphon. Pode ficar com a Maelea?

—É óbvio.

Callia se voltou para a Maelea.

—Você fica onde está.

Os nervos da Maelea ricochetearam no estômago enquanto Callia ia. Quando ela e Skyla estiveram sozinhas, centrou-se nos olhos verdes da Siren.

—Me diga como está.

—Viverá. Estão remendando-o. Entretanto, estou um pouco surpreendida por sua preocupação.

—Não me fez nada.

—Isso não é o que parecia quando chegamos ali. Parecia como se tentasse se afastar dele e daqueles cães do inferno que apareceram.

Maelea deixou escapar um suspiro de frustração.

—Isso não é o que aconteceu absolutamente. Eu estava olhando a água, tentado pôr em ordem minha cabeça quando aqueles cães do inferno apareceram. Gryphon estava na casa fazendo as malas para partir. Não estava perto de mim. E inclusive se tivesse estado perto, eu não teria tentado me afastar dele.

A confusão cruzou pelo rosto da Skyla enquanto se sentava na borda da cama.

—Possivelmente seja melhor que conte o que aconteceu com Gryphon está últimas semanas. Porque quando Orpheus te viu com ele nas covas sob a colônia, justo antes que o chão se derrubasse, se afastar dele era a única coisa que você ou nós queria.

Maelea passou as mãos pelo cabelo ainda úmido enquanto o pulso acelerava. Como podia explicar o que havia passado? Não podia. Tudo o que podia fazer era tentar convencer Skyla que não era o monstro que indubitavelmente o resto dos Argonautas estavam seguros em que ele se converteu.

Lutou contra a corrente de emoções. Mas não era o bastante forte para deter as lágrimas que ardiam nos olhos.

—Quer saber o que aconteceu? —Quando Skyla assentiu com a cabeça, disse — Compreendi o quanto especial é. E me apaixonei por ele. Isso foi o que aconteceu.

***

A voz estava de volta.

O que significava que Maelea não estava perto.

Gryphon apertou os dentes enquanto estava sentado sobre a cama com nada mais que um jeans molhado e uma paramédica que curava o ombro, lutando por conter o temperamento.

—Em que diabos pensava, Gryphon? —rugiu Theron. — Tem ideia da puta confusão que montou para que o resto de nós limpasse? Cães do inferno. Skata. Por não falar da fileira de *daemons* mortos que deixou atrás de sua esteira. Tem muita sorte que Titus e Orpheus fossem atrás de você. Não é que isso importe uma merda, já que o Conselho escutou rumores sobre este desastre.

Gryphon lançou uma olhada ao Orpheus perto da porta. Os braços de seu irmão estavam cruzados sobre o peito, seus olhos tão duros e frios como Gryphon jamais os tinha visto.

OH sim, seu irmão estava furioso com ele. E com razão.

Olhou para Titus, apoiado contra a parede detrás do Theron, com um palito se sobressaindo da comissura de sua boca. Por sorte, o Argonauta se curou de suas feridas. O que era a única boa noticia agora mesmo. Mesmo assim, uma explosão de remorso fluiu pelas veias de Gryphon.

—Nick está preparado para te trespassar — continuou Theron, notando-o com o olhar. — Proibiu sua entrada à colônia. — Seus olhos negros se entrecerraram. — Está escutando alguma fodida coisa do que digo?

Não, em realidade, Gryphon não estava fazendo. Tudo no que podia pensar era em Maelea.

—Onde está ela?

—A salvo de você, finalmente —disse Theron com uma calma mortal.

O coração de Gryphon encolheu e o pânico deslizou pelas veias.

—Tem que deixar que fique. Ela não pode ir à colônia. Não ficará ali e Hades a está perseguindo.

—Por que porra se importa? —perguntou Theron. — A sequestrou, maldita seja.

O pulso batia com força no peito. Sim, o fez, mas também tinha encontrado algo nela que jamais esperou encontrar em nenhum outro lugar. Algo com o que agora sabia não podia viver.

—E bem? —perguntou Theron.

Antes que Gryphon pudesse responder, a porta se abriu e Cerek apareceu a cabeça no quarto.

—Um, Theron. Sinto muito, cara. Necessito um minuto. Temos… uma situação abaixo.

—Que tipo de situação? —perguntou Theron.

—Uma situação do Conselho.

—O que me faltava — resmungou Theron. Contemplou Gryphon. — Você. Não se mova. Não terminamos.

Quando partiu, Gryphon não pôde menos que preocupar-se de que o Conselho tivesse averiguado que Maelea estava em seu reino. Eles nunca permitiriam. Não à filha do Perséfone e Zeus. O estômago contraiu.

Titus se separou da parede.

—O? Posso vê-lo no corredor um momento?

A cautela de Gryphon se disparou enquanto observava aos dois sair. Agora que diabos passava? Enquanto a paramédico seguia enfaixando o ombro, tentou escutar o que ocorria depois da porta. Não pôde ouvir nada mais que a voz que ressoava na cabeça. Estava ali, mas não era forte, o que queria dizer que Maelea se encontrava em algum lugar do castelo. Se estivesse fora das paredes do castelo, a voz seria um estridente rugido nos ouvidos.

A porta se abriu de novo, mas em vez de seus irmãos, Callia entrou no quarto.

—Eu terminarei isso — disse ao paramédico.

A mulher assentiu e abandonou a habitação sem uma palavra.

Callia jogou uma olhada ao curativo e logo pressionou os dedos ao redor do exterior das feridas no ombro, usando seu dom curativo para sentir os problemas.

—Não é tão profundo como poderia ter sido. Teve sorte.

—Como está ela? —perguntou, sabendo que Callia tinha que ter visto a Maelea. — Vai ficar bem?

—Maelea está bem — respondeu Callia enquanto lhe enfaixava o ombro. — Tem uma leve concussão por golpear cabeça. Nada mais. Skyla está com ela agora.

Skyla. Gryphon fechou os olhos, tomou ar e o deixou escapar lentamente. Só escutar dizer a alguém que Maelea estava bem aliviou a pressão do peito.

—Parece bastante preocupada com você — acrescentou Callia.

O espaço ao redor do coração se esquentou.

—Eu… preciso vê-la.

—Não acredito que essa seja uma boa vão…

A porta se abriu, mas em vez do Theron e os outros, Orpheus voltou a entrar na habitação sozinho. A ira se foi de seus olhos. Em seu lugar havia surpresa e… confusão.

—Orpheus? —perguntou Callia enquanto aplicava a última tira de esparadrapo. — Está bem?

—Sim. Estou bem. —Passou uma mão pela cara e logo cabeceou para o Gryphon. — Acabou com ele?

—Sim. Está preparado. —Guardou os fornecimentos, entregou ao Gryphon uma camiseta nova do balcão a seu lado e disse—:Ponha isto.

—Bem — disse Orpheus. — Eu, uh, preciso falar com meu irmão. —Quando Callia olhou a cada um deles com curiosidade, acrescentou—: A sós.

—É óbvio. —Callia dirigiu um débil sorriso. — Estarei fora.

Gryphon desceu da cama e colocou a camiseta pela cabeça enquanto a porta se fechava com um estalo detrás dela. Cada músculo do corpo lhe doía, mas não podia relaxar-se até que visse por si mesmo que Maelea estava bem.

Quando se colocou a camiseta, olhou para o Orpheus, quem o observava com uma receosa expressão. Ele se deixou cair na cama e se agachou para atá-las botas.

—Sei que irritado comigo. Simplesmente me jogue a bronca e acaba com isto.

—Eu… — Orpheus meteu as mãos nos bolsos dianteiros do jeans. — Quando soube? O que ela era sua alma gêmea?

Gryphon congelou. Olhou para cima. Como demônios sabia Orpheus?

O cérebro lhe deu voltas. E então compreendeu… Titus. Deve ter pensado enquanto Titus estava na habitação.

Com razão o guardião tinha tirado o Orpheus ao corredor.

Apoiou as mãos nos joelhos e se levantou.

—Não rápido o suficientemente.

A ira retornou ao rosto do Orpheus.

—Se o fe…

—Não fiz mal — espetou, odiando a explosão de ciúmes que sentiu ante a óbvia preocupação do Orpheus. Sabia que seu irmão estava perdidamente apaixonado por Skyla, mas existia uma conexão entre Maelea e Orpheus. Uma que irritava Gryphon. Ela era *sua* alma gêmea, merda!

Entretanto… realmente tinha feito um trabalho de merda em protegê-la, verdade? Quantas vezes quase a mataram por sua culpa? A cólera se dissipou, transformando-se em culpa.

—Não fiz mal — disse de novo, esta vez mais suave, mais para seu benefício que no do Orpheus. — Eu… eu…

Merda. O que podia dizer que tivesse algum tipo de lógica e sentido? Tinha-a sequestrado, a fez sua prisioneira, a arrastou por meio país e logo se apaixonou por ela. Se dizia isso, soaria mais louco do que eles já pensavam que estava. E quanto mais tempo ficasse aqui sentado tentado explicar algo que não podia, mais tempo passaria antes de comprovar por si mesmo que Maelea estava de uma só peça. Que não estava ferida. Que realmente estava bem.

—Sabia antes de deixar a colônia? —perguntou Orpheus.

A isso, podia responder.

—Não. Levava semanas querendo ir. Sair do meu quarto era fácil, mas não sabia atravessar os túneis. Estive observando-a um tempo e soube que ela o tinha descoberto. Então, a interceptei. Só planejava usá-la para escapar, mas logo o túnel se derrubou e terminamos clandestinamente, e então…

—Então o que?

Oprimiu o coração.

—Então compreendi que ela era mais do que acreditava que era.

—Skata — disse Orpheus com voz atônita. — Não é só sua alma gêmea. Está apaixonado por ela. —Quando os olhos de Gryphon se fecharam bruscamente sobre os seus, acrescentou hesitantemente—: Ela sente o mesmo por você?

Gryphon pensou em sua última noite juntos na casa da praia. E o coração esquentou quando recordou as palavras da Maelea. Palavras que estava bastante seguro que ia recordar o resto de

sua vida. *Te amo, Gryphon. Nada mais importa para mim. Nada do passado pode trocar isto. Isto... você e eu juntos agora... é tudo o que importa.*

—Sim — disse, incapaz de lutar contra a curva dos lábios. — O faz. Uma loucura, né?

Vozes ressoaram no corredor antes que Orpheus pudesse responder. Os dois olharam para a porta.

—Onde está? —soou uma voz fora por cima das demais. — Quero vê-lo.

—Merda — murmurou Orpheus.

Gryphon se esticou e se separou da cama. Conhecia aquela voz. Conhecia-a bem porque pertencia a Lorde Lucian, o líder do Conselho de Anciões. Seu tio e o de Orpheus.

—Como soube o que está passando?

—Nem ideia —murmurou Orpheus. — Mas essa é a razão pela que Titus e eu não dissemos nada ao Theron quando averiguamos onde estavam escondidos você e Maelea.

—Crê que o Conselho infiltrou um espião na colônia mestiça?

—Pode apostar seu traseiro que o penso. De outra forma não teriam conhecimento sobre sua fuga, sobre o fato que levou Maelea com você e sobre aqueles cadáveres de *daemons* que deixou atrás. E antes que me esqueça, me deixe perguntar… Em que merda estava pensando ao não destruí-los? Lucian e o resto do Conselho o utilizariam como desculpa para tentar desfazer-se dos Argonautas por completo.

Gryphon sabia que Orpheus tinha razão. O Conselho via os Argonautas como trapaceiros guerreiros que não eram necessários. Inclusive depois de tudo o que Atalanta fazia e fazia para tentar destruir Argolea, ainda não pensavam que ela era uma ameaça o suficientemente grande para justificar aos guardiões. Tinham tentado dissolver aos Argonautas desde fazia séculos. Mas no fundo, Gryphon sabia que o ódio do Conselho para os Argonautas não tinha nada que ver com supostas ameaças ou amparo. Tinha que ver com o poder. Eles viam os Argonautas como os guerreiros pessoais da monarquia. E não poderiam derrocar a rainha até que os Argonautas tivessem desaparecido.

Não importava que Orpheus e Gryphon fossem sobrinhos do Lucian. Os laços familiares não significavam nada para seu tio. Os dois aprenderam isso fazia muito. O poder era tudo o que importava.

O fato que Orpheus parecia fora de si por esse pensamento golpeou Gryphon no peito. Porque antes que Gryphon tivesse ido ao Inframundo, antes que Orpheus tivesse ocupado seu posto com os Argonautas, antes que Isadora tivesse pedido a Orpheus que ficasse, apesar de que Gryphon havia tornado Orpheus tinha desprezado aos guardiões tanto como Lucian.

Gryphon suspirou.

—Não pude. Havia cães do inferno perseguindo Maelea. Apenas nos afastamos com vida do primeiro grupo de *daemons*. Não tinha tempo de destruir os cadáveres antes que os cães do Hades estivessem sobre nós. E no motel, o segundo grupo nos surpreendeu. Havia muitos. Tive que usar meu dom para congelá-los e logo Maelea os matou porque eu estava muito fraco para me mover.

Omitiu o fato de que tinha algemado Maelea à cama, que era pelo qual não fora capaz de

protegê-la naquela luta, mas pela expressão no rosto do Orpheus, era evidente que já tinha calculado que algo mais havia passado na habitação daquele motel.

—Maelea os matou — disse Orpheus com um toque de orgulho na voz. — Bom, quem diria.

—Os senhores e eu queremos vê-lo — berrou Lucian do corredor. — Tem muito pelo que responder. O primeiro dos quais é por que trouxe para a filha do Perséfone e Zeus a nosso reino. Não vamos tolerar.

O pânico se precipitou sobre Gryphon enquanto jogava uma olhada de novo à porta fechada. Fora no corredor podia ouvir Theron discutindo com seu tio. Tinha que chegar a Maelea antes que o Conselho fizesse. Não duvidava nem por um segundo que a jogariam do reino com um chute no traseiro. E se faziam isso, ela seria um alvo perfeito para Hades.

Olhou Orpheus.

—Onde ela está?

Orpheus se separou da porta e nem sequer vacilou ao dizer:

—Segundo piso. Ala noroeste. Skyla está com ela. —Quando Gryphon se moveu para o terraço da suíte onde e o meteram, Orpheus acrescentou. — E seu ombro?

Gryphon já estava planejando em como ia subir ao balcão do andar superior e logo dirigir-se às escadas ao final do nível onde estava Maelea.

—Está bem.

Estava no balcão antes de Orpheus agarrá-lo por braço bom, detendo-o.

—Gryphon, espera. Toma isto.

Agarrou o pequeno e claro dispositivo eletrônico.

—O que é? Um telefone?

—Uma espécie de elaborado artefato tecnológico que ao Titus ocorreu. Funciona como um telefone satélite humano, mas muito mais bacana. Integra suas ondas cerebrais ou algo assim. Não sei como funciona, mas tudo o que tem que fazer é ter o aparelho conectado em seu bolso e pensar em contatar comigo, e isso envia um sinal. O problema é que só funciona aqui, não no reino humano. Titus não o aperfeiçoou ainda. Mas ao menos será capaz de pô-lo em contato comigo.

Gryphon baixou o olhar ao dispositivo na mão.

—Titus…

Merda. Tinha que desculpar-se com o guardião. Tentar compensá-lo pelo que fizera.

—Callia não pôde mantê-lo na cama — disse Orpheus. — Estava tão decidido a te encontrar como eu.

—Sim, para me chutar o traseiro, seguro. Eu vi isso vindo.

—Não — replicou Orpheus—, para assegurar-se que Nick e seus homens não o faziam. Ele não te culpa, Gryph. Entende. Se alguém sabe o que acontecia na sua cabeça, é ele.

Aquele pensamento não tranquilizou exatamente a Gryphon. Mas ajudou. Ao menos, ao partir, sabia que Titus não o odiava.

—Se meter-se em problemas —acrescentou Orpheus—, procura as bruxas. Diga que é meu irmão. Delia e seu grupo farão o que possam para ajudá-lo.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Delia era a líder do enclave de bruxas que viviam nas Montanhas Aegis. Suas bruxas foram fundamentais para ajudar aos Argonautas a resgatar Isadora do castelo do bruxo Apophis. E a mãe do Orpheus formara parte de seu sabá.

Gryphon não sabia que dizer. Sua relação com Orpheus não tinha sido de amor fraternal e admiração. Durante anos, Gryphon tentou abrir caminho através da casca externa de seu irmão, mas Orpheus sempre fazia o que queria, quando queria. E logo, depois de que Gryphon tivesse retornado do Inframundo, era Orpheus quem tentava atravessar a de Gryphon. Tantos anos perdidos e esbanjados por causa da animosidade, ciúmes e a falta de entendimento. E agora, depois de todas as coisas pelas quais ambos passaram, mentiras, enganos e segredos por ambas as partes finalmente tinham encontrado um ponto em comum. Tudo devido ao Inframundo.

Mas quando examinou os olhos cinza de seu irmão, já não viu a cólera ou inclusive a compaixão que via desde que retornou dos infernos. Viu respeito. Um respeito que não se deu conta que tinha desaparecido.

—Tira-a do Tiyrns — disse Orpheus brandamente. — Leve-a às montanhas se for necessário. O Conselho a buscará. E a você.

—Sei.

—Estão mais seguros aqui que no reino humano.

Ele também sabia. E também sabia que o que estava fazendo Orpheus agora mesmo, não o fazia como Argonauta, mas sim como seu irmão. E que isto significaria o fim dos dias de Gryphon com os Argonautas.

—O que dirá ao Theron e os outros?

Um lado da boca do Orpheus se curvou para cima.

—Que finalmente recuperei o bom senso.

—Vão cair um montão de fodidos problemas. Não só dos Argonautas, mas também do Conselho também.

O sorrisinho afetado do Orpheus se converteu em um sorriso em toda regra.

—Fui pelo bom caminho durante vários meses. É hora de que faça algo para sacudir as coisas. Além disso, Lucian ainda está considerando retirar-se, o que significa que ainda estou na linha de sucessão para seu posto no Conselho.

—É um Argonauta agora. Nunca o deixarão se sentar no Conselho.

Os olhos do Orpheus brilharam com desafio.

—Razão de mais para insistir nisso.

Gryphon não pôs em dúvida. Quando Orpheus colocava algo na cabeça, geralmente encontrava a forma de fazê-lo acontecer. Cerrou a mão no antebraço de seu irmão, unindo-os.

—Devo isso. Por… muito mais do que nunca poderei pagar.

—Só cuida dela. É todo o pagamento que peço. Ela é especial, Gryph.

—Sei. —As emoções fecharam a garganta. — E o farei. Prometo isso.

Capítulo 20

—Wow —disse Skyla, afastando o cabelo loiro da cara. — Não vi isso chegando.

Maelea retorceu as mãos no colo. Parte dela se sentia aliviada por contar a alguém o que passou entre ela e Gryphon. A outra parte estava morta de medo, agora que soltara.

—Sei. Eu tampouco o vi. Nenhum dos dois planejou.

—Ninguém faz — disse Skyla com um sorriso nos lábios.

—O que vai passar? —perguntou Maelea.

—Não sei — respondeu Skyla. — Sou nova em todo este assunto da Irmandade Argonauta. Mas não só tem que responder ante os Argonautas. O Conselho de Anciões, os Senhores que aconselham à rainha, inteiraram-se do ocorrido na colônia. E de algum modo se inteiraram da fileira de cadáveres *daemons* que deixou de Montana à Columbia Britânica.

—Isso não foi culpa dele — Maelea interrompeu. — Eu mesma sou responsável por algumas daquelas mortes.

A admiração brilhou nos olhos da Skyla.

—Foi você, né? Bom pra você. Sempre soube que havia algo em seu interior. Mas não importa — franziu o cenho—, o Conselho sempre procura qualquer desculpa para escavar aos Argonautas. Tenho a sensação que isto poderia converter-se em um pesadelo político.

—Poderia falar com eles. Contar o que passou realmente.

—Uh, não. —A cara da Skyla mostrou preocupação. — Se eles captarem alguma espionagem de você, as coisas irão de mal em pior. Recorda a reação do Nick quando nos apresentamos com você?

As náuseas revoaram no estômago da Maelea quando recordou. Sim, Nick não estava contente de vê-la.

—O Conselho enlouquecerá se acreditar que Gryphon fez algo para atrair a atenção do Hades para o reino Argolean — acrescentou Skyla.

Maelea não tinha pensado nisso. Não queria fazer nada que piorasse a situação de Gryphon.

—Tenho que vê-lo —sussurrou, quase com medo de dizer as palavras em voz alta.

—Não sei se será possível — respondeu Skyla. — Ao menos agora mesmo. Está com o Theron e outros. E Orpheus. Orpheus está mais que um pouco irritado com ele.

—Devido a mim.

—Preocupa-se com você.

Maelea sabia. Também sabia que Orpheus lutava contra sua própria culpa, em relação a ela. Sentia-se responsável por levá-la à colônia mestiça. Por expô-la ao Hades. Por pô-la no caminho de Gryphon. Mas ele já não tinha que sentir-se causar pena. De fato, se pudesse agradecer agora mesmo, o faria.

—Não tem motivos para estar zangado com Gryphon.

A cara da Skyla se suavizou.

—Tentarei falar com ele. Verei se posso tranquilizá-lo.

Se alguém podia, essa era Skyla. Ela tinha boa mão com Orpheus. Ela…

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

As portas francesas que conduziam ao balcão se abriram de repente e o coração de Maelea subiu à garganta quando Gryphon entrou no quarto.

—OH, deuses!

Não recordava ter saltado da cama. Não recordava cruzar o quarto. Mas o que sempre recordaria era a forma como seus braços a rodearam com força quando o alcançou. A forma como seus olhos se iluminaram. A forma como sussurrou "Sotiria" e baixou a boca à sua com uma ferocidade que roubou o fôlego.

Envolveu os braços ao redor de seu pescoço e devolveu o beijo com tudo o que tinha para dar. Nem sequer se importou que Skyla estivesse olhando.

A preocupação enchia seus claros olhos azuis quando finalmente ele se tornou para trás.

—Está bem? Vi-a cair. Estava tão preocupado. —Seu olhar se desviou para a frente. — Skata, sua cabeça.

Seus dedos roçaram a atadura perto da linha do cabelo.

—Estou bem. Não é nada. Nem sequer precisei pontos.

—Graças às Destinos — sussurrou ele, abraçando-a com força de novo e enterrando a cara no cabelo. — Assustou-me, sotiria.

Ela fechou os olhos e o rodeou com os braços de novo, simplesmente desfrutando de sua presença. Também esteve muito assustada. Quando viu aqueles cães do inferno, pensou que chegara o final de tudo. Justo quando por fim tinha encontrado uma razão para viver. Quando por fim tinha dado uma razão para abandonar seu sonho do Olimpo.

Seu corpo ficou rígido contra ela e ela se tornou para trás, observando seus olhos entrecerrarem e enfocar-se por cima do ombro.

Deu a volta para olhar detrás. Skyla se levantou da cama com uma expressão satisfeita no rosto.

Gryphon tentou empurrá-la atrás dele, mas Maelea não estava disposta a fazer nada disso.

—Está bem, Gryphon. Skyla sabe.

Seu olhar se fixou nela com surpresa.

—Disse?

—Disse tudo.

Seus olhos aumentaram.

—Tudo?

Os lábios da Maelea se curvaram porque sabia que estava pensando no navio. E na escada da casa na praia. E na praia. E na mesa da cozinha. E no sofá…

—Bom, tudo não.

O calor flamejou em seus olhos. Inclinou-se para baixo e a beijou.

—Não me tente. Ainda não. — Antes que ela pudesse responder, voltou a olhar Skyla. — Levo isso comigo.

—Imaginei que o faria — disse Skyla.

—Não tente me deter.

—Nem sonharia com isso. Como escapou dos Argonautas?

—Orpheus.

A surpresa cintilou em seus olhos verdes, seguida da aprovação.

—Bom, vá.

—O Conselho já anda me buscando. Estarão aqui logo.

—O Conselho? —O olhar da Skyla se deslocou a Maelea. — Merda. Então têm que sair daqui já. —moveu-se para a porta, abriu-a e jogou uma olhada fora. — A costa está limpa.

Maelea agarrou da cama a jaqueta de ponto que alguém havia lhe trazido e a jogou por cima.

—Aonde vamos?

—Tão longe do Tiyrns como podemos — disse Gryphon, dando uma cotovelada em direção à porta.

—Gryphon, espera — Skyla o deteve na porta. — Não retornem ao reino humano. Ela está mais a salvo aqui. Inclusive com o Conselho.

—Não se preocupe. Não conseguirão pôr as mãos em cima.

Um sorriso estendeu pela rosto de Skyla.

—É bom vê-lo tão… humano.

Um lento sorriso curvou os lábios de Gryphon.

—É bom não necessitar seu canto, Siren.

Skyla soltou uma risadinha enquanto abria do todo a porta e logo ficou séria.

—Parte. Antes que seja muito tarde. E boa sorte. Aos dois.

Gryphon olhou a direita e esquerda e saiu, arrastando Maelea pelo amplo corredor com ele.

—O que era isso? —sussurrou Maelea enquanto se dirigiam a uma escada de serviço traseira.

—O que?

—O comentário sobre “o canto”?

—Skyla tem uma forma de domar… coisas… com sua voz. É como ela e Orpheus conseguiram me tirar do Inframundo quando estava me voltando louco.

O coração da Maelea se sacudiu enquanto se dirigissem à porta de aço. Graças às Destinos por Skyla, também.

Gryphon marcou uns números no teclado numérico e a porta se abriu com um vaio. Uma pequena e fracamente iluminada escada circular descendia até o que parecia as vísceras do reino. Entraram e a porta se fechou detrás deles. Parecia que desceriam por sempre quando alcançaram o último degrau e Gryphon a arrastou para uma porta de madeira, iluminada só por uma tênue luz amarela no teto.

—Onde estamos? —perguntou ela.

—Na abóbada subterrânea. Onde armazenamos o resto das armas.

Teclou outro código em um novo painel de acesso. O portão se abriu de repente. Dentro se achava prateleira detrás prateleira de armas… facas, espadas, estrela de arremesso e artefatos com dentes serrados que ela não sabia definir.

Ele agarrou um montão de armas. Agarrou uma capa com espada, a qual passou por cima de

sua cabeça e a cruzou depois das costas. Deslizou as demais em uns bolsos que não sabia que tinha. Deu uma adaga.

O estômago revolveu ante o pensamento de precisar usar as armas. Obviamente, ele esperava que alguém fora atrás deles. Os Argonautas? O chamado Conselho? Realmente tratariam de matá-los? Pela primeira vez Maelea compreendeu tudo o que ele deixava atrás por estar com ela.

—Gryphon…

Agarrou sua mão e atirou dela fora da habitação.

—Vamos, não temos muito tempo.

O portão se fechou e se bloqueou atrás deles. Conduziu-a por um túnel comprido e estreito através de um labirinto de giros e voltas que a fizeram sentir-se agradecida de que ele estivesse com ela. E então por fim chegaram a um terceiro painel de acesso. Teclou mais números. A porta se abriu com um vaio e nada mais que escuridão os saudou.

A agitação percorreu a coluna quando observou fixamente o negro abismo.

—Gryphon, possivelmente deveríamos repensar isto.

—Repensar o que? Este túnel conduz às montanhas.

Ela girou para confrontá-lo.

—Repensar o sair. Não quero que se meta em problemas.

—Não o faço.

—Faz. Afasta-se de sua família, de sua Ordem. De sua vida. Não quero ser responsável por isso. Eu…

—Sotiria. —Suas mãos emolduraram o rosto e a obrigou a elevar a vista. O calor se precipitou pela coluna vertebral quando viu o suave e necessitado olhar em seus olhos. — Não sabe que deixaria tudo por você?

—OH, Gryphon. —As lágrimas alagaram os olhos e o amor se envolveu ao redor do coração, espremendo-o com força, fazendo quase impossível que as palavras escapassem. — Eu também — foi tudo o que pôde dizer em um rouco sussurro.

Derreteu-se quando ele inclinou e a beijou. Quando seu corpo roçou o seu. Quando sua língua deslizou na boca e seu coração pulsou tão perto do dele que podia senti-lo dentro do peito.

Mordiscou o lábio inferior.

—A Manterei a salvo, sotiria. Confia em mim.

Maelea não tinha nem ideia de aonde se dirigiam ou que passaria quando chegassem ali, mas confiava nele mais do que nunca confiou em alguém antes. Agarrou com os dedos o tecido jeans em seus quadris.

—Eu confio.

O indício de um sorriso se estendeu por seu rosto enquanto a soltava, enquanto sua mão se fechava sobre a sua e atirava dela para a escuridão do túnel.

—Bem. Não a decepcionarei.

A porta se fechou atrás deles com um estalo. A seu lado, Gryphon acendeu uma lanterna.

—Em uns minutos estaremos fora de perigo.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

Fora de perigo. Maelea apertou sua mão e esperou que tivesse razão. Mas algo no fundo da cabeça a advertia que não existia tal coisa como um "fora de perigo" para ela.

***

Gryphon se foi.

A voz correu rapidamente pelo castelo. O Guarda Executivo e os Argonautas já estavam buscando-o. O Conselho estava alvoroçado. Era como uma repetição do ocorrido na colônia mestiça, exceto esta vez Max estava agradecido pela distração. Seus pais estavam muito ocupados em outras coisas para prestar atenção ao que ele fazia.

Estava de pé fora da câmara da rainha e respirou lentamente para acalmar os nervos. E teve uma lembrança retrospectiva de estar de pé fora da câmara da Atalanta, fazendo quase o mesmo.

A diferença agora, é que sabia exatamente o que vinha depois. Graças a Lachesis.

Algo no profundo da mente disse que Lachesis nunca o animaria a conseguir o Círculo, mas ele ignorou. Porque conhecia seu poder e sabia que com isso poderia fazer o que tinha que ser feito. Finalmente poderia demonstrar a todos que era tão forte como os Argonautas.

Girou o pomo e se sentiu aliviado ao encontrar a porta aberta. Deu um passo dentro e a fechou brandamente depois das costas. A suíte pessoal da rainha consistia em vários quartos de altos tetos e janelas arqueadas com vistas às Montanhas Aegis. Mas ele não tinha vindo pelas vistas. Fechou os olhos e se concentrou na energia que formava redemoinhos na habitação, tentando localizá-lo.

Lá.

O poder se filtrou pelas veias. Agora que sabia como usar conscientemente o dom de transferência, podia sentir o poder irradiando pela pele. Podia sentir cada parte de força instalando-se nas extremidades.

Abriu os olhos e cruzou para a parede cheia de estantes no outro extremo. A energia era mais forte aqui. Explorou os tomos de couro e os adornos das prateleiras e fez uma pausa quando cravou os olhos em uma caixa de madeira marcada com nada mais que o alado símbolo ômega.

Levantou-a da estante e a pôs sobre a mesa da esquerda. Virou a trava da parte dianteira.

Mas a tampa não se moveu. Estava protegida por algum tipo de magia.

A frustração o alagou. Levaria a caixa, mas pressentiu que qualquer feitiço que mantivera a tampa fechada provavelmente também mantinha a caixa limitada a este quarto. E agora que podia sentir o feitiço, também podia sentir o outro, perto da entrada, evitando que qualquer tipo de magia entrasse na habitação. O companheiro da rainha era em parte bruxo. Obviamente, tinha estabelecido um montão de feitiços em um intento de manter a caixa fortemente segura.

Maldito Demetrius. Max apertou os dentes. Analisou todas as opções na cabeça. Nada funcionaria. Nada…

A porta da hall se abriu. O pulso de Max disparou. Deixou ir à caixa e mergulhou sob a cama. Se o apanhavam aqui, seu pai o esfolaria vivo.

O pulso rugia nos ouvidos enquanto olhava por debaixo da colcha. Pesadas botas

atravessaram o chão. Então se detiveram perto da mesa.

—Skata. O que é isto?

Demetrius. OH, Merda. Demetrius.

Cada músculo do corpo de Max congelou.

Definitivamente não queria ser pego por Demetrius. Não só era o maior dos Argonautas, era o filho da Atalanta.

Max conteve o fôlego enquanto as botas do Demetrius giravam em um círculo completo. Sabia que o Argonauta explorava o quarto, procurando algo fora do lugar. Se olhava debaixo da cama…

Os poderes mágicos do Demetrius o golpearam no meio do peito, com tanta força que extraiu um ofego dos lábios. Max apertou a mão sobre a boca, contendo o fôlego. Mas o poder se filtrou nas veias. O poder e um feitiço que jamais conheceu antes. Tudo inconscientemente empurrou para diante.

As botas do Demetrius repicaram pelo chão. Pararam frente à estante e depois se retiraram até a porta. Max ficou quieto como uma pedra até que a porta se fechou e o silêncio reinou no quarto. Só quando contou até vinte e esteve seguro que estava sozinho saiu lentamente de debaixo da cama.

Dirigiu-se rapidamente para a estante. Baixou a caixa de novo e usou os poderes e a bruxaria que extraiu do Demetrius para abrir o seguro. Dentro se achava nada mais que um bracelete de ouro. A decepção o alagou, mas a levantou da caixa de todos os modos. Então se deu conta que não era um bracelete absolutamente. Só estava enfeitiçado para que parecesse uma.

Um amplo sorriso estendeu pelo rosto. E a vingança uma vingança que planejava desde que escapou das garras da Atalanta se formou na mente uma vez mais.

Capítulo 21

O coração de Gryphon esmurrava as costelas enquanto conduzia Maelea pelo túnel escuro. As coisas foram mais brandas do que esperou. Mais fáceis do que deveriam. Dentro de uns minutos estariam nas montanhas, além das paredes do Tiyrns. Tratou de ignorar o comichão na garganta, aquele que o advertia que algo ia sair indevidamente mal… mas não pôde.

Agarrou a mão da Maelea mais forte. Tentado acalmar os nervos que irradiavam de sua pele. Quando alcançaram o lado oposto do longo túnel, enfocou com a lanterna sobre o painel de acesso e marcou o mesmo código que usou antes.

A porta de aço abriu com um assobio. A luz do sol queimou os olhos quando saíram da escuridão à luz. As estações eram iguais na Argolea que no reino humano, era fim da primavera nas montanhas Aegis, de maneira que as árvores florescentes se elevavam a seu redor balançando-se com uma ligeira brisa, as folhas rangiam com o movimento.

Fechou a porta detrás a Maelea. Enquanto ela piscava várias vezes, olhou-a pela primeira vez

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

à luz do dia. Alguém emprestara roupa limpa. Estava vestida com jeans curto, uma camiseta branca justa, e uma jaqueta de tricô. Mas a atadura sobre sua testa destacava contra seu cabelo escuro, e a tensão pelas atividades vividas no dia se mostrava claramente na fadiga de seus olhos.

—Ouça, veem aqui. —Envolveu o braço ao redor de sua cintura, atraindo-a. Adorando o percurso das mãos dela contra os bíceps e sua cabeça inclinada para cima. Quando a beijou, a preocupação pelo que estava por vir, foi dissipando no ar das altas montanhas. — Tudo vai sair bem — disse, tratando de tranquilizá-la.

—Faz muito por mim.

—Faria mais se pudesse. Amo você.

Os olhos dela obscureceram quando o acariciou brandamente com as gemas de seus dedos a bochecha.

—Eu também te amo, Gryphon. Tanto, que não posso expressá-lo. Isto… é repentino e uma loucura, mas… pela primeira vez em minha vida, sinto que tudo é correto. Com você me sinto… como em casa.

Elevou-se ficando nas pontas dos pés e o beijou outra vez. Envolveu os ombros com seus braços e o abraçou fortemente. E em seu beijo ele provou o alívio, o desespero e o desejo. As mesmas coisas que ele sentira todo o maldito dia.

—Que casal tão atraente fazem.

Gryphon se retirou da boca da Maelea. Só para vacilar quando se viu cara a cara com o Perséfone.

—OH, deuses — resmungou Maelea a seu lado.

OH, deuses era correto. Não só era a esposa do deus Hades, também era a mãe da Maelea. Que demônios fazia ela na Argolea?

Gryphon empurrou a Maelea detrás dele. Jogou mão da espada, mas logo que a tirou da vagem, alguma classe do poder a agarrou e puxou. A arma voou pelos ares aterrissando nas árvores à direita.

Perséfone baixou seu braço e sorriu abertamente.

—Não necessita isso.

—O que está…? —começou a perguntar Gryphon.

—Fazendo aqui? —concluiu Perséfone por ele, andando com passo majestoso através do chão florestal e embainhada em um vestido comprido e negro, com o cabelo negro azeviche muito parecido ao da Maelea caindo pelas costas, como um sedoso rio de ônix. Ela passou o olhar além de Gryphon para a Maelea. — Deveria dizer querida, ou prefere fazê-lo você?

—Ah, deuses — sussurrou Maelea outra vez, ficando tensa contra as costas.

A inquietação fez que Gryphon olhasse sobre o ombro.

—Me dizer o que? O que está acontecendo aqui?

A culpa precipitou sobre o rosto da Maelea.

—O que está acontecendo aqui — respondeu Perséfone, chamando a atenção de novo—, é que vim pelo Círculo. O agarrei agora, querida filha.

—O que? —Girou enfocando seus olhos na Maelea.

—Eu… não o tenho — sussurrou Maelea, passando o olhar por diante dele e fixando-a em sua mãe.

Franziu as sobrancelhas.

—Por que ela acredita que o deveria ter?

—Porque… —Seus olhos se lançavam de um lado ao outro como um animal esquecido, procurando uma via de escapamento. E no silêncio que continuou, de novo essa sensação na garganta de Gryphon cresceu até chegar a uma vibração urgente que ressonou até chegar à pele.

—Porque — disse Perséfone quando Maelea não foi capaz de continuar—, fizemos um trato. Ela conseguia que um Argonauta confiasse nela, convencia-o de que a levasse a Argolea, e agarrava o Círculo para mim, então eu a levaria a Olimpo. Deu o elixir, não, filha? Por isso está tão loucamente apaixonado por você, verdade? Mas onde está? Estou cansada de tanta espera.

O olhar fixo da Maelea se disparou para ele. E o medo fez erupção em seus olhos. Um medo que o fez saber que Maelea sabia perfeitamente do que estava falando Perséfone. O qual queria dizer que ela se tinha feito esse trato.

Faria algo por chegar ao Olimpo.

Suas palavras ditas na casa de praia ressoaram na mente. Roubando o fôlego. Palavras que ela disse com total convicção. As palavras que ele pensava que não significavam nada depois da semana que passaram juntos. Mas agora sabia que tudo tinha sido só um pacto. Ela disse e fez algo, precisava ficar com ele para chegar até aqui. A Argolea. Ao castelo. Ao Círculo.

Santo Hades. De repente recordou o muito aturdido que estava depois de ter usado o dom no motel. Andava bastante mais aturdido do que deveria estar. No navio recordava o sentimento de sentir-se drogado. Estar mais quente que o inferno. E agora sabia por que. Drogou-o com alguma fodida poção que sua mãe deu.

A fúria estalou por dentro. Obviamente, merda ao cego e manifestar um amor eterno não era grande coisa para ela. Depois de tudo, ela tentou matar Orpheus para chegar ao Olimpo fazia uns meses. E o roubou… bom, isso era muito mais fácil que ir detrás Zagreus, o filho do Hades, como disse. Todo este tempo, dizia que ela era diferente a qualquer outra mulher que conheceu. E agora sabia por que. Era a filha da Rainha do Inframundo. A maior conspiradora, traidora, e a deusa mais licenciosa que alguma vez caminhou sobre planeta. E obviamente, Maelea era como sua mãe.

O coração se rompeu. Deixando um buraco negro, aberto, tão profundo como a escuridão que residia na alma, toda graças ao Krónos e Atalanta.

Skata. Podia-se ser mais fodidamente crédulo? Tinha-a deixado em paz e sem vigilância no castelo. Outros provavelmente também. Podia ter encontrado o Círculo tão rapidamente? Conhecendo a ela e a seu desespero por chegar ao Olimpo, sim, provavelmente já o tinha.

—Onde está? —perguntou em voz baixa, aguentando a escuridão que borbulha nas profundidades da alma.

—Gryphon. —aproximou-se dele. — Não o peguei. Juro. Não fiz o trato. Não o usaria dessa maneira. Ela me ofereceu isso, mas não estive de acordo. Só usei a poção porque necessitava que cooperasse para escapar daqueles *daemons*. Você não me escutava e necessitava ajuda. Não fiz…

O que está fazendo?

Posou as mãos sobre seus ombros. Mais duramente do necessário, mas simplesmente não era capaz de ser amável quando a apalpou percorrendo-a até os pés, fazendo caso omisso das curvas em sua cintura, a suavidade de seus peitos, lutando – inclusive agora com o desejo que se elevava enquanto a tocava.

Merda, era um fodido idiota!

Não encontrou o Círculo. O qual só inflamou a cólera. Enquanto se incorporava, Perséfone riu entre dentes desde atrás.

—Onde o escondeu, filha? Diga-me isso e continuaremos com nosso caminho.

—Vai ao diabo! —gritou Maelea a sua mãe. — Não o roubei! —Olhou Gryphon, a angústia e o pânico invadiam seus olhos. — Acredita agora?

Ele queria. Necessitava que estivesse dizendo a verdade. Rezava por não resultar ser o idiota que de repente se sentia.

Um assobio ecoou nos arredores. Gryphon olhou a esquerda e direita, depois se precaveu que provinha dele. Tirou do bolso o aparelho de alta tecnologia que Orpheus deu e pressionou um botão. A voz do Orpheus retumbou através do claro.

—Gryphon, merda, onde está?

Um grande caos se escutava ao final da linha do Orpheus. Vozes, passos e o bip de várias máquinas.

—Por que? O que está passando?

—O que está passando? Direi o que acontece. O Círculo desapareceu. Eles acreditam que você o roubou, merda, por favor, me diga que não agarrou a maldita coisa. Porque se o fez…

Gryphon não ouviu o resto das palavras de seu irmão. A raiva, cólera e escuridão fizeram erupção enquanto contemplava Maelea atormentada pelos remorsos de sua consciência e com cara de pânico.

Tinha sido tão ingênuo por acreditar que existia esse *felizes para sempre para ele*. Ela era sua alma gêmea, depois de tudo. E como todos os Argonautas, que foi amaldiçoado por Fira devido a seu ódio pelo Hércules, o primeiro guardião. Destinado a sentir-se sempre atraído por uma mulher que atormentaria sua existência. Isso justamente era uma grande bandeira vermelha a que deveria ter emprestado atenção.

—Gryphon — sussurrou. — Só me escute. Por favor. Eu…

—Maelea o tem — disse a Orpheus. E sua cara empalideceu, mas não se importou. De repente não se importava nada mais que a vingança.

—O que? —disse Orpheus com voz sobressaltada.

—Ela o roubou. Planejava dar a Perséfone em troca da entrada ao Olimpo. Acabo de averiguar. Estamos de pé fora do túnel que parte da cripta. Venham para aqui.

Perséfone amaldiçoou desde atrás.

Ele apertou o botão de finalizar a chamada antes que Orpheus pudesse perguntar algo mais. E em silêncio, as lágrimas encheram os olhos da Maelea enquanto o olhava. Lágrimas que só o enfureceram mais.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

—Confiei em você —disse mais tranquilo do que esperava, embora por dentro a vingança o atravessava como uma quente e afiada punhalada. — Deveria saber que pôr minha fé em uma mulher cuja alma é tão negra como a minha, não era nada bom.

—Gryphon…

—Graças a sua mãe, dei-me conta de como é em realidade, antes que seja muito tarde. Não posso acreditar que quase me mataram ao protegê-la dos cães do inferno do Hades.

Por trás, Perséfone bufou. E sentiu, mais que viu, que a deusa se desvanecia em seu próprio ataque de raiva.

Ao lado dele, Orpheus se materializou.

—Gryphon, que demônios…

As lágrimas corriam pelas bochechas da Maelea enquanto dava um passo para diante.

—Só me deixe explicar isso.

Gryphon se sacudiu de seu alcance e deu um passo afastando-se, apartando-se dela.

—Não, já perdi muito tempo com você tal e como estão as coisas. Está bem, como mulher. Tenho que reconhecer que muito. Mas como disse antes, não é irresistível. Agradece a sua mãe que me recordou o que realmente importa nesta vida.

Orpheus o chamou, mas ele já estava cintilando, voando sobre a terra e a água, e reaparecendo no Pórtico, onde se encontrava o portal que conduzia ao reino humano.

Os dois Guardas Executivos do turno cambalearam sobre seus pés, mas a escuridão interior quase o consumia, e Gryphon se movia mais rápido que ambos juntos, desarmando-os e deixando-os em um enredo de membros no chão antes que qualquer deles pudesse tirar uma arma.

—Ficar fodidamente de barriga para baixo — resmungou enquanto dava um chute a suas armas para afastá-las. — Se souberem o que convém, não me seguirão.

Avançou para o portal, vacilou na borda, mas fechou os olhos para prestar atenção à voz.

Agora que estava longe da Maelea, podia ouvi-la. Podia sentir o puxão no centro do peito, o chamando de novo. Tudo o que tinha que fazer era segui-la. Deixar que dirigisse, abandonar todas aquelas tolas fantasias que teve nos últimos dias e voltar a centrar-se no que era importante.

A liberação.

Não dos Argonautas, nem do Conselho, nem da colônia mestiça, mas sim da Atalanta. Liberar-se da voz e a escuridão. Da ameaça do Inframundo que permanecia sobre ele como uma nuvem negra. Uma ameaça em que deveria ter pensado desde o começo.

***

—Não o roubei — disse Maelea com voz frenética a Orpheus. Uma voz que não podia controlar.

—Que demônios passa aqui? —perguntou Orpheus.

Ao lado dele, três Argonautas mais apareceram Theron, Demetrius, e Zander, todos eles levavam as mesmas expressões enfurecidas. Mas Maelea não se intimidou como normalmente faria ao enfrentar- a quatro gigantescos guerreiros. Manteve-se firme e enfrentou Orpheus.

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

—Perséfone apareceu ante mim naquele motel enquanto Gryphon estava fora, e me ofereceu um trato. Queria que eu conseguisse o Círculo. Que convencesse Gryphon para me trazer aqui para assim poder roubá-lo. Mas não o fiz. Não estive de acordo com nada disso, juro. Não planejei vir até aqui. Você, Titus e Skyla nos trouxeram. Não estive sozinha. Callia ou Skyla estiveram comigo todo o tempo. Orpheus, não minto. Não mentia a Gryphon, mas ele…

Ah, deuses. O coração se contraiu com tanta força, que a dor roubou o fôlego. Cobriu a boca com a mão para conter um soluço. Ele acreditava que o enganara. Que o usara. E por que não ia acreditar? Não havia mais que olhar a seus pais. A traição e o roubo governavam a todos os deuses. A genética não estava de seu lado. E depois estava sua própria obsessão de ser admitida no Olimpo. E o abuso que ele sofreu nas mãos de outro deus, Atalanta.

O estômago retorceu. As lágrimas ardiam nos olhos. Maldita seja, nunca deveria ter usado aquele elixir que sua mãe deu. Não tinha tratado de seduzi-lo como Perséfone disse. Simplesmente tentou que ele cooperasse e assim poder salvar suas vidas.

Orpheus agarrou os braços.

—Se centre, Maelea. Aonde foi Gryphon? Disse algo sobre agradecer ao Perséfone que o lembrou que era realmente importante.

Ela piscou atrás das lágrimas. Tinha que fazer isto bem. Tinha que encontrar o caminho.

—Ele… ele estava planejando procurar Atalanta desde o começo. É por isso que deixou a colônia. Dispunha-se a me deixar na casa da praia e fazer isso precisamente quando você, Skyla e Titus nos encontraram. É a voz dela, a que ouve em sua cabeça. Quando ele esteve no Inframundo, Krónos os ligou. O esteve chamando. Ele pensa que o único modo de livrar-se dela é matá-la.

—Skata — disse Theron quem se encontrava ao lado do Orpheus. — Disse onde está ela?

—Não — Maelea negou com a cabeça. — Nunca disse, e não acredito que saiba. Mas pode encontrá-la, só escutando sua voz. Pode ceder ante a atração. Krónos deu seis meses para encontrar o Círculo ou ele será arrastado de volta ao Inframundo, e acaba o tempo.

—Skata — repetiu Theron, jogando uma olhada para Zander. — O fodido Círculo. Nunca o encontraremos.

—Dei a ele o transmissor que Titus idealizou—disse Orpheus, soltando a Maelea e pegando-o de seu bolso.

—Isso só funcionará se ele ainda está na Argolea — adicionou Theron.

—Ele tem o Círculo? —perguntou Zander enquanto Orpheus tratava de ficar em contato com o Gryphon.

—Não acredito — respondeu Maelea. — Não o senti. Mas só posso sentir o Círculo se está sendo usado, e isso… ah, meus deuses.

Agarrou-se ao braço do Orpheus, antes de cair.

Ele estendeu a mão para estabilizá-la.

—Maelea? O que está mau?

A energia fluiu por ela. Uma energia com um poder como nenhum outro. Um poder que estava sendo definitivamente usado.

—O Círculo — disse com voz tremente. — Alguém o usou para abrir um portal ao reino humano.

—Gryphon? —perguntou Orpheus.

Ela tragou com força. Negou com a cabeça. Girou-se para Zander, porque a cara que estava vendo na mente era a que tinha visto na colônia mestiça.

—Não — sussurrou. — Seu filho.

***

Max não estava seguro de onde abrir o portal, finalmente escolheu os bosques que rodeavam a velha colônia mestiça no Oregon. Sabia que as patrulhas ainda percorriam aquela área, procurando mestiços que se moviam para uma nova posição. Esperava não topar-se com eles hoje.

Um rangido entre as árvores à costas chamou a atenção e se girou nessa direção, só para congelar quando um deus saiu da escuridão, dirigindo-se diretamente para ele, com um sorriso satisfeito atravessando seu ameaçador rosto.

Max retrocedeu um passo. Não sabia que deus era, mas sentia seu poder. E um montão de escuridão, escuridão como a da Atalanta.

—Resultou ser todo um Argonauta, moço. E totalmente previsível. Agora agarrarei o Círculo e ambos poderemos seguir nosso caminho.

A mente de Max deu voltas. E então viu a marca do Inframundo que aparecia sob o pescoço da camisa do deus.

Hades.

Max tragou com força. E o medo irrompeu no peito. Que fazia Hades aqui? Como sabia que Max tinha o Círculo? Como fez ele…?

Lachesis.

OH, Merda.

Não se questionou nem uma vez que a Destino nos bosques do Tiyrns não fosse ela. Estava muito aborrecido. Mas recordando agora, deu-se conta que seus olhos eram diferentes aos da última vez que falaram com a Destino. Os olhos, compreendeu agora, eram fragmentos negros de carvão sem vida como os que havia no rosto do Hades.

O Círculo se tornou quente, queimando a carne onde estava apoiado e sujeito com uma corrente ao redor do pescoço sob a camiseta. Infundido de poder. Não era ainda competidor para o deus, mas já escapou da Atalanta com antecedência só com o Círculo. Talvez, se jogava bem suas cartas…

—Você, filho de puta — vaiou uma voz feminina. — Não deve ir atrás de minha filha.

A cabeça do Hades girou para um lado. Em direção à mulher morena vestida de negro, que também apareceu da escuridão das árvores, ódio e vingança se refletiam em sua pálida e perfeita cara.

—Meu amor…

—Não me chame "meu amor" — resmungou . — Não deve tocar a minha filha. Enviou aos cães do inferno atrás dela outra vez, bastardo.

Perséfone. *Dupla Merda*. Max olhou de um a outro, abrindo mais e mais os olhos enquanto recuava outro passo.

—Não foi machucada — disse Hades, tratando de apaziguar a cólera da deusa pondo os olhos em branco. — Não há nenhuma razão para que esteja tão alterada.

—Mostrarei quão alterada estou — Perséfone levantou suas mãos. A eletricidade formou um arco das gemas de seus dedos e golpeou a Hades no peito. Ele voou para trás uns três metros e caiu de repente no chão com um grunhido —Isto, é por atacar a minha filha. —Levantou de novo suas mãos antes que ele pudesse levantar-se, e enviou outra corrente de eletricidade ao corpo, o que o fez tremer e retorcer-se pelo chão. — E isto, por interferir em minha busca do Círculo. Não será seu, marido. Nunca será seu.

Ela desviou seu gélido olhar para Max. A morte o olhava fixamente e cada cabelo do corpo se pôs de ponta.

—Você.

Antes que ela pudesse atacar, Hades ficou de pé de um salto e lançou um látego de fogo da palma de sua mão. Este se enrolou ao redor do Perséfone, prendendo as mãos a seus flancos, e puxou-a para trás. Suas saias voaram. Ela gritou enquanto Hades a arrastava até chocá-la contra ele e envolvê-la entre seus braços.

—Parece que todo seu tempo no Olimpo a fez esquecer quem está no comando, mulherzinha. Acredito que é hora de lhe recordar isso. .

Mordeu o pescoço. E Perséfone gritou outra vez. Mas seus gritos de protesto se tornaram em gemidos de prazer, Max sabia que se não saía daqui agora mesmo, ia derrubar-se na mais profunda merda, mais do que já o estava.

Deu a volta e correu. E esperava como o inferno que eles estivessem muito distraídos para precaver-se de que se partiu.

O coração esmurrava com força o peito e era um rugido nos ouvidos, enquanto corria ziguezagueando ao redor das árvores e saltava sobre os troncos. Escorregou em um espaço molhado e cheio de musgo, golpeando-a cara com o chão. Ficou de pé, e prosseguiu a corrida. Só quando se encontrava quase a um quilômetro reduziu a marcha e pensou que poderia usar o Círculo para abrir um portal a uma posição diferente, qualquer longe daqui.

Com as mãos trêmulas desabotoou a jaqueta, estava a ponto de tirar o Círculo de debaixo da camiseta quando um grunhido ressonou perto.

—Bom, bom, bom. O que temos aqui?

Devagar, deu a volta e olhou atentamente aos cinco *daemons* que se moviam para ele das sombras.

—É um Argonauta — disse o que estava à direita, cheirando o ar.

—É o filho da Atalanta — disse então o que se encontrava à frente, com um sorriso sinistro que frisava seus espantosos lábios.

—Estivemos te buscando, moço.

Max soltou a camiseta. Subiu o zíper da jaqueta. Tratou de acalmar o pulso acelerado. Mas não funcionou. Devido que o aumento no ritmo não era de medo. Era de entusiasmo. Entusiasmo pela promessa de vingança que estava por vir.

Esta vez, não tinha nenhuma intenção de correr.

—Sério? —respondeu com uma voz mais tranquila do que esperava. — Bom, aqui estou, bafo de cão. Está esperando o que?

Capítulo 22

Gryphon estava escondido entre as árvores aos subúrbios da nova fortaleza da Atalanta, uma fortificação de pedra cravada nas montanhas escandinavas da Suécia. Explorando o recinto, fez um balanço dos *daemons* que patrulhavam os arredores da propriedade, o forte pendente ao oeste, o rio ao este, e não muito mais à frente, o lago.

A neve cobria o chão, mas a primavera se esforçava por fazer-se dar a conhecer nesta tarde de maio, embora nada nem sequer o sol tentando de aparecer através das árvores, podia cortar o frio na alma de Gryphon. A escuridão interior vibrava com muita intensidade tão perto de sua fonte. E a voz estava quase gritando para atraí-lo até dentro.

Apertou os dentes, piscou e sacudiu a cabeça para lutar contra o impulso. Deixou que a voz e a escuridão o trouxessem até aqui, mas tinha que pensar. Reagrupar-se. Saber como ia entrar sem ser descoberto. Tudo dependia disso. Manter a concentração, agora mais que nunca. Se tão somente tivesse a Maelea com ele...

Não o agarrei. Juro. *Não fiz o trato.*

Suas palavras fora da fortaleza voltaram em espiral através da mente. E com elas, a convicção em sua voz quando ela acrescentara: *Não o usaria dessa maneira*.

A maneira como a usou?

Skata, não sabia o que era real e o que era uma mentira. Quis acreditar nela, sabia que tinha chegado a conclusões sem dar nenhuma possibilidade de explicar-se, mas foi enganado antes. Por aquele bruxo que enviou a alma ao Tártaro. Pela Atalanta, quando se ofereceu liberá-lo do sofrimento. Por Hera, com aquela maldição da alma gêmea. Não quis ser idiota outra vez.

Isto… é repentino e uma loucura, mas... pela primeira vez em minha vida, sinto que tudo é correto.

O calor deslizou pelas veias ao recordar a forma como ela o olhava, rodeava o coração e o oprimia até que logo que podia respirar. Estando com ela se sentia bem consigo mesmo. De um modo que nenhuma outra coisa jamais o fez sentir bem, inclusive antes do Inframundo.

Isto era real. A maneira como ela o fazia sentir, a conexão que compartilhavam, as emoções que ouviu em sua voz quando disse que o amava, o modo em que o abraçara aquela noite na casa da praia quando contou sobre seu tempo no Inframundo... Era tudo real. Não importava o trato ao que chegara com sua mãe antes de seu fim de semana juntos, ele sabia no fundo do coração que o

que disse fora do castelo no Tiyrns era certo.

O pulso batia com força enquanto examinava o complexo outra vez. Skata, era um idiota. Convencido de que ela era tão sinistra como sua mãe, ignorou o que sabia que era verdade no fundo do coração. E agora, provavelmente a perdeu porque tinha deixado que o medo o controlasse. Tal como deixara Atalanta controlá-lo durante muito tempo.

A urgência o empurrou. Estava cansado de viver com medo. Cansado de permitir que outros o manipulassem. Ainda dispunha de algo mais de três meses para a data limite do Krónos. Poderia voltar. Poderia trazer Orpheus e alguns dos outros Argonautas para ajudá-lo. Demetrius, Zander, inclusive Titus... Todos estariam gostosos de ir pela Atalanta. E graças à escuridão interior, poderia conduzi-los até ela. Poderia talvez, ser a chave para finalmente derrotá-la de uma vez por todas.

Dooouuulas... Vem a mim.

A voz gritava, a escuridão... Atiravam do centro do peito, o arrastando, mas agora sabia que podia lutar contra elas. Graças a Maelea e sua fé nele, sabia que podia lutar contra algo.

Separou-se do complexo, entrando na escuridão das árvores, com a intenção de conseguir afastá-lo suficiente para poder abrir um portal de volta a Argolea sem chamar a atenção, mas congelou quando se abriu um portal não muito longe dele e cinco *daemons* o atravessaram.

—Atalanta estará satisfeita com nossa captura — disse o da frente, olhando algo em sua mão.

O da direita pôs-se a rir.

—Talvez faça a todos nós archi*daemon*. Foderá ao filho de puta do Naberus.

Gryphon entrecerrou os olhos para ver o que tinham. O *daemon* do meio na parte traseira do grupo levava algo que se movia e retorcia como se tratasse de escapar.

—Baixa-me! Posso caminhar, idiotas!

O sangue de Gryphon gelou quando reconheceu a voz de Max.

Merda. *Merda!* O menino o seguiu? Como poderia sequer saber como chegar até aqui?

Jogou uma olhada à zona. Os *daemons* partiam para o portão principal do recinto. Se Gryphon não fizesse algo neste momento, o menino estaria frito.

Sacou a espada das costas e saiu das árvores colocando-se no campo de visão dos *daemons*.

—Parece meninos que encontraram algo que não pertence a vocês.

O *daemon* à frente, que sustentava algo em sua mão enluvada, farejou o ar e logo grunhiu:

—Argonauta.

—Está sozinho — disse outro, farejando o ar, movendo-se ao lado do primeiro. — E é o que estivemos procurando.

Os *daemons* restantes ficaram em linha com os dois primeiros. O quinto se abatia na parte traseira do grupo com o Max em seus braços. Os olhos de Max estavam muito abertos, mas não falava. Nem sequer se movia.

Quatro e cinco se contava com que o que estava na parte de atrás soltasse ao Max e se unisse à luta contra um. Não muitas probabilidades, mas Gryphon se enfrentou a coisas piores. Entretanto, tinha que acabar com estes sacanas rapidamente ou do contrário teriam um exército de *daemons* em cima deles em poucos segundos.

—Max — chamou, ignorando os grunhidos dos *daemons* que avançavam para ele. — Recorda como escapou antes?

—Sim — respondeu Max antes que o *daemons* pudesse detê-lo de responder.

—Faz de novo.

O *daemon* da frente riu.

—Este menino não vai a nenhuma parte, salvo com Atalanta.

Gryphon fechou os olhos e convocou o poder de seu antepassado Perseo do profundo de seu ser. A energia radiava das plantas dos pés, através do corpo e pelas extremidades. E quando abriu os olhos e os fixou nos *daemons* diante dele, seus ofegos de surpresa enquanto seus músculos deixavam de trabalhar e seus corpos se imobilizavam, foi como música para os ouvidos.

Um golpe forte, seguido de um grunhido, ecoou diante. Gryphon cambaleou para trás um passo quando a energia desvaneceu, logo lentamente caiu ao chão. Observou através da visão imprecisa como Max subia pela neve onde o *daemon* o deixara cair quando ele o paralisou ao meio passo e agarrou a espada da besta. Então golpeou com sua bota ao monstro para derrubá-lo e o decapitou.

Minutos mais tarde, quão único ficava eram os corpos fumegantes e o pirralho a atitude e atuação mais como o filho do Zander com cada segundo que passava, limpando a lâmina ensanguentada em sua calça. Inclinou-se, recolheu algo do chão e logo caminhou para Gryphon.

—Está bem?

Gryphon piscou várias vezes. Tratou de levantar-se. Não pôde.

—Não... isto... drena-me. Estarei... bem. Dentro de um momento.

Um sorriso escapou do rosto do Max.

—Isso é bacana. Oxalá eu…

Um estrondo ressonou no interior das paredes do recinto.

O sorriso de Max desvaneceu. Lançou um olhar por cima do ombro e logo entregou ao Gryphon o objeto que recolhera.

—É possível que não tenhamos muito tempo. Toma, utiliza isto. Ajudará a recuperar as forças mais rápido.

Max colocou um disco de metal na mão de Gryphon. E só quando a potência radiou através do peito para dar calor de fora para dentro, Gryphon deu-se conta de que o menino tinha dado o Círculo do Krónos.

Gryphon abriu os olhos de repente e dirigiu o olhar ao disco que brilhava intensamente pressionado contra o peito, logo à cara do Max.

—Pegou isso?

O nervosismo crispou o rosto do Max.

—Não ia dar a Atalanta, se for isso o que pensa. Só necessitava o poder extra. Para poder abrir um portal. E assim poder chegar até aqui e ganhar.

—Merda — sussurrou Gryphon, sentindo-se melhor graças ao poder do Círculo. — A esta altura, seu pai, provavelmente arrebentou alguns quantos milhares de veias sanguíneas perguntando-se aonde demônios foi. E sua mãe…

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

—A meu pai não importa. Trata-me como a um bebê. E não sou. Um bebê não poderia ter matado a esses *daemons*.

Os olhos de Max estavam à mesma altura que os de Gryphon. Deu-se conta, que esses olhos eram da mesma forma, igual cor e intensidade que os de seu pai quando Zander estava zangado. E escutou seus próprios pensamentos ricocheteando pela cabeça. Pensando que ninguém se preocupava com ele. Que ninguém sentia sua falta. Esteve tão equivocado. Tão equivocado como estava Max.

Sabia que tinham que mover-se, que não tinham tempo para este conselho familiar, mas isto era o suficientemente importante para tomar um momento.

—Seu pai o ama, Max. É somente que não é sempre fácil para nós os Argonautas demonstrá-lo. Fez tudo o que pôde para encontrá-lo quando estava com Atalanta. Morreria por você. Faria algo por você. Se ele é protetor, é porque quer assegurar-se de que não te passa nada de novo. E porque não pode suportar a ideia de perdê-lo outra vez. Sei porque meu irmão tem feito o mesmo por mim. Temos que ser um pouco mais tolerantes.

Max enrugou a testa.

—Talvez, mas ele pensa…

Um rugido ressonou perto do portão principal.

Max se voltou para olhar. Apesar de que ainda não estava aos cem por cem, Gryphon ficou de pé. Passou-se a cadeia do Círculo pela cabeça e meteu o medalhão sob a camiseta, agarrou a parazonium do chão e puxou o braço do Max.

—Vamos. Terminaremos com isto mais tarde. Agora mesmo temos que nos apressar.

Enquanto coxeava entre as árvores atrás de Max, lutou contra a voz que gritava chamando-o e tratava de calcular até onde tinham que chegar antes que pudessem abrir um portal para casa. Se estavam muito perto, eles…

Os pés patinaram até deter-se quando a voz desvaneceu. Deu a volta, olhou através do bosque que o rodeava. A luz substituiu à escuridão que rondava no centro da alma.

—Maelea — sussurrou.

Max correu para ele, por debaixo de sua jaqueta aberta seu pequeno peito subia e baixava ao ritmo de sua respiração.

—O que? O que acontece?

—Maelea está aqui — disse Gryphon mais forte.

OH, Merda, ela estava aqui. Essa era a única razão pela qual a voz emudeceria, a única razão pela qual sentiria esta luz. Esquadrinhou de novo o bosque, procurando-a. Como chegara até aqui? Como havia…?

Lá. No lado oposto do complexo. Estava-o procurando. Ela era...

Ele pôs-se a correr nessa direção, seu único pensamento era chegar a ela antes que Atalanta o fizesse. À costas, Max gritou:

—Gryphon? Espera!

As botas rangiam sobre a neve e os galhos caídos. Ao chegar a um pequeno arroio, correu diretamente com a água até os tornozelos, estava gelada, mas logo que registrou que o frio líquido

se filtrava no calçado. A urgência o incitou. Seja qual fosse o alvoroço que estava ocorrendo na entrada principal não podia ser bom. Tinha que chegar a Maelea. Tinha que encontrá-la...

O sangue o martelava nos ouvidos. O coração pulsava com força contra as costelas. Passou por um grupo de árvores só para derrapar até deter-se no princípio de um pequeno prado.

Atalanta apareceu a não mais de três metros diante dele, seu vestido de cor vermelha sangue roçava o chão, seu cabelo negro azeviche ondeava a suas costas pelo vento enquanto ele recordava o Inframundo. Um sorriso perverso curvou seus lábios enquanto seus olhos de ônix se centraram nos seus. E estando tão perto dela, aquela escuridão ressurgiu do mais profundo da alma.

—Doulas. Senti-o perto. Sabia que viria para mim, cedo ou tarde.

Passos retumbaram a costas de Gryphon. E muito tarde recordou que Max o perseguia.

O olhar da Atalanta se disparou além dele para as árvores, e logo a entrecerrou e sustentou quando Max derrapou até deter-se também.

—Maximus — sussurrou.

Seu olhar se dirigiu de novo a Gryphon, e seu sorriso se ampliou. Era um sorriso malévolo, vitorioso, que retorceu as vísceras, embora a escuridão interior se agitava e o impulsionava a ceder.

—Sabia que podia contar com você, doulas.

—Corre — sussurrou Gryphon ao Max enquanto ficava diante do menino e levantava a espada, lutando contra a atração com todas as forças que ficavam.

—Não pode tê-lo— disse a Atalanta. E logo—: Max, corre!

Atalanta riu entre dentes.

—Não pode lutar contra mim, doulas. Sou sua proprietária. —Estendeu a mão e uma força invisível formou um arco para fora, arrancando a espada da mão de Gryphon. O metal voou pelo ar, passou por cima da cabeça e aterrissou no solo gelado a suas costas. Então ela avançou com todo o ódio infinito e mortal, que recordava do tempo com ela no Tártaro e estendeu ambos os braços para ele. A escuridão interior surgiu à vida, o obrigando a avançar os pés, o forçando a ir para ela, embora ele tentou detê-lo. — Veem a mim. Veem a seu destino.

Estava capturando-o. A escuridão afligia Gryphon. O pânico surgiu de novo. Atalanta ia ganhar. E graças a ele não só o faria com ele, mas também com o Círculo e com Max, um descendente das Horae, a quem ela necessitava para dirigir os poderes do Círculo.

Não, não, não. Ele lutou, lutou, tentou superar a escura névoa, mas sabia que estava escorregando. Inclusive com o poder do Círculo, a escuridão do Inframundo era muito forte. Sua atração muito grande. E devido a sua debilidade, era pelo que Maelea foi ali tratando de salvá-lo, conduziu-a à sua morte também.

Ela precisava escapar. Tinha que sobreviver. Por que demônios não a ensinou a lutar como ela desejou na casa da prai…

—Gryphon!

A névoa esclareceu e a atração dentro dele se atenuou. Olhou além da Atalanta, ao corpo que se aproximava correndo. Era Maelea correndo. E detrás dela, Theron, Zander, Orpheus, Titus e

Skyla.

Atalanta deu meia volta e grunhiu estendendo suas mãos para Maelea.

Tudo dentro de Gryphon sacudiu de medo.

—Não!

Capítulo 23

O coração de Maelea deu um salto até a garganta quando viu Atalanta com Gryphon. Tentou ficar escondida entre as árvores como pediram os Argonautas, enquanto a metade deles, Nick incluído, atacava o portão dianteiro. Entretanto, logo que sentiu a escuridão de Gryphon precipitar-se para ela, não tinha podido ficar quieta.

—Maelea, pare!

Não sabia qual dos Argonautas gritou. Tudo no que podia centrar-se era na deusa que estava açoitando tudo a seu redor, que reduzira esses olhos mortos a frestas e que apontavam diretamente a ela.

—Você — grunhiu Atalanta enquanto Maelea patinava até deter-se—, você é a que o mantém afastado de mim. Você e essa asquerosa luz. Acabarei com ela.

Atalanta elevou as mãos e Maelea se preparou para sentir sua fúria, mas antes que a golpeasse o poder que ardia na ponta de seus dedos, Gryphon agarrou à deusa e a atirou ao chão como um defesa no rugby[14]. Ela chiou e a energia saiu disparada para o céu. Ambos aterrissaram sobre a terra dura com um grunhido e rodaram pelo chão. Gryphon se tornou para trás e golpeou na cabeça com a sua, ela gritou de dor. Aproveitando que estava desorientada, Gryphon olhou ao redor e viu que tinha a espada jogada a poucos metros de distância. Empurrou a deusa de cima e foi por ela.

Um rugido surgiu da Atalanta e quando levantou à vista, os olhos ardiam de raiva. Ficou de joelhos e jogou sua mão para trás.

—Vai pagar por isso, doulas!

Não! Um medo terrível se apoderou do peito de Maelea. Gryphon nunca chegaria a agarrar a arma a tempo, estava mais perto dela que dele. Foi por ela cambaleando-se, mas antes que compreendesse o que estava passando, o solo tremeu. Um poder, uma energia, vibrou dela para o chão. Uma corrente elétrica atravessou o claro, estalou um raio que emergiu da terra e atravessou Atalanta.

---

[14] *O **rugby**, **rúgbi** ou **râguebi** é um esporte coletivo originário da Inglaterra de intenso contato físico. Por ter sido inicialmente concebido como uma variação do futebol, foi chamado anteriormente de **futebol-rúgbi** ou **futebol-râguebi**.*

O corpo inteiro da semideusa sacudiu. Pôs os olhos em branco. Saiu fumaça das orelhas e do cabelo chamuscado enquanto aterrissava sobre o solo congelado.

Ao lado da Maelea, Orpheus a agarrou por braço e a deteve antes que pudesse alcançar a arma. Murmurou:

—Merda Santa!

Aturdida, Maelea passou o olhar pelo campo. Gryphon virou-se bruscamente. Uns gritos ecoaram à costas, ouviram uns passos, mas Maelea só podia centrar-se no que fizera, no poder que saiu dela e na deusa cujos olhos passaram de um negro profundo a uma cor vermelho sangue enquanto os estreitava sobre Gryphon e ficava de pé, em toda sua gloriosa fúria.

—Agora pagará, doulas — grunhiu.

—Não o toque.

Das árvores que estavam detrás de Gryphon saiu um menino, levantou as mãos e enviou um fluxo constante de energia da ponta dos dedos. Estrelou-se uma corrente contra o peito da Atalanta e a jogou de novo.

Ela gritou e quando se chocou contra o chão, rodou e se levantou. Levava o cabelo queimado por toda parte da cabeça. Esta vez, a deusa fixou sua ira sobre o menino. Sobre o menino e sobre Gryphon, que se incorporou e se interpôs entre os dois.

—Não é uma ferida mortal, *Yios*. Agora, os dois me pagarão!

—Max! —gritou alguém detrás da Maelea.

O solo tremeu de novo. A energia aumentou dentro de Maelea, lutou contra a sujeição de Orpheus e quando gritou que se detivera, ignorou-o. Recolheu a arma do chão. Pesava muito, mas era o instinto que a guiava. O instinto e a necessidade de chegar a Gryphon antes que fora muito tarde.

Atalanta ficou de joelhos, grunhiu e elevou as mãos.

Os olhos de Gryphon arregalaram e se levantou completamente do chão e deu um passo para cobrir ao menino.

A eletricidade se precipitou desde Maelea à terra antes que Atalanta pudesse atacá-lo com seus poderes e serpenteou até justo debaixo dos pés da deusa. Um raio atravessou o corpo do chão. Sua pele estalou em chamas e seu chiado foi como se o grunhido de mil harpia ressoasse no claro.

Deixou-se cair de joelhos e um olhar aturdido cruzou o rosto. Passou dos olhos de Gryphon ao Max, logo desviou ao outro lado do campo, além dos Argonautas e pareceu centrar-se em um ponto na distância.

—Meu amor… — sussurrou . — Tentei… por você.

Com a sobrecarga de adrenalina, Maelea correu para ficar detrás da deusa, tal e como Gryphon disse que fizesse no motel, formou um arco com a espada que sustentava apertadamente em ambas as mãos.

O metal encontrou carne e osso a seu passo. E um golpe reverberou quando a cabeça cortada da Atalanta golpeou o chão, segundos depois seu corpo fumegou e ardeu.

Passos esmurraram em chão. Ofegando, Maelea deixou cair a lâmina e contemplou o que

fizera. A pradaria, a neve, os Argonautas… todo pareceu desvanecer-se. Cambaleou e não caiu para trás porque uns fortes braços se fecharam em torno dela antes que cedessem as pernas. Esses braços eram fortes, quentes e familiares.

—Se agarre a mim, sotiria —sussurrou Gryphon. — Não deixarei que caía.

Aferrou-se a seus braços, mas deslizou o olhar para a linha de árvores aos que estava olhando Atalanta quando se deixou cair de joelhos, ao *daemon* solitário com um casaco que observava das sombras. E embora não podia estar segura, Maelea acreditava que… Não, não podia ser possível. Acabava de assentir para ela como se aprovasse o que tinha feito?

Piscou, segura de que o estava imaginando tudo, mas quando abriu de novo os olhos, o *daemon* já se internou no bosque. Tinha desaparecido na escuridão das árvores como se nunca estivesse ali.

O som retornou lentamente. A calor do corpo de Gryphon se filtrou nela, a recordando o que era mais importante. Agarrou os braços e olhou a esses deslumbrantes olhos azuis como o mar do caribe que queria ver para sempre.

—Não roubei — sussurrou. — Não peguei o Círculo.

—Sei. Shhhh… — A aproximou mais para si e afundou a cabeça no cabelo. — Sei.

Ela fechou os olhos e o abraçou com força enquanto sentia o batimento do coração forte e constante do coração dele contra o seu próprio e deixava que seu calor afugentasse o frio interior.

—Devi ter acreditado. Devia haver… — Seus braços se apertaram mais em torno dela. — O sinto. Lamento tanto. —Tragou e, ato seguido, sussurrou—: Se foi. A voz, a escuridão. Tudo se foi graças a você.

Foi-se. Já não podia sentir nenhum pingo do Inframundo dentro dele, mas, inclusive enquanto a abraçava, começou a sentir medo.

A queria agora que já não necessitava sua luz?

Abriu os olhos e jogou uma olhada por cima do ombro de Gryphon para Zander, que estava de cócoras abraçando Max da mesma forma como Gryphon abraçava a ela, com lágrimas nos olhos enquanto o revisava para assegurar-se de que estivesse bem. Depois olhou Theron, Titus, Orpheus e Skyla, que seguiam olhando o corpo da Atalanta com os olhos muito abertos e surpresos.

Orpheus olhou Skyla e sorriu.

—Bom, isso é o que eu chamo uma ferida mortal. —Ato seguido, deslizou os olhos para a Maelea. — Assim se faz, Garota Ghoul!

Da parte dianteira do complexo surgiu um rugido, depois se desvaneceu em um nada. A energia escura que se hospedou no recinto em toda a zona, dissipou-se até que só houve luz e retornou a bendita paz.

Maelea se separou de Gryphon e olhou a esses olhos brilhantes enquanto ele a olhava. Um dos cantos dos lábios se curvou em um sorriso que disparou uma onda de calor por todo o ventre da Maelea.

—Obrigado — sussurrou ele. — Obrigado por tudo o que tem feito por mim.

Esperava algo mais. Esperava que dissesse que ainda a amava. Lutou de novo contra o

pânico que percorria as veias. Baixou o olhar ao peito dele e viu o contorno circular de algo em forma de disco debaixo de sua camiseta.

O Círculo do Krónos. Ele tinha o Círculo. Era verdade que já não a necessitava. Ninguém de seu mundo o fazia. Tinham o que procuravam.

Um estalo de luz rasgou o ar detrás dela antes que pudesse pensar em algo que dizer. Gryphon a empurrou detrás dele. Ela piscou ao sentir que queimavam as retinas e levantou a mão para evitar que a luz a cegasse. Pouco a pouco, a luminosidade se atenuou até que viram que o que se enfrentava a eles não era um homem nenhuma criatura ou um monstro. Era um deus. O rei dos deuses. Seu pai.

Uma maldição coletiva retumbou no grupo.

Aturdida, Maelea saiu detrás de Gryphon, e se desfez dele quando tratou de detê-la. Esperou este momento por três mil anos. Ver seu pai com seus próprios olhos. Não estava grisalho nem envelhecido como imaginou ao longo dos anos. Era jovem e forte, com o cabelo curto e escuro, e um corpo esbelto coberto com… um jeans de aspecto muito humano, uma camiseta e uma jaqueta leve.

Os olhos dele suavizaram quando aterrissaram sobre ela e desenhou na boca um sorriso, uma das de verdade.

—Minha menina, custou muito tempo.

A luz que emanava acendeu algo no centro do peito. Deu um passo para ele.

—Maelea — disse Gryphon com receio à costas.

Ela se deteve diante de seu pai, ainda sem poder acreditar se aquilo era real.

O sorriso do Zeus se fez maior.

—Por fim ganhou um lugar no Olimpo. Encontrou a força para convocar seu dom e matou o que meu irmão Hades criou com sua escuridão. —Estendeu uma mão. — Veem, filha. Chegou o momento. Veem e assegura seu lugar entre os deuses.

Olhou sua mão estendida. Tudo o que sempre queria estava a uns poucos centímetros dela e quão único tinha que fazer era agarrá-lo.

Lentamente, girou para olhar detrás. Aos Argonautas que estavam a uns poucos metros com os pés separados, os braços aos lados e o corpo preparado para lutar contra Zeus se necessário. A Skyla, ao lado do Orpheus, que tinha uma das mãos nas costas. Maelea sabia que a tinha sobre a adaga. Ao corpo fumegante da Atalanta e, finalmente, ao Gryphon, à frente do grupo, olhando-a com esses fascinantes e luminosos olhos azuis.

Não sabe que deixaria tudo por você.

Contraiu o coração. E o caminho a casa, uma casa que não tinha nada que ver com o Olimpo, estendeu-se diante dela como um atalho sinuoso de ouro reluzente.

Girou-se para encarar a seu pai e soube logo que tomou a decisão que não ia tornar-se para atrás, inclusive se Gryphon já não a quisesse.

—Não vou com você.

O sorriso do Zeus se atenuou. —O que disse?

—Disse… que não vou com você. —Esquentou o peito. Rotundamente sim. Sabia que tinha

tomado à decisão correta. Quão única podia tomar. — Não quero ir.

Os olhos do Zeus se encheram de surpresa e, ato seguido, posou o olhar além dela.

—Fica por ele? — Maelea ficou diante de Gryphon.

—Fico porque quero fazê-lo. Minha eleição não tem nada que ver com você.

—É igual a sua mãe. —A incredulidade que havia nos olhos do Zeus se converteu em desprezo e provocou a Maelea um calafrio que atravessou a coluna por quão rápido seu pai podia passar de querê-la a odiá-la. — Manipuladora e traiçoeira. Ele não te dará o Círculo se for isso o que está procurando. De fato, em um minuto, será meu. Mas você, minha filha, já que me deu as costas, ficará vivendo neste reino só como se meu irmão a tivesse amaldiçoado. —Seus olhos escuros se entrecerraram. — Dei uma oportunidade.

A adrenalina da Maelea disparou, sentiu e ouviu, que os Argonautas se posicionavam ao redor de Gryphon, protegendo tanto a ele como o Círculo.

—Eu não procuro o Círculo. Mas acaba de me confirmar que você sim o faz. E estou bastante segura de que não o conseguirá. Não sem lutar. — Zeus se pôs a rir, passou o olhar pelo grupo, centrou um momento na Skyla e logo voltou a Maelea.

—De verdade crê que os Argonautas e uma Siren traiçoeira me dão medo?

Maelea se esticou ao ver o veneno que havia em seus olhos. Por detrás dela, escutou o tinido das armas sendo tiradas.

OH, deuses, o que tinha feito? Inclusive com o Círculo, os Argonautas não eram rivais para Zeus. Acabava de condená-los a todos da mesma forma como condenou a si mesma? Seu pulso disparou.

—Pode ser que eles não o assustem, Zeus, mas eu sim.

Zeus amaldiçoou, e surpreendida pela nova voz, Maelea se girou para a esquerda, para a criatura de aspecto frágil que se abatia sobre a terra gelada, sua diáfana túnica brilhante sob um raio dourado de sol.

—Lachesis — sussurrou Gryphon detrás da Maelea.

Uma das Destinos. O pulso de Maelea começou a bater mais rápido quando a mulher flutuou para eles e se deteve entre ela e o rei dos deuses.

—Ela já escolheu —disse Lachesis. — Retorna ao Olimpo.

Os olhos do Zeus se encheram de fúria.

—Isto não terminou.

—Por agora, sim — respondeu Lachesis como se nada. — O Círculo não é seu, nem de seu pai, nem muito menos de seu irmão. É deles e são eles que decidirão o que fazer com ele, da mesma forma como o futuro da Maelea é só dela.

Os olhos enfurecidos do Zeus se dirigiram de novo ao grupo.

—Se acreditam que estão a salvo só porque Atalanta morreu, estão cometendo um enorme engano. Se fosse vocês não enfrentaria aos deuses. Perderão, garanto isso. Deem-me o Círculo agora e os deixarei e aqueles que moram em seu reino com vida.

Só respondeu o silêncio.

—Aí tem a resposta — disse Lachesis com um sorriso satisfeito enquanto estendia um braço

e fechava os dedos em um punho. — Volta à luz de uma vez por todas!

Jogou a mão para diante, abriu o punho e todo o poder que tinha acumulado o lançou ao Zeus. Em um puff de fumaça e chamas, desapareceu em um nada.

—Wow — sussurrou alguém.

—Merda — disse outro.

Quando Lachesis se girou para ela, Maelea viu de soslaio que o resto dos Argonautas Demetrius, Cerek, Phineus e Nick emergiam de entre as árvores, com expressões de surpresa pelo que acabavam de presenciar.

—Por isso deu à alma do Orpheus uma segunda oportunidade, menina — disse Lachesis, atraindo a atenção da Maelea de novo para ela. — Para que pudesse se encontrar e que assim, pudesse completar seu destino. —A Destino pôs as mãos diante dela e logo as empurrou para trás como se estivesse atirando de duas cordas invisíveis. — Libero de ambas as coisas, da luz e da escuridão. Sua vida é sua. Seguirá vivendo para sempre, isso não o posso mudar, mas quando quiser transladar às *Ilhas dos Bem-aventurados*, assim será.

Maelea ofegou quando sentiu que as conexões que tinha com o Inframundo e o Olimpo sendo tiradas completamente do corpo. As pernas cederam e teria caído se Gryphon não a tivesse pego, deslizando os braços ao redor da cintura, pressionando-a contra seu corpo para que se apoiasse nele.

Lachesis olhou em sua direção e sorriu.

—Cuida dela, Guardião.

—Farei — respondeu Gryphon olhando a Maelea com um sorriso nos lábios e um brilho nos olhos que afastava qualquer medo que tivesse tido.

O sorriso do Lachesis desvaneceu, retrocedeu e olhou ao resto do grupo.

—Intensificará a corrida para encontrar os elementos restantes. E a vingança agora corre quente nas veias dos deuses. Meus amigos, ganharam uma batalha, mas não a guerra. Em todo momento os elementos restantes se mantêm ocultos, Krónos segue tramando um plano para liberar-se. Encontrem, guardiões, e a guerra terminará de uma vez por todas.

Destino desvaneceu e, a seu redor, os comentários sussurrados reverberaram:

—O que acaba de passar é impossível.

—Santa skata.

—Viu isso?

Mas não podia concentrar-se em nenhum deles, porque só podia ver que Gryphon a estava olhando com todo o amor e o desejo que tinha procurado toda a vida.

—Renunciou ao Olimpo.

Ela girou entre seus braços e apoiou a palma das mãos sobre seu peito forte e familiar.

—Sabia que sem você não seria nem a metade do que sonhei.

—Sotiria — sussurrou, emoldurando a cara com as mãos—, renunciou a muitas coisas por mim.

Agarrou os antebraços e esquentou a pele ao tocá-lo.

—Não percebeu, a esta altura, Guardião, que eu desistiria de tudo por você?

** *Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.* **

A ele suavizaram os olhos, e quando baixou os lábios e os posou sobre os dela, beijando-a com tanta suavidade, tão a fundo, soube que o sacrifício que fez, não tinha sido um sacrifício absolutamente.

—A farei feliz — sussurrou ele contra os lábios. — Prometo isso.

Alguém riu entre dentes. Desde algum lugar por detrás deles, Titus murmurou:

—Assim se faz, Gryph! —Logo para o resto do grupo. — Outro que remói o pó.

Um baque ressonou por todo o claro antes que Skyla dissesse:

—Deixa-os em paz. Acredito que é muito doce.

Mas a Maelea não importava o que pensassem os familiares de Gryphon, só se importava passar o resto de sua vida com o homem que tinha temido, odiado, amado e perdido. Com o homem ao que nunca voltaria a perder outra vez.

Separou-se da boca dele.

—E o que passa com seu Conselho? Eles não me deixarão…

—Não se preocupe por eles — disse Theron perto deles. — Nos encarregaremos do Conselho. Acredito que é o mínimo que podemos fazer depois de tudo o que tem feito por nós.

Gryphon olhou ao Theron sorrindo agradecidamente e depois voltou a olhá-la, com uns olhos nos que ela sabia que se poderia perder para sempre.

—Há algo que precise?

—Só a você — sussurrou. — É a único que vou precisar sempre.

—Igualmente, sotiria. —Seus lábios se curvaram para cima enquanto se inclinava para voltar a beijá-la e enquanto seus braços rodeavam a cintura, não saberia dizer onde começava ele nem onde terminava ela.

O que, depois de todo este tempo, era exatamente como devia ser.

Fim

Incentive as revisoras contando no nosso blog
o que achou da historia do livro.

http://tiamat-world.blogspot.com.br/